



VOLUME 42

RAPHAELLA FAGUNDES DAROS  
JANAÍNA MARIANO CÉSAR  
GILEAD MARCHEZI TAVARES  
(orgs.)

# Corpos em quarentena

Clínica, política e processos de subjetivação



Esta obra foi selecionada para integrar a “Coleção Pesquisa Ufes”, a partir de Chamada Pública feita pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) aos programas de pós-graduação da universidade.

A seleção teve por base pareceres que consideraram critérios de inovação, relevância e impacto.

O financiamento da Coleção foi viabilizado por meio do Programa de Apoio à Pós-Graduação (Proap) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e de recursos do Tesouro Nacional.



**Universidade Federal  
do Espírito Santo**



**Editora Universitária – Edufes**

Filiada à Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias (Abeu)

Av. Fernando Ferrari, 514  
Campus de Goiabeiras  
Vitória – ES · Brasil  
CEP 29075-910

+55 (27) 4009-7852  
edufes@ufes.br  
www.edufes.ufes.br

**Reitor**

Paulo Sergio de Paula Vargas

**Vice-reitor**

Roney Pignaton da Silva

**Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**

Valdemar Lacerda Júnior

**Chefe de Gabinete**

Cláudia Patrocínio Pedroza Canal

**Diretor da Edufes**

Wilberth Salgueiro

**Conselho Editorial**

Ananias Francisco Dias Junior, Eliana Zandonade,  
Eneida Maria Souza Mendonça, Fabricia Benda  
de Oliveira, Fátima Maria Silva, Gleice Pereira,  
Graziela Baptista Vidaurre, José André Lourenço,  
Marcelo Eduardo Vieira Segatto, Margarete Sacht  
Góes, Rogério Borges de Oliveira, Rosana Suemi  
Tokumaru, Sandra Soares Della Fonte

**Secretaria do Conselho Editorial**

Douglas Salomão

**Administrativo**

Josias Bravim  
Washington Romão dos Santos

**Seção de Edição e Revisão de Textos**

Fernanda Scopel, George Vianna,  
Jussara Rodrigues, Roberta  
Estefânia Soares

**Seção de Design**

Ana Elisa Poubel, Juliana Braga,  
Samira Bolonha Gomes, Willi Piske Jr.

**Seção de Livraria e Comercialização**

Adriani Raimondi, Dominique Piazzarollo,  
Marcos de Alarcão, Maria Augusta  
Postinghel, Maria de Lourdes Zampier



Este trabalho atende às determinações do Repositório Institucional do Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes e está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>.



**Diretor da Graúna Digital**

Thiago Moulin

**Supervisão**

Laura Bombonato

**Seção de edição e revisão de textos**

Carla Mello | Natália Mendes

**Seção de design**

Carla Mello

**Projeto gráfico**

Edufes

**Diagramação e capa**

Carla Mello

**Revisão de texto**

Carla Mello

**Arte da capa**

Gilead Marchezi Tavares

Esta obra foi composta com a família tipográfica Crimson Text.

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

C822      Corpos em quarentena [recurso eletrônico] : clínica, política e processos de subjetivação / Raphaella Fagundes Daros, Janaína Mariano César, Gilead Marchezi Tavares (orgs). - Dados eletrônicos. - Vitória, ES : Edufes, 2023. 328 p. : il. ; 21 cm. - (Coleção Pesquisa Ufes ; 42)

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-7772-527-4

Modo de acesso: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/774>

1. Clínica médica. 2. Psicoterapia. 3. Políticas. 4. COVID-19, Pandemia de, 2020-. 5. Subjetividade. I. Daros, Raphaella Fagundes. II. César, Janaína Mariano. III. Tavares, Gilead Marchezi. IV. Título. V. Série.

CDU: 614:32

Elaborado por Sandra Mara Borges Campos – CRB-6 ES-000593/O

# **Corpos em quarentena**

Clínica, política e processos de subjetivação

**RAPHAELLA FAGUNDES DAROS  
JANAÍNA MARIANO CÉSAR  
GILEAD MARCHEZI TAVARES  
(orgs.)**

**VITÓRIA, 2023**

Este trabalho é dedicado àquelas(es) que, em meio à experiência pandêmica, sustentaram práticas de cuidado possibilitando ao corpo coletivo renormatizar e insistir em solidariedade e saúde.

# Sumário

<b>Introdução</b> .....	12
<i>Raphaella Fagundes Daros</i>	
<i>Janaína Mariano César</i>	
<i>Gilead Marchezi Tavares</i>	
<b>O manejo da clínica e o co-corporar em tempos de pandemia: confissões de uma psicoterapeuta em quarentena</b> .....	22
<i>Raphaella Daros</i>	
Quarentenar .....	23
Co-corporar .....	28
Contratransferenciar .....	33
Sentir .....	40
Oscilar.....	45
REFERÊNCIAS.....	48

## **CORPOS (EM QUARENTENA): O TRAÇADO DE AMPLOS PANORAMAS EM MEIO À PANDEMIA**

<b>Seguir formando, enquanto podemos, o que ainda não existe</b> .....	52
<i>Regina Favre</i>	
Uma trilha .....	53
A busca .....	60
Keleman.....	61
Intercessores.....	63
Na Instalação Didática: produzir heterogênesse .....	66
Na Instalação Didática: a crítica e a clínica se misturam no acontecimento grupal.....	70
REFERÊNCIAS.....	80

**Trânsitos (im)possíveis..... 83**

*Katia Aguiar*

*Mariana Fiore*

Pandemônio ..... 84

Dobrar ..... 87

Mover ..... 92

(Sobre)Viver..... 97

REFERÊNCIAS ..... 106

**Narrativas do precário: bichos, bichas, monstros e pandemias ..... 110**

*Alexsandro Rodrigues*

*Marcio Caetano*

*Steferson Zanoni Roseiro*

REFERÊNCIAS ..... 127

## **O CORPO NA CLÍNICA, UMA CLÍNICA NO CORPO: UM EXERCÍCIO DE REINVENÇÕES**

**O tempo do corpo: expressões de um clinicar..... 131**

*Ana Paula Figueiredo Louzada*

*Carolina Rachel Mascarenhas Teixeira Barreiro*

*Matheus Magno dos Santos Fim*

*Raphaella Fagundes Daros*

Primeiro passo: um convite ..... 132

Compondo destinos: o tempo da clínica ..... 134

Clinicar: um processo de aprendizagem inventiva..... 141

Expressão e Experimentação: o corpo na clínica..... 146

Uma pausa para o porvir ..... 152

REFERÊNCIAS..... 153



**Pequenos destinos: caminhos para uma clínica no presente a partir de um sonho pandêmico..... 156**

*Talita Tibola*

Do Romance aos pequenos destinos .....	157
Pequenos destinos como exercício de presença e produção de novas maquinações.....	161
O que passa e o que fica: corpos em com-formação .....	165
A clínica como correspondência.....	168
Companheiros de bagunça e pequenos destinos clínicos.....	171
Acordo .....	171
REFERÊNCIAS .....	174

**Reverberações pandêmicas: o corpo na clínica virtual e outras notas da quarentena..... 177**

*Liliane Oraggio*

Privacidade .....	191
Vínculos e Paisagens.....	194
Do sufoco ao autoamparo .....	198
Criatividade.....	201
Capitalismo selvagem x Novos rumos .....	204
REFERÊNCIAS .....	207

**O PULSO AINDA PULSA, O CORPO AINDA É POUCO?**

**Movimentos clínicos na pandemia e a disposição para a vertigem... 209**

*Adriana Penatti Maluf*

Movimento 1 – A ambiência pandêmica: Queda.....	209
Movimento 2 – A clínica como movimento público, a escuta política.....	214
Movimento 3 – Fazer da queda um passo de dança .....	219

Movimento 4 – O corpo ainda é pouco? A experiência corporificada da escuta sensível em tempos de pandemia .....	223
Movimento 5 – Manejo na queda: contra-transferenciar, resistir, re-existir ..	227
REFERÊNCIAS .....	239

## UMA CLÍNICA-VIDA NECESSARIAMENTE POLÍTICA

<b>Pesquisar com as tecnologias virtuais: novas modalidades de “estar-junto” na pesquisa-intervenção com o público jovem.....</b>	<b>243</b>
---	------------

*Rayanne Suim Francisco*

*Gilead Marchezi Tavares*

PesquisarCOM as tecnologias virtuais .....	244
Acontecimento WhatsApp: pensando novas modalidades de estar-junto ..	248
Acontecimento-Facebook: por uma pesquisa que produza resistência ....	252
Pode o virtual ser um aliado? .....	255
Para concluir, despedir-se é pôr uma interrogação onde se costuma ler um ponto final .....	259
Um pequeno posfácio por ocasião de uma pandemia pandemoníaca .....	260
REFERÊNCIAS.....	261

<b>Educação em tempos de pandemia. Vamos conversar? .....</b>	<b>264</b>
---	------------

*Janáina Mariano César*

*Marcia Roxana Cruces Cuevas*

Vamos conversar?.....	269
Nós precisamos da arte de compartilhar para viver .....	272
Mas, como é conversar? .....	274
Fazer do cuidado um encontro .....	282
Dialogar como exercício de saúde e prática coletiva .....	286
REFERÊNCIAS.....	288

<b>Panoramas pandêmicos – exercícios de presença ou o que restou? ...</b>	<b>292</b>
---	------------

*Gabriel de Castro Augusto Alvarenga*

Entre escombros e distanciamentos .....	292
Adensando uma presença .....	299
Foucault, a amizade e a verdade.....	306
Keleman, o corpo vivo e a aprendizagem pelo pulso .....	308
Guattari, o território existencial e a transversalização.....	311
O que restou – o panorama existencial como exercício estético de presença .....	317
REFERÊNCIAS.....	322
 <b>Posfácio</b> .....	 326
<i>Raphaella Fagundes Daros</i>	
<i>Janaína Mariano César</i>	
<i>Gilead Marchezi Tavares</i>	
 <b>Sobre os autores</b> .....	 329

# *Introdução*

*Raphaella Fagundes Daros*

*Janaína Mariano César*

*Gilead Marchezi Tavares*

Escrita no contexto da pandemia da COVID-19, essa obra surge da urgência em compartilhar um acontecimento. Substantivo que se origina do aperto e da compressão, a urgência, aqui, não se direciona à pressa de uma resolução. A urgência, cujo tom transversaliza muitas narrativas que nesta obra ganham espaço, pronuncia-se como aquilo que “arde”<sup>1</sup>, no sentido que nos aponta Talita Tibola em sua escrita, ao nos contar de seu sonho pandêmico, e que, justamente por arder e apertar, busca espaço de respiro. Escrita que emerge, portanto, trazida à tona pela necessidade inadiável da partilha, da troca, das conversas que buscam dar ar, corpo e algum contorno possível para uma

---

1 Entre aspas estão as referências diretas a noções encontradas no livro ou mesmo frases dele retiradas, de forma literal, ou com pequenas adaptações, mantendo o sentido.

experiência coletiva, que ao nos tomar de assalto, nos atravessa singularmente, produzindo variados efeitos de morte e vida.

Com este livro, buscamos perceber como a ameaça concreta e iminente da morte suspende o tempo, muda as rotas, rearranja os arranjos e, paradoxalmente, reaproxima-nos da vida. Diante do silêncio das ruas, do barulho das casas e dos corpos: exigência de cautela, demanda de prudência e amparo. Torna-se inadiável escutar os silêncios e os barulhos, e, diante da inexorabilidade de um tempo que é necessariamente finito, reorganizar das prioridades.

Este livro se inicia a partir de um rearranjo, como tantos outros que nesse tempo pandêmico encontraram a necessidade de um lugar em nossas práticas. Mobilizada pelas pesquisas em andamento no processo de pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGPSI/UFES), realizadas concomitantemente às atividades da clínica psicoterápica, uma de nós, Raphaella Daros, autora do primeiro texto que compõe essa coletânea, vê-se também tomada pela urgência dessa partilha. A suspensão inicial das atividades acadêmicas e a intensificação da atividade clínica ocasionaram o contexto de produção do ensaio de uma escrita realizada, como ecoa Liliane Oraggio, “no calor dos acontecimentos, tentando produzir e compartilhar a história deste momento inédito de pandemia, enquanto ela ainda acontece, sem previsão de término”.

No texto que inaugura esta obra, “O manejo da clínica e o co-corporar em tempos de pandemia: confissões de uma psicoterapeuta em quarentena”, a partir de uma breve contextualização do acontecimento-pandemia, a autora compartilha as singularidades e as convocações colocadas pelo exercício de uma clínica realizada prioritariamente em moldes virtuais e reatualiza os verbos que compõem o exercício do cuidado de si e do outro: quarentenar, co-corporar, contratransferenciar, sentir, oscilar... A escrita que nesse texto se ensaia parte da tessitura de um diálogo estreito, realizado por entre o campo das psicoterapias corporais junto às questões ético-estético-políticas

de um fazer esquizoanalítico que se direciona à problematização dos modos hegemônicos de cuidado e de produção de saúde, propondo, assim, a abertura de um campo temático situado na interseção que nomeia esta publicação: **Corpos em quarentena: clínica, política e processos de subjetivação.**

O texto inaugural, enviado como carta às(aos) amigas(os), passa a ser então um convite-dispositivo endereçado àqueles que sabíamos afinados aos pressupostos teórico-filosóficos-metodológicos e, sobretudo, ético-políticos que balizam esta obra, eminentemente, coletiva. Mobilizadas pela necessidade da partilha, e cientes do desafio de se produzir uma escrita-pensamento em meio à intensidade desses acontecimentos, o texto, feito dispositivo, endereçou-se às(aos) parceiras(os) de uma rede quente com a encomenda de uma ressonância: que questões esta escrita mobiliza?

A escolha dos destinatários, feita por uma proximidade afetiva dos pares e conexão ética, não se coloca, porém, como preferência, privilégio ou corporativismo, mas como aposta e, sobretudo, como estratégia da produção de alguns possíveis, de alguma expansão da vida. Precisávamos nos amparar e fazer vibrar o exercício de (co)corporar e pensar juntas(os). Afinal, como nos lembra Gabriel Alvarenga, para levar a cabo as práticas de cuidado de si “Foucault sugere amizade e sinceridade”:

Ela não podia fazer-se sem que houvesse entre os pares, o diretor e o dirigido, uma intensa relação afetiva, uma relação de amizade. E essa direção requeria certa qualidade, na verdade, uma certa “maneira de dizer”, uma certa, digamos assim, “ética da palavra”, [...], justamente a *parrhesia*. *Parrhesia* é a abertura do coração, é a necessidade, entre os pares, de nada esconder um ao outro do que pensam e se falar francamente (FOUCAULT, 2010, p. 123-124).

O conjunto de textos que compõem esta obra surge, portanto, sob o preceito dessa abertura parresiástica e cordial. Os textos-respostas

trocados como cartas de amigas(os) em correspondência eletrônica – como pedem os tempos – estabeleceram, a partir daí, uma comovente conversa, uma cadência de estrofes que, sem a necessidade prévia de rimarem entre si, compuseram um ritmo. Mais emocionante do que necessariamente surpreendente, chamava-nos atenção como as escritas que nos chegavam em retorno, apesar de terem sido tecidas a distância e por autoras(es) que não necessariamente se conheciam pessoalmente, versavam umas com as outras, em uma sintonia fina. As palavras, prenes de sentido e afeto, tinham cadência. Ritmavam. Mas não em unísono, pois, como nos lembra Janaína César e Márcia Cruces Cuevas, de mãos dadas com Maturana (2007), “o conversar acontece quando há aceitação na diferença”, vinculando assim “o conversar à produção de confiança, que é impulsionada pelas emoções”.

No conversar constituímos nossa realidade com o outro. Não é coisa abstrata. O conversar é um modo particular de viver juntos em coordenações do fazer e do emocionar. Por isso, conversar é construir realidades [...] neste espaço de relações [...]. (MATURANA, 2010, s/p).

Confiar: com-fiar. Fiar junto uma trama. Eis do que se trata esta publicação, uma conversa produzida entre pares, mobilizada pelo calor de um acontecimento comum e partilhada com quem se arrisca a pensar coletivamente em voz alta. Abertas à entrada sempre bem-vinda de quem mais se interessar em compor, visando ao amparo e à reexistência e esperando as ressonâncias e os desdobramentos de um tempo porvir, apresentamos então esta obra. E para que a/o leitora/leitor possa nos acompanhar, passemos a dizer dos(as) versadores(as), que, de modo circular, pela cadência de um ritmo, fazem com que nos encontremos nessas escritas.

Dando abertura à primeira estrofe, temos o capítulo “Seguir, enquanto podemos, formando o que ainda não existe”, de Regina Favre, que, pelo compartilhamento de uma trajetória fundante no

Brasil de saberes e práticas em torno do campo do que se convencionou chamar de psicoterapias corporais, nos apresenta um percurso histórico das modulações do corpo como antídoto a uma sociedade de produção e consumo. Em uma narrativa panorâmica, a autora faz-nos mergulhar em um caminho que vai sendo traçado desde o importante campo de conhecimentos e práticas reichianos e neoreichianos, passando pelas proposições rizomáticas e antiedipianas acerca da produção capitalística de subjetividades de Guattari, Deleuze e Rolnik, que, em diálogo próximo com as ideias de Antônio Negri e Michael Hardt, colocam em análise o modo como os processos do Capital Mundial Integrado incidem sobre os corpos na multidão, dando sentido à experiência da vida. Por estas vias, encontramos a introdução das potentes possibilidades de diálogo entre o pensamento esquizoanálítico e a Psicologia Formativa proposta por Stanley Keleman, pensador do corpo como um processo formativo, com o qual a autora se conecta de modo vivo e encarnado, trazendo para o Brasil um achado clínico e filosófico, o qual segue sendo relevante fonte de referência e inspiração para as práticas e as escritas de muitas das(os) autoras(es) que se reúnem nesta coletânea.

Dizendo-nos dos “Trânsitos (Im)possíveis”, Kátia Aguiar e Mariana Fiore abrem em uma perspectiva panorâmica a experiência desconcertante e desterritorializante da vivência do que nomeiam pandemônio, em seus efeitos de estilhaçamento dos cotidianos. Por essa via, atualizam em sua escrita os sentidos dos verbos “dobrar”, “mover” e “sobre(viver)”. As autoras nos convidam a dobrar a própria noção de tempo, incitando-nos a

[...] ir além da apreensão do que fazemos com o nosso tempo, ampliando os nossos sentidos e acolhendo outra lógica. Em lugar de nos perguntarmos “o que fazer com o nosso tempo?”, fazer o tempo. Tempo-multiplicidade, coexistência de temporalidades heterogêneas, tempo-rizoma, tempo-dobra.



O efeito da leitura, combinado com as três seções que organizam o texto, oferece a visada de linhas diversas e múltiplas que compareciam no Brasil e no mundo antes mesmo do acontecimento pandemia, e que são por este visibilizadas, adensadas e/ou tornadas urgentes.

Fechando essa primeira estrofe do livro, que compreendemos como sendo aquela que situa tanto um campo problemático pandêmico (desta e de outras pandemias) como certo modo de pensar o corpo e a clínica apropriados e resituados em terras brasileiras, encontramos “Narrativas do precário: bichos, bichas, monstros e pandemias”, de Aleksandro Rodrigues, Marcio Caetano e Sterfeson Roseiro, “anunciando a necropolítica (MBEMBE, 2016) como narrativa de nação”. Um texto em que os autores se reúnem para nos lembrar, através de uma narrativa ácida, cortante e comovente, daquilo que não deveríamos jamais esquecer: o fato incortornável de que não se trata da primeira pandemia que nos assola. Ao fazerem um provocativo paralelo com a recente, e ainda em curso, pandemia do HIV/aids, os autores nos remetem a uma memória encurtada pela invisibilidade dos corpos-bichas feito monstros, redirecionando-nos a atenção aos mecanismos de um biopoder que categoriza perversamente as vidas que importam e as que não importam, atualizando a máxima foucaultiana do “fazer viver e deixar morrer”.

Seguindo o diálogo tecido nesta coletânea, abre-se o que podemos apontar como uma segunda estrofe: que reúne trabalhos dedicados a aprofundar a relação entre corpo e clínica e a partilhar as reinvenções forçadas por um tempo pandêmico. Nesse sentido, encontramos a escrita de “O tempo do corpo: expressões de um clínico”, de Ana Paula Figueiredo Louzada, Carolina Rachel Mascarenhas Teixeira Barreiro, Matheus Magno dos Santos Fim e Raphaella Fagundes Daros, que fazem um convite ao(à) leitor(a) para não apenas fazer contato com a fertilidade do encontro entre o pensamento de Deleuze, Guattari e Stanley Keleman na operação com a clínica, mas, sobretudo, disponibilizar-se à leitura e à vida como uma experiência que pede calma e *lentidão*. Trata-se de acolher “uma dança

que confere ritmo à vida” e que inclui o encontro “com os *ending, middle*, movimentos de desterritorialização”. O aprendizado com os “*Endings*, momentos de interrupções nas ordens e sequências estabelecidas” é, sem dúvida, ainda mais precioso em tempos pandêmicos. Assim a escrita nos chama a traçar um caminho de aprendizados e a percorrê-lo “como quem brinca uma brincadeira despretensiosa”, para assim constituir uma clínica inventiva.

Em “Pequenos Destinos: caminhos para uma clínica no presente a partir de um sonho pandêmico”, Talita Tibola, através de uma narrativa onírica, brinda-nos com a apresentação autoral da noção de “pequenos destinos”, afirmando a proposição de uma prática clínica que, sem perder a perspectiva de um porvir, nos mova na relação potente com o presente. Inspirada no diálogo com Roland Barthes, a autora nos lembra de que “todo Destino parece grande, oprime e pesa, já um pequeno destino está ao alcance do corpo e, talvez não exista nem mesmo para ser alcançado, o que não faz com que ele não persista, nos afete e co-mova”. Direcionando-se mais às questões que buscam enfatizar os modos “como” nos movemos em direção a algo do que a direção em si, a autora alia-se à proposta formativa de Stanley Keleman na afirmação de uma clínica do presente. Gestado em meio à pandemia causada pelo Coronavírus, em um momento em que a ideia de futuro vendida pelos processos capitalistas – um futuro previsível e planejável – é colocada em jogo, o texto-sonho evoca diferentes imagens para pensar um corpo coletivo e no presente, corpo que pode ser percebido em nossas culturas, religiosidades e práticas não hegemônicas e que tem formas, afeta e é afetado.

Em “Reverberações pandêmicas: o corpo na clínica virtual e outras notas da quarentena”, Liliane Oraggio, com uma escrita sensível e expressiva, possibilita ao(à) leitor(a) o acesso às constituições e reorganizações da prática clínica diante da pandemia e seus diversos efeitos sobre as vidas e o cotidiano atual. Aliançada com a Psicologia Formativa de Stanley Keleman e com o pensamento de Walter Benjamin, a autora desdobra, de modo sutil, os processos formativos que,

simultaneamente, envolvem a terapeuta, as(os) pacientes e o exercício clínico a partir dos efeitos pandêmicos nos corpos e vidas, compartilhando uma verdadeira reorganização da prática clínica diante desse acontecimento emergente em nosso presente. A autora contribui ainda para qualificar o debate sobre o uso de tecnologias de comunicação e informação na produção de uma clínica virtual, seus limites e possibilidades.

Fechando essa segunda estrofe e abrindo para a estrofe final, encontramos na escrita de Adriana Pennati uma linha que transversalia todos os trabalhos desta coletânea, mas que aqui se adensa na ênfase de que a clínica é necessariamente política. Em “O pulso ainda pulsa, o corpo ainda é pouco? Movimentos clínicos na pandemia e a disposição para a vertigem”, Adriana Pennati reafirma o tom da conversa que nesta coletânea se fia, convocando para esse diálogo epistemologias outras para dizer de um céu a desabar nos causando vertigens (KOPPENAWA; BRUCE, 2015), denunciando o fracasso da cosmologia da branquitude. A autora diz, em estado de alerta, acerca do “poder genocida da gestão de movimento que se escancara na pandemia”, e nos questiona “Quem se afeta, se infecta?”. É inevitável irmos ao chão. “Uma queda que pede por outras formas de mantermo-nos em pé”. E nessa tentativa, a democratização das práticas de cuidado em sua dimensão pública e coletiva é observada também na viralização dos grupos de suporte em espaços virtuais como chão que serve de apoio, incluindo àqueles que assumem cotidianamente a função-cuidado. Uma vez mais, tem-se a potência política da amizade e a potência dos corpos em constituição para “ativar a queda, sustentar o céu”.

Na estrofe de paragem dos versos que fecham este livro, temos, primeiramente, o capítulo “PesquisarCOM as tecnologias virtuais: novas modalidades de ‘estar-junto’ na pesquisa-intervenção com o público jovem”, de Rayanne Suim Francisco e Gilead Marchezi Tavares. As autoras abordam uma linha analítica que compareceu como pesquisa-intervenção, apostando em uma política de pesquisa

chamada de “PesquisarCOM”. Deparando-se com a utilização frequente das redes sociais Facebook e WhatsApp pelos jovens, nossas companheiras de cadência rítmica entendem a constituição do campo “virtual” tecnológico como experiência de “estar-junto” em conexões que não possuem raízes, mas que vão se engendrando e produzindo afetos entre corpos resistentes a práticas de controle e vigilância. Os dispositivos tecnológicos virtuais interpelam nossos modos de cuidar uns dos outros, convocando-nos a pensar o “estar-junto” a partir da constituição de um “*hipercorpo*”: corpo hiperconectado e hiperarticulado. Corpo “eu-outro”, dado a uma constituição partilhada e coletiva, que rompe as barreiras de um corpo organizado por meio de um saber biológico em direção à infinita invenção de um corpo-devir: controverso, provisório, povoado, por isso rico em suas possibilidades de ser sempre outro, novo, metamórfico, inventivo.

Em “Educação em tempos de pandemia. Vamos conversar?”, Janaína César e Márcia Cruces Cuevas compartilham efeitos de encontros tecidos de modo remoto durante a pandemia entre docentes da Educação Básica e da universidade no Espírito Santo, estudantes e pesquisadoras. A escrita visibiliza um convite à conversa em meio ao isolamento social e à suspensão dos encontros presenciais formativos na educação. O texto aposta no “aprendizado de conversar a distância, mas não distantes, e sustentar a interpelação vinda de difíceis dias”, de modo a gerar um cuidado mútuo e recíproco entre trabalhadoras(es) da educação e estudantes. A partir do diálogo e da partilha, a escrita visibiliza o labor na geração de um espaço-tempo expressivo e solidário diante da dor e da desestabilização sofridas, e que alcançam a vida e o campo educacional.

Ao final de nossas estrofes, este livro (composto por textos um tanto líricos), que buscou juntar generosamente versos e versões de um contemporâneo colapsado por uma pandemia, reconhecida por tantos de nós como “*pandemônio*”, traz a escrita de Gabriel Alvarenga no texto “Panoramas pandêmicos: exercícios de presença ou o que restou?”. O autor inicia o texto com um problema ético que

podemos pensar como uma marcação fundamental dos acontecimentos que abrem passagens em nós: “em um contemporâneo pandêmico e de forças fascistas que se adensam, o que nos resta?”. Partindo de uma contextualização da quarentena e do cenário político social atual, com as transformações que deflagraram e impulsionaram nos modos de vida atuais a experiência limite, o beco sem saída, tantas solidões habitadas nesses tempos, o autor busca, em Foucault, o cuidado de si; em Keleman, seu pulso corporal afetuoso e imanente; e em Guattari, sua esquizoanálise caosmótica para pensar a presença. “Como estabelecer relações, como constituir contorno tenro de afetos, como criar ainda afirmando vida?”. Entendendo a produção subjetiva não como uma existência pessoal, mas como um arranjo existencial possível e conectado a diversas linhas de produção do real, Gabriel Alvarenga lança o conceito de “*panorama existencial*” em seu funcionamento conceitual-metodológico de intervenção estética e evoca, em especial, sua potência como ferramenta na experiência da clínica psicológica. A presença, por meio desse conceito-ferramenta, faz-se como a afirmação da existência singular dos corpos que não cessam de vir a ser e que, por isso, “*restam*” a despeito de todo o choque com os poderes. Desta forma reafirmamos nosso convite à/ao leitora/leitor para ressoar conosco nessas linhas e, em tempos tão desafiadores, criar conversa, proximidades, afetabilidades e insistências, de modo a reinventar práticas do cuidado e reencantar a vida que pulsa em nós.

# *O manejo da clínica e o co-corpar em tempos de pandemia: confissões de uma psicoterapeuta em quarentena*

*Raphaella Daros<sup>2</sup>*

---

2 Doutora em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Psicóloga de formação (UFES). Atualmente realiza o pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação de Psicologia Institucional da UFES, onde atua como professora colaboradora. Dedicar-se à atividade clínica no campo da esquizofrenia em diálogo com as psicoterapias corporais.

- Quem estará nas trincheiras ao teu lado?
  - E isso importa?
  - Mais do que a própria guerra.
- (Ernest Hemingway)

## QUARENTENAR

Estávamos em março de 2020. Porém, dessa vez, **não se tratava** das águas, mas do ar. Foi quando as portas começaram a se fechar e as janelas a se abrir. Primeiro, as janelas do consultório. Era preciso arejar o ambiente e manter uma distância regulamentar. Depois, as janelas viraram as telas: das TVs, dos computadores, dos celulares. O horizonte era o da intensificação de um novo modo do fazer clínico.

Declarada oficialmente a pandemia, a COVID-19 tomava a dimensão de um acontecimento. A necessidade incontornável da quarentena trancava os mais privilegiados em casa, viralizando modos virtuais de se deslocar, de comer, de se exercitar, de trabalhar, e, no meu caso, também de escutar, de acolher, de cuidar, de com-viver. **Nós, trabalhadores da saúde mental, passamos a ser “quarentenados” cuidando de “quarentenados”**. Morando só, passei a ter como as mais frequentes companhias os clinicandos. Ficava acompanhada de quem eu acompanho. Uma vez mais acometidos pelos mesmos males, psicoterapeutas e clinicandos, éramos afetados intensamente pela imprevisibilidade do acontecimento com tons apocalípticos. Medo, ansiedade e angústia eram os sentimentos que agora, mais do que nunca, nos eram comuns. Simultaneamente comuns.

Desobrigada, porém, dos programas sociais todos, me percebi, a princípio, aliviada. E, como muitos, esperei pelo alargamento de um tempo que não veio. Junto aos ajustes pela busca de uma melhor conexão, a digital e a afetiva, se colocava, dentre outros, o aperto das telas e a convocação de uma outra forma de atenção e presença. Tira os fones, coloca os fones. Liga o wi-fi, muda pro 4G. Muda a posição da tela. “Tá me vendo?”, “Melhor agora ou melhor antes?”. Ao

modo dos oftalmologistas em suas máquinas, regulávamos os graus. Da visão, da audição, da presença, das intensidades todas.

Os olhos, procurando algum foco, apertavam, convocados pela atividade frenética exigida pelo lobo pré-frontal. Como não perder o foco e também não congelar? A voz do outro ora sumia, fazendo os olhos quererem tomar a função do ouvido, ora invadiam o labirinto, ecoando no dentro. Nesse movimento, o corpo ia para cima e para frente, fazendo-nos esquecer de que **tínhamos pernas**. E haja estômago. Os nervos à flor da pele deixavam o tom da metáfora para ganhar materialidade nas superfícies dos corpos em permanente estado de alerta. Corpos respondendo à urgência da uma reorganização em estado de susto<sup>3</sup>.

Enquanto as propagandas de uma “nova era” circulando nas redes nos brindavam com a oportunidade para a construção de outro mundo, alertando-nos sobre a possibilidade de pausa, as narrativas cotidianas me contavam da aceleração, do cansaço. Seguindo as valiosas dicas dos necessários cuidados com a saúde mental, multiplicadas nos mais variados veículos de informação, a palavra “rotina” ganhava a primazia. Diante da vida ordinária em suspensão, seguíamos todos em uma tentativa malsucedida de fazer a mesma coisa, de deixar tudo no mesmo lugar, ao mesmo tempo que **éramos convocados a fazer tudo** o que parecia estar pendente antes da suposta pausa. Sobreposição de tarefas. Sobretrabalho.

---

3 Como nos lembra e esclarece Keleman (1992, p. 76), “o organismo é provido de um reflexo instintivo para lidar com o perigo e a ameaça. Esse mecanismo, chamado de ‘reflexo do susto’, tem por objetivo lidar com emergências ou pequenos períodos de alarme. Nos detemos, paramos, nos firmamos, contraímos os músculos, prendemos a respiração, investigamos e respondemos, esperando o perigo passar ou agindo. Se a ameaça é grave ou se recusa a desaparecer, o padrão de susto se aprofunda. [...] Uma reação pode persistir ou aumentar até que se torne parte contínua da estrutura. Essa continuidade de uma resposta temporária chama-se estresse”.



As dicas, embora coerentes, também nos convocavam ao consumo de modos de fazer, tornando-se por vezes imperativas: mantenha a rotina, alimente-se de forma saudável, faça exercícios, mantenha-se ocupado e produtivo. Consuma. Serviços, conteúdos, tempo. Pasteurizavam-se assim as experiências de autorregulação dos corpos. Mas as vozes, embora me trouxessem quase sempre o mesmo tema, diziam-no em muitos e diferentes tons. Ficávamos singularmente monotemáticos.

Uma miríade de narrativas desfilava nas sucessivas telas a se fechar e abrir. A reclusão compulsória produzia os efeitos mais variados, colocando-nos desafios muito singulares. Convocação a uma experiência radical de automanejo. Nas janelas das redes sociais e dos aplicativos de conversa, onde circulavam os mais íntimos, os relatos em geral seguiam o tom de uma aceitação quase tranquila. “Eu tô ótima! Adoro minha casa, e não tenho problema nenhum de ficar comigo mesma”, diziam os corpos já habituados a outras formas de reclusão. “Ah, eu já trabalhava de casa mesmo, não mudou muita coisa para mim”, dizia a turma anteriormente autorizada às possibilidades tecnológicas do *home-office*. E também os idosos, acostumados de modo geral à rotina doméstica e ao seu campo estrito de circulação, declaravam: “Me lembrei da época em que minha mãe nos contava da gripe espanhola, já vivemos isso”. “Acho que precisamos aproveitar a pausa, essa é uma oportunidade de olhar para si, rever as coisas”, relatavam os mais analisados. “Nossa! Eu tô adorando poder ficar em casa, cuidar das minhas plantas, cozinhar e viajar menos”, dizia a ocupada executiva entre uma *call* e outra. “É... é bom para vocês verem o que eu passo, já vivo em reclusão há tempos”, vingava-se a esposa que vivia longe da família de origem para acompanhar o marido em trabalhos remotos. De repente, descobrimos que podíamos viver de outro modo, ou que, de fato, já gostávamos do modo como vivíamos. A reclusão nos desobrigava de um tanto de coisas, enquanto nos convocava a um tanto de outros esforços e ajustes. Digo nós, os privilegiados, os que puderam estar em casa.

E mesmo que todas as falas me soassem sinceramente genuínas, comecei a perceber certa disputa em torno das narrativas da serenidade e do equilíbrio. Os corpos pré-formados pela experiência da solitude e/ou pela familiaridade com um modo virtual de circular e viver ganhavam certo status. A leveza era convocada em meio à intensidade de um acontecimento apocalíptico. Uma leveza insustentável, como já antevira Milan Kundera (2017).

No consultório, agora em sua virtualidade, estabelecido bem no meio da minha sala de estar, a conversa era outra. A experiência da imersão trazia mais densos tons às questões da privacidade, intensificando as relações e expondo os conflitos. Escancarava-se o medo diante da nossa – sempre colocada (é fato), mas nunca realmente vista – falta de controle. Imprevisibilidade. Os medos e as dúvidas. Não sabíamos. Não sabíamos quando tudo isso ia acabar. O tempo ganhava outro contorno. No passado, ficava um normal que os especialistas da TV afirmavam pertencer a um modo-mundo que não mais existiria. O futuro, desde sempre longínquo e insondável, é verdade, parecia perder a capacidade de dar alguma pregnância ao presente. Este sim, agora intensamente convocado, se colocava com a urgência de uma possibilidade quase exclusiva. Um dia de cada vez, repetíamos todos em unísono.

Junto das modulações do tempo, sempre ele, o espaço, circunscrito. A famosa dupla aqui-e-agora nunca fez tanto eco. Quando se confina o espaço, os corpos inevitavelmente se atritam. Inclusive consigo mesmos. E, às vezes, percebem não mais caber. “Me dei conta de que nunca passei tanto tempo com a minha mãe. Nem quando era criança, já que eu estudava e ela trabalhava fora”. Houve aqueles que não enxergaram um espaço de privacidade possível para seguir com as sessões de terapia *online*, por isso preferiram suspender o processo. Alguns outros, cientes da inevitabilidade de suas próprias demandas, passaram a ter como *setting* o carro estacionado na garagem, ou na rua em frente. “Podemos fazer por telefone? É que minha internet não pega aqui”. A adolescente, invadida pela presença desconfortável

do pai a trabalhar na sala, saiu do quarto em direção ao *playground* do prédio. A outra, refugiada no sítio da família, foi experimentando espaços possíveis, no carro, dentro da sauna desativada, na varanda, até conseguir habitar o dentro, de si e da casa. A cada dia um novo cenário. E a cada cenário, um novo corpo.

Nesse processo de ajustes e adaptações, íamos experimentando juntos as possibilidades e os desafios produzidos pelo ineditismo da situação. A organização do *setting* terapêutico, tão importante na cena clínica, passava a não ser mais de minha suposta, única e exclusiva responsabilidade. A disposição dos móveis, os lugares de assento, a intensidade da luz, a temperatura ambiente, o café sempre oferecido, as regras não eram mais as minhas. Agora ficava mais evidente que o outro também deveria ocupar-se de seu necessário e possível (des) conforto, incluindo o meu. Alguns se preocupavam mais com a qualidade da conexão e o enquadre da própria imagem na câmera, em uma tentativa de também me fazer caber. Outros falavam enquanto andavam pela casa, sentavam, deitavam, deixando-me tonta do lado de cá da tela. Outros ainda mantinham apenas uma parte do rosto enquadrado, numa edição involuntária de si mesmo. Haviam aqueles que me mostravam suas casas pela câmera, faziam o café, fumavam um cigarro, como quem diz “pode entrar, a casa é sua”. “Vou aproveitar para fazer aqui o que não podemos fazer no consultório. Pode?”. Até podia, e diante da falta dos habituais parâmetros técnicos, eu me abria à experimentação. Deslocamentos de lugar do suposto saber-poder em direção ao suposto cuidado<sup>4</sup>. Acolhendo o povir, eu também experimentava os diferentes graus de limite. Limites de espaço-tempo.

---

4 O deslocamento do suposto saber para o suposto cuidado é uma ideia trabalhada pela autora em texto anterior, “Por uma clínica que dance: a formação do corpo-terapeuta entre o ensaio e o treino”, escrito em 2019, e ainda no prelo para publicação.

Os horários da agenda, importante referência do compromisso firmado entre as partes, também pediam flexibilidade. As mudanças da rotina doméstica produziam esquecimentos. “Desculpa, perdi a hora, tô indo dormir super tarde”. “Desculpa, esqueci da sessão, achei que hoje ainda era quarta.” A necessidade de ajuste a uma agenda compartilhada com as companhias de reclusão criava repentinas impossibilidades. “Desculpa, podemos remarcar? É que a reunião do meu marido ainda não acabou, e vou precisar cuidar da pequena.” Pequenos atos que não me pareciam mais caber na categoria das falhas ou das resistências, mas dos ajustes. “Podemos deixar a sessão de logo mais para a semana que vem? Preciso silenciar um pouco.”

A reclusão embaralhava nossos referenciais de tempo. Incluindo o meu, é claro. O regime era de plantão. Sentia-me permanentemente convocada a estar disponível. De repente, todas as demandas se travestiam da urgência. Os contornos todos se bagunçavam, criando pequenas fissuras no habitual modo do fazer clínico. À medida que os corpos do lado de lá das telas mudavam de lugar, ritmo e tons – em busca de ajustes –, o corpo do lado de cá sofria pequenos terremotos. Tratava-se da convocação do esforçoso trabalho de produzir algum limite, ao mesmo tempo que me mantinha disponível para o exercício de uma presença atenta e sensível, que acolhesse. Por vezes, nesse exercício malabarista de ajustes, me sentia exausta. As sessões pelas câmeras, a princípio, me pareciam demasiado longas, intermináveis. Muitas vezes foi preciso interrompe-las antes dos protocolos 50 minutos. O suficiente, ou o possível, se antecipava. O tempo não é lógico.

## CO-CORPAR

Depois que um  
corpo comporta outro corpo  
nenhum coração  
suporta

o pouco  
(Alice Ruiz)

Na exigência da construção de outras formas e modos para o fazer clínico, a constatação de que o *setting* é o corpo. O meu, o do outro. Trata-se da “possibilidade do exercício de uma atenção, cujos equipamentos necessários se reconhecem nos recursos sensíveis de um corpo que se disponibiliza ao encontro de outro” (DAROS, 2020b, p. 166). Dizemos, portanto, do corpo, como essa zona ativa onde procuramos manejar o que nos sucede.

É quando a palavra atravessa o corpo do lado de lá, que suspira, muda de lugar e forma, muda de cor e tom, enquanto o corpo do lado de cá abaixa os ombros, desce o peito, assenta na cadeira, e pausa, aliviado pelo reconhecimento da possibilidade sempre presente de afetar e ser afetado. É quando o encontro acontece. (DAROS, 2020b, p. 166)

Formados sob o paradigma de uma ciência racionalista, aprendemos, tradicional e hegemonicamente, a conduzir as atividades do fazer clínico pela investigação do porquê dos acontecimentos. Tal como no ato “científico” de pesquisar, a busca é pela a gênese das questões psicoafetivas a serem “tratadas”, utilizando os sintomas como pistas. A busca é de soluções, eficazes. No modo biomédico de cuidar, o terapeuta ocupa o lugar daquele que sabe, e o paciente daquele que, expropriado do próprio saber sobre si, segue passivamente uma prescrição de modos de se manejar em direção ao imaginado equilíbrio<sup>5</sup>.

---

5 A crítica sobre a racionalidade biomédica e seus impactos na constituição de certo modelo – biologicista e curativista – de cuidado encontra um vasto e tradicional espaço de debate entre referenciados autores que se dedicam historicamente à construção do campo da Saúde Coletiva no Brasil. Tendo Madel Therezinha Luz – com seu clássico *Natural, racional, social: razão médica e*

Porém, no encontro inevitável com a concretude de um corpo que sabemos sensível, somos convocados a um outro modo de cuidado. Por via da proposta de uma anatomia-emocional, acessamos o corpo como um agregado de comportamentos, anatomicamente estruturados. “Todas as sensações, todas as emoções, todos os pensamentos, são padrões organizados de movimento” (KELEMAN, 1995, p. 16). As ações são a matéria de fabricação dos corpos, assim como dos verbos. Por essa via, a atividade clínica nos aproxima de um modo de fazer cartográfico, afirmando o interesse em acompanhar mais o como dos processos do que o porquê das ações. “Como um acontecimento é posto para dentro? E como [anatomicamente] configuramos as respostas?”, pergunta-nos Keleman (1995, p. 27) E ainda, como atualiza Favre (1995, p. 11): “como se organizam, simultaneamente, os corpos, as experiências e as relações?”. Eis a nossa cartilha,

Pegue a pergunta “por quê?” e quebre-a com um martelo em uma miríade de fagulhas até que cada pedacinho de “por quê?” seja tão pequeno que já não pergunte a razão de algo, mas sim seu modo. Minore o “por quê?” em “como?”. O como é um pequeno “por que”, tão apequenado em sua medida que já não mede nada além da singularidade daquele evento. Não serve para explica-lo totalmente e tampouco para dar razão a outros acontecimentos passados ou futuros. (COSTA; ANGELI; FONSECA, 2012, p. 46)

Em vez dos porquês, o como. Como, advérbio que qualifica a ação. Verbos em gerúndio, processos. O que estou fazendo? Como faço o que estou fazendo? Operar por via dessas questões significa

---

racionalidade científica moderna (1988) – como uma das precursoras, o tema segue sendo trabalhado e discutido por outros referenciados autores do campo, entre eles: Kenneth Camargo (IMS-UERJ), Emerson Merhy (UFRJ), Gastão Wagner Campos (UNICAMP), Roseni Pinheiro (IMS-UERJ) e Magda Dimenstein (UFRN), só para citar alguns com os quais dialogo mais proximamente.

tomar as afecções<sup>6</sup> como partida: o que o encontro com esse corpo produziu em você? Que afetos te atravessaram? Como te atravessaram? Como você se usou nesse encontro? Diante do susto de nos vermos convocados à cena terapêutica, as questões assim colocadas nos deslocam da busca de uma neutralidade que já sabemos inviável. Partindo do pressuposto de que neutralidade é diferente da ausência de afeto, dizemos então da necessidade sempre colocada de reconhecermos o corpo, incluindo o corpo-terapeuta, como lugar irremediável de afecções.

Convocados a nos experimentarmos na relação que se estabelece com o outro, propomos, portanto, a tessitura de um fazer clínico direcionado à construção de formas de expandir e contrair junto ao outro, de formar pulso com o outro, de se vincular. Afinal, como se sustentar vivo no trabalho do cuidar? Como conseguir transpor esse lugar de suposto saber para o lugar de suposto cuidado construindo formas singulares de existir?

Fonseca e Farina (2012, p. 49), ao versarem sobre o clinicar, nos lembram, em uma aposta ética, política e estética, de que “não é a clínica que se torna verbo, são os verbos que produzem a clínica. Instalar-se em um verbo não é procurar definições, mas ações”. Por isso, aliamos-nos a Keleman (1995) em sua proposta metodológica de corporificar a experiência através da conjugação de um verbo: *to body*, ou, em português, *corpar*. Ato de gerar corpo, o verbo diz de uma ação contínua direcionada ao exercício de uma presença sensível, que acessa o corpo como uma realidade somática que se produz no agenciamento com os ambientes e com outros corpos. Pensamento ecológico que nos leva ao desdobramento do verbo em *co*-*corpar*, “porque os corpos se fazem junto, a si e a seus ambientes” (FAVRE, 2014, s/p).

---

6 “Termo utilizado por Espinosa, afecção seria o efeito produzido nos corpos pelos ‘encontros’ suscitados pelos afetos” (TAVARES, 2018, p. 26).

Com o corpo investigamos o como e produzimos com. É o corpo que possibilita a expressão da linguagem naquilo que a ultrapassa, em formas sempre titubeantes, provisórias, frágeis, fugazes, porque sempre processuais. As formas dizem acerca dos modos dos corpos se vincularem a um ambiente, e assim se constituírem, tendo como matéria a própria excitação. Como Fonseca e Farina (2012, p. 49), acreditamos que “um acontecimento se faz clínico quando é capaz de produzir rupturas, catalisar fluxos e decompor-se em diversos outros, carregando a potência de ser um analisador do mundo por vir”. Desse modo, entendemos que o ato de clinicar se aproxima mais da crítica – que problematiza as habituais e padronizadas formas dos corpos de responder a um acontecimento –, que da compreensão que se alia aos porquês e suas justificativas, sem, no entanto, produzir desvios dos modos padronizados e adoecidos de existir.

Ao modo dos cartógrafos, nesse modo de cuidar, seguimos atentos aos movimentos de um acontecimento, diante do qual não fazemos nada além de a-com-panhar<sup>7</sup>. Apanhar com o outro os pedaços de acontecimentos. Como você faz isso que faz? O foco são todas as ações, pois se desenrolam em processos, sempre inacabados, porque os territórios existenciais seguem em constante forma-ação. Por isso não nos interessamos pelo ponto de partida, embora o reconheçamos, nem miramos o ponto de chegada, embora sigamos nos deslocando. Mobilizados por essas referências, interessamo-nos pelos caminhos e pelos modos de se caminhar, per-formar. “Caminhar em involução,

---

7 Ao afirmar aqui o modo cartográfico, propomos seguir as pistas deixadas por Guattari (1987), assumindo a construção de um fazer clínico que acompanha os movimentos em processo, tratando-se menos do esforço de decifrar códigos e traduzir significantes, e mais da possibilidade de cartografar um acontecimento. Dizemos, portanto, de uma aposta ético-política no fazer clínico, que coloca terapeutas e clinicandos diante da possibilidade sempre presente de desvio das rotas pré-concebidas, apontando para as “tantas maneiras de inventar, de ‘maquinar’ novas sensibilidades, novas inteligências da existência, uma nova doçura” (GUATTARI, 1987, p. 139).



nem de onde, nem para onde, mas habitar as múltiplas temporalidades em um único instante. E perguntar, o que é que insiste aqui? Que é que pede passagem na língua? Que é que ganha verbo no que acontece?” (COSTA; ANGELI; FONSECA, 2012, p. 46).

## CONTRATRANSFERENCIAR

Socorro, alguma alma, mesmo que penada,  
Me empreste suas penas.  
Já não sinto amor nem dor,  
Já não sinto nada.  
(Arnaldo Antunes)

Verbo é ação. E a ação é muscular, voluntariamente motora, involuntariamente visceral. Dela também participam os ossos, as articulações, os líquidos, a pele. Daí tomarmos o verbo como ação encarnada, e a partir disso atuarmos de um modo singular no exercício do manejo clínico. Mas, e quando a palavra atravessa o corpo do lado de cá? E quando esse corpo-terapeuta, investido no esforço muscular voluntário<sup>8</sup> para os rearranjos e adaptações necessárias a um novo modo de cuidar de si e do outro, se depara com a inércia e a resistência dos corpos-do-lado-de-lá?

Junto ao trabalho esforçoso de me re-situar nas relações psicoterapêuticas atravessadas pelas intensificações das mais diferentes ordens produzidas na quarentena, emerge, com mais clareza talvez,

---

8 Fundador da Psicologia Formativa, Stanley Keleman, ao abordar a formação embriogenética de nossos padrões herdados e sociais de comportamento e experiência, afirma que “necessidades, desejos, emoções e atos cognitivos são atos motores que têm uma intenção específica e uma antecipação por conexão, pois fazem parte de um sistema onde são recebidos e respondidos. O esforço cortical muscular voluntário dá sustentação a esta conexão antecipatória e também influencia a sua intenção” (2010, p. 1).

a chamada contratransferência<sup>9</sup>. Definida nos primórdios da psicanálise por Freud, como a possível, e eu acrescentaria, inevitável, re-ação emocional do analista ao processo de transferência do analisando, a contratransferência confirma a incontornável afecção de dois corpos que existem. Por isso, podemos afirmar que, no exercício do fazer clínico, atuamos no manejo e no cuidado dos vínculos produzidos entre dois corpos que necessariamente se afetam em seus encontros.

Esforço. Produto da ação de esforçar-se. Ex-força-ar. Ex-cesso (como aquilo que sobra, redundante, exagera, transborda). Força que se empenha na realização de algo. Energia e impulso de algo que se ex-põe. Mas também matéria do sobretrabalho. Ato, por vezes penoso, de difícil realização. Em tempos neoliberais, a expressão máxima de animação, de coragem, de vigor, de valentia. A celebração

---

9 Não é objetivo deste texto, necessariamente, discutir o conceito de contratransferência. Para tanto, além do próprio Freud, e de Ferenzi (1928), encontramos textos psicanalíticos contemporâneos que se debruçam de maneira mais alongada e apropriada sobre a importante discussão. Ou, como o faz André Rossi Coutinho (2007), que, em sua tese intitulada “Da transferência à transversalidade: o dever dos conceitos e a variação do plano da clínica”, utiliza o conceito de contratransferência como referência aos desdobramentos de outros conceitos e práticas de uma intervenção clínica que problematiza a afirmação da suposta neutralidade científica e profissional, ao mesmo tempo em que afirma a indispensabilidade da inclusão dos afetos do analista na cena terapêutica.

do empreendedorismo de si<sup>10</sup>. Porém, se travestido em intenção de cuidado, presteza e diligência. Zelo<sup>11</sup>.

Era uma segunda-feira à tarde. Miguel<sup>12</sup> era o primeiro paciente da semana, inaugurada após uma pausa insuficiente para o descanso. As sessões com Miguel eram desde sempre um desafio. Ele era daqueles que não falam. Daqueles que nos convocam à aclamada necessidade de sustentar o silêncio. Ainda na época dos atendimentos no consultório físico, Miguel nunca faltou a uma sessão sequer. Chegava 15 minutos antes do início da sessão para sua tarefa semanal de silenciar diante da minha presença. A princípio, trabalhávamos o corpo, em exercícios que nos desobrigavam a fala. Eventualmente, porém, eu caía na armadilha de preencher o silêncio com perguntas e demandas. Nesse caminho, entre avanços e recuos, micromovimentos iam se tecendo nos encontros. Eu me esforçava e me intrigava. Miguel nunca faltava.

Foram muitas as vezes que levei o caso de Miguel à supervisão clínica. O fato é que o silêncio de Miguel forçosamente me inaugurava o exercício de um outro modo do fazer clínico. Um modo que me era pouco habitual e demasiadamente esforçoso. Esforço que se deparava, direta e cotidianamente, com a inércia de Miguel. Era essa a temática que aos poucos foi se desenhando como questão em nossos

---

10 Dizemos aqui da sutil e equivocada indiferenciação entre o que, por via de Foucault (2010, 2017), chamamos de cuidado de si e o investimento em si, convocado pelos discursos da empregabilidade. O empreendedorismo de si se define como um investimento em si que se constitui em meio a práticas heterodeterminadas. Trata-se da capitalização das práticas de cuidado de si, a brecha para a afirmação do investimento em si como prática naturalizada. Modo de funcionamento diametralmente oposto às práticas de cuidado de si requeridas pelo exercício da autonomia. Para maior detalhes acerca da discussão desse conceito ver DAROS (2016).

11 Ver definição em: <https://www.dicio.com.br/esforco-2/>  
Acesso em: mai. 2020.

12 Nome fictício para o personagem da narrativa.

encontros. Miguel não conseguia sair do lugar. Tinha medo. “Medo de escolher errado.” Atenta ao risco de cair no lugar identificado com a mãe demandante, por cujas mãos chegou ao processo terapêutico, buscava modular minhas intensidades no encontro com Miguel. Eu, produtiva e, por vezes, produtivista. Disciplinada. Persistente. A que faz o que precisa ser feito. A que precisa direcionar certo esforço para a necessidade da pausa. O preciso esforço para não atropelar Miguel. Para não invadi-lo. Para não apressa-lo. Para esperá-lo.

Íamos nessa toada, quando nos atropelou a quarentena. Miguel, seguindo o hábito, se mantinha pontualmente assíduo nas sessões e no seu silenciar diante da minha presença. Mas agora, a conexão havia literalmente piorado. O áudio picotava, a imagem, sempre desenquadrada, congelava. Eu me incomodava, mas Miguel, como de praxe, parecia não se abalar. “Eu não sinto falta de privacidade.” Ele me contava de como os fones de ouvido ocupavam o lugar da porta do quarto que a mãe, mesmo diante dos seus 25 anos de idade, não permitia fechada. “Eu me acostumei.” “E com o que você não se acostumou, Miguel?”

Em outra segunda-feira, Miguel me contava sentir falta dos deslocamentos na cidade, para ir à terapia e à academia. Não havia se acostumado à quarentena. Algum desejo de movimento. Dizia das duas únicas atividades que o faziam deslocar-se em seu restrito espaço cotidiano, e que, de algum modo, o convocavam ao ensaio de sair de sua sedimentada inércia. Inércia. Substantivo feminino. Da física, resistência que a matéria oferece à aceleração. Da química, propriedade que possui uma substância de não reagir em contato com outra<sup>13</sup>. A minha palavra parecia não atravessar o corpo de Miguel. Uma impressão. Mas a inércia silenciosa de Miguel me atravessava. Era eu a substância que re-agia. Explodi quando Miguel justificou o fato de não querer fazer exercícios físicos em casa. “Eu suo muito. Vou ter que limpar o chão que eu sujar.” Miguel fazia todo esforço

---

13 Ver definição em: <https://www.dicio.com.br/inercia/> Acesso em: mai. 2020

soar inócuo, e eu me sentia como ele, insuficiente. Mas ao invés da inércia, a raiva e a impotência.

Tomada pela combustão, terminei aquela sessão bem antes do tempo protocolar. Não conseguia prosseguir. E junto à raiva, a culpa. “Miguel, vamos ficar por aqui hoje. Podemos continuar amanhã às onze?”. Eu precisava de tempo para respirar. Para abrasar. Não dormi direito naquela noite. Acionei a supervisora, a terapeuta, os parceiros de trabalho mais próximos. Fiquei com medo da minha intensidade. Busquei autorização. E alguma cumplicidade. Teria eu o direito de ficar com raiva justamente daquilo que o outro me trazia como matéria de cuidado?

Na busca por mais estudos e modos de manejo a respeito da polêmica contratransferência, encontrei em Zaslavsky e Santos os ecos dos posicionamentos de uma clínica psicanalítica mais contemporânea. Os autores afirmavam a importância de que “o analista escute, através de seus sentimentos, não só o que o paciente diz, mas, mais ainda, o que ele não diz, por ignorá-lo no plano do consciente” (2005, p. 293). Eu não sabia exatamente o que Miguel me dizia com a sua inércia. Sabia, porém, que se defendia. Um certo modo ativado para sobreviver. A quê? Tratar-se-ia de uma recusa? Ao modo do escriturário *Bartleby*<sup>14</sup>, que seguia a repetir: “Prefiro não”? Mas o que essa suposta recusa produzia em mim? Produzia raiva. E foi desses efeitos produzidos em mim que decidi falar com Miguel na sessão marcada impulsivamente para o dia seguinte. Eu não me permitia recusar Miguel. Nem pelo protocolar período de uma semana. Recusar era difícil para mim.

---

14 No celebrado conto americano de Herman Melville (2010), *Bartleby* é um escriturário que repetidamente se nega à execução do enfadonho trabalho burocrático, emitindo a frase “Preferiria não fazer” a cada demanda que lhe é endereçada, surpreendendo e intrigando o chefe, em sua clara recusa.

Muito da nossa compreensão da transferência surge por intermédio da compreensão de como nossos pacientes agem sobre nós, para que sintamos coisas pelos mais variados motivos [...] como atuam inconscientemente conosco na transferência, tentando fazer com que atuemos com eles. [...] Se trabalhamos apenas com a parte que é verbalizada, nós não levamos realmente em conta as relações objetais que estão sendo atuadas na transferência. (ZASLAVSKY; SANTOS, 2005, p. 293).

No processo de elaboração da combustão, lembrei-me de que Miguel, além de nunca faltar, jamais se recusou a fazer algum exercício ou vivenciar uma técnica proposta por mim em nossos encontros. Mas o fazia mecanicamente, num ato mais da obediência do que da vontade. E não raro no retorno na sessão seguinte, sua fala era: “tá tudo na mesma, não percebo muitas mudanças não”. Miguel me obedecia, como havia aprendido a acatar as escolhas que a mãe fazia por ele, e assim não correr o risco de “*escolher errado*”. E ao me acatar, repetia no trabalho terapêutico tanto o seu movimento de não escolher como de não dar para o outro o que o outro dele esperava, o movimento. Miguel se recusava, e assim se protegia, enquanto eu, sob os efeitos intensos da contratransferência, apesar de saber da incapacidade de reação de Miguel, afetivamente era atravessada pelo incômodo produzido pela repetida desqualificação do meu esforço e do nosso trabalho.

Enquanto isso, Zaslavsky e Santos (2005) me alertavam de que a decisão de compartilhar com um clinicando uma contratransferência parece muito delicada e controversa, e está longe de um consenso, mesmo nos círculos psicanalíticos mais contemporâneos e menos ortodoxos. Contudo, aliançada a uma perspectiva clínica que tem no vínculo seu campo de manejo, e cuja aposta dá-se na singularidade dos encontros, concordei com aqueles pares que afirmavam que, muito além de poder apresentar um obstáculo para o processo terapêutico ou mais um instrumento favorável para ampliar nosso

conhecimento acerca da dinâmica psicoafetiva do paciente, a contratransferência também se configura como uma possibilidade de o analisando não apenas ressignificar sua experiência original, mas também, a partir daí, produzir algum deslocamento em seu modo de funcionar (RACKER, 1986 *apud* ZASLAVSKY; SANTOS, 2005).

Daí a decisão de arriscar-me a compartilhar com Miguel os efeitos da inércia dele em mim. Na terça-feira, Miguel estava pontualmente a postos, no horário marcado. Lembro-me de ter iniciado a sessão perguntando como ele havia ficado após a sessão no dia anterior. Buscava algum eco por onde começar. E diante de suas usuais reticências, a minha confissão. “Ontem eu senti raiva, Miguel, fiquei irritada com a sua inércia. Não pude continuar nossa sessão, por isso a interrompi.” Nesse tom, segui, narrando-lhe com sinceridade alguns detalhes do meu processo de combustão. Desse modo, contava para Miguel que eu era um corpo que sentia. E dizia de como o corpo dele me afetava. Eu era um corpo que re-agia. No trabalho de co-corpar, eu emprestava meu pulso excitatório a Miguel. Foi assim, diante da minha ex-posição, que Miguel pareceu enfim sentir-se visto em sua invisibilidade. Minha excitação, modulada em raiva, servia de espelho, no qual Miguel podia também se ver, fazer contato com o seu próprio pulso, e partir daí, quem sabe, arriscar-se a também se ex-por.

Na sessão seguinte, Miguel não me disse, como de praxe, “está tudo na mesma”. Pela primeira vez, ele me relatou a sua sensação de estar deprimido. “Acho que estou deprimido. Não tenho vontade de fazer nada. Nem o pouco que eu fazia antes. Eu fui me ignorando.” “Do jeito que seus pais faziam? De que você precisa Miguel?”. Na resposta, um desejo de espaço e movimento. “Sair daqui. Dessa casa. Dessa cidade, para saber quem eu sou. Começar do zero.” Não era verdade que estava tudo bem, não era verdade que ele não fazia questão. Não era verdade que ele não precisava de alguma privacidade. Miguel começou a me contar de seus desejos de fugir e de como ele manejava seus processos de combustão. Eu havia emprestado a minha raiva a Miguel.

Rememorando essas cenas, penso que o que Miguel fazia pontualmente na minha presença não era, afinal, silenciar, mas ser visto. Mas para que ele pudesse se ver, fui convocada a me ver na relação com ele. Nos co-movemos. Precisei existir nesse espaço, para que Miguel, acostumado a ser sombra invisível, vulto que não importa, pudesse perceber que ele também existia. E que sua expressão importava. Importava e afetava. Quando eu mostrei minha raiva, Miguel pôde também se ver. A si e a sua raiva.

## SENTIR

Sentimento é a língua que o coração usa  
quando precisa mandar algum recado  
(Adriana Falcão)

Raiva. Historicamente desqualificada como emoção moralmente julgável, identificada com os instintos animais que em nós pedem controle, a raiva é aquilo que aprendemos a conter, em nossa tentativa moderna de nos apresentarmos razoavelmente humanos. Raiva. Emoção que não tem lugar nos processos de subjetivação de uma cultura intensamente atravessada por valores de uma moral judaico-cristã em sua aliança com o paradigma de uma ciência racionalista. “Não se deixe afetar por isso!”, ouvimos, e cotidianamente repetimos uns aos outros, com intenção de ponderação. Pedimos anestesia, como se o afetar-se fosse uma escolha, e não a condição incontornável de um corpo que existe no mundo, em relação com outros corpos. Não se emocione.

Derivada do termo latino *emovere*, a palavra “emoção”, em sua origem etimológica, significa as reações neurofisiológicas que se movem (*movere*) para fora (*ex*), em direção à superfície de um corpo. Movimento de ex-pressão, a e-moção comunica. Raiva. Medo. Tristeza. Alegria. Amor. Médico e psicanalista de formação, precursor da psicossomática e das abordagens psicoterapêuticas incluídas no campo



do que viria a ser nomeado de psicoterapias corporais, Reich com a primeira publicação de *Análise do Caráter*, nos idos de 1933, foi um dos primeiros a dedicar-se ao esforço de desconstrução da dicotomia corpo x mente, fundada pelas ciências modernas e endossada inclusive pelo projeto científico de uma psicanálise em estado de germinação.

Dedicado às pesquisas dos processos energéticos vitais que nos constituem e sua relação com nossa expressão emocional, foi Reich quem nos chamou atenção para o modo de produção, distribuição e consumo da energia que nos move. Neste contexto, pôde apontar a visceralidade das emoções, no que elas têm, portanto, de involuntário e inconsciente, diferenciando-as dos sentimentos, concebidos por ele como emoções tornadas conscientes, refletidas e codificadas pelas forças sócio-históricas-culturais de uma época.

Reich também foi um dos primeiros psicanalistas a chamar atenção quanto à necessidade de se colocar o corpo na cena psicoterapêutica. Referia-se à expressão somática dos analisandos, enfatizando a relevância de nos atentarmos à linguagem não verbal dos sujeitos. Desde muito cedo, percebeu que não se tratava de escutar apenas o que o sujeito diz, mas, principalmente, como diz. A partir daí, não tardou a questionar a formação caracterológica do próprio terapeuta, incluindo-a como fator indispensável na compreensão do processo analítico e, a partir daí, das próprias (im)possibilidades colocadas no decorrer do manejo clínico. Desse modo, Reich convocava os médicos psicanalistas a olharem para si e se deslocarem do seguro lugar garantido pelas premissas da neutralidade científica e da imparcialidade. Mas abrir mão do lugar de poder do suposto saber não parecia estar em questão, e discutir, sob essa perspectiva, a inevitabilidade da contratransferência foi um dos motivos que levaram à expulsão de Reich do restrito círculo psicanalítico de Viena.

Tratava-se, porém, de um caminho sem volta, e Reich teve muitos seguidores. Menos preocupados em diferenciar sentimentos de emoções do que reconhecer a fonte visceral de ambos, tanto Lowen (1983) quanto Keleman (1992, 1995), reafirmando que as emoções e

os sentimentos são respostas orgânicas a eventos do ambiente, seguiram com afinco o trabalho de desfazer a pernicioso dissociação do corpo-mente fundada na modernidade.

Traço em comum daqueles que se incluem no campo das psicoterapias que encontram no corpo o lugar do manejo clínico, a premissa é a de que os sentimentos resultam de pulsações celulares, metabolismo, correntes citoplasmáticas, motilidade interna, tendo como uma de suas principais funções a comunicação. São os sentimentos os responsáveis pela expressão de nossos estados de fome, dor e amor para o mundo. Os sentimentos atuam na sinalização de nossas necessidades, desde as mais básicas até as mais complexas, organizando ao mesmo tempo a consciência das percepções necessárias para a organização de nossas ações, constituindo, portanto, nossas formas-modos de existir.

Inspirada no diálogo com esses intercessores, costumo dizer que o sentimento é a emoção refletida. Quando entramos em contato com as nossas sensações corporais, acessamos as nossas emoções, e quando passamos a descrevê-las para um outro, processamos e elaboramos o que sentimos, podendo reconhecer do que afinal precisamos. Sinto, logo existo. Eis o nosso cogito. No entanto, não são raras as ocasiões em que, diante da pergunta “O que você está sentindo?”, a resposta, ao invés de uma descrição sensorial, emerge na forma da explicação racional de um pensamento. Afastados de nossa sensorialidade, a pergunta muitas vezes nem chega a ser compreendida, e tem como resposta outra pergunta: “Como assim?” Treinados para responder porquês, esquecemos como acessar um como.

Sentir é, portanto, entrar em contato com nossos padrões de movimento. Se não há movimento, ou, se esse movimento é reduzido ao nível mínimo necessário para a sobrevivência, então não conseguimos acessar nossos sentimentos. Isso é o que acontece quando aprendemos a inibir aqueles movimentos que podem parecer de alguma forma ameaçadores e/ou não serem devidamente valorizados no ambiente em que vivemos. A raiva é um exemplo. Ao inibir

repetidamente os movimentos naturais da agressividade em nosso corpo, cronicamente, também suprimos o sentimento. Não respiro. Me contenho. Me aperto. Anestésio. Não sinto. E assim, me protejo.

Todos nós temos complexos padrões organizados de ação e expressão. A raiva [...] tem padrões programados de choro, grito, ataque. Usamos certos padrões de ação para suprimir, ocultar ou inibir nossas respostas. Exercitamos como parar de chorar ou como controlar nossos afetos. Todos lutamos para conter ou esconder comportamentos socialmente desaprovados e desempenhar bem aqueles que são aprovados. Para isso, criamos uma imagem mental e usamos os músculos para efetivar a ação (KELEMAN, 1995, p. 20).

Diante dessa afirmação de Keleman, outra questão se impõe: quais são, afinal, os sentimentos socialmente aprovados no contemporâneo?

Nesse sentido, penso que, atualmente, a desaprovação social se amplia para o próprio ato de sentir. A energia vital da agressividade só é bem-vinda se traduzida como sinal de proatividade e capacidade de competir, ao ser devidamente canalizada para ações produtivistas. Somos constantemente estimulados para a ação, mas a excitação, matéria viva de nossa pulsação, vira termômetro da ansiedade que nos assusta. O medo, apesar de todas as constantes e crescentes ameaças sócio-econômicas-culturais-ambientais que nos rodeiam, perde seu lugar biológico de proteção e já não nos prepara para a luta, mas nos paralisa, sendo traduzido moralmente em falta de coragem para enfrentar a vida. A tristeza, considerada nobre em épocas anteriores, símbolo do sacrifício e do decoro, ganha agora a conotação de fraqueza. E a alegria, por sua vez, vira imperativo. Por onde quer que passem os afetos, seja na ansiedade, na tristeza, no medo, na raiva ou na alegria, as intensidades acabam todas patologizadas. Depressão, crise de ansiedade, pânico. Enquanto isso, a alegria se confunde com

a euforia. Mas não há motivos de alarde. A indústria farmacêutica garante para cada uma das emoções uma pílula reguladora.

Além do caso de Miguel, outros episódios da chamada contra-transferência se fizeram mais intensamente presentes na quarentena. A necessidade de emprestar meu esforço a uma clinicanda em pleno processo de produção da autonomia no exercício de dar limites para uma mãe invasiva e manipuladora; a necessidade de produzir algum limite para a desorganização da minha agenda, produzida pela instabilidade das rotinas daqueles que eu acompanhava no trabalho da clínica; a necessidade de dar limites ao pouco cuidado do outro com o *setting* e com minha disponibilidade, a qual passava a ser convocada de modo integral e permanente. Uma demanda voraz de presença. E por todos os lados, o julgamento dos modos singulares com que cada um se sacrificava para se adequar ao isolamento social convocado pela quarentena. Nós nos vigiávamos e competíamos pelo modo correto de quarentenar. Todas essas situações mobilizavam em mim certa irritação e algum grau de raiva, sensações que, por meio de processos contratransferenciais, tinham no meu corpo lugar de passagem.

Porém, se escolhemos neste escrito a raiva como matéria de reflexão da chamada contratransferência, não é porque nos processos de cuidado não nos atravessem também outras emoções: a ansiedade, a tristeza, o medo e a alegria. Muitas também foram as vezes que, mobilizada por esses sentimentos, me co-movi junto às narrativas daqueles a quem acompanho. No exercício de co-corporar, segui vibrando com as pequenas dobras<sup>15</sup> (DELEUZE, 1997) realizadas em meio ao caos desse acontecimento tão ameaçador que nos caía sobre as cabeças. Segui me alegrando com as descobertas potentes

---

15 Dizemos aqui da dobra como como processo de subjetivar-se, mas não como quem se curva, ou se submete, e, sim, como quem desvia, e, ao assim fazê-lo, diferencia-se e constitui-se a si mesmo, em meio à resistência aos poderes e saberes estabelecidos, aos acontecimentos.

possibilitadas pelo inusitado do acontecimento comum que nos atravessava. A quarentena.

A experiência do trabalho *online* me surpreendia pelas possibilidades todas, que a muitos ampliava e intensificava o contato com os modos padronizados de viver. Lembro-me especialmente da menina muito exigente consigo mesma, com suspeita de comportamento anoréxico, para quem o isolamento, ao possibilitar o afastamento das métricas sociais, ocasionou o afastamento salutar da comparação com os outros, ampliando seu grau de liberdade para habitar o próprio corpo, elaborar os próprios referenciais de ação, e assim existir. E do moço narcisista que, nas sessões realizadas agora por via telefônica, pôde experimentar entrar em contato consigo mesmo, sem o uso sedutor da própria imagem.

Contudo, nem todas essas sensações precisaram ser verbalmente anunciadas ou oficialmente compartilhadas, como foi a raiva, no caso de Miguel. Embora, de qualquer modo, todas seguissem cotidianamente a me convocar ao exercício de modulação das intensidades realizado no conjunto trabalho de co-corporar. É que a raiva, além de não caber na vida, muito menos cabe nos processos de cuidado. Afinal, como sentir raiva daquele que, em busca de auxílio, arrisca-se a expor tão cruamente suas próprias vísceras? A esses, somos ensinados a acolher as vulnerabilidades todas, o medo, a tristeza, a ansiedade. E até comemorar junto as alegrias. Nos empatizamos. Mas a raiva, não. Aprendemos que a raiva precisa ser calada.

## OSCILAR

Faça como o velho marinheiro,  
que durante o nevoeiro,  
leva o barco devagar.  
(Paulinho da Viola)

A escolha de pensar o manejo clínico em um momento de quarentena, viabilizado pela ampliação do uso das tecnologias multimidiáticas, surge do desejo de compartilhar uma experiência, para que, a partir daí, possamos juntos repensar novos modos de viver e de cuidar. Exercício coletivo convocado pela permanente e indispensável necessidade de seguirmos repensando o dinâmico campo da saúde, incluindo, mais especificamente, o que convencionamos chamar de saúde mental. Trazendo à cena acontecimentos que forçosamente nos colocaram desafios de reposicionamento, este escrito busca menos dar respostas técnicas e mais partilhar novas questões, no intuito de contribuir para a atualização das apostas ético-políticas-estético-metodológicas de modos de intervir. Invenção de si. Invenção de mundos.

Como fazer a atenção sensível não virar tensão protocolar? O que fazer com minha própria excitação, sentada, parada, diante da tela de um computador que me conecta a um corpo do lado de lá? Como não ser drenado pelo tropismo em relação à própria imagem e se esvaziar da experiência somática? Como não cair no risco de pasteurizar a experiência de um imposto processo de reclusão?

O virtual, colocado anteriormente como mais uma possibilidade de conexão, era aquilo que considerávamos nos afastar da presença física. Gerava polêmicas. Distancia ou aproxima? Portanto, não pretendemos aqui marcar essas questões em algum grau de ineditismo, haja vista a já colocada virtualidade das relações, de trabalho, de amor, de vida, que desde o advento da internet vem possibilitando a inauguração de novas formas de existir. Somamos a esse fato, no entanto, a experiência radical de automanejo a que estamos sendo convocados em um período de distanciamento social, e, em alguns casos, isolamento, a que, alguns de nós, estivemos submetidos na quarentena.

Virtual que, de repente, passa a ser o que há. Convocando-nos à adaptação. Ajustes. Modulações. Rearranjos de camadas. Abertura à experimentação. Outros modos de fazer-se presente. Manejo de novos ambientes. Novas ecologias tecnológicas. Formação de novos corpos. Uma nova suavidade. Distância e proximidade.

Daí que, no decorrer do tempo de uma quarentena interminável, nas narrativas produzidas por aqueles a quem eu acompanhava na atividade do fazer clínico, a repetição inicial do substantivo “rotina” ia sendo gradual e intensamente substituída pelo verbo “oscilar”. “Como você está hoje? Como foi a semana?”. “Ah... tenho oscilado muito.” Substantivo, o que evidencia a substância, a essência. Verbo, o que diz da ação, movimento. Oscilar. Mudar de estado. Sofrer variação. Mover ou fazer mover alternadamente. De um lado para outro. Balançar-se.

Dizendo da modulação necessária aos movimentos da vida, o verbo “oscilar” era, no entanto, narrado com certa apreensão. Já acostumados ao exercício da inalcançável ideia de uma saúde em estado de substância, seguimos buscando, para além da ausência da dor, o estado ideal de completo de bem-estar físico, mental e social definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Buscamos equilíbrio. E acreditamos que oscilar é coisa de gente instável. Atestado de desequilíbrio a escancarar a fragilidade da condição humana. Com medo do movimento vivo, que pulsa, demandamos o estado de substância, que fica.

Muitas foram as vezes que, no trabalho de cuidar do outro, me vi usando a famosa analogia do bambu, que enverga no vento para não quebrar, e da estimada Ponte Rio-Niterói, que apesar de ser feita de concreto, imita o bambu. O equilíbrio não é estático, mas dinâmico. E se autorizar a oscilar entre os vários estados emocionais é fundamental para construir repertórios de modos de viver em um meio que, como nos lembra Canguilhem (2002), é sempre infiel. Ampliávamos assim nosso conceito do que é saúde. Descobríamos que há muitos modos de se estar no acontecimento, e este é um aprendizado que se dá na experiência de oscilar. Amedrontar-se diante da letalidade de um vírus pandêmico. Entristecer-se e enlutar-se pelos milhares de mortos, luto coletivo. Enraivecer-se pelo desgoverno, pelo descaso, pelo absurdo. Ansiar pelo retorno de um qualquer referencial que nos dê contorno. Rotinas. Alegregar-se diante das pequenos

acontecimentos e bons encontros. E assim seguirmos vivos, no pulso de contrair e expandir. Eis o que nos salva da morte.

## REFERÊNCIAS

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

COSTA, L. A.; ANGELI, A. A.; FONSECA, T. M. Cartografar. *In*: FONSECA, T. M.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (orgs.). **Pesquisar na Diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 43-47.

COUTINHO, A. R. **Da transferência à transversalidade**: o devir dos conceitos e a variação do plano da clínica. 2007. 153 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

DAROS, R. F. **Implicâncias e implicações de uma trabalhadora social**. Curitiba: Appris, 2020a.

DAROS, R. F. Por uma clínica que dance: a formação do corpo-terapeuta entre o ensaio e o treino. *In*: TAVARES, G. M.; ROUBAUD, M. L. (orgs.). **Reencantar o corpo**: notas para um encontro necessário entre ciência e vida. Curitiba: CRV, 2020b. p. 165-182

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

FALCÃO, A. **Mania de explicação**. São Paulo: Moderna. 2001.

FAVRE, R. Apresentação. *In*: KELEMAN, S. **Corporificando a Experiência**. São Paulo: Summus Editorial, 1995. p. 11-14.



FAVRE, R. Corpar: nosso verbo principal. **Laboratório do Processo Formativo**, [s. l.], 2014. Disponível em: <https://laboratorio-doprocessoformativo.com/2014/02/corpar-nosso-verbo-principal/>  
Acesso em: 15 jun. 2020.

FERENCZI, S. **Elasticidade da técnica psicanalítica** (1928). *In*: Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 25-36.

FONSECA, T. M.; FARINA, J. T. Clinicar. *In*: FONSECA, T. M.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (orgs.). **Pesquisar na Diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 47-51.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. *In*: FOUCAULT, M. (org.). **Ditos e Escritos V**: ética, sexualidade, política. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017. p. 264-287.

GUATTARI, F. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

HEMINGWAY, E. **Adeus às armas**. São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 2013.

KELEMAN, S. **Anatomia emocional**. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

KELEMAN, S. **Corporificando a experiência**. São Paulo: Summus Editorial, 1995.

KELEMAN, S. *Slow Attending: a arte de formar intimidade*. **Centro de Psicologia Formativa do Brasil**, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://psicologiaformativa.com.br/> Acesso em: 15 jun. 2020.

KUNDERA, M. **A insustentável leveza do ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LOWEN, A. **O corpo em depressão: as bases biológicas da fé e da realidade**. São Paulo: Summus, 1983.

MELVILLE, H. **Bartleby, o escriturário**. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.

REICH, W. **Análise do caráter**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TAVARES, G. M. **Reencantar o corpo: notas para a Educação**. 2018. 95 f. Relatório de Pós-Doutorado. Faculdade de Motricidade Humana, Centro de Estudos em Artes Performativas, Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança, Universidade de Lisboa Lisboa, 2018.

ZASLAVSKY, J.; SANTOS, M. J. Constransferência em psicoterapia e psiquiatria hoje. **Revista de Psiquiatria RS**, [s. l.], v. 27, n. 3, p. 293-301, set./dez. 2005.

**Corpos (em  
quarentena):  
o traçado  
de amplos  
panoramas  
em meio à  
pandemia**

# *Seguir formando, enquanto podemos, o que ainda não existe*

*Regina Favre<sup>16</sup>*

---

16 Primeira geração no campo das psicoterapias corporais no Brasil, filósofa (PUC-SP), psicoterapeuta, professora e pesquisadora do corpo por meios audiovisuais no Laboratório do Processo Formativo. Cuidou das traduções e apresentações dos livros de Stanley Keleman, cujo pensamento introduziu no Brasil, tendo criado uma interface do Processo Formativo com a Esquizoanálise desde os anos 1990. Produz continuamente vídeos e textos sobre o corpo como processo no viés da arte, clínica, política e filosofia.

## UMA TRILHA

Os saberes e as práticas do corpo subjetivo, tais como os concebemos hoje, estão enraizados na Europa do século 19 como um subproduto da sociedade industrial. O modo de produção que remodelou completamente as tradições culturais e artísticas, as concepções filosóficas e científicas, a linguagem, os valores, a aparência das cidades, ruas, casas e seus interiores exigiu um grande esforço dos corpos para que produzissem e assimilassem essas realidades. Em meio a transformações de poderes, sentidos, tecnologias, velocidades, modos de produção e distribuição do dinheiro, noções e práticas que diziam respeito à autorregulação e à autonomia dos corpos estavam prontas para aparecer e urgiam ser formuladas como um antídoto dos primeiros sinais do estresse da cultura e das novas doenças emocionais. Nesse contexto, novas técnicas e métodos refletem as diferentes perspectivas do corpo necessitando regular-se.

Rompendo os limites dos ambientes acadêmicos e médicos, pesquisas e vivências conduzidas por indivíduos ou pequenos grupos independentes, resistentes ao modelo corporal rígido imposto pelo poder disciplinar em seu apogeu da 1ª Guerra Mundial, foram fundamentais para o desenvolvimento de práticas e posteriores teorias corporais que moldaram essa nova cultura, entre os anos 1920 e o final da 2ª Guerra Mundial.

Para esses jovens precursores, urgiu permeabilizar seus corpos num exercício de assimilação do acontecimento em curso, gerando adaptações através de diferentes experimentações e práticas. Esse deve ser considerado o marco zero das pedagogias do corpo que viria a afetar todos nós. Escapando da destruição que se avizinhava e atraídos pela promessa da democracia na América, esses pioneiros europeus migraram para um ambiente onde essa cultura encontraria acolhimento na tradição do pragmatismo e nos valores do corpo e da vida natural celebrados pela literatura, pela disciplina religiosa e, principalmente, pela imensa prosperidade do pós-guerra.

É emblemática a foto de John Dewey, o filósofo do Pragmatismo, nos anos 1940, tendo sua cabeça manipulada por Matthias Alexander, o criador do Método Alexander de organização postural. Floresceu, então, nos Estados Unidos dos anos 1950, associada às filosofias sociais da época, uma cultura que continuou e continua ainda se expandindo, mas sobre a qual se deve fazer uma constante operação crítica para que se possa utilizá-la. Naquele momento, também a cultura americana apontava para sua expansão planetária.

A economia do pós-guerra e a modelagem serial dos corpos se fizeram juntas.

Os Estados Unidos descobrem que para transformar a máquina de guerra em uma economia viável e desviar da Grande Depressão, que ainda pairava sinistramente sobre a memória das pessoas, o capitalismo do século 20 deveria se basear num movimento contínuo de produção e consumo, dependente de produzir e vender produtos, bens, serviços e experiências, não-essenciais e obsoletáveis que para serem adquiridos, a poupança dos consumidores jamais seria suficiente, portanto, inventa-se, também, o crédito fácil. Consumir e não poupar, permitir-se e não sacrificar-se, tornou-se o estilo dominante. (SEVCENKO, 1998, p. 513).

Instalou-se uma pedagogia midiática em que passava a caber ao rádio, às revistas, aos jornais e à televisão o ensino do manejo de vidas e finanças. Uma nova configuração de si, “científica”, moderna e saudável, vinha a galope. Nicolau Sevcenko (1998) descreve por quais caminhos essa força chega ao Brasil e passa a modelar também nossos corpos e vidas:

Com o colapso da indústria européia de cinema, os Estados Unidos herdaram tudo, construindo um monopólio de produção, distribuição e exibição mundial. E com o surgimento do cinema falado e os aumentos dos custos de produção, os pequenos

estúdios foram à bancarrota e, apenas, as grandes corporações de Hollywood sobreviveram. O sistema de estúdios otimizou e reduziu os custos de produção e na sua contrapartida promocional, criou o mito das estrelas. Hollywood espalhou, a partir daí, como um dogma, o padrão de beleza que se tornou a alavanca principal de novos hábitos de consumo e estilos de vida, identificados com o *american way of life*, maximizando as técnicas revolucionárias de comunicação visual: close-ups, efeitos emocionais de ritmo, som, música, expressão facial e corporal, o glamour da juventude, as coreografias atléticas, as maquiagens, os penteados, o guarda-roupa, os cenários e, mais do que tudo, o poder esmagador do sex-appeal, tudo isso aparecendo numa tela colossal, que irradiava seu brilho prateado e hipnótico na escuridão do cinema. (SEVCENKO, 1998, p. 513).

Entretanto, essa versão glamurosa internacional da modelagem cinematográfica dos anos 1950 cobiçada por todos, antes mesmo dos anos 1960, já começava a ser superada por outro produto que se espalhava: o novo perfil subjetivo do rebelde, que não deseja aquela vida de seus pais, modelada pelos valores e comportamentos protestantes da sociedade de consumo. Urgia desconstruir o corpo rígido do herói americano, quase nazista, tão bem descrito por Philip Roth (2005) em *Complô contra a América*. A essa altura, W. Reich já se encontrava no Maine influenciando sobre Lowen e Pierrakos, que serão os patriarcas das psicoterapias corporais no Novo Mundo.

Da arte e da dança moderna, do modo de representar do Actor's Studio, da literatura *beat* para a cultura do *rock*, para os movimentos feminista, *hippie* e psicodélico, para rebeliões estudantis de 1968, para a contracultura, para a cultura alternativa, foi um pulo. Entre os jovens, outro modo de conceber o corpo e novas práticas de si passam a ser desenhadas. E, nessa onda, os humanistas imigrados para a América desempenham importante papel na desconstrução dos usos de si, desvalorizados por essa geração e na composição de novos

corpos. Turmas e amigos se agregam, sobretudo em Nova York, o *melting pot*, no cultivo desses modos de se relacionar, trabalhar, comer, viver, fazer sexo e, mais adiante, conceber família, gênero, dinheiro, educação, raça, cultura, política e poder.

Movida pela mesma fé na mudança, na aventura e no desafio de si, essa cultura corporal remodelada como antídoto a uma sociedade de produção e consumo foi exportada para a Europa nas rotas do nomadismo da juventude americana, ao encontro das ideias libertárias de Reich, que já produziam frutos. Nessa hibridização, modos coletivos de viver e fazer, expressões culturais e artísticas, comunidades urbanas e rurais, *personal-development centers*, psicoterapias, práticas corporais, projetos sociais e ativismo político proliferaram. Ideias, estratégias de vida e comportamentos americanos passaram por uma multiplicação espantosa, deram essa volta pela Europa e, nos *mid 70's*, chegaram até nós. Por toda parte, um ideal de um mundo, dito alternativo, que influenciaria de fora para dentro o “sistema”, animava os corpos.

No Brasil, desde os anos 1960, o Tropicalismo, como movimento artístico, literário, musical e político, expressava a urgência de espanar o pó das nossas tradições agrárias e conservadoras, “caminhando contra o vento, sem lenço e sem documento” (ALEGRIA..., 1967), de incorporar nosso recente desenvolvimento industrial, reformatar os corpos e absorver a realidade mundial que “explode nas bancas de revistas” (ALEGRIA..., 1967). Levantou-se aqui também uma força desconstrutora e proliferante. Com a atmosfera letal das ditaduras latino-americanas, muitos brasileiros tornaram-se política ou existencialmente exilados. A afinidade com nossa necessidade nos permeabilizou e atraiu para esses movimentos que se expandiam, sobretudo nessa “*London London*” (LONDON..., 1971), solo fértil para novos padrões de comportamento, onde uma nova cultura do corpo vicejava.

Em 1975, pessoas marcadas por essa experiência, ao voltarem para o Brasil, participaram da fundação do primeiro curso de



psicoterapia corporal Gestalt Reich, no Instituto *Sedes Sapientiae*. Já no início dos anos 1980, em busca de formação profissional, alguns grupos podiam ser vistos no Brasil trazendo terapeutas internacionais para ministrar *workshops*. E, até o fim da década, em sintonia com o capitalismo de mercado que já se estabelecera, um número crescente de pessoas ligadas a essas escolas autorais, americanas e inglesas, já formatadas como empresas de formação profissional neorreichiana, se apresentava instituído por aqui.

Essas ideias e práticas fizeram sentido no Brasil de um modo peculiar e em condições muito diferentes das que constituíram seu solo original, num primeiro momento, juntando-se às forças que combatiam os efeitos destrutivos da Ditadura nas vidas e corpos das pessoas. É bem conhecido como certo tipo de psicanálise engajada argentina, trazida por Emílio Rodrigué e, a seguir, pelos fundadores do curso de Psicanálise do Instituto *Sedes Sapientiae*, convidados por Regina Chneiderman, desempenharam um papel importante, acolhendo em seus divãs o recém-nascido campo de conhecimentos e práticas reichiano. Assim, compreende-se que, dada essa afinidade, o reichismo que inicialmente vingou no Brasil foi o da “Análise do Caráter” (REICH, 1998), em suas variações, considerado nos anos 1930 um avanço político e metodológico. Embora Gaiarsa, inimigo declarado da psicanálise e de grande acesso à mídia, tenha tido papel importantíssimo na criação de um campo em que toda uma geração foi introduzida a uma cultura reichiana despsicanalizada, o primeiro grande esforço assimilativo no campo psicoterapêutico corporal brasileiro, dos anos 1970, foi a busca de uma estruturação teórica de respeito face à cultura psi preexistente. Tentava-se assimilar uma base psicanalítica para a prática neorreichiana, buscando encaixar noções tais como id, ego, superego, inconsciente e transferência. Entretanto, o corpo, em sua potência e maravilha, permanecia intocado teoricamente.

No mesmo início dos anos 1980, a visão da nova subjetividade do capitalismo contemporâneo, trazida da França por Suely Rolnik e

Félix Guattari, contaminava muita gente com um sentimento de uma nova vida se fazendo. Os saberes não mais encerrados na Academia estavam se tornando *pop*. Portanto, mesmo que não se mergulhasse no estudo do “Anti-Édipo” (DELEUZE; GUATTARI, 1972), respirava-se uma nova realidade emergindo, uma nova alegria, novos ares, junto ao fim da Ditadura e ao nascimento do Partido dos Trabalhadores (PT). Na formulação de Guattari (1986), o novo capitalismo, com o fim da Guerra Fria, quebrava fronteiras nacionais e começava a operar como Capitalismo Mundial Integrado (CMI). Revelou-se, imediatamente, que isso exigia novas teorias e práticas do corpo. A narrativa familiar, como pano de fundo das nossas vidas, evidenciava-se como uma pequena parte da narrativa histórico-mundial, e a história social ganhava seu papel na hermenêutica da subjetividade.

Certa visão de corpo subjetivo no capitalismo industrial e seus efeitos tinham sido descritos por Reich, que foi absolutamente inovador ao relacionar a repressão sexual à adaptação de indivíduos ao autoritarismo da vida fabril, escolar, religiosa e familiar. O reinvestimento da libido na formação caracterológica com o comprometimento do reflexo orgástico – a neurose – era, para ele, a força motriz da sociedade industrial em que se produzia uma forma corporal rígida, reprodutora do padrão de funcionamento autoritário aliado do Estado fascista. Àquela altura da história, a dissolução da couraça muscular do caráter deveria ser o foco das atenções política e clínica. Contudo, era evidente que deveria haver outra resposta bem diferente, já pressionando por formulação e invenção, que dissesse respeito aos modos de usar o patrimônio biológico e modelar vidas nessa nova realidade mundial que se anunciava no Brasil. A mudança era insistentemente mostrada por Guattari e Rolnik (1986).

Na nova forma tomada pelo Capitalismo Mundial Integrado (CMI), a coexistência com os modelos familiares certamente prosseguia, mas a estruturação do sujeito passava a ser regida por forças mais amplas. Com a nova conjunção de interesses de mercado e de grandes corporações, agora fundidas internacionalmente, não mais

a “repressão”, mas a “falta” passa a ser central para a geração do lucro. Tornava-se necessário, então, sensibilizar-se para a nova estratégia, não mais autoritária e repressiva, mas sedutora e convidativa do capitalismo de mercado. Nesse momento, tratava-se de lidar com um astucioso combinado da estimulação da falta perpétua com a oferta simultânea da ilusão de completude. As imagens veiculadas pela mídia passaram a desempenhar o papel principal nessa nova operação.

Mais adiante, no final dos anos 1990, a ideia de multidão (HARDT; NEGRI, 2004), até hoje invisível para um grande número de pessoas, foi trazida pelos autonomistas italianos que aportaram no Brasil, descortinando a nova realidade de um mundo já inteiramente globalizado. Compreender-se como corpos na multidão dava sentido para experiência da vida, agora, molecularizada, fragmentada, em luta por auto-organização e conectividade, organizando-se em modos minoritários de existência e trabalho, cada vez mais desvinculados das hierarquias, do emprego e das famílias – que era o grande desafio da então década corrente.

Com essa compreensão, tornava-se possível não se culpabilizar nem se ver fracassando, mas, apenas, entender a urgência de uma nova estratégia social e corporal para que fosse efetuada a luta que se apresentava. A velocidade imprimida pelo capitalismo evidenciava os corpos e seus mundos formando-se e reformando-se. Como em um filme acelerado, enxergavam-se os padrões de subjetivação modelados pela mão do mercado dentro de um interjogo de poderes, valores e interesses comerciais. Essa era uma enorme revelação, mas prosseguia a necessidade de um conceito de corpo como processo biológico autopoietico, tal como pedia a proposta de Guattari (1986), que viesse acompanhado de uma prática intimamente conectada com o processo de produção de corpo nesse novo quadro.

## A BUSCA

Passemos a narrativa para a primeira pessoa. Com o recém-publicado *Emotional Anatomy* (KELEMAN, 1992), precisamente em 1987, redescubro seu autor Stanley Keleman, o qual me escapara na década anterior, e me aproximo de seu conceito de Processo Formativo. Finalmente, eu podia acessar um conceito visual e encarnável do corpo como um processo que se estendia desde os primórdios da biosfera, continuamente produtor e produzido, parte de processos físicos e sociais, canalizando-se e secretando-se a si mesmo, gerando, dando forma e sustentando corpos e ambientes como uma resposta à necessidade inata dos corpos, de conexão e forma. O discurso de Keleman, um pensador contemplativo ocidental de tradição pragmatista e darwinista, me arrebatou e mudou para sempre o rumo do meu pensamento e do meu estar no mundo.

Stanley Keleman foi um autêntico fruto da cultura do corpo novaiorquino dos anos 1950 e portador da marca do Instituto Esalen, comunidade aberta no paraíso da Costa Oeste americana, onde viveu e trabalhou na década que foi o auge da produção desse amálgama de ciência, espiritualidade, ecologia, *bodywork* e Gestalt, conhecido como Movimento do Potencial Humano. Nos anos seguintes, mergulhado nas raízes heiddegerianas dessas ideias na Europa, formatou uma síntese que leva o nome de Processo Formativo. Em seu regresso, nos anos 1970, instalou seu Center for Energetic Studies em Berkeley (CA), onde prosseguiu, até o final da vida, sempre independente, produzindo pesquisa, terapia, ensino e publicação.

Na largueza da expressão de seu pensamento, identifiquei algo comparável à visão ético-estética-política-clínica de Deleuze e Guattari que vinha contaminando o Brasil.

A atração pelo Processo Formativo não apenas se deu por conta da minha insatisfação com a aplicabilidade das cartografias reichianas para essa nova problematização da subjetividade corporificada que se apresentava, mas, sobretudo, pela impossibilidade que encontrei de

produzir uma operatividade corporal a partir de conceitos agenciados por Guattari, sobretudo o de Autopoiese. Este conceito foi criado por Francisco Varela e Humberto Maturana, na década de 1970, para designar a propriedade de autoprodução do vivo. Esse descompasso me manteve atenta ao que pudesse surgir no horizonte americano. Meu foco, então, sobre Keleman foi mais do que certo.

Logo comecei a me corresponder com ele, a cuidar da tradução de seus livros e, finalmente, em 1992, a frequentar seus *workshops* em Berkeley (CA). Esse contato intensivo durou 15 anos, tempo suficiente, sempre honrando as forças Tropicalistas, para devorá-lo e assimilá-lo. Sem dúvida, também, a experiência como analisanda em divãs acolhedores, ao longo de todos esses anos, veio me desafiando e permitindo organizar um funcionamento criativo da mente, o que muito facilitou, e facilita, elaborar e trilhar caminhos difíceis com autonomia.

## KELEMAN

O corpo como um processo formativo foi um achado clínico e filosófico fundante. Keleman, com sua linguagem biológica contemplativa, me arrastava para o caldeirão da vida se fazendo. Dava corpo ao espírito de imanência presente no pensamento de William James e central na proposta micropolítica de Guattari, que, com seu claro tom de manifesto, formatara, definitivamente, minha responsabilidade com a produção do mundo. Ao descrever a sinfonia das nossas vidas se formando como sistemas, dando continuidade ao modelo do unicelular, dentro dessa manta viva chamada biosfera, Keleman mostrava, com palavras e imagens, como cada corpo em particular faz, também, o mesmo que a biosfera: estende-se, recolhe-se, forma sub-organizações.

Eu reconhecia esse olhar lisérgico e búdico, já encontrado, anteriormente, na contracultura, com Aldous Huxley, Timothy Leary, Fritjof Capra e toda uma geração de pioneiros americanos que

apontavam a prática meditativa como instrumento para a captação da realidade se fazendo.

O expandir e contrair das superfícies dessa bomba pulsátil que são os corpos é o modo pelo qual, afirmava Keleman, cultivamos conexões com o mundo e formamos conexões internas de subsistemas do *self*. Somos móteis e pulsáteis desde o unicelular e a Evolução, diz ele, nos dotou de um sistema cortical voluntário capaz de mobilizar o pulso vivo do corpo. Mais conexões sinápticas podem se fazer, assim, dando prosseguimento ao trabalho autoprodutivo do vivo. Os corpos são vistos como *learning-systems*, portanto, transformam-se com o vivido.

Para Keleman (1995), essa ação de continuidade, natural da Evolução, deve ser feita intencionalmente por meio Prática de Corpar. Nela, o esforço voluntário cortical-muscular estimula o crescimento de axônios e vai formar uma estrutura conectiva, as sinapses, conectando a parede do corpo ao córtex. Esse é o método preciso, desenvolvido por Keleman como a contrapartida pragmática de sua filosofia, para organização da experiência individual e produção de diferença nas formas somáticas. Nessa prescrição, ressoando com a meditação cultivada pelos físicos quânticos, aparece uma prática. A Prática de Corpar, como descreve Keleman (2007), é uma forma de meditação ativa ocidental que se aplica sobre histórias, vidas, personagens, comportamentos e sentimentos, extraindo dessas experiências mais vida com as forças e propriedades da Evolução.

A cooperação íntima entre cérebro e músculos mostrava-se, portanto, como uma chave de valor inestimável que poderia abrir portas para a compreensão e o manejo da produção dos corpos dentro da nova estratégia do mercado, esse devorador da diferença. A descrição fina das ações que compõem a prática intencional do Processo Formativo do corpo era puro ouro para ser aplicado micropoliticamente na realidade dos anos 2000.

Com o exercício do gerenciamento do sistema voluntário sobre o involuntário das respostas somáticas, cultivam-se e

modelam-se adaptações finas sobre o corpo do presente, em suas formas de maturação, de identificações sociais, de reflexos de defesa às intensidades intoleráveis, de emoções, de modos vinculares, de secreção de mais corpo.

Na obra *A Psicologia*, de 1892, William James forneceu uma afirmação que se tornou central na cartografia kelemanina: os comportamentos antecedem a experiência. E o “Darwinismo Neural”, do conhecido neurocientista Gerald Edelman (1987), se apresentou também como aliado quando Keleman aplicou o conceito de “reentrada neural”, momento no qual o cérebro mapeia as ações do corpo e edita mapas neurais. Os mapas, na apropriação do comportamento do corpo, conversariam entre si e compartilhariam informação estabilizando novas ações musculares. Usando o processo neural natural, ativado pela Prática do Corpar, recombina-se e estabilizam-se alterações dos comportamentos na continuidade desse corpo que se autoproduz. Assim, a morfogênese e a metamorfose, para Keleman, não são limitadas a uma intuição, mas consistem em uma prática inerente à continuidade da vida, que deve ser transmitida, aprendida e praticada.

## INTERCESSORES

Esse conhecimento maravilhoso do corpo, embora apontando para o grande oceano comum da vida, não poderia escapar do conflito inerente à tradição individualística americana em que ideias, práticas e narrativas, mesmo as mais libertadoras, são tragadas para dentro do enquadre privado.

Dentro dessa perspectiva que se configurou como mercadológica, escolas, na maior parte pertencentes a autores, se multiplicaram, incluindo formações, filiações e direitos autorais rigorosamente controlados e precificados. Reafirmava-se, então, a necessidade de uma operação crítica sobre essa política do desenvolvimento pessoal, para que se pudesse usá-la coletivamente em sua riqueza e potencial.

Nas famosas conferências, denominadas “The culture of the self”<sup>17</sup>, em 1983, pouco antes de sua morte, Foucault coloca o corpo numa imensa rede de saberes e práticas, desferindo um golpe elegante sobre esse olhar individualizante americano, californiano, em plena UC Berkeley. Em relação à operação genealógica que aqui também estamos empreendendo, espero que tenha potência para abrir uma brecha por onde poderão passar forças que venham alimentar micropolíticas de multidão. A essa altura, porém, para prosseguir com a tarefa de devolver o corpo ao coletivo, torna-se necessário invocar Michael Hardt e Antonio Negri (2004), para aprender com eles algumas distinções importantes:

- pessoa é uma ideia moderna e multidão, uma ideia contemporânea;
- multidão é um todo de diferenças;
- o pensamento da modernidade abstrai a multiplicidade e transforma a multidão em uma massa homogênea que se chama povo;
- as políticas de homogeneização e hierarquia são inerentes à modernidade;
- a multidão é sempre produtiva e está sempre em movimento, produzindo-se, ao mesmo tempo que produz sociedade em produção;
- a multidão aponta para um modo vincular de cooperação geral, que sustenta a continuidade da produção da realidade;
- nada disso se faz sem luta (HARDT; NEGRI, 2004).

Entender, sentir e operar essas diferenciações é fundamental. Mas, muita atenção, o terrorismo exercido pelo mercado se dá, podemos perceber com a ajuda de Hardt e Negri, não mais sobre os corpos isolados, mas pelo boicote da cooperação e, sobretudo, pela

---

17 Ver: MICHEL Foucault: the culture of the self. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (1h05min23s). Publicado pelo canal The Philosopher King. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zscNlLoMuFo> Acesso em: 22 fev. 2023.



exploração das redes que compõem o todo, atacando e moldando a conectividade entre os corpos. Vemos, então, como esse toque muda totalmente a direção por onde prosseguir na elaboração de um corpo, da clínica, das pedagogias e das micropolíticas que protejam sua continuidade formativa.

Para elaborar uma estratégia corporalista útil para o contemporâneo, precisamos aprender a acessar nos corpos, com a ajuda das cartografias do Processo Formativo<sup>18</sup>, os comportamentos de susto e imitação, bem como suas propriedades de agregação, conectividade e amadurecimento.

Imaginemos susto e imitação se espalhando globalmente, de uma maneira nunca vista, como um vírus, por meio das redes de comunicação, sobretudo por imagens, sejam como informação ou modelos de comportamento, que agora envolvem a todos.

Imaginemos, também, que o corpo, que agora existe como multidão, continua sendo o mesmo corpo da Evolução, o qual, para prosseguir canalizando a vida, agora funcionando no modo-multidão, exige manter-se como sempre, agregado molecularmente nas formas que o compõem; mas precisa, também, aprender a modelar-se em comportamentos que o façam parte funcional, produzida e produtora, do acontecimento comum. Imaginemos, também, esses corpos crescendo em seu destino genético, da concepção à morte, desencadeando formas conectivas que vão da fusão à autonomia, da dependência à cooperação.

Vemos nessa cartografia rápida que, para viver a realidade da multidão no contemporâneo, temos que aprender a dissolver, em primeiro lugar, as formas do susto produzidas pelo mercado da informação. Esse é o ataque do capitalismo às conexões entre os corpos que Hardt e Negri (2004) nos faz sentir na pele. Em outras palavras, o reflexo do susto separa os corpos de seus ambientes. A desagregação promovida pelo reflexo do susto desencadeia em nós o reflexo da

---

18 Para mais informações: [www.laboratoriodoprocessoforativo.com](http://www.laboratoriodoprocessoforativo.com)

imitação. É o animal congelando diante do predador e mimetizando com o ambiente. Essa resposta tão funcional é fruto do mecanismo da seleção natural operando através de eras evolutivas. Aquilo que o mercado oferece para nossa imitação funciona como bordas subjetivas que aparentemente contêm a desagregação somática em curso produzida pelo choque do susto: modos de se relacionar, morar, vestir, pensar, imaginar, amar, desejar, funcionar, produzir, gerar histórias de vida, opiniões, posições políticas que, evidentemente, são uma “gambiarra”. Manejar esses dois comportamentos reflexos é da maior importância. Precisamos aprender, também, a reconhecer e propiciar o amadurecimento vincular dos corpos, para que ocorra conexão efetiva com as redes, locais ou gerais. Os corpos trazem em si a potência de amadurecer da fusão à cooperação. Corpos imaturos fundem, dependem, se submetem, dominam, se exibem, seduzem, mas não cooperam.

Praticar a cooperação na produção de mundo deixa de ser uma regra moral e passa a ser o efeito de cuidado com os tempos formativos e os ambientes confiáveis no formar e no amadurecer dos corpos. Só assim geram-se as diferenciações potentes que nos conectam funcionalmente aos ambientes da rede global, sejam próximos ou distantes.

## NA INSTALAÇÃO DIDÁTICA: PRODUZIR HETEROGÊNESE

Depois de múltiplas experiências, de extensão e retroalimentação de um trabalho clínico e pedagógico com os corpos, passei a dar forma ao Laboratório do Processo Formativo, que começou a existir a partir do ano 2000, em São Paulo. Trata-se de um ambiente de estudo e pesquisa do processo formativo, tecnológico e relacional, de convívio, estudo e registro simultâneos dos corpos em seu processo contínuo de autoprodução, captados em seu ato de existir e se relacionar com a própria experiência de estudo e manejo de si no ambiente.

Nesse espaço, passei a produzir e dirigir uma pesquisa formativa, na qual os grupos de alunos que iam se sucedendo eram sujeitos, agentes e aprendizes. Aí se desenrolaram muitas sequências de grupos simultâneos e sobrepostos: AE (Anatomia Emocional) de 1 a 10, BS (Biodiversidade Subjetiva) de 1 a 3 e, finalmente, Embriões, os quais vêm agregando há anos jovens profissionais da saúde coletiva. Outros processos clínicos e pedagógicos com estratégias diferentes simultaneamente acontecem, alguns na Instalação, outros não. Mas, aqui, desejo me deter na estratégia da Instalação Didática, lugar em que o olhar, a escuta, o comportamento e as cartografias do devir e do simultâneo são captados e estudados, gestados e praticados. No *site* do Laboratório do Processo Formativo há uma série de *posts*, artigos, fotos e vídeos que mostram a enorme quantidade de elementos necessários para essa fase da pesquisa com alunos e colaboradores. Sem uma estratégia específica, não nos daríamos conta da enorme quantidade de elementos, atividades e condições necessárias para a efetuação de um acontecimento.

Se apenas contássemos com o recurso do texto para descrever alguns momentos dos diferentes seminários anteriormente mencionados, enumerando tudo o que estivesse ali compondo aquele presente-lugar onde os corpos estavam se formando em tempo real, visível e invisível, precisaríamos da competência de um grande romancista e de uma infinidade de páginas. Descreveríamos o salão de grupo, sua adaptação, os equipamentos, as instalações, as janelas antirruído espelhadas, o chão branco onde as ações normais das pessoas aparecem como esculturas de si, os fios, a iluminação, o grande mundo lá fora constantemente lembrado. Além disso, descreveríamos as ações do operador de câmera, do relator, as cartografias no quadro branco, que chamo de “ovo”, as formas de exibição no telão, no monitor de televisão e no próprio “ovo”, onde as imagens dos corpos podem ser redesenhadas e compreendidas em sua relação forma-função. A internet, de onde retiramos os mais variados vídeos de ciência, comportamento e arte para compor nosso ambiente cognitivo,

os programas de edição que transformam o acontecimento captado em *posts* de imagem e texto finalizados a serem publicados no *site* ou que serão editados muitas vezes em *hand-outs* a serem retrabalhados e multiplicados nos grupos.

Teríamos muito mais trabalho para descrever as captações de imagem e texto, que, mais surpreendentemente ainda, irão alimentar em tempo real grupos de participantes fechados no Facebook. Nessa camada virtual da Instalação, os alunos vão encontrar material de estudo com falas, cenas, fotos, teoria, referências de filmes, livros, autores, bem como diálogos literais e interações somáticas produzindo um espaço grupal como acontecimento (que chamamos também de “aquário” ou “cubo sobre a cidade”). Todo esse material poderia imediatamente ser revisto, estudado e utilizado graças à agilidade do método REII – Registro Imediato Interativo, desenvolvido por Liliane Oraggio, na época, relatora de alguns grupos. Por aí, vemos um pequeno exemplo de cooperação produtiva de ambientes e métodos. O Laboratório sempre contou com inúmeros operadores de câmeras, fotógrafos, editores, relatores e da sempre presente *webmaster* Lucia Freitas.

Sem o uso de tecnologias, jamais seríamos capazes de descrever o que a composição de relações, momentos, falas e ações contam sobre a vida dos corpos ali. Essa estratégia complexa e relativamente barata enfatiza, como parte da experiência didática, a evidência de que vivemos e formamos nossas vidas, continuamente, em ecologias e a certeza de que somos parte não apenas de famílias, mas de redes físicas, afetivas, cognitivas, tecnológicas, políticas, sociais e informacionais. O conteúdo não se separa do vivido, do registrado, das práticas, da própria instalação e das ações que sustentam essa produção do acontecimento-seminário no qual os corpos estão imersos e que nos exercita para a presença, seja na clínica, seja na vida. É tudo autoevidente. Esse é o efeito que busco com essa articulação de elementos

heterogêneos a que venho chamando, em homenagem a J. Beuys<sup>19</sup>, de Instalação Didática.

Nesse sentido, mostrar e enfatizar a Instalação Didática – suas mídias e seu agenciamento de recursos que ultrapassam infinitamente o indivíduo – expressa, afeta e ensina tanto quanto as cartografias que conduzem o trabalho filosófico, clínico e pedagógico em curso.

Nesse estudo de conceitos e práticas de si, os corpos são registrados em ato e ao mesmo tempo, em vídeos, fotos, lousas, cadernos, desenhos, com compartilhamento imediato, em grupos fechados na internet. A invenção de uma estratégia específica e singular de produção e uso de imagens foi o primeiro passo para um trabalho sobre esse corpo contemporâneo em que o poder se expressa, antes de mais nada, por meio das mídias de imagem.

Todos esses rebatimentos estratégicos, que continuaram se multiplicando, permitem que nesse ambiente de jogo emergja uma naturalidade nos corpos ocupados com a complexidade, que é, justamente, o material de estudo a ser captado, recolhido, estudado, praticado e, por fim, apropriado como conhecimento, ao mesmo tempo, particular e coletivo. Atualmente, chamo de Instalação Didática esse processo de trabalho com os corpos em seu ato de se produzir. Veremos mais adiante como o modo de trabalho que se sucedeu com a pandemia e o uso de plataformas virtuais para a clínica e o ensino com grupos deslizou tecnicamente de uma abordagem para outra como

---

19 Joseph Heinrich Beuys foi um artista alemão, nascido no começo do século XX, em 1921, que produziu sua obra através de variados meios e técnicas, incluindo a pintura, escultura, performances e videoinstalações. Em 1962, Beuys conheceu o movimento Fluxus, movimento artístico de cunho libertário que, por intermédio da mescla entre várias expressões artísticas, se destacou nas décadas de 1960 e 1970 através da crítica comercialização da arte, afirmando-se então como um movimento antiarte (JOSEPH Beuys. **Wikipédia, a enciclopédia livre**, [s. l.], [2022?]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph\\_Beuys](https://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph_Beuys) Acesso em: 23 set. 2020).

uma continuidade, apoiada nessa pesquisa inicial descolonizadora de corpo-imagem-conexão.

Para fazer funcionar a Instalação é necessário, antes de mais nada, praticar e compreender o corpo como bomba pulsátil, conceito central de Keleman na sua *Anatomia Emocional* (1992), em que, assim como as medusas, os corpos bombeiam a si mesmos nos ambientes, bombeando-os. Esse conceito biológico e performativo nos inclui imediatamente na realidade de que somos parte dos ambientes, e não apenas que vivemos dentro de ambientes ou ecologias. É nesse ponto que Keleman e Guattari se articulam a meu ver. A Instalação Didática foi se constituindo mais e mais em uma maneira de aprender a se reconhecer como parte de múltiplas ecologias, um corpo na multidão, produtor e beneficiário de inteligências coletivas. Todas essas evidências conceituais são refratárias a estratégias iluministas e apenas se deixam ser apreendidas numa captação entrecruzada, num ato de concretude da presença física, como prescreviam os físicos quânticos dos anos 1960. Esse é o pulo do gato.

## NA INSTALAÇÃO DIDÁTICA: A CRÍTICA E A CLÍNICA SE MISTURAM NO ACONTECIMENTO GRUPAL

Crítica é operar a fragmentação de um funcionamento para compreender as partes implicadas na composição de uma certa realidade.

Ao usar tecnologias de imagem para captar e estudar os corpos no ato de se fazerem fazendo o que fazem para estar presentes e funcionar dentro de uma certa dramaturgia que vai se tecendo, invisto numa epistemologia da ação pesquisada e praticada na Instalação Didática. Esse seria um agenciamento impossível dentro da clínica pela privacidade da sua prática, bem como pela economia e precisão das ações que constituem um campo terapêutico formativo tal como o prático. Porém, a ocupação coletiva com estudar, lidar com imagens, registro, tecnologia, grupalidade, conversa e experimentação

permite, e até mesmo exige, o acesso aos modos de como cada um opera o **acontecimento grupal**.

Viver o **processo formativo** no processo grupal... gravar, transcrever, editar, produzir a partir das edições... prosseguir absorvendo o vivido em seu presente, aprendendo em si mesmo como os corpos se produzem continuamente no **acontecimento**... produzir sempre novas experiências sobre experiências anteriores gerando mais camadas de experiência... contemplar as gravações, aprender a ler as mutações do vivido sobre os corpos... e, mais finamente, dar corpo às ações e sentido às configurações corporais... **problematizar** ao vivo... **produzir diferença**... finamente... aplicando a metodologia formativa kelemaniana em estudo... viver, apreciar e praticar as novas conexões e realidades que a diferença dispara... mais e mais camadas de **realidade somática** se seguirão, buscando incluir sempre a diferença produzida e seu novo modo de funcionamento no ambiente.

Este grupo cuja transcrição utilizo aqui vivia seu primeiro encontro após a seleção dos participantes, em um encontro anterior a que chamávamos na época de Degustação. Trata-se de um começo, e é isso o que temos a viver e captar. Sem facilitações. Todos compartilhamos da mesma dificuldade: começar alguma coisa. Para isso, o grupo começa imediatamente a ser apresentado às ferramentas do método formativo tal como o praticamos e pensamos no Laboratório.

Antes de tudo, identificar-se com o **como** se está corporalmente organizado. A organização corporal no acontecimento expressa o que estamos fazendo ali. É com esse corpo, nesse conjunto de ações estabilizadas, nessa forma, nessa organização, que vivo o que estou vivendo dentro do acontecimento. Esse é o sentido do que estou vivendo. Ações não são movimentos no espaço, mas antes de mais nada, organizações de si que geram tal ou qual efeito nos ambientes, interno e externo, que nos conectam com esses ambientes de tal ou qual modo, nos fazem viver isso ou aquilo e aparecem no espaço como certa configuração de um si. Naquele dia, apresentou-se

o problema de como colocar em andamento um processo de produção de ambiente quando um silêncio se instala em cada corpo nos primeiros momentos de uma grupalização. Um grupo grande vivia pela primeira vez o desafio de estar imerso na Instalação Didática em funcionamento. Aprendemos sobre corpos apreciando, no ato, seus modos e “comos”, ou seja, o como fazem o que fazem e o como vivem o que vivem. Seja na clínica, seja no ensino, devemos ajudar o grupo ou o indivíduo a perceber que esses modos e comos são formatações anatômicas, configurações de si, e a reconhecer essas configurações que se expressam pela tessitura muscular da presença em cada corpo. Desta maneira. Em situações fáceis ou difíceis.

Como você está aqui? Através de que ações muscularmente estruturadas você contém a si e se conecta com o ambiente de que está sendo parte?

Nesse primeiro momento grupal aqui retratado, cada corpo está funcionando em modo-silêncio. Não se pode esperar que os corpos façam diferente do que estão fazendo. Por essa razão, só faz sentido extrair exercícios ou experimentações, como se queira chamar, do acontecimento em curso. Isso é muito diferente de exercícios de mobilização ou facilitação de grupos. A essa operação, seja no ensino, seja na clínica, chamo de problematizar.

Problematizamos um modo de intervir como uma maneira de **afinar nosso funcionamento**, ao vivo, com o processo geral. Afinamos para prosseguir. Todos podem sentir em si, todo tempo, a pressão da vida para prosseguir. Prosseguir significa engajar-se na continuidade da produção de corpo, ambientes, linhas de vida, redes, seguir o programa do vivo. Todos os corpos vivos, queiram ou não, estão destinados a gerar seu futuro.

O *design* de uma forma é o seu próprio modo de funcionamento. O grupo estava em silêncio, profundo silêncio. Mas o silêncio em cada um está organizado de um certo modo.

Outro pulo do gato: cada um poderá **voltar-se para si e captar-se** em seu silêncio. Como cada corpo faz o seu silêncio? Como realiza



a ação de silenciar? Qual seu *design*? Como é o seu modo de produzir um “silenciar”? Captar-se é diferente de imaginar ou observar.

Captar-se é reconhecer-se e identificar-se com o como estou fazendo esta configuração anatômica, esta postura, esta atitude, esta presença.

Postura, atitude, forma, organização de partes e funcionamento resultam no que se chama comportamento. Comportamento é o que estou fazendo, é certo conjunto de ações. Captar como estou me comportando é a chave. A postura me mostra a atitude, o funcionamento, o que estou fazendo.

Perguntamos “o que estou **fazendo** para ser parte de um certo ambiente?”. Para o pragmatismo americano, o que importam são as ações.

O corpos, nesse campo em particular que descrevemos, estão silenciando.

Cada corpo está como? Fazendo silêncio como? Como passar do anatômico para o emocional, para o existencial? O que estou fazendo? Como estou me comportando aqui e agora para fazer minha parte nesta cena, nesta configuração de um ambiente? Atenção que nesse ponto é muito fácil iludir-se com as retóricas, produzir idealizações, aplicar sobrecodificações.

- Falo com o grupo.
- Como você usa a sua anatomia para silenciar?
- Como se modela o silêncio em você?
- Capte essa forma que se chama silenciar.
- Silenciando... é o que você está fazendo.
- Os corpos estão sempre fazendo alguma ação, de algum modo.
- Estou ajudando cada corpo silencioso a se fazer perguntas bem concretas.

Como agrego partes da minha anatomia particular para modelar o ato de silenciar? O que faço com **este** peito, com **esta** barriga, com **este** assoalho pélvico, o que eu faço com **esta** garganta, com **estas** costas, ombros, dentro da cabeça etc.? Como convoco partes, direções

de forças e produz o **silenciar**? Pode-se, a essa altura, **anotar** essas propriocepções nos cadernos – não esquecendo jamais Darwin e os naturalistas viajantes, anotadores da natureza.

O ponto é como você faz, no caso, **como** você faz o silenciar.

Fazemos uma pequena descrição, notas sobre as ações envolvidas nessa ação de silenciar... levantar, apertar, dispersar, esticar... aqui, ali, isto, aquilo... procurar os verbos... as ações que a estrutura anatômica particular de cada um faz sobre si mesma para silenciar.

Estamos querendo aprender sobre os corpos e aprofundar uma identificação com suas ações.

A seguir, tentamos usar essa descrição como uma indicação. Você vai tentar fazer **intencionalmente** o que você captou e descreveu do seu comportamento que aconteceu involuntariamente.

Ao repetir a mesma ação várias vezes, você confere e amplia a descrição: apertar, esvaziar, encher, endurecer, soltar aqui e ali...

A seguir, esboça-se um desenho dessa forma. Keleman (1995) chama isso de somagrama. Faz-se um contorno da forma e indicam-se as ações exercidas sobre si para se manter presente. Usam-se flechas, linhas mais fortes, pontilhados etc. O desenho deve mostrar como você faz corporalmente para produzir isso ou aquilo, no caso do grupo em questão, silêncio.

Você estará começando a fazer ao mesmo tempo uma **cartografia** desse acontecimento. O **acontecimento** é uma paisagem viva. E a cartografia é uma descrição gráfica e verbal dessa paisagem em que os corpos são produtores e produzidos.

Com sua postura, sua atitude, sua forma, que no caso é o seu silenciar, cada um ali é parte na produção desse acontecimento, que é o silêncio grupal inicial.

Como cada um está sendo parte dessa paisagem?

Com essa pergunta começa a produção coletiva de uma cartografia. Já tínhamos a descrição do comportamento. Podíamos avançar. Como se modelam as intensidades em cada corpo para produzir isso? **Isso** é uma expressão, uma resposta, um comportamento...

Únicos, embora genéricos... Que ações cada um exerce sobre si para produzir isso, esse comportamento em questão? Dizer comportamento é o mesmo que dizer funcionamento que me conecta de certo modo a ambientes.

Ao se identificar com a forma do comportamento de silenciar, ali presente, no caso, cada um vai perceber duas coisas: intensidades são a **excitação** biológica face ao **acontecimento** e cada corpo em particular responde de certo modo ao acontecimento no qual está imerso. Acontecimento, vamos definir assim, é a configuração do presente, o estado de coisas de que sou parte.

A excitação preenche um corpo de si mesmo, vivifica as partes anatômicas envolvidas na resposta ao acontecimento, que, no caso, é o silenciar.

Como cada um responde a esse acontecimento de que todos são parte, a essa **ecologia mínima** que é esse acontecimento? Como é o modo particular de silenciar de cada corpo?

No silêncio, em face ao grande estranhamento com o ambiente tecnológico, que fazer nesse ambiente, que palavras utilizar para dar expressão o vivido ali? Como dar forma à radicalidade da experiência física do silêncio e do primeiro contato com a linguagem formativa?

Resumindo:

1. Num primeiro momento, fazer a descrição daquilo que se capta enquanto forma anatômica presente.
2. A seguir, usa-se essa descrição para fazer intencionalmente essa forma, que, no caso, é silenciar, só que de maneira mais nítida. Usam-se todas as indicações que a descrição (como é) fornece.
3. Pode-se, então, agregar intensidade muscular a essa forma, intensificá-la, fazê-la com mais nitidez, colocar um grau a mais de tônus, ou um grau a menos, fazer variações de intensidade e amplitude na configuração captada.

Com esse procedimento extraído e amplificado do exercício dos cinco passos de Keleman (1995), estamos também, finalmente, vivificando essa forma.

Esses três primeiros passos servem para que um **sujeito** possa **intencionalmente** se colocar na ação que se fez nele involuntariamente.

Esse identificar-se com a própria ação como um **design anômico no presente** começa a nos encaminhar imediatamente para reconhecimentos mais amplos para além da nossa vida individual. Começamos a nos identificar como **produtores de ambientes** a partir dessa **potência produtiva** dos corpos que estamos identificando em nós. Estamos começando a captar como **corpos e ambientes se fazem continuamente**, a acompanhar e intervir no processo natural dos corpos de **secretar a si mesmos**. Cada corpo está gerando mais corpo continuamente. Os corpos não são um objeto no espaço, mas um processo no tempo, como diz Stanley Keleman, o autor com quem aprendi o processo formativo.

O **processo formativo** trata dessa **potência** e seus **comos**.

A essa altura, cada um no grupo já disporia de condições de **mostrar** isso que já estava à mostra: sua forma de participar deste ambiente. A isso chamo de **solo**. Ao mostrar como somos e quem somos, estamos produzindo solos.

O solo em questão dizia respeito a mostrar para o grupo o **como** de cada um para **modelar** suas intensidades e **produzir** o silêncio, que era o ambiente em questão no momento da experiência. O comportamento de silenciar que antes isolava, começa a constituir inclusão e encaminhar uma **produção coletiva de ambiente**. E o que havíamos reconhecido inicialmente como efeito de uma ação imobilizadora, o silêncio, no caso, passa a se revelar como um instrumento para a **constituição somática da presença**.

Para mostrar, fica-se em pé. Assim utiliza-se plenamente a estrutura. Estamos habituados a considerar as ações expressivas a uma modelagem circunscrita a uma certa área, por exemplo, a boca, que

faz conexão através de um sorriso. Mas o restante do corpo se modela, simultaneamente, nas diferentes camadas e estruturas anatômicas que compõem um corpo para que se produza presença. Isso gera as notas complementares da experiência principal. Nesse sentido, a Anatomia Emocional é preciosa, pois revela as diferentes camadas de experiência e tecidos.

Pergunta-se: como faço o que faço? Esta pergunta vale para cada ação do nosso contínuo de ações na continuidade das nossas vidas. No caso, dentro daquela realidade grupal, evocava-se o **design particular** de como se silenciava.

Devemos cultivar a prática de ensaiar antes de produzir nossos solos no mundo. Cada um no seu lugar, como naquela sala, imóveis. Apenas um esboço, uma pesquisa, um desenho tônico, uma evocação motora, quase invisível. Antes de qualquer ação, ensaiamos em algum nível do nosso funcionamento. Os bebês ensaiam cada nova aquisição motora. Ao ensaiar, no campo do visível ou apenas mentalmente, estamos ativando as formas somáticas dos comportamentos envolvidos e suas conexões neuromotoras.

Com essa recomendação, não estamos buscando criar nada artisticamente, não queremos nos livrar de hábitos, não queremos diagnosticar padrões neuróticos de funcionamento, não queremos representar nada, mas queremos praticar intencionalmente o que os corpos fazem a todo o tempo para se manterem coesos e conectados: **ações sobre si mesmos**. Insisto, não se trata de uma ação no espaço, mas de ações sobre si. As ações e o deslocamento no espaço (movimento) são uma consequência de um conjunto de ações sobre si, bem como bombeamentos da excitação.

Para aprofundar uma relação neuromotora com nossos solos ou expressões no mundo, devemos fazer então ensaios-esboços e a seguir intensificações, pois assim definimos melhor muscularmente nosso modo de fazer uma ação. A intensificação torna mais claro aquilo que se faz imperceptivelmente. Estamos com esse procedimento ligando mente e corpo, estamos ativando o **embodiment** ou a **corporificação**.

A intensificação permite que o córtex reconheça e registre uma configuração motora. Intensificar-se fazendo os aumentos de intensidade passo a passo, reconhecendo um *design*, testando suas **amplitudes em graus**. Intensificam-se e desintensificam-se ações e anatomias.

**Menos é mais**, recomenda Keleman (1992), com sua praticidade americana. Faça menos para se sentir menos representativo e mais agente do esboço motor em questão, assim você pode perceber **esse** comportamento, **essa** atitude, **essa** presença. Quando você faz a ação mais sutilmente, você vive a intensidade dela e identifica o sentido do que está fazendo. Identificar-se com o sentido do que se está fazendo. “Estou fazendo **isso**”, então, uma nova forma se inclui no seu repertório. A Evolução salva comportamentos bem-sucedidos. Uma ação bem integrada na memória da estrutura emana de você e se comunica com os outros corpos. As formas dos corpos conversam entre si formando novas redes. Podemos chamar isso de **co-bodying** ou **co-corpar**. Esse é o princípio da produção da diferença.

- Rápidos solos: alguns alunos se voluntariaram para fazer o corpo dos modos e como silenciam
  - ... **silenciar**, para a Natalia, é contrair as costelas, mantê-las apertadas e ausentar-se do rosto... forma comportamental é a resposta de um corpo.
  - ... **silenciar**, para o Sergio, é imobilizar o diafragma torácico e desviar sua atenção do ambiente olhando para os próprios pensamentos...
  - ... **silenciar**, para a Ana Paula, é contrair os tubos profundos e mantê-los contraídos...
  - ... **silenciar**, para a Dafne, é esvaziar-se, zerar intensidades...
  - ... o Caio modela **seu silêncio** levando os ombros para trás, os olhos para cima e o peito para a frente...
  - ... o Fernando **silencia** empurrando a nuca para trás e baixando a garganta...
  - ... a Mariana contrai e desativa a excitação no tórax e ativa um lugar para si na barriga...

O que vislumbramos nesse procedimento é que estamos lidando com a possibilidade de **editar** nossos comportamentos estruturados. Isso é o que chamamos de **atualização de si**, dos modos de conter as próprias intensidades e conectar-se com o acontecimento presente.

O neurocientista Gerald Edelman (1987) tem um livro que se chama *The Remembered Present* (O Presente Relembrado), no qual nos faz compreender, de alguma maneira, que nossa estrutura somática existencial, o que somos hoje, é esse presente continuamente lembrado. Sim, memória é o que prossegue funcionando enquanto não se desvanece em sua des-utilidade. Mas quanto mais mergulhamos no **processo formativo** e o ativamos, relacionando as ações com postura, atitude, forma, imagem, mais trazemos para o presente essas formas. Vamos ativando sua potência. Comportamentos que estavam empobrecidos, minguados, vão sendo ativados, diversificando-se em novas variedades de comportamento. Isso é **trabalhar pela biodiversidade subjetiva ou produção de diferença**, ou, em outras palavras, para o aumento da potência formativa e da potência heterogênea, que devem trabalhar como duas mãos.

Experimentamos, nesse cuidado que tivemos com as formas do silêncio aqui transcritas, esse resgate e essa reativação de comportamentos. Vimos, passo a passo, como, ao reativá-las, de modo paciente, metódico e artesanal, reanimamos a potência de prosseguir produzindo a nós mesmos no presente. Isso é a clínica que se pratica no ensino formativo. Mas também é filosofia, biologia, ecologia, política, literatura, cinema. A transversalização é essencial para o ensino do acesso ao presente.

Hoje, em agosto de 2020, ao finalizarmos este texto, nos achamos no Brasil, imersos na ecologia corona-bozo<sup>20</sup>. Seguimos, enquanto a

---

20 Essa é a forma passei a me referenciar a um acontecimento que associa a pandemia do coronavírus acontecida em 2020 (o nomeado COVID-19) sob a gestão de um governo fascista e autoritário, liderado pelo então presidente Jair Bolsonaro. Líder reconhecido por suas arbitrariedades e absurdos que levam uma

sorte e o cuidado nos permitem, formando corpo em graus do espectro exposição-proteção.

As estratégias formativas e cartográficas cujo desenvolvimento, aplicação e aprimoramento descrevemos anteriormente seguem úteis, tanto na clínica quanto no ensino, na vida...

Vejamos os oito passos a observar:

- Mapear nossas vidas em meio às transformações.
- Identificar nosso funcionamento.
- Estudar nossos comportamentos sustentados pelos padrões corporais e emocionais.
- Buscar novas formas que permitam maior contato com as formas de continuidade da vida.
- Praticar mudança.
- Compartilhar experiência.
- Fortalecer nossa capacidade de vínculo.
- Assumir que nunca mais seremos os mesmos.

## REFERÊNCIAS

**ALEGRIA, Alegria.** Intérprete: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso. *In:* CAETANO Veloso. Intérprete: Caetano Veloso. [S. l.]: Philips Records, 1967. 1 disco vinil, lado A, faixa 4.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O anti-édipo.** São Paulo: Editora 34, 1972.

EDELMAN, G. **Neural Darwinism: The Theory of Neuronal Group Selection.** Cambridge, MA: MIT Press, 1987.

---

parcela significativa da população a apelidarem-no jocosamente de Bozonaro, em referência à figura do palhaço controverso, criado em 1946 pelo americano Alan Livingston, que teve espaço no cenário televisivo do Brasil na década de 1980, através da interpretação de variados atores.



FAVRE, R. Corpos na multidão, medusas nos mares, bombas pulsáteis: uma incursão no campo corporalista. **Revista IDE**, São Paulo, v. 38, n. 61, p. 63-78, ago. 2016.

FOUCAULT, M. Michel Foucault: the cuture of the self. 1 video (1h05min23s). Publicado pelo canal **The Philosopher King**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zscNlLoMuFo> Acesso em: 22 fev. 2023.

GUATTARI, F.; ROLNIK S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Multidão**: guerra e democracia na era do Império. São Paulo: Editora Record, 2004.

JAMES, W. Psychology: briefer course. *In*: **THE Works of William James**. Cambridge: Havard University Press, 1984 (publicado originalmente em 1892).

JOSEPH Beuys. **Wikipédia, a enciclopédia livre**, [s. l.], [2022?]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph\\_Beuys](https://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph_Beuys) Acesso em: 23 set. 2020.

KELEMAN, S. A biological vision. **The USA Body Psychotherapy Journal**, [s. l.], v. 6, n. 1, 2007.

KELEMAN, S. **Anatomia emocional**. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

KELEMAN, S. **Corporificando a experiência**. São Paulo: Summus Editorial, 1995.

**LONDON, London.** Intérprete: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso. *In:* CAETANO Veloso. Intérprete: Caetano Veloso. [S. l.]: Philips Records, 1971. 1 disco vinil, lado A, faixa 2.

REICH, W. **Análise do caráter.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

ROTH, P. **Complô contra a América.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

SEVCENKO, N. **História da vida privada no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

# *Trânsitos (im)possíveis*

*Katia Aguiar*<sup>21</sup>

*Mariana Fiore*<sup>22</sup>

[...] com o tempo da experimentação, evitaremos ficar reféns do medo e do sensacionalismo anêmico, da biotecnologia hipnótica, dos modelos neurotizados que nos querem impor, sim, não ter medo do corpo insano-em-nós.

(Luís Serguilha)

---

21 Psicóloga e professora associada do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia na linha de pesquisa Subjetividade, Política e Exclusão Social.

22 Psicóloga clínica, professora de ensino fundamental I, mestra e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## PANDEMÔNIO

Um convite oportuno à escrita desloca a nossa atenção que flutua e ancora, em velocidades variadas, nas atividades que se misturam e se sobrepõem, em revezamento entre a produção e a reprodução da vida, tensionando o espaço doméstico. A condição remota, certamente, intensifica e aprimora a sensação de trabalho sem fim. Em remoto controle, estamos entre aquelas que tiveram as condições de possibilidade de adaptar suas exigências profissionais à pandemia. Ocupamos o posto de privilegiadas frente aos milhares de desempregados, de precarizados; de pessoas canceladas porque só poderiam trabalhar presencialmente. Deslocamo-nos a pé nas redondezas, fazemos uso de carro se a necessidade ou alguma urgência nos convoca a maiores distâncias. Os enquadramentos dominam os dias. Não bastasse a letalidade do vírus, as notícias falseadas e mensagens contraditórias sobre como proceder em meio à contaminação disseminam desordens e alimentam o caos.

Contados quase 200 dias de uma quase clausura que suspendeu férias, adiou encontros, desmontou planejamentos e embaralhou referências que orientavam nossos deslocamentos, recebemos imagens, fotos de uma cidade localizada no Rio de Janeiro. Contando a história de uma cidade e descrevendo suas atividades e os costumes de seus habitantes, um pequeno texto escrito compõe com essas imagens e finaliza nos convidando a imaginar que, se todas as pessoas perdidas até aquele momento pela COVID-19 no Brasil ali morassem, a cidade estaria vazia. Uma cidade fantasma. A morte de mais de 100 mil pessoas impressiona, mas não basta para que governantes revertam prioridades no apoio às populações mais duramente afetadas pelas condições desiguais de existência. A morte de mais de 100 mil pessoas também não basta para barrar as festas, os bares lotados, para que sejam esvaziados os cofres públicos no socorro às vidas em risco. Ao contrário, a palavra de ordem é aquecer a economia,

reabrir o comércio, as escolas, desativar hospitais de campanha, voltar à normalidade.

Em nós, a parada urgente e necessária suprimiu signos de um ritmo cotidiano e suspendeu trajetórias que desenhavam certos territórios: o relógio, a escola da filha, o barulho estridente da porta de ferro do antigo boteco da esquina se abrindo, a militância do companheiro, as aulas e reuniões, a música de um ensaio de piano, as barracas da feira se armando na praça, os gritos alegres de crianças... Percebemos que suas repetições, em intervalos de tempo, nos faziam experimentar controle. Sabíamos o que estava por vir. Os marcadores de uma rotina desapercibida, silenciados, nos colocam de cara com os nossos costumes. Uma vida acostumada? Seria a nossa vida aquela que o poeta não gostava e que, carregada de palavras que nos aceitam como somos, nos fazem prescindir de sermos Outras?

Pensamos sobre a vida como ela era antes das desarrumações da pandemia: lembramos como incontáveis o número de vezes em que o mal-estar se instalou, tirando nossa energia, expondo o tédio que se avizinhava arrastado pelas rotinas. Incontáveis também foram os momentos em que olhamos criticamente para o acumulado de tarefas, para a aceleração imposta nas relações de trabalho, nas cobranças por resultados e produtos; incontáveis foram os momentos em que nos vimos rebeldes. Por isso, agora, não há como disfarçar a surpresa: como podemos nos flagrar andando pela casa procurando agenda que nos ancore e nos tire dessa sensação de deriva?! Entre a conhecida exaustiva rotina e o desconhecimento ameaçador sobre o que virá, o medo força o lugar de centralidade na cena, empurrando e sufocando um possível respiro, num tempo que, por vezes, nos parece em suspensão.

Nos curtos circuitos de amizades, redes de apoio mútuo e de conversações, chegamos a tecer alguns acordos sobre o que nos acontece. A quarentena, um tempo em suspensão, é experiência de passagem. O que estamos fazendo com o nosso tempo? Quais sentidos atribuímos ao tempo? Parar, silenciar, diminuir tudo, esse foi o convite inicial,

olhar para o que estava colapsando, reparar. Olhar para o esgotamento. Existe uma nova compreensão sobre o tempo que estamos vivendo? Não havia tempo. Não havia tempo para cuidar. Escutamos que existem outras temporalidades, e aceitar esse momento é observá-las com disposição à criação. Mergulho profundo no desconforto como índice de potência criadora. Não sabemos quais serão as próximas perguntas...

Diante da indiscutível excepcionalidade de nossas condições, da acentuada imprevisibilidade que abalou planejamentos e prioridades, desconfiamos da profusão de análises que desde logo pareciam antever nosso futuro próximo. Longe desse caminho de busca por soluções mágicas, apostamos considerar o que nos afeta, a forma como somos afetadas nas redes de informação-trabalho-cuidado. Reconhecemos que menos é mais. Que o consumo e a produção estavam e estão fora dos limites porque a lógica da produtividade não tem limites. Nosso corpo, sim. Damo-nos conta do que temos? Que recursos (ainda) existem?

As imagens que se atravancam nos bombardeios das informações que nos chegam, muitas em tempo real, pedem a nossa atenção como expectadores, podendo mesmo nos tetanizar numa espécie de presenteísmo enquanto as demandas seguem em ritmo acelerado. Condição oportunizada pelas invenções tecnológicas e seus usos, dizem algumas análises. A esse modo de experiência com o tempo, a que temos nomeado como o de nossa rotina, queremos endereçar algumas considerações. Esfregamos e apertamos nossos olhos para, em seguida, procurar outra visada que também é nossa e que nos coloca ao lado daquelas que “alguma vez já desconfiaram que essa vida morna e tola que nos é oferecida e alardeada como a única possível, desejável e saudável esconde outras tantas” (PELBART, 1993, p. 8). Que fios de tempo foram puxados esgarçando nossas rotinas?

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.

Nesse ponto sou abastado.

Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito.  
Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,  
que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas  
da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva, etc., etc.  
Perdoai.  
Mas eu preciso ser Outros.  
Eu penso renovar o homem usando borboletas.  
(BARROS, 2013, p. 61).

É cedo ainda. Na alvorada de um dia em pandemia, recebemos mensagens de mulheres moradoras da Baixada Fluminense. A iniciativa de aproximação entre algumas delas, que foi anunciada no final de 2019, se fortalece agora, ganha outras tantas adesões tecendo redes de apoio e cuidado. Logo nos dias seguintes, saberíamos de outras iniciativas, ações, projetos, mutirões. Em trânsitos acelerados, elas empurram fronteiras, traçam outros territórios existenciais. Ouvimos críticas a desqualificar o movimento, classificando-o como caridade, e lembramos que uma política de sobrevivência não existe sem uma política de resistência (DIDI-HUBERMAN, 2017). Corpos-malandras sabem bem que são alvos móveis do policiamento, o qual age em favor das violências de Estado. Seguem. No seu ritmo gingado, driblam o vírus, o sofrimento, o luto insistente diante de perdas históricas. Dobram, movem, (sobre)vivem. Seguem e nos levam junto. Tomara.

## DOBRAR

Recebemos origamis e nos lembramos das brincadeiras infantis. Fazer pipa, barco, chapéu, balão. Corta, marca, dobra, redobra... Passávamos horas tão atentas a refinar os gestos necessários à montagem de cada brinquedo que parecíamos esquecer o tempo... Também nos esquecíamos do tempo com os contos infantis e, embora para algumas de nós fosse aborrecido, aquelas histórias contadas na escola tinham o

seu fascínio quando nos faziam pensar sobre as civilizações, as rotas dos descobrimentos, as festas e costumes, as revoluções e as guerras, as devastações nos regimes de dominação... Movimentos e eventos que fazem coincidir tempo e história, como a que costuma ser contada nos livros escolares, nos meios de comunicação, nos filmes; uma história contada pelos vencedores, diria Foucault (2015).

Nos primeiros meses de quarentena, o tempo compareceu intencionalmente como tema em diferentes narrativas: perda de tempo, tempo oportuno, esquecimento do tempo, falta de tempo... A insistência parecia indicar um incômodo generalizado com o não saber fazer diante das inusitadas condições que se instalaram a partir da suspensão das rotinas. A cada dia somávamos abalos provocados pela chegada do vírus entre nós. Como foi difícil pensar aqueles dias que nos tomaram com o imprevisível! A brusca freada desacomodou as relações, os afazeres na casa, os afetos. Chegamos a escutar relatos que referiam desarranjos nos órgãos do próprio corpo, tamanha a violência das notícias. Abalos próprios de um acontecimento que parece raspar sentidos e reverter valores.

Entre debates sobre a catástrofe, o colapso terminal e a possibilidade de uma virada civilizatória radical; entre o confinamento, o estado de exceção permanente e a oportunidade de emergência de novas solidariedades, em versões possíveis de um mundo por vir, procuramos intercessores para pensar o presente. Em redes de conversações, ainda que saibamos provisórias as análises, avaliamos pela importância de seguir tecendo certo plano de consistência que nos socorra a sustentar indagações nascentes. Das heranças da modernidade nos chega a imagem de um tempo linear, sequencial, encadeado em passado-presente-futuro, portador das ideias de ordem e de progresso, de certo modo de conhecer. Uma racionalidade que opera por cisões e por hierarquizações, desqualificando ou eliminando o que não se faz à luz do modelo de verdade, afirma o sujeito educado, disciplinado, civilizado: a branquitude como sujeito universal.



Essa imagem do tempo, com a qual reconhecemos uma vida que pode ser planejada – fazeres controlados para o cumprimento de metas, dispostos em cadeias evolutivas e sequenciais –, guarda saberes sequestrados e silenciados. Um modo de governo fazendo durar nossa colonialidade. No contemporâneo, os estudos sobre o tempo nos dizem que ao lado do tempo cronometrado, que se hegemoniza no cotidiano das práticas sociais, outras tantas imagens se desenham e expressam diferentes experiências (ciclos da natureza, espiral, aceleração, exponencial). Já não é possível manter a ideia de apenas uma linha do tempo.

No tempo contínuo dos presentes encadeados (Cronos), insinua-se constantemente o tempo do Acontecimento (Aion), na sua lógica não dialética, impessoal, impassível, incorpórea: “a pura reserva”, virtualidade pura que não para de sobrevir. (PELBART, 2017, p. 35).

O virtual diz do que existe em potência, como força, que pode ou não se atualizar. Nesse plano nada está pronto, não há formas ou fórmulas a serem acessadas ou consumidas como numa exposição de possibilidades. O que aí se coloca é o problemático, a complexidade de tendências que acompanham tudo o que consideramos como existente a partir de nossa percepção acostuada, atualizações formais, como objetos e sujeitos. Assim, a atenção problematizadora a uma situação ou a um modo de existência abre acesso à multiplicidade das forças que lhe correspondem e provoca um retorno mutante, o qual faz diferir a entidade no plano atual. Movimento de criação no acontecimento.

O intempestivo, rompendo as continuidades, pode arrastar as categorias fixas e os enquadramentos com os quais exercemos julgamentos morais que atam e constroem a variabilidade da vida. Numa ética do devir, aproximamo-nos do acontecimento como singularidade cuja apreensão não passa pelo reconhecimento, daí a experiência

imediate da surpresa com o que entendemos ser uma falta de sentido, quando o que a imprevisibilidade do acontecimento expõe é a sua implicação com uma outra lógica do sentido. Daí o desafio de ir além da apreensão do que fazemos com o nosso tempo, ampliando os nossos sentidos e acolhendo outra lógica. Em lugar de nos perguntarmos “o que fazer com o nosso tempo?”, fazer o tempo. Tempo-multiplicidade, coexistência de temporalidades heterogêneas, tempo-rizoma, tempo-dobra.

Queremos então ficar com o tempo como problema, pois ele nos provoca a pensar a subjetividade como experiência complexa, que abre o sujeito enquanto entidade espacializada ao tempo-multiplicidade. Essa perspectiva permite abordar a subjetividade como processo, observando sua dupla inscrição: macro e micropolítica. A consideração da macropolítica se faz quando nos referimos aos movimentos empreendidos pelo sujeito entre os códigos postos como norteadores de trajetórias na política de representação. Desde as ações públicas cidadãs até as relações consideradas mais íntimas nas quais convocamos e somos convocadas em nossas identidades (professora, mãe, mulher, militante), o que ganha protagonismo é o sujeito moral necessário à circulação no mundo, mas absolutamente insuficiente para dar passagem à potência de criação. O que aqui encontramos é que, apesar da importância de habitar o registro das lutas fazendo frente em variadas modalidades de resistência ao poder, acabamos capturadas nos limites da forma-sujeito.

A pandemia como acontecimento (analisador) das vidas no regime de colonialidade capitalística ganha os corpos em suas diferentes práticas com o mundo ao redor: na experiência macropolítica e na experiência micropolítica – aquela “das forças que agitam o mundo enquanto corpo vivo e que produzem efeitos em nosso corpo em sua condição de vivente” (ROLNIK, 2018a, p. 10). É dessa vitalidade que podem se abrir outros universos de referência a sustentar, mesmo que provisoriamente, vetores na criação de possíveis e o retorno necessário à mutação do que se encontrava posto como

natural – modos de pensar, de sentir, de agir. Esses modos são dobras do tempo que, a depender do que agenciam, podem efetuar desvios ensaiando políticas de existência outras ou aderir a modelos, fazendo durar a lógica do sentido dominante.

A pandemia, intensificando os efeitos das condições desiguais de existência, e a quarentena, em seus procedimentos e recursos protetivos de isolamento (casa, máscaras, telas, luvas), fazem funcionar o controle pelo distanciamento, restringindo e incitando a mobilidade dos corpos coletivos. Nem todos podem se isolar, muitos devem sair, deslocar-se a longas distâncias, guardar seu lugar nas filas dos bancos, seguir na linha de frente de atendimentos à população. Tão logo acordamos da urgência que nos colocou num movimento de retração até nos sentirmos em parada forçada, vimo-nos presas no conflito entre a ética do cuidado de um corpo coletivo e as inquietações de nossos corpos indisciplinados frente ao poder que bloqueia o movimento e que nos obriga à imobilidade.

O vírus, em sua força analisadora, opera por varredura de inutilidades descartáveis, fixando corpos e escancarando enquadramentos perpetrados em nossa vida-capital: raça, classe, CEP, gênero... A que corrimão, maçaneta e alavanca, as mãos do povo mais abastado vão recorrer quando sentirem escorregar? Lá, lá, lá, lá, lá! Não tem problema cair, do chão não passo! O que vem de baixo não me atinge! O tempo passou a correr, a correr, a correr... e o mato cresceu ao redor... Na clausura, a visão se encurta e a pele escama, o mundo também está enquadrado nas telas. Nada de contatos. De que serve saber dobrar pipas, redobrar barcos e balões, se não podemos soltá-los? Alguma dobra pode nos mover sem sairmos do lugar? Devir criança, malandro, bicha. “Em que direção se procura um desejo coletivo? Quais intervenções poderiam ajudá-lo a sair das territorialidades que o cercam?” (GUATTARI, 1981, p. 67).

## MOVER

O golpe de 2016<sup>23</sup> pareceu-nos surpreendente e teve mesmo a força de um acontecimento. É claro que vínhamos, há algum tempo, colhendo insatisfações, conflitos e impasses por certa tensão instalada no cotidiano das vidas nas suas relações com as instituições. A implementação de políticas indutoras (compensatórias, reparadoras, inclusivas) criaram, nas últimas décadas, condições para a emergência de novos problemas ou para que aqueles mais antigos ganhassem centralidade. Hoje lembramo-nos de conversas infinitas naqueles dias quando ensaiávamos o “não vai ter copa!”<sup>24</sup> e de acaloradas discussões sobre

---

23 O ano de 2016 foi especialmente difícil para o Brasil “devido ao inaceitável golpe político e suas inúmeras implicações econômicas, políticas e sociais. O golpe, de fato, acabou determinando o clima e o ritmo do ano, já que envolveu incansáveis e intermitentes manobras institucionais e de mídia que mantiveram as relações políticas e sociais em um estado de convulsão prolongado, dolorido e desagregador” (FREIRE *et al.*, 2016, p. 1). Para aprofundamentos sobre a caracterização do Golpe de 2016 ver também:

WANDERLEY, G. **A democracia impedida: o Brasil no século XXI**. Rio de Janeiro: FGV, 2017.

JINKINGS, I.; DORIA, K.; CLETO, M. (orgs.). **Por que gritamos golpe?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016. Esta última publicação traz uma coletânea de artigos multidisciplinares, os quais, a partir de perspectivas variadas, proporcionam análises sobre a dinâmica do processo de impeachment. O livro foi escrito por 30 autores, entre pesquisadores, professores, ativistas, representantes de movimentos sociais, jornalistas e figuras políticas.

24 O movimento “Não vai ter copa” foi uma série de manifestações sociais de rua que ocorreram entre 2013 e 2014 nas capitais onde aconteceriam os jogos da Copa do Mundo de 2014. Denunciavam os gastos excessivos e superfaturados em relação à construção de estádios dentro do “padrão FIFA”, em contraposição à ausência de investimentos públicos em direitos sociais como saúde, educação, moradia e saneamento. Para saber mais sobre o movimento, ver: <https://apublica.org/2014/02/quem-grita-nao-vai-ter-copa/> Acesso em: 16 set. 2020.

as consequências negativas de hospedarmos os jogos olímpicos, projeto que chegou a marcar o índice de rejeição de 60% da população. Lembremo-nos também das repressões desproporcionais às manifestações públicas, do recrudescimento das invasões às favelas no Rio e da lei antiterrorismo, que tratou de tipificar e de definir procedimentos punitivistas para o que se julgar crime daquela natureza no território brasileiro, decisões consideradas por nós desatinos federais.

Estávamos em lutas, envolvidas em diferentes e intensos conflitos localizados que tornavam instáveis as coordenadas estabelecidas, norteadoras da impulsão de nossos movimentos. A exposição de contradições históricas tão atuais das injustiças raciais e a proliferação dos debates, experimentações e práticas singulares nos movimentos de mulheres, teciam cumplicidades e ganhavam força interpelando nossas heranças patriarcais. Certamente, como na canção “Novo tempo” (1980), nos sentíamos mais crescidas, atentas e mais vivas para nos socorrer e sobreviver. Não foi à toa que no ano de 2019 evocamos em unísono o “violador és tu!”<sup>25</sup>, unindo gerações e continentes na diferença. Manifestações, manifestos, improvisos, coreografias e *performances*: enlances em movimentos singulares de reapropriação da força vital que nos pertence.

Estávamos em lutas, fomos golpeadas! Um golpe que se fez no uso mais sórdido e vil das alianças entre instâncias de representação macropolíticas, forças policiais repressivas e interesses espúrios do rentismo (inter)nacional, cassa nossa escolha feita nas urnas. O golpe se fez também na recuperação, pelo poder e pela força mais bruta,

---

25 Música de protesto criada pelo coletivo feminista chileno Lastesis, que convocou uma intervenção performática no Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres em Santiago. Ao ser postada nas redes sociais, a música viralizou em outros continentes, gerando novas ondas de protestos. Para assistir ao vídeo e saber mais sobre o movimento, ver: <https://www.publico.pt/2019/11/27/p3/video/o-violador-es-tu-a-musica-de-protesto-das-mulheres-do-chile-que-esta-a-arrepiar-o-mundo-20191127-180412> Acesso em: 16 set. 2020.

daquela vitalidade de um (oportuno) tempo Kairós. Sim, ele se liberava nos cortes desestabilizadores operados nos encontros instaurados por algumas (novas) políticas dos corpos que, de modo intermitente e provisório, suspenderam invisibilidades, silenciamentos e mortificações. Ao lado da irrupção de falas, seria necessário efetuar outros possíveis a partir de novos agenciamentos corporais (LAZZARATO, 2010), precisávamos de espera. Contudo, aquela linha de criação e seus corpos raros e inúteis, porque liberados das forças de sujeição e de servidão, com centelhas de mutações por vir, desviam, dobram e acentuam as potências de abolição da germinação de possíveis. Na sequência, outros tantos golpes iriam nos levar a um pandemônio impensável. Com Guattari, observamos que o mergulho caótico faz ruir antigos universos de referência, desintegra antigas práticas e porta potências de recomeços, de construção de mundos: como, “a partir do mergulho caótico atual, construir outro tipo de Brasil”? (UNO, 2016, p. 116-117).

O alarme acionado no avanço da contaminação pela COVID-19 colocou-nos em diferentes posições e condições de isolamento. Como afirma Daros no primeiro capítulo desta obra: “[...] junto das modulações do tempo, sempre ele, o espaço, circunscrito. A famosa dupla aqui-e-agora nunca fez tanto eco. Quando se confina o espaço, os corpos inevitavelmente se atritam. Inclusive consigo mesmos” (p. 30).

Diante de um tempo insólito, relatos de torpor e analgesia, de pausas prolongadas, narrativas de impotência e de imobilismo e da vontade de se livrar de si mesmo (!). A disritmia provocada pelo golpe intensificou em nós a tendência a interpretações precipitadas sobre nossa inação, atribuindo a esta negatividade e qualificando-a como expressão de impotência. Sobreimplicadas com a aceleração produtivista e com as exigências de êxito, não suportamos a pausa, o não entendimento, a suspensão que parece nos roubar sentidos. Se desde o golpe acusamos uma inoperância do corpo coletivo, os impedimentos e os cuidados nos enquadramentos da pandemia recolocam

a questão da inação nos termos de uma paralisia em cada uma de nós, em cada vida.

Entre acusações cruzadas que teimam buscar o inimigo em polarizações, espreitamos os riscos do desalento, de ficarmos na angústia, presas entre o cansaço e o esgotamento. Foi na intercessão da arte-filosofia de Deleuze que apreendemos essa modulação e pudemos “localizar” a angústia entre o cansaço decorrente do moto-contínuo das atividades de realização de possíveis, vida contida em preferências, objetivos e projetos que fazem da escolha um consumir de possibilidades já dadas; e o esgotamento de objeto, de si mesmo e do mundo, que convoca à criação de possíveis. Renunciando a qualquer ordem de preferência e de significação, o esgotado “combina o conjunto de variáveis de uma situação”, sem cair “no indiferenciado, ou na famosa unidade dos contraditórios, e não é passivo: está-se em atividade, mas para nada” (DELEUZE, 2010, p. 69). A angústia, condição para criação, pausada entre a possível retomada da atividade e a pura inação, hesitação: “simples brincadeiras do tempo com o espaço, ora com uns brinquedos, ora com outros” (BECKETT, 1953 *apud* DELEUZE, 2010, p. 7).

Recordamos que muitos foram os momentos nos quais não conseguimos falar, não encontrávamos caminhos para dizer dos nossos sentimentos, “qualquer coisa que quereria falar e não pode” (GIL, 2001, p. 218). Demoramos a encontrar na leitura a indicação de que a linguagem é do domínio do possível e, daí, a insuportabilidade da palavra, a gestualidade e o silêncio em Beckett compõem a tecitura das conversações em torno do esgotamento (DELEUZE, 2010; PEL-BART, 2013). Daí também, a importância do movimento de ligação das imagens e dos gestos, da emoção que irrompe dos gestos e que se encontra num estrato não verbal.

Qualquer coisa que passa entre a fala e o silêncio é o murmúrio do corpo que compõe o seu sentido irradiante. Não o seu contexto, mas aquilo que toda a fala produz sobre as camadas não verbais

corporais ou psíquicas, ressonâncias, sensações, afectos e movimentos de pensamentos que não pensam nada (GIL, 2001, p. 218).

Para Gil, no trabalho de Pina Bausch<sup>26</sup>, as emoções, os sentimentos e os afetos são forças expressas na materialidade dos corpos e de seus múltiplos gestos, alguns não atualizados. Gestos “que continuam a convocar outros gestos como que para acederem à fala que continua a escapar ao acto [...] corpos virtuais nas vozes e nos gestos virtuais” (GIL, 2001, p. 220-221). O corpo em estado de inacabamento, corpo virtual, multidão de corpos. Certamente, como nos diz o poeta, “a maior riqueza do homem é a sua incompletude” (BARROS, 2013, p. 61).

Nossos corpos se (des)envolvem entre cristalizações individuais e aberturas à política da impessoalidade da alma coletiva, ainda não atualizada. Inventar um povo que falta... Diante do esgotamento, a criação de um novo campo de possíveis, de uma possibilidade de vida como um modo de existência, pressupõe uma nova maneira de ser afetado. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que “toda política é uma questão de afetos e de estruturas de visibilidade” – O que pode nos afetar? Com que intensidade? Através de qual velocidade? (SAFATLE, 2018, p. 15). Essas questões chegam até nós tornando mais urgente a ampliação do campo de análise com o qual temos manejado as problematizações sobre o capitalismo contemporâneo. Se, como adverte Massumi (2016, houve uma mudança qualitativa em como os movimentos do capitalismo (se) movem e o capitalismo aprendeu a se motorizar de um modo imanente a seus próprios movimentos; se, de modo emergente, o capital toma corpo no nível infracorpóreo imanente à existência, ele chegou a uma forma extrema de poder: o poder

---

26 Pina Bausch foi uma coreógrafa, dançarina, pedagoga de dança e diretora de balé alemã. Conhecida mundialmente, ela revolucionou a dança contemporânea utilizando uma linguagem corporal inovadora para seu contexto. Sua história e obra são celebradas no belo documentário de Win Wenders (2011), Pina.



de engendrar. E isso nos confirma e nos coloca o desafio (civilizatório) da crítica radical à democracia e às suas modulações (neo)liberais.

## (SOBRE)VIVER

No habitar das temporalidades hegemônicas, as experiências de desconexão do nosso corpo e das nossas sensações e emoções nos acompanham há tempos. Antes da quarentena que nos enclausurou, o cansaço marcado pela permanência de uma vida em repetição rotineira e automatizada era o mote narrativo que inaugurava repetidamente os relatos no consultório de psicologia. A intensificação do que tínhamos como experiência limite deságua na pandemia rastreando trânsitos (im)possíveis. As sessões clínicas agora estavam embebidas em uma sensação de esgotamento. Os recursos que reconhecíamos no passado não eram suficientes para lidar com aquilo que se agigantou. Na clínica limitada pelas telas, captamos outra qualidade de deslocamento. Como nos diz Pelbart (2015), é a partir desse esgotamento que iremos abrir portas e janelas, mudando de cena, produzindo outra. Interpelar o esgotamento convocando a construção de possíveis como algo que não está dado e põe o imaginário diante do desafio de criar mundo. Imaginação é política.

As famílias que suportaram que as crianças esgotassem seus recursos e vivessem o tédio testemunham a invenção de novas possibilidades e descobertas. As crianças resistem à rotina insalubre das teleaulas e das multitarefas; umas tantas estão sendo vencidas pelo castigo e pela punição. Ingressam precocemente na lógica do cansaço. Elas relatam saudades de seus pares e gosto por terem os pais por perto. Já os adultos encontram-se imprensados entre o trabalho doméstico, um trabalho sem fim, e as demandas das crianças distantes do confinamento escolar. A palavra “rotina” foi reforçada nas inúmeras tentativas de compatibilizar a agenda de pais e filhos, muitas vezes pequenos, na conhecida busca de algumas ou muitas permanências. O retorno a uma vida novamente acostumada foi um modo

de experienciar um tempo assegurado diante de outro tempo que não sabíamos quando acabaria. O tempo que não se sabe, somado à ameaça geral do vírus e da impermanência das condições do viver gerou sintomas de ansiedade e pânico, entretanto, curiosamente, ao sustentar a suspensão e o silenciar de tantos signos, outros deslocamentos foram possíveis.

Aqueles que permanecem quarentenados mergulharam em conversas interiores. O confinamento como impossibilidade de trânsito dos corpos trouxe também suas indagações. Distanciados de seus afetos, aprisionados em si, nas casas, nas telas, vivenciam suas experiências sufocados pelas formas vigentes de existência individual e coletiva. O trânsito possível é algo que não está dado, e a resistência é processo de criação e experiência. As necessidades que se visibilizam nos fluxos de trânsitos pela cidade moldam novas circulações. A experiência de enclausuramento gerada pela quarentena, com tudo encerrado dentro de quatro paredes ou de muitas telas, acentuou a sensação de estarmos em uma panela de pressão. Fomos levados à necessidade de aprender a fazer vaziar sua pressão para não explodir dentro do confinamento. Ou explodir para fazer vaziar (?). Esse é um mote para nos informarmos sobre quais são os afetos do presente que nos martirizam, nos cafetinizam o desejo, para então poder deixá-los morrer em nós.

Para tanto, é necessário fazer contato com as nossas forças destrutivas. Emoções evitadas nos processos de subjetivação hegemônicos, contidas e moralmente classificadas no rol das emoções ruins, as quais habitam um modo de operação do poder que se vale do desejo como arma até o limite do metabolizável. As emoções de tristeza, ansiedade, medo e angústia, alçadas à qualidade de vilãs geradoras de patologias assustadoras, estavam deslocadas de sua funcionalidade de necessários operadores emocionais. Abrir espaço dentro do confinamento tem sido um fio importante a ser puxado para que seja possível “criar uma expressão para aquilo que pede passagem de modo que ganhe um corpo concreto” (ROLNIK, 2018b, p. 91).

Vivemos como quase natural o fato de sermos geridos por outrem. A heterogestão, como institucionalização da dominação, está presente em todas as instâncias de nossas vidas e consiste em estarmos sempre submetidos e escravizados aos que gerem o mundo. Em uma separação entre dominantes e dominados, na medida em que ainda não conseguimos inventar a autogestão, imaginamos essa lógica como insuperável (LOURAU, 1993). Entretanto, a autogestão que encontra condições de existência acontece dentro de uma contradição total, de uma vida cotidiana extremamente heterogestionada. Se nos submetemos a um modo heteronômico, permitindo que sejamos regidos por outrem, não faz sentido estarmos implicados em nós. A análise da nossa implicação, ou seja, dos lugares que ocupamos no mundo, passa a ser um exercício muito doloroso, problemático, porque encoberto pela lógica da dominação dos corpos.

O plano macropolítico e suas (des)orientações de ação diante da pandemia no Brasil escancarou a dependência heteronômica, operando sobre os corpos desconectados. O corpo desalojado de si perde a capacidade de avaliar e se hiperconecta com o movimento capital, processando para o indivíduo o que ele supostamente necessita, na figura narrativa do **tenho que**. Impedidos de nutrir uma relação vinculada e amorosa com o corpo, somos catapultados ainda mais facilmente para a lógica do trabalho sem fim. A bússola que orienta os corpos hoje segue rumo à produtividade inalcançável, à naturalização dos processos de trabalho e de uma certa temporalidade. É que no “regime colonial capitalístico o abuso da pulsão vital nos impede de reconhecê-la como nossa, o que faz com que sua reapropriação não seja tão óbvia como gostaria nossa vã razão” (ROLNIK, 2018b, p. 35). O capitalismo permanece interessado em nossos corpos produtivos e em sua força vital, que o alimenta em sua versão atual. Estamos submetidos aos inalcançáveis níveis de produtividade do capitalismo, dado que a sua lógica é sempre sua própria superação.

A subjetivação produtivista é capaz de promover embaralhamento entre trabalho e vida. Ela esgarça e exhibe nu e cruamente,

ao longo da experiência de quarentena, a cafetinagem própria desse modo de produção subjetivo (ROLNIK, 2018b). A lógica do trabalho remoto intensifica e aprimora essa sensação de trabalho sem fim. Segundo Sir (2020), a modalidade de exploração cognitiva do novo capitalismo extrai lucro condensando à produção na intensificação de uma economia da atenção. As plataformas de informação medem, capturam e dirigem nossa atenção na forma mais eficiente possível. Na sua vertente democratizadora do acesso, elas transformam o tempo livre em tempos de trabalho, de produção e de consumo, os quais, atualmente, encontram-se inseparáveis. Para o autor, a atenção é rentável e vista como vantajosa, portanto, pôr a atenção sobre múltiplos processos é visto como uma qualidade que deve ser estimulada.

Nesse modo de subjetivação responsável por desativar nosso saber do corpo a serviço da otimização da produção, faz sentido controlar emoções que incomodam e desconfortam esse estado de coisas. Elas informam, trabalham, gritam por escuta atenta e acolhimento do corpo e de sua força vital. E, claro, atrapalham a produtividade a qualquer custo, porque insistem na força da afirmação da vida. Seu movimento é de recusa à docilização e à operação de cisão do corpo. Divorciar-se dos nossos fluxos vitais, do que Rolnik (2018b) chama de saber do vivo, não depende de uma escolha individual, mas é um vetor em incidência frequente e hegemônica sobre todos os corpos.

E foi nesse contexto que, distanciados cada vez mais da percepção de uma corporeidade e principalmente das condições subjetivas que a produz, fomos assolados pela pandemia, fazendo o mal-estar que já estava instalado ultrapassar os limites do tolerável. A experiência do trauma é exatamente esse instante em que o mal-estar passa a ser intolerável, momento no qual podemos sucumbir ou abrir um acesso irreversível na importância da vida e da nossa responsabilidade coletiva com ela. Então, como os afetos das forças do presente podem ressoar em nossos corpos como companheiros que atuam para desatar os nós que esses mesmos afetos produzem em nós? Primeiro, é preciso ter em conta que o mal-estar é um disparador de

um alarme capaz de convocar o desejo a agir para recobrar um equilíbrio vital, emocional e existencial (ROLNIK, 2018b).

A questão é que nessa dobra de vida capital colonializada, no contexto neoconservador e neoliberal, a individualização é uma política contemporânea afirmada nas diferentes esferas da existência. A captura de nossos corpos culminou na imersão ainda mais gritante, perversa e obscena de um produtivismo colado a um individualismo que opera sobre nossos corpos de modo radical. Apesar disso, a pandemia evidenciou que a demanda individual por respirar<sup>27</sup> com a cabeça fora d'água tem sido cada vez menos possível. O coletivo, o outro e os agrupamentos são essenciais para a retomada do nosso saber do vivo. A invenção de coletivos e a ativação de um saber do corpo coletivo se colocam como problemas que funcionam no sentido da criação de novas possibilidades a partir da experiência da quarentena.

Se viver é mais do que sobreviver, produzimos (sobre)vivência na experiência. Conforme Daros, no capítulo “O manejo da clínica e o co-corporar em tempos de pandemia: confissões de uma psicoterapeuta em quarentena”: “o ato de gerar corpo [...] diz de uma ação contínua

---

27 A presença do racismo estrutural ganhou visibilidade internacional em 2019, revelando que a impossibilidade de respirar é diferente quando se é negro e quando se é branco. O grito negro por justiça, “*I can't breathe*”, ganhou as ruas nas diferenças radicais que expressa. Revela o corte que a pandemia exprime entre uma fala de morte iminente e uma necessidade de sobrevivência expressa nos corpos dos inúmeros brasileiros que hoje estão com dificuldades para respirar. Aponta o sufocamento que esse regime imputa na intensidade de força criativa dos mais diversos coletivos. O movimento nas favelas do Rio de Janeiro deixa patente que a luta pela sobrevivência está atrelada a um senso de comunidade, a ter outros que nos comparam, e evidencia ainda mais a negligência e a violência absoluta revezando-se em uma dura dobradinha da política de morte do Estado. O acontecimento pandêmico exibiu a potência dos coletivos e da arte como força capaz de produzir ar, espaço e riso, mesmo no sufocamento das antipolíticas culturais e na impossibilidade de uso de espaços de aglomeração como cinemas, teatros e shows.

direcionada ao exercício de uma presença sensível, que acessa o corpo como uma realidade somática que se produz no agenciamento com os ambientes e com outros corpos” (p. 35). O corpo se move mesmo diante da sensação de inércia da quarentena, apesar da falta de caminhadas, corridas e deslocamento para o trabalho. O movimento aconteceu por detrás e entre as telas se valendo da comunicação, da arte, da cultura, da produção de ações coletivas e comunitárias.

A desconexão dos nossos corpos é, portanto, uma experiência diante da dor que parece insistente e sobre a qual não sabemos operar, entender e nos defender. O anestesiamento, a desfetação, a dissociação e a desconexão como defesa, como evitação, é recusa ao que ameaça. É força de resistência operando na tentativa de uma reconexão, uma nesga de força vital, uma sobrevivida. A experiência radical de desconexão pode ser o que inaugura novas conexões, se entendemos que o processo de perda da experiência ainda é experiência. “A experiência não é destruída, mas se deixa capturar pela opacidade cotidiana das zonas de conforto. E, desta forma, é subjetivada como ‘vivência’” (FERREIRA, 2014, p. 720). A distinção entre experiência e vivência ilustra as vivências opacas, que nada mais são do que empobrecimentos subjetivos em série, num estado de sobrevivência.

A centralidade da experiência nos processos de subjetivação revela sua vertente subversiva, pois, “na experiência, a vida passa por nós, somos atravessados por ela, nos sentimos vivos” (FERREIRA, 2014, p. 720). Não sabemos o que pode o corpo, e essa potência de diferir é alimento da experiência. Na perspectiva de uma luta contra o assujeitamento, as subjetividades em revolta se desconectam e reconectam com seus corpos em busca da potência sugada pela dominação. A potência nunca está encerrada e é impossível de ser aprisionada. Se o que temos são os nossos corpos como instrumento de luta, a resistência está no corpo. A resistência como criação é a produção de novos territórios existenciais e novos sentidos de comunidade.

Em meio a políticas de (sobre)vivências, tencionamos deslocamentos entre clínica e política. Nessa dobra temporal da clínica, as

processualidades de dimensões sensoriais, éticas, estéticas e políticas constituem virtualizações. O que interessa são os modos de subjetivação e suas circunstâncias de produção:

Que forças se atravessam e que efeitos estão se dando. No lugar do indivíduo, individualizações. No lugar do sujeito, subjetivação. Como nos conceitos, não se trata de modo algum de reunir, unificar, mas de construir redes por ressonâncias, deixar nascer mil caminhos que nos levariam a muitos lugares (BARROS; PASSOS, 2000, p. 77-78).

Nessa perspectiva, está em jogo “a possibilidade de pensar o campo da clínica nisso que ele tem de potência de se criar e recriar a cada instante” (BARROS; PASSOS, 2000, p. 71). Comprometidas com esse desafio, estamos atentas à abertura de espaço para que as forças heterogêneas de subjetivação possam se expressar o quanto mais possível. Quando essa “experiência está ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática”, mas a própria teoria é prática libertadora (HOOKS, 2017, p. 85-86).

Quando somos dissociadas, capturadas incessantemente por um inimigo invisível, fazer as escolhas pelo que nos potencializa nem sempre é óbvio. Um guia não normativo para uma (sobre)vivência dos corpos em tempos sombrios não trata da domesticação de formas de vida prontas que camuflam o desmanchamento, mas, sim, de sondar o âmago dessa “passividade” para ali encontrar poder de afetar e ser afetado. Para Pelbart (2015), trata-se da necessária escavação até o maior ponto de impotência, de exploração. Nessa experiência, deve-se ir ao âmago da impotência para que seja possível encontrar a potência máxima: ter a força de estar à altura da própria fraqueza e da dos outros, em vez de permanecer na fraqueza de cultivar apenas a força – o que seria uma experiência fascista. É preciso partir

do ponto mais submerso, ali mesmo onde se sofre, onde parece não existir ação para encontrar a força máxima de ativação.

Não falamos de um desejo de algo que falta, da busca ansiogênica e consumista típica do capitalismo contemporâneo. É preciso ter cuidado nessa cilada neoliberal, pois esse desejo entristece, faz permanecer a falta, estimula a necessidade de uma suposta completude. Não podemos permitir o roubo da vitalidade, que não está na capacidade de fazer exercícios incessantemente em casa. A vitalidade nos foi dada a explorar enquanto permanência viva. É preciso cultivá-la. Quarentenados ou não, será preciso abrir espaço por tempo indeterminado, afirmando a vida como processo de expansão, de deriva e de criação permanente.

Nessa prova de resistência, devemos usar uma economia energética que indaga o corpo, o que posso oferecer para o meu corpo, como sinto poder no meu corpo, o que quero, o que preciso, o que anseio. Explorar os alimentos da alma, as bebidas da alma, os livros da alma. Abrir espaço no corpo para esses habitantes e jogar fora os habitantes-hábitos, aqueles que nos deixam tristes. Reconhecê-los não é fácil, demanda conversa, leitura, talvez escrita, errâncias. Fazer a necessária faxina e então deixar ir sem maiores apegos. Não se relacionar com mortos-vivos, preferir os mortos e conectar-se com as suas forças ancestrais. Cultivar seus afetos, seus amores, os seus, cuidar. Suar, deixar que as impurezas saiam, sexualizar as experiências, gozar com elas. Aproveitar seu claustro para gerar ar, respiro e encontrar limites saudáveis – aqueles geradores de contorno, abraço, portos seguros provisórios. Deixar o sol entrar e fazer algo com ele. Deixar queimar, arder, ceder, brilhar. Mudar as coordenadas de enunciação e suspender o lema produtivista do **ter que** para viver, para ser – humano. Um tanto da angústia do bar, porque o mundo vai precisar de gente inquieta e alegre, como nos velhos bares da vida.

Atenção às polaridades. O caminho do meio não é um lugar pleno e habitável como se pensa na tal busca pelo equilíbrio. Mas é o lugar necessário onde o corpo habita e sente as tensões. Oscile e



sinta seu corpo pender para frente, para trás e para os lados, encontrando suas diferentes direções, eixos dinâmicos e enraizados. Sustente essa experiência e, assim, encontrará algum equilíbrio. Sinta seus pés presos ao chão. Encontre o lugar de manutenção em grau de tensão das forças vida-morte-vida. As circularidades e a respiração são exímias ajudantes na tarefa de sustentar. A vida é o que fazemos com os incômodos que nos habitam. Resista. E da manutenção desse espaço, criamos espaços e coletivos capazes de recuperar nossos corpos. O desafio está em aliar a escuta das forças libertárias à possibilidade de sua intensificação na sua produção subjetivante. Essas forças estão presentes o tempo todo. Elas trepidam, por vezes assustam, mas também sabem ser silenciosas. Podem ser silenciadas. Escutar o silêncio é um modo libertador de conectar-se a essas forças.

A partir da noção da sobrevivência dos vaga-lumes, Didi-Huberman (2011) nos convoca às contínuas metamorfoses, das sobrevivências e resistências como novidades reminiscentes, e indaga: a ideia dos lampejos intermitentes como estratégia de sobrevivência dos vaga-lumes não seria a sobrevivência de nós mesmos e da experiência como aquela não passível de morte? Resistência que se propaga no escuro convidando-nos a habitar nossos escuros, lugares onde podemos ver e ser os vaga-lumes. Povoar outros universos buscando por vaga-lumes na mata escura: "para conhecer os vaga-lumes, é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite" (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 52). Emitir seus próprios lampejos e dirigi-los a outros. Uma política das (sobre)vivências, potências resistentes, que teimam e insistem em sua inconstância é um trabalho a ser feito.

Embora o valor da experiência tenha caído de cotação, sua queda ainda é experiência, possibilidade viva no contemporâneo, mesmo que ameaçada e parcialmente aniquilada. O reconhecimento ativo de uma força, mesmo que fraca e de deslocamento lento, se potencializa logo na primeira tentativa de voo. Não é o inimigo que dita o movimento, e, nesse caso, a força que era mínima ganha potência

máxima. Os lampejos intermitentes são subversivos, clandestinos e impalpáveis. Se a força transgressora não fosse revolucionária, não seria reiteradamente abafada, sufocada, asfixiada ao longo da história. O infinito recurso dos vaga-lumes está na sua retirada, não no fechamento sobre si mesmo, mas na força diagonal da sua comunidade clandestina de parcelas da humanidade, esses sinais enviados de modo intervalado, sua essencial liberdade de movimento; sua faculdade de fazer aparecer o desejo como o indestrutível por excelência (DIDI-HUBERMAN, 2011).

Para finalizar, não convém perder a experiência nas condutas paralisantes repetidas em um unísono monótono, pois está dado que chegamos a impossibilidades insustentáveis. Nesse ponto, precisamos não as suportar, descartando a tolerância que violenta e ofusca os contrastes e as opressões. Assumir essa estratégia de combate, tornarmos vaga-lumes formando uma comunidade do desejo e dos lampejos “de danças apesar de tudo, de pensamentos a transmitir. Dizer sim na noite atravessada de lampejos e não se contentar em descrever o não da luz que nos ofusca” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 154), tudo isso compõe uma política dos afetos que insurge fortemente no pandemônio contemporâneo. A sorte está lançada e não é mais possível perder as experiências que oportunizam essa transformação.

## REFERÊNCIAS

BARROS, M. **Retrato do artista enquanto coisa**. São Paulo: LeYa, 2013.

BARROS, R. B.; PASSOS, E. A Construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 1, p. 71-79, jan./abr. 2000.

DELEUZE, G. **Sobre o teatro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DIDI-HUBERMAN, G. **Cascas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vaga lumes**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

FERREIRA, J. B. Sobrevivências, clandestinidades, lampejos: o trabalho vivo da criação literária. **Fractal, Revista Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. spe, p. 715-728, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-02922014000500715&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922014000500715&lng=en&nrm=iso) Acesso em: 18 mar. 2020.

FOUCAULT, M. Genealogia e poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. p. 263-277.

FREIRE, D. G. *et al.* 2016, ano em que o país sofreu um golpe político-institucional, não termina. **Espaço e Economia**: Revista Brasileira de Geografia Econômica, [s. l.], ano V, n. 9, p. 1-6, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/espacoeconomia/2511> Acesso em: 20 ago. 2020.

GIL, J. **Movimento total**: o corpo e a dança. Lisboa: Relógio D'Água, 2001.

GUATTARI, F. Devir criança, malandro, bicha. In: GUATTARI, F. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 64-69.

HOOKS, B. A teoria como prática libertadora. In: HOOKS, B. **Ensiando a transgredir**: educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. p. 83-104.

LAZZARATO, M. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LOURAU, R. **Análise Institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1993.

MASSUMI, B. **O capital (se)move**. São Paulo: N-1 Edições, 2016 (Série Pandemia).

**NOVO tempo**. Intérprete: Ivan Lins. Compositores: Vitor Martins e Ivan Lins. *In*: NOVO tempo. Intérprete: Ivan Lins. [S. l.]: EMI-ODEON, 1980. 1 disco vinil, lado B, faixa 1.

PELBART, P. P. **A nau do tempo-rei**: 7 ensaios sobre o tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PELBART, P. P. **O avesso do niilismo**: cartografias do esgotamento. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

PELBART, P. P. Conferência de abertura: viver não é sobreviver: para além da vida aprisionada. *In*: Seminário Internacional “A Educação Medicalizada: Reconhecer e Acolher as Diferenças”, 3. ed., São Paulo, 2015. **Palestras** [...]. São Paulo: [s. n.], 2015. Disponível em: <https://youtu.be/qaHSIm91OII> Acesso em: 20 ago. 2020.

PELBART, P. P. **Rizoma temporal**. São Paulo: Editora da Cidade, 2017 (Coleção Outras Palavras, v. 5).

ROLNIK, S. **A hora da micropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018a (Série Pandemia).

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 edições, 2018b.

SAFATLE, V. **Um dia, esta luta iria ocorrer**. São Paulo: N-1 Edições, 2018 (Série Pandemia).

SIR, H. La explotación está en otra parte. Por un materialismo (de lo) cognitivo. *In*: MOSCOSO-FLORES, P.; VIU, A. (orgs.). **Lenguajes y materialidades**. Trayectorias cruzadas. Santiago: RIL Editores: Universidad Adolfo Ibáñez, 2020. p. 227-254.

UNO, K. **Guattari**: confrontações. São Paulo: N-1 Edições, 2016.

# *Narrativas do precário: bichos, bichas, monstros e pandemias<sup>28</sup>*

*Alexsandro Rodrigues<sup>29</sup>*

*Marcio Caetano<sup>30</sup>*

*Steferson Zanoni Roseiro<sup>31</sup>*

---

28 Uma versão reduzida e preliminar deste ensaio foi publicada em 2020 pela editora do Núcleo de Estudos de Filosofia e Infâncias da UERJ.

29 Professor associado do Centro de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo.

30 Professor associado e docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL).

31 Professor da Rede Municipal de Ensino de Cariacica-ES e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

O monstro nasce nessas encruzilhadas metafóricas, como a corporificação de um certo momento cultural — de uma época, de um sentimento e de um lugar. [...] O corpo monstruoso é pura cultura (COHEN, 2000, p. 27-28)

Narrativas monstruosas de gente e bicho e de gente que come bicho(a)s, acompanham as histórias que sabemos contar sobre os discursos de verdades das masculinidades tóxicas<sup>32</sup> com as quais nos constituímos sujeitos de um certo tipo, posicionados e situados. Histórias sobre *viados-que-deixaram-de-ser-homens*, galinhas, cabras, éguas e vacas, muitos de nós sabemos contar e, por vezes, somos capazes de localizar, em língua sagrada e afiada, sujeitos encarnados, como nos conta Denise Najmanovich (2001), que tiveram suas vidas devastadas na manipulação dessas histórias cotidianas que dão conta de construí-los com requinte de detalhes minuciosos. Histórias monstruosas e embichadas, essas conhecidas pelas *bichas* e pelos *bichos* e que gostamos de (re)contar, fazem acontecer, na emergência da narrativa, um novo monstro que não se dobrou ao Zepelim, e antes que viessem jogar pedra na Geni, das histórias de Chico Buarque (1977), ele, sabedor dos contos, que sempre se aumentam pontos, e conhecedor das marcas das *toxiCidades* mal ditas, foi viver em muitas bandas. Ele é errático, daninho e andarilho.

Os monstros de nossas histórias, das histórias de gente que come bichas(os), por não nos permitir esquecer, não possui força de extermínio e de morte da carne feita monstro, que se supõe possuir. A

---

32 A categoria busca interrogar os efeitos nocivos dos comportamentos derivados das aprendizagens acerca das masculinidades vividas por homens em suas redes de socialização. Ao compreender que, no geral, as crianças nomeadas como meninos aprendem, no interior da premissa cisheteropatriarcal, a recorrer a instrumentos agressivos e a subjugar para tornarem-se homens, a categoria busca interrogar as hipóteses androcêntricas que alocam as mulheres e homens com as performatividades significadas como femininas enquanto inferiorizados (CAETANO; SILVA JR., 2018).

morte da carne feita monstro não acontece em seu aparecimento e presença. Com ele, porque invenção cultural, força produtiva de um tempo, prolifera nas encruzilhadas da história e de nossos afetos e desejos outras monstruosidades. Sua força está na justa medida que desloca as(os) bichas(os). Com Jeffrey Jerome Cohen (2000, p. 28), podemos saber que: “Nenhum monstro prova a morte mais do que uma vez. [...] o corpo do monstro é, ao mesmo tempo, corpóreo e incorpóreo; sua ameaça é sua propensão a mudar”.

Por isso e com isso, deslocando e mudando, mundando-se imundamente, as histórias narradas de encontros sexuais entre humanos e não humanos, de vez em quando abriam-se a escândalos e risos entre nós. Escandalosamente rindo, nossos monstros compariavam na forma *carne-monstro*, para, logo em seguida, morrer para (re)nascer. O nascer dos monstros se faz acontecer em aparecimentos, quando dele falamos numa política de desigualdade que produz distinção entre monstros e não monstros. Os monstros de nossas histórias são sempre vias de ser em todos nós.

Esses aparecimentos, narrados e contados com vários pontos sempre novos podiam desdobrar em orgasmos com melancias, troncos de bananeiras, cenouras, nabos ou aqueles, sei lá, *viados-que-deixaram-de-ser-homens*.

Encontros fabulosos entre humano e não humano povoavam e povoam memórias e, muitas vezes, firmavam pactos entre os meninos-monstros-viados, vistos como não humanos, com os quais muitos de nós, em momentos efêmeros e fugazes, longe dos olhos alheios, éramos companhias preferidas com os meninos humanos, potência monstro. Sobre a potência monstro, as bichas não podem esquecer que “a identidade sexual desviante está igualmente sujeita ao processo de sua transformação em monstro” (COHEN, 2000, p. 35).

De vez em quando, ouvíamos entre risos maliciosos das crianças feitas monstros: “Olha o olhar carinhoso que aquele(a) cabra tem com fulano(a)”. Tudo era motivo de riso, escárnio, e nossas monstruosidades eram deixadas para lá! Deixar para lá não significa deixar



de existir por dentro de ficções e fabulações. As histórias monstruosas de bichas e bichos não morrem, apenas adormecem.

Por dentro dos (re)nascimentos dos monstros que gostamos de inventar, não mais que de repente, os rumores dessas histórias ganham outros contornos, saindo do eixo das lendas urbanas e rurais para nos avisar, via boatos da vizinhança, telejornais e outras mídias, que romper a barreira entre o humano e o não humano poderia nos colocar diante da morte pública. Nossos corpos morrem, mas os monstros que saem de suas existências, esses não morrem jamais. A morte do corpo-monstro funciona entre as tagarelas como sina e predestinação. A morte do corpo-monstro e das monstros não representaria apenas o fim da vida da matéria orgânica; diferente de outras, ela produziria boatos, designaria e deixaria exposta as marcas que alocariam, à revelia do corpo morto, pertencimentos e comportamentos identitários ditos como pecaminosos e doentios para os usos da carne.

Carne podre, carne-corpo, carne-identidade, carne-barata, carne-bicho-bicha, carne-monstro.

Seguindo esse roteiro torto, nos idos dos anos 80 do século passado, rumores – fazendo funcionar a fofoca, maledicências – anunciando a *necropolítica* (MBEMBE, 2016)<sup>33</sup> como narrativa de nação, nos fizeram parar, tremer os ossos, para inalar a podridão daquilo que ainda não se sabia sobre a pandemia que entrava pelos buracos feitos ou localizados em certos corpos e populações.

Fez-se saber por aqui, na periferia do mundo, com requinte de crueldade, que alguém, gente atrevida em sua monstruosidade, lá em África – e a África é aqui –, ousou romper as fronteiras do humano. Homem-macaco-África em nós e bestialidades se fundem

---

33 No ensaio, o intelectual camaronês pressupôs que a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Neste sentido, o exercício do soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de seu poder.

numa mesma história monstruosa. Desse encontro, não acontece o nascimento de uma outra espécie. O que faz aparecer é a invenção do monstro na bicha e, com ele, a precariedade em que algumas vidas foram expostas e deixadas para morrer. Cohen (2000, p. 32), sobre a carne-monstro, vai dizer que:

O monstro é a diferença feita carne; ele mora no nosso meio. [...], o monstro é uma incorporação do Fora, do Além — de todos aqueles *loci* que são retoricamente colocados como distantes e distintos, mas que se originam no Dentro. Qualquer tipo de alteridade pode ser inscrito através (construído através) do corpo monstruoso, mas, em sua maior parte, a diferença monstruosa tende a ser cultural, política, racial, econômica, sexual.

A invenção do monstro antecede a morte como exemplo!

Os rumores por aqui chegavam em bocas miúdas, anunciando o trânsito na fronteira entre o humano e o animal. Bestialidades que, ferindo as leis dos homens e as de Deus, pagariam com a carne o seu atrevimento. Com esta narrativa cruzada por diferentes forças, fabricando monstros, esqueceram de nos contar que, por essa via, se buscava afirmar os privilégios que algumas vidas, sempre em busca de se afirmar na norma, gozam ao corresponder às expectativas do sistema sexo-gênero cisheteropatriarcal.

Nesses frágeis acordos, afirmava-se que os modos de vida, as práticas democráticas, a fragilidade da estrutura familiar, a liberação sexual, a assunção dos direitos reprodutivos e a reivindicação do direito à diferença ajudavam a dar forma aos monstros.

Nesse fluxo, o monstro na bicha poderia ser localizado e, com um pouquinho de sorte, exterminado. Por isso, homem-macaco e morte responderiam de forma simples o que não se pode explicar.

Não seria bom para a manutenção da lógica cisheteropatriarcal capitalista, em sua necrofilia, que o macaco e a bicha, naquele momento, contassem uma outra versão da história. O macaco, o

humano, o não humano e a fronteira são puras zombarias. Com a mostra Foucault (2006, p. 18), aprendemos que “o que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate”.

Terras devastadas e maximização de pobreza pelas políticas colonizadoras colocavam em mutação, e próximo a todos nós, um vírus malévolos capaz de fazer corpos e populações entrarem em curto-circuito e sangrar até a morte.

As práticas colonizadoras de apropriação das riquezas naturais desapareciam nessas narrativas na mesma intensidade que inventavam seu alvo. África, Haiti, hemofílicos e homossexuais, junção perfeita para o que não se sabia.

Narrativas moralistas, higienistas e marcadas pelo dispositivo da sexualidade e da biopolítica vão comparecendo e formando imagens da morte. De tão repetidas, dizia naquele momento, de modo afiado, de um certo alguém que havia acoplado fisicamente/sexualmente com um macaco. As línguas afiadas diziam o queriam. E daquele encontro, os pecadores que infringem as leis de Deus estavam condenados até a sua sétima geração. A bestialidade era a causa da pandemia. E lá estávamos nós – as monstros africanas, haitianas, hemofílicas e as bichas com a *peste*.

E os que compareciam às portas de hospitais, igrejas, casas de família, santuários e outros lugares sagrados com a expectativa de abrigo carregando a *peste* logo eram taxados de bicho, bicha, besta, anomalia. Pouco importava se você fosse filiado ao partido global da heterocisnormatividade! “Todos falam isso quando veem aqui carregando o *bicho*”, diz o padre/médico/sacerdote/guia/pai/mãe/político.

Afirmar tal lugar de poder privilegiado – “Sou hétero! Gosto de mulher, vagina! Buceta! Não como *bichas!*” – implicava buscar uma garantia de crédito em um meio que não hesitava em apontar dedos para culpar a vida desfalecida dos corpos abjetos.

Bichos, bichas e África são moedas de troca, de barganha, de fofocas, maledicências e disputas. A primeira grande pandemia do

século XX, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (aids/SIDA), marcou corpos como degenerados e dissidentes e determinou que populações inteiras passassem a viver à margem da margem do capital.

Ela ensinou para muitos de nós coisas sobre racismo, direito à cidade, isolamentos, quarentenas, máscaras, armários, plastificação de corpos, sexo, exclusões, mortes e ausência abraços, beijos e de luto.

Diziam, naquela época, que tínhamos a marca da besta na testa, que nosso desejo era sujo e que representávamos perigo para quem ousasse conosco conviver. A ausência de informações confiáveis, aliada à intensa divulgação dos primeiros casos, estampou, de imediato, a nova doença nos haitianos, hemofílicos e homossexuais. Sobre eles – os hemofílicos –, residiam a pena, não tinham culpa. “São dependentes de doações! A culpa é dessas safadas que ousam doar sangue, esse sangue impuro, contaminado!”. Sobre a bicha, o HIV era a pena de morte por conta de nossa existência blasfêmica. O HIV/aids era castigo de Deus, estampava os jornais.

Figura 1 - Histórico da epidemia do preconceito



Fonte: Tavares (2018).

Os haitianos, humanos-macacos no discurso da culpabilidade santificada, herdeiros e produtores de bichas, ora eram perdoados por não conhecerem o mundo – eterna culpa cientificista –, ora apre-  
drejados pela origem da catástrofe. Cohen (2000, p. 330), a este res-  
peito, avisa que: “Representar uma cultura prévia como monstruosa  
justifica seu deslocamento ou extermínio, fazendo com que o ato de  
extermínio apareça como heroico”. Por isso, A Bela e a Fera acor-  
dam entre nós todos os dias!

Quando se sabia que uma bicha estava para chegar da Europa  
depois de tentar a vida na *Bois de Boulogne*, ou que um gay vinha de  
férias dos EUA<sup>34</sup>, logo se começava a dizer, ainda que sem saber,  
que ela estava *beijada*<sup>35</sup>. Estar beijada era uma das expressões usada  
entre nós, somente entre nós, naquele momento, para dizer das vidas,  
feito monstros, que estavam vivendo e/ou que supúnhamos viver  
com o HIV/aids.

As boatarias em torno das pessoas vivendo com HIV/Aids  
davam conta de produzir os *outs* de vários homens que estampavam  
nossos imaginários como o *sex symbol* da virilidade. Os boatos de que  
seus corpos masculinos morreram a partir das implicações da aids  
os levavam à prática homossexual. Seus corpos vivos eram bichas<sup>36</sup>.

---

34 Marsiaj (2003) expôs a complexa relação entre desenvolvimento, desigual-  
dade socioeconômica e minorias sexuais no Brasil. Ao explorar a relação entre  
classe e homossexualidade, o autor defendeu a ideia de que o poder econômico  
orientou os modos como as dissidências sexuais foram heterodesignadas. Esse  
quadro acabou por afetar as relações homossociais e as formas diferenciadas  
com que as redes de proteção contra a discriminação e violência afetaram os  
gays ricos e as bichas pobres.

35 Hoje, nas redes sociais, houve uma multiplicação dos termos usados, os quais  
podem variar entre carimbada, vitaminada, tem bicho, entre muitos outros.  
Podemos dizer, de certo modo, que foi criado todo um vocabulário da vida inva-  
dida e recriada no e pelo vírus.

36 Seria importante destacar a relevância desse debate em torno da AIDS  
nos modos como a masculinidade, até então singular, passou a ser vista. Na

Imagens, narrativas, ciências, discursos políticos, literaturas e religiões cruzavam-se na invenção e no esforço de patentear as bichas como grupo de risco – à sociedade, evidentemente.

Se hoje, em plena pandemia de COVID-19, o grupo de risco é lido como grupo de corpos que precisam de proteção, na pandemia de HIV/aids, o grupo de risco era o oposto da beatificação atual. O racismo de Estado comparecia com as boas intenções dos que ainda viam um restinho de humanidade. Agonizando diante da pandemia, porque degeneradas, espécie ruim, nos deixaram morrer sem qualquer política de lamento e luto (BUTLER, 2016; FOUCAULT, 2010).

As notícias davam conta de legitimar a violência e afastar o doente, orientavam os jornais:

Quando houve a peste suína no Brasil a solução foi a erradicação completa dos porcos ameaçados de contágio. Portanto, a solução tem de ser a mesma: a erradicação dos elementos que podem transmitir a peste gay. Só assim se acabaria com a AIDS. (CÂMARA, 2002, p. 86).

Com nossos corpos marcados com os monstros a nós inventados, fazíamos-nos bichas nervosas! E, como bichas e bichos monstruosamente nervosas, gritávamos naquele momento para quem quisesse ouvir que “NOSSAS VIDAS IMPORTAM!”.

---

década de 1980 e grande parte da década de 1990, a sigla AIDS e a identidade homossexual masculina eram entendidas enquanto sinônimas. Se a AIDS, inicialmente, marcou os corpos viris como gays, ela também produziu um deslocamento nos modos como eram vistos os homossexuais. Em outras palavras, a representação hegemônica marcada e definida pelos estereótipos de gênero, entendida como a bicha, foi borrada pelos signos da heterossexualidade. Neste sentido, um homem com todos os símbolos da virilidade podia ser gay. Esse, entre outros aspectos, pontua a crise dos marcadores da masculinidade pulverizando suas performatividades e a tornando, no mínimo, plural (RODRIGUES; CAETANO; SILVA, 2019).

Certo dia, o vírus, porque gozando de outros poderes monstruosos, disse para todo mundo: “Quem tem buraco que se cuide! Eu não faço distinção de classe, cor, religião, territorialidade e sexo”. Somos essa gente-bicho-bicha que, rompendo a aridez das verdades do sistema sexo-gênero cisheteropatriarcal, com suas narrativas que fazem bois dormir, construímos conhecimentos, alianças e somos desejosas de vida.

Quase 40 anos depois do primeiro diagnóstico de HIV/aids, quando os monstros pareciam não mais nos assombrar, eis que surge outra história de fronteiras e monstruosidades que vai nos dizer que um certo alguém comeu um certo bicho. O bicho da vez é um morcego selvagem.

E o que muda nesta história? Quase nada. Lá está o encontro entre a humanidade, o bicho e o território. Lá está a monstruosidade do outro. Desta vez, rapidamente, ele grita e avisa para quem tem olhos para ver e ouvidos para escutar: quem tem buraco e respira... compõe a mesma paisagem de dor...

Sim, agora a bomba é jogada de vez.

Não mais precisa ser o respiradouro anal a culpa de tudo.

Aqui, o buraco é público!

Não mais se esconde por dentro de vestes ou quartos fechados.

A orgia é escancarada: orgia respiratória, orgia de narebas que quase se esbarram na vida corrida das cidades que levamos quase todos.

Entre as duas pandemias existem importantes pontos que as aproximam.

No final da década de 1970 e início dos anos 1980, a globalização reorganizava a economia e os fluxos migratórios assumiam relevos importantes quando pensados o mundo do trabalho e a saúde mundial. Décadas após, a pandemia de COVID-19 avança rapidamente entre os países e continentes e, semelhante ao HIV/aids, não possui nenhum preconceito racial, social, territorial ou sexual.

Ainda que distintos os modos de contágio desses vírus (HIV e COVID-19), eles nos levam a aproximar os discursos sobre as duas epidemias. Em ambas, o vírus é estrangeiro e recai sobre o outro a culpa de sua proliferação. Como no HIV/aids, as reações sociais iniciais sobre a COVID-19 foram marcadas pela proliferação discursiva, por vezes mentirosa, sobre os modos de contágio e algumas ações governamentais foram na direção de negar a sua existência, promovendo a discriminação e a criação de estigmas.

Semelhante ao HIV, que ganhou uma territorialidade (africana ou haitiana) e populações-alvo (homossexuais, haitianos e hemofílicos), a COVID-19 foi difundida, com apoio do Donald Trump nos EUA, Eduardo Bolsonaro no Brasil e tantos outros, como sendo o “vírus chinês”<sup>37</sup> e, possivelmente, letal para pessoas idosas, portadores de doenças crônicas e/ou com práticas entendidas como insalubres (ausências de dietas vistas como saudáveis e práticas esportivas).

A ideia de grupos de risco ao HIV/aids, amplamente divulgada pelas políticas governamentais, produziu a sensação de que pessoas com práticas heterossexuais estariam imunes ao contágio, algo semelhante observamos em relação às pessoas jovens e com hábitos entendidos como “saudáveis” quando pensado sobre a COVID-19.

Em um discurso curto, mas enfático, a figura presidencial brasileira anunciava, pateticamente, que, por ser ex-atleta, o vírus não se abateria sobre ele. Afinal, a COVID-19 era, ainda que letal, uma “gripezinha”, conforme anunciou o Jair Messias Bolsonaro, ex-presidente brasileiro.

No momento desta escrita, julho de 2020, a necropolítica negacionista do governo já nos levou à marca de mais de 101 mil vidas que foram deixadas a morrer no Brasil e são elas, em sua maioria, de pessoas pretas, moradoras das periferias, usuárias do transporte

---

37 A proliferação da ideia de que a China é responsável pelo vírus serviu de justificativa para os atos violentos e as segregações sociais e raciais experimentadas pelos(as) chineses(as) mundo afora.



público superlotado e também autônomas (MARINO; KLINTOWITZ; BRITO; ROLNIK; SANTORO; MENDONÇA, 2020), ou seja, não obstante as monstruosidades da necropolítica racista, essas pessoas possuem condições precarizadas de trabalho, mesmo após as promessas neoconservadoras e neoliberais de que tudo seria resolvido quando o Brasil fizesse suas reformas trabalhistas e previdenciárias (LIMA; HYPOLITO, 2019).

A falácia neoliberal tornou-se um remédio ainda mais amargo. O sonho de que o empreendedorismo seria capaz de salvar o empreendedor (de si) da miserabilidade produzida pelas dinâmicas do capital demonstrou, com as consequências econômicas da epidemia de COVID-19, que sem as seguridades sociais, a humilhação vexatória das grandes filas bancárias ou as burocracias das políticas de assistência, produzidas pela inércia do governo federal, tornaram-se inevitáveis.

A tentativa de Bolsonaro de negar a pandemia da COVID-19 nos chama atenção quando pensamos sobre as estratégias iniciais de vários governos em ignorar a pandemia do HIV/aids. Ao estampar a COVID-19 em populações específicas, ao invés de aceitar a presença de comportamentos econômicos e sociais responsáveis pela transmissão, o governo, como fez na década de 1980 com relação ao HIV/aids, demorou a promover políticas públicas capazes de prevenir o contágio e a dar a assistência necessária às pessoas infectadas.

A necropolítica do governo Bolsonaro resulta na morte de milhares de pessoas brasileiras, quase todas pretas, pobres, velhas... escarnekidas.

Sim, se antes o denominador em comum do vírus era sexual, agora é geopolítico.

A pandemia da COVID-19 começou, em nosso país, como uma doença de ricos. Afinal, quem nas periferias, nas favelas e nas escolas públicas contrairia um vírus que vinha de tão longe? China, Espanha, Itália... “Pobre não viaja!”, gritavam alguns corpos afoitos com

os discursos políticos bolsonaristas. E, com isso, propagava-se a ideia de segurança.

Curiosamente, o vírus dá seus pulos de inverter a situação.

Diante de políticas tão fracas de isolamento social – isolamento esse que, inclusive, foi questionado avidamente nas primeiras semanas do dito desgoverno! –, não tardou que as regiões periféricas fossem as favoritas para a multiplicação de contágio viral. Enquanto ricos faziam seus arranjos para começarem a onda de *home office* que se estendeu à classe média, as classes mais expropriadas foram, como sempre, colocadas em campo de batalha na luta diária.

Assim fomos nós, os precarizados, que tomamos os ônibus para continuar indo trabalhar; que nos sujeitamos a continuar atrás de balcões de supermercados e lojas em condições de trabalho que claramente não atendiam aos padrões exigidos pelas Organizações de Saúde; que continuamos a trabalhar nas grandes empresas vendo, a cada semana, um e outro colega serem afastados por “suspeita de Covid”; que vimos familiares e amigos adoecerem, se isolarem, pararem em hospitais; que vimos conhecidos morrerem sem sequer podermos nos despedir em momentos de luto.

Nós, pobres, continuamos a nos movimentar pelas ruas. E, curiosamente, cada vez mais somos colocados em lugar de servos da aristocracia e da burguesia – tanto melhor se pudéssemos nos movimentar por entre passagens secretas e sumir de vez da vista dos outros. Porque, afinal, eles estão de “quarentena”.

Tão curioso ver postagens em redes sociais e pessoas comentando como as pessoas são loucas por não respeitarem o isolamento social. “Não sabem que é prejudicial?”. Pela televisão, os discursos do “Fique em casa!” se multiplicaram loucamente.

Porém, como uma mãe de seis crianças, que é a única mantenedora da família, vai se manter em casa durante esse período? Dos filhos, quem vai segurar todos dentro de casa? As escolas não funcionam, o auxílio emergencial é, para muitos, ainda inacessível, uma realidade paralela.

Nas periferias da vida, as famílias estão quase todas pelas ruas, arranjando seu ganha-pão.

E se, por virtude do mapa viral, contraírem o novo vírus, descobrirão, uma vez mais, que a doença é, sim, uma doença de ricos. Porque, afinal, como ir ao pronto atendimento ou ao hospital sem desprezeitar as orientações das Organizações de Saúde? Se for perto o suficiente para ir andando, maravilha! Fora isso, pegarão um ônibus e correrão o risco de contaminar outros tantos? Chamarão algum vizinho, amigo, táxi, Uber e colocarão o outro em exposição ainda mais próxima? Farão um empréstimo para comprar um carro apenas para um período de tratamento?

A pandemia de COVID-19 começou, no Brasil, como uma doença de rico e popularizou-se como uma batida de funk nas regiões mais precárias. O problema é que os gastos e tratamentos envolvidos são, ainda, cobrados aos modos de uma conta para a burguesia.

Não tarda para o mapa das zonas de maior contágio se invertirem em relação àquele que começava em meados de março e abril, quando o mapa viral apontava para os bairros com maior desenvolvimento econômico. Explicações para isso não faltaram! Algumas são bastante culposas – “Pobre não tem higiene! Aí já viu, né?”, “Naquela casa tem 10, 20, 30! Não tem como viver assim!”, “Aquele ali, ó, nem vem trabalhar! Vem para a cidade todo dia para pedir comida, tentar a sorte com algum serviço! Vai arranjar um emprego seguro!” –, outras tentam angariar olhares de tristeza para tais grupos.

Não nos interessa, aqui, fazer julgamento de valores ou das descabidas desculpas e culpabilizações. Mas seria demasiado ingenuidade não ver que, uma vez mais, interessam mais as culpas que os efetivos trabalhos em direção à produção de um bem comum radical nesse momento: políticas de cooperação entre corpos.

Basta viver em uma casa com um corpo-COVID-19 ou um corpo-HIV/aids para perceber que são necessários muitos rearranjos e diálogos. Distâncias são tomadas, conversas são tecidas entre paredes, por aplicativos. “Não chega perto!”, grita o corpo-covid-hiv-bicho.

A bicha não é mais o foco de todo o (em)cargo viral, mas o bicho permanece ali. “Não sei lidar com isso”, choraminga. E é uma situação coletiva.

Como viver quando seu corpo parece exalar a morte?

Decididamente, em épocas pandêmicas, fica explícito o quanto a vida é abjeta, quase invisível, que incomoda as grandes organizações sociais, que sacode as políticas de merda que lançam sobre nós.

É o medo que paira sobre os corpos, sobre uma carga viral que não se sabe quando irá explodir. A diferença entre elas é que, no caso da COVID-19, com sorte o isolamento se encerra em duas semanas ou um mês; com o corpo-HIV-positivo, é após um período desses – ou maior –, que os corpos reaprendem a se comunicar pondo fim às distâncias.

Sim, porque mesmo após 40 anos de registro de aids e da invasão quase magistral do vírus HIV entre corpos jovens, os corpos ainda balançam de medo ao ouvirem essa expressão.

Se antes era a figura da bicha quem fazia prosperar o medo viral, agora é o bicho pobre, bicho periférico que alastra os males para a face da Terra. São os bichos saídos dos buracos de onde moram que, ousando viverem suas vidas, são vistos como um coquetel viral.

Com efeito, cu e narina parecem ser buracos que exalam confiança. Ou a total falta dela, evidentemente. Ainda não completamos sequer um ano de risco nasal, de pandemia respiratória, e, entretanto, não podemos deixar de nos perguntar: qual será o próximo buraco viral?

Agora, não apenas o ânus é obrigado a se cobrir, mas também nossas narinas. É de se pensar se, tal qual acontece com o cu, também as narinas e as bocas passarão a viver escondidas entre panos e vergonhas. Qual será o destino de nossos buracos? De onde surgirá o próximo risco? Quais buracos (do mundo) serão culpabilizados por tal?

Para enfrentar o HIV/aids, tivemos que superar a política da negação e, para superar a COVID-19, dependemos da construção de respostas balizadas nos direitos humanos e na ética do direito à vida

para todos e todas e, para isso, não nos parece possível permanecer nas políticas devastas e nefastas do capital que matam e culpabilizam o morto pela morte.

Na virada de tudo isso, talvez nos falte lembrar de um convite feito por Peter Pelbart (2011, p. 246) em um minúsculo texto intitulado “Vírus vida”. Isto é, falta-nos pensar sobre a vida que emerge desses contágios virais quase apocalípticos. A necropolítica existe e parece imperar? Sim. Precisamos dar fim a ela? Certamente. Mas como os corpos podem, ainda, fazer proliferar a vida para além e aquém da morte tão ensejada? Como “reconverter essa corrente de morte em corrente de vida, em outras tantas correntes de desejo, introduzindo aí outros vírus, vírus de outras vidas”?

Aliado a ambas narrativas virais (a do HIV+ e a da COVID-19), emerge um discurso de que todos seremos corpos invadidos por tais vírus. Há, na verdade, certo otimismo nesses discursos! “Pegaremos todos HIV/COVID-19 e só assim seremos livres!”. Páginas de pornografia com camisinhas propositalmente furadas expõem esse lema tão bem quanto o uso quase cômico de máscaras faciais que cobrem apenas a boca. No imaginário de alguns corpos, a liberdade é viral.

Efetivamente, talvez seja. Cremos, entretanto, não ser nesse sentido.

Se são os buracos que carregam os vírus que nos expõem à situação de extermínio, elejamos outro buraco para criarmos outros modos de contágio. O buraco pode voltar a ser o cu, pode talvez ser a boca, o ouvido – preferimos, entretanto, que fosse o buraco sobre nossas peles. O buraco-poro. O vírus, aqui, talvez carregue a destruição de todo o sistema cisheteropatriarcalnormativo e teça, no agora, vidas debochadas, vidas implicadas com o riso, com os afetos carinhosos, com os cuidados com as *manas* mais que a preocupação *con las manos*.

As pandemias de outrora e de agora ensinam a população brasileira a importância das redes de amizades e solidariedades e nos lembram que, para vencê-las, são necessários o investimento na vida e, sobretudo, na produção de políticas públicas capazes de aprimorar e fortalecer a democracia, a produção científica e as vitórias

conquistadas pelo país, a exemplo do Sistema Único de Saúde (SUS) e das universidades públicas.

Curiosamente, são nas periferias, nas ruas onde crianças brincam, nos bairros onde o carinho pela vizinha fala mais alto que o medo de um contágio indistinto, nas casas onde as famílias se amontoam, que as experiências virais são, mesmo quanto tristes, criadoras de outras possibilidades de habitar o mundo. O risco virótico não foi esquecido! Quando um corpo nesses lugares é abatido com um vírus-morte, ainda se tomam os devidos cuidados. Todavia, o vírus ali é atravessado pelo discurso científico tanto quanto pelo discurso da vida bem cuidada. Se paredes são necessárias, que sejam, pois, finas o suficiente para abraçar, para ver o rosto de quem amamos, para podermos sussurrar promessas de outros tempos.

Paredes de plástico. Plásticos de abraço. Plásticos de correr-para-o-abraço. Paredes afetivas. Distâncias mínimas. Apegos máximos.

[...] os monstros proliferam: vemo-los por todos os lados [...] Invadem o planeta, tornando-se familiares. Cessarão, muito em breve, de nos parecer monstruosos e ser-nos-ão até simpáticos, como já acontece a tantos extraterrestres das séries de televisão. Havemos de falar então da “monstruosidade banal”, como se fala agora da “violência banal” – o que constitui, precisamente, uma aberração. (GIL, 2000, p. 167).

Ali onde a vida é precária e, por isso mesmo, demasiado preciosa, ciência e democracia são colocadas em articulação com sorrisos, choros, esperanças e lutas. Nessas condições, outros buracos anunciam um tipo de vírus que precisa ser afirmado.

Um afeto-viral pela vida.

Sem lenço e sem documento, sangrando, seguimos monstruosamente com Toni Bellotto, Marcelo Fromer e Arnaldo Antunes, cantando “O Pulso” com Titãs (1989).

“O pulso ainda pulsa  
E o corpo ainda é pouco”

## REFERÊNCIAS

**GENI e o Zepelim.** Intérprete: Chico Buarque. Compositor: Chico Buarque. *In: ÓPERA do Malandro.* Intérprete: Chico Buarque. [S. l.]: Polygram/Philips, 1979. 2 discos vinil, lado A, faixa 5.

BUTLER, J. **Quadros de guerra:** quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CAETANO, M.; SILVA JR., P. M. Rodas de homens negros: masculinidades, mulheres e religião. *In: CAETANO, M.; SILVA JR, P. M. (orgs.). De Guri a Cabra Macho: masculinidades no Brasil.* Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2018. p. 190-211.

CÂMARA, C. **Cidadania e orientação sexual:** a trajetória do Grupo Triângulo Rosa. Rio de Janeiro: Academia Avançada, 2002.

COHEN, J. J. **A cultura dos monstros:** sete teses. *In: COHEN, J. J. Pedagogia dos Monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras.* Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GIL, J. Metafenomenologia da monstruosidade: o devir-monstro. *In: COHEN, J. J. (org.). Pedagogia dos Monstros: os prazeres e*

os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 160-195.

LIMA, I.; HYPOLITO, A. A expansão do neoconservadorismo na educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 45, p. 1-15, ago. 2019.

MARSIAJ, J. Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. **Cadernos AEL: Homossexualidade, Sociedade, Movimento e Lutas**. Campinas: UNICAMP/IFCH/AEL, v. 10, n. 18-19, p. 129-150, 2003.

MARINO, A.; KLINTOWITZ, D.; BRITO, G.; ROLNIK, R., SANTORO, P.; MENDONÇA, P. Circulação para trabalho explica concentração de casos de COVID-19. **Jornal LabCidade**, [s. l.], 2020. Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/circulacao-para-trabalho-inclusive-servicos-essenciais-explica-concentracao-de-casos-de-covid-19/> Acesso em: 30 jun. 2020.

MBEMBE, A. Necropolítica: biopoder soberania estado de exceção política da morte. **Arte & Ensaios: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ**, [s. l.], n. 32, p. 122-151, dez. 2016.

NAJMANOVICH, D. **O sujeito encarnado**: questões para pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

**O PULSO**. Intérprete: Titãs. Compositores: Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Tony Bellotto. *In*: Ô BLÉSQ Blom. Intérprete: Titãs. [S. l.]: WMA, 1989. 1 CD, faixa 9.

PELBART, P. P. Vírus vida. *In*: PELBART, P. P. **Vida Capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2011. p. 245-247.



RODRIGUES, A.; CAETANO, M.; SILVA, C. N. A mobilização social e resposta comunitária LGBT à AIDS: itinerários reflexivos. # **Tear**: Revista de Educação Ciência e Tecnologia, Canoas, v. 8, n. 1, p. 1-17, 2019.

TAVARES, R. A epidemia do preconceito: a trajetória do HIV/Aids no Brasil. **Empoderadxs**, [s. l.], 2018. Disponível em: <https://empoderadxs.com.br/2018/12/01/a-epidemia-do-preconceito-a-trajetoria-do-hiv-aids-no-brasil/> Acesso em: 13 mar. 2023.

**O corpo na  
clínica, uma  
clínica no  
corpo: um  
exercício de  
reinvenções**

# *O tempo do corpo: expressões de um clinicar*

*Ana Paula Figueiredo Louzada<sup>38</sup>*

*Carolina Rachel Mascarenhas Teixeira Barreiro<sup>39</sup>*

*Matheus Magno dos Santos Fim<sup>40</sup>*

*Raphaella Fagundes Daros<sup>41</sup>*

---

38 Doutora em Educação e professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo. Email: [paulalouzada27@gmail.com](mailto:paulalouzada27@gmail.com)

39 Psicóloga e mestre em Psicologia Institucional pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo. Email: [carolinarmtb@gmail.com](mailto:carolinarmtb@gmail.com)

40 Psicólogo e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo. Email: [magno\\_fim@hotmail.com](mailto:magno_fim@hotmail.com)

41 Doutora em Psicologia (UFF) e Pesquisadora PNPd/CAPES em pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo. Email: [raphadaros@gmail.com](mailto:raphadaros@gmail.com)

## PRIMEIRO PASSO: UM CONVITE

Caminhar não é um esporte. Pôr um pé na frente do outro é uma brincadeira de criança. Nada de resultado, nada de números quando se dá um encontro: o caminhante dirá que caminho tomou, em que trilha se descortina a mais bela paisagem, a vista que se deslumbra em tal ou qual terraço  
(GROS, 2010, p. 9).

O caminho que começamos a percorrer é de aprendizados. Aprendemos com o caminhar e aprendemos a caminhar. A intenção é, com estes passos, abrir trilhas que nos conduzam por um fazer clínico, criando modos de produzir saúde<sup>42</sup> e cuidado. Convidamos a/o leitora/leitor a andar por essas trilhas que nos conduzem a práticas de uma psicologia corporal inventiva. Portanto, práticas que são um contínuo fazer-se, um constante caminhar.

Passear é experimentação, percorremos caminhos como quem brinca uma brincadeira despreziosa, degustando do percurso sem ter em vista pontos de chegada. Para as crianças, cada passeio é único. Pode-se passar diversas vezes pela mesma calçada e cada vez ser um passeio diferente, pois a atenção delas costuma estar voltada para as diferenças e os detalhes. A realidade vivida pela infância é de um corpo mais disposto a aprender.

E por que chamamos de passeio essa caminhada? Justamente para trazer aos nossos passos ares da infância, tendo sempre algo

---

42 A noção de saúde com a qual trabalhamos neste artigo, conforme mostra Canguilhem (1995), é de um corpo que mantém sua mobilidade e capacidade de lidar com o sofrimento, que é inerente à vida, não se tratando de um estado de estabilidade e bem-estar, no qual a doença e o sofrimento não comparecem. O organismo saudável se move criando novos modos de atuar de acordo com as adversidades que se fazem presentes. Saúde não como negação do sofrimento, mas afirmação da vida.

novo a viver. Não nos colocamos a caminhar como adultos em função do trabalho, sérios, cansados, obedientes. Caminhamos como gente grande, gente que leva consigo o devir criança (DELEUZE; GUATTARI, 2008), que é grande em sua potência de criação e na intensidade com a qual ocupa a si e o mundo. Caminhamos como eternos aprendizes. Gente grande é um modo como crianças chamam as pessoas crescidas cronologicamente, e aqui utilizamos como um termo para nos referirmos aos adultos que mantêm em si a presença da criança, presença de gente que sempre está em tempo de crescer.

Por não ser sério, adulto e endurecido, nosso passeio não deixa de ser importante e compromissado. Cada passeio é único, então é preciso vivê-lo, degustá-lo. Uma criança tem compromisso com o seu passear, e nosso passeio de gente grande não deve ser diferente. Há rigor na forma como fazemos nossas caminhadas. Um rigor ético, estético e político. Um rigor clínico que atua no sentido de produzir diferença.

O segredo do passeio reside, de fato, na disponibilidade do espírito, tão rara na nossa existência atarefada, polarizada, acorrentada às nossas próprias teimosias. A disponibilidade é uma síntese rara de abandono e atividade que confere todo o charme do espírito ao passeio. Com efeito, a alma fica então disponível para o mundo das aparências. Não tem contas a prestar a ninguém, não tem nenhum imperativo de coerência. E nesse jogo sem consequências, é bem possível que o mundo se abra mais ao caminhante em seu passeio, no decorrer todo de suas deambulações fantasiosas, do que ao observador sério e sistemático. (GROS, 2010, p. 167).

Ao embarcar nesta jornada, o caminhante há de se colocar disponível. Faremos com o percurso uma cartografia, pintando mapas a fim de acompanhar os processos vividos com os passos dados (PASSOS; KASTRUP; ESCOSSIA, 2015). Para tal, nossa atenção é aberta,

desfocada, flutuante, faz-se na abertura do corpo e dos sentidos aos encontros, uma disponibilidade ativa. “É uma atenção sobre si, sobre os processos. Ir se expressando, aqui e ali, aprendendo a dar corpo ao que se vive” (FAVRE, 2013, s/p).

Um passeio costuma ser feito para descontrair, mudar os ares, refrescar as ideias, espairecer. Dispomo-nos, então, a produzir uma descontração do corpo e sua mudança de forma e de ritmo. “Trata-se efetivamente, no que tange à arte de passear, uma técnica recreativa. Mas essa recreação bem pode ser também uma recriação” (GROS, 2010, p. 168). Recriamos as nossas formas de ser e estar no mundo. Quando saímos para dar um passeio, escolhemos nos dar um tempo, sair do ritmo exaustivo da rotina ou do trabalho e abrir espaço para que sejam experimentados ritmo e tempo próprios. É uma tomada de autonomia<sup>43</sup>, livrar-se de imposições, objetivos fixos, preocupações.

## COMPONDO DESTINOS: O TEMPO DA CLÍNICA

Ao caminhar, vamos acolher e deflorar o tempo, acompanhando as linhas que tecem a composição da vida. Para Deleuze e Guattari (1996), a vida é uma costura constituída por conjuntos de três espécies múltiplas de linhas que se sobrepõem criando emaranhados e interferindo constantemente umas sobre as outras. São elas as linhas duras (molares), flexíveis (moleculares) e de fuga (ruptura). Não há uma hierarquia entre as linhas, um tipo só existe em relação com o outro, dando movimento à vida.

---

43 O conceito de autopoiese de Maturana e Varela (1995) é importante para entendermos as noções de invenção, subjetividade e autonomia de que falamos no decorrer deste artigo. A autopoiese oferece aos seres vivos a capacidade de serem autônomos, ou seja, de serem capazes de especificar o que lhes é próprio, mas que só é possível a partir da troca nas relações. Autonomia é o reconhecimento das próprias fronteiras, tomada de posse dos seus processos, a capacidade do corpo de articular ao seu modo os estímulos recebidos e dar as suas respostas.

As primeiras são as linhas que acompanham os grandes conjuntos molares, como o Estado, as classes sociais e as instituições, segmentarizando os modos de sentir e nos relacionar, construindo identidades e territórios bem definidos. São elas o terreno duro de atuação dos cortes que segmentam a vida em binaridades (homem-mulher, pobre-rico, velho-novo), fazendo-nos cair de um extremo a outro. São as linhas de territorialização, de sustentação da forma atual.

O segundo conjunto de linhas são as linhas de segmentaridade maleável ou molecular. Essas são flexíveis e pendulam entre as duras e as de fuga. Escapam às definições molares, promovendo microfissuras em sua superfície. Mas essas fissuras ocorrem em velocidades imperceptível, em movimentos de desterritorialização, fazendo do presente algo que passou. “É nessa linha que se constitui um presente cuja própria forma é de um algo que aconteceu, já passado, por mais próximo que se esteja dele, já que a matéria inapreensível deste algo está inteiramente molecularizada [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 75).

O terceiro conjunto são as linhas de fuga ou abstratas. Elas promovem uma ruptura que explode as outras duas linhas, pois não admitem nenhum tipo de segmento. Uma desterritorialização absoluta. “[...] Uma verdadeira ruptura é algo a que não se pode voltar, que é irremissível, pois faz com que o passado tenha deixado de existir [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 79).

Passamos por ciclos de desterritorialização e territorialização ou, como trazido por Keleman (1994), *ending, middle ground* e etapa formativa. As três linhas estão sempre em comunicação, atuando umas sobre as outras como em uma dança que confere ritmo à vida. Os movimentos de desterritorialização (*ending* e *middle*) são as linhas flexíveis e de fuga, quebrando com os terrenos sólidos constituídos pelas linhas duras, que se reorganizam configurando a etapa formativa em movimentos de territorialização ou reterritorialização.

As formas que adotamos no decorrer da vida têm validade. É preciso, para produzir saúde, continuamente se desfazer de antigos

padrões de funcionamento e se reinventar. As experiências que vivemos nos afetam e produzem efeitos em nós, muitas vezes perturbadores, que promovem ou convocam transformação, tiram-nos do lugar habitual, de modo que precisamos nos realojar. Contudo, esse processo de se reinventar e dar contorno às experiências vividas não é algo simples. Muitas vezes, a dificuldade de criar formas que condizem com o momento atual, de traçar nossas linhas de fuga, limita nossa potência de vida, podendo produzir adoecimento. É preciso se desprender do corpo/forma forjado na relação antiga e corpar/corpar<sup>44</sup> para que algo realmente novo seja vivido.

A enunciação de que algo na vida está ultrapassado e pede reconfiguração, os processos de distanciamento, mudança ou separação são os *Endings*, momentos de interrupções nas ordens e sequências estabelecidas. “*Endings* geram conflito entre ficar e partir. Cria-se um espaço, um vazio, um vácuo [...]” (KELEMAN, 1994, p. 55). Devido à imprevisibilidade desse vão, que interrompe uma continuidade, é comum a pessoa se sentir perdida, sem chão ou com medo. Também pode ocorrer sensação de ansiedade, pois há uma excitação energética sem lugar para ser investida. É uma etapa de desterritorialização, em que as linhas duras sofrem fissuras e os “estereótipos e padrões de auto reconhecimento são ameaçados” (KELEMAN, 1994, p. 56).

Neste estágio, Keleman (1994) fala da tendência do organismo humano de buscar estabilidade apesar do permanente impulso para o crescimento e a mudança. Podemos entender esta tendência como tentativas de reterritorialização, a busca por uma familiaridade que sirva de território seguro, “apoiando-se em comportamentos repetitivos, que dão uma margem de previsibilidade e uma forma para nossa identidade. Essa repetição tem uma consistência interna. É nosso modo de fazer as coisas [...]” (KELEMAN, 1994, p. 56). Contudo, a

---

44 Verbos criados por Regina Favre (2013) para traduzir os termos “to body” e “bodyng”, usados por Keleman (1995), sem perder a ação e o movimento da palavra.



forma já não é mais a mesma, as linhas moleculares já promoveram suas microfendas e o presente é aquele que já passou.

Quanto mais energia investimos em um padrão, maior é a excitação, maior é a ameaça de perda de identidade. Assim, quase poderíamos dizer que a disponibilidade para mudar, deixar que a identidade seja flexível, caminha junto com a disposição de permitir que a excitação atinja sua própria conclusão. Os *endings* nos obrigam a encarar o desconhecido. (KELEMAN, 1994, p. 56).

Vivenciar nossas mortes é importante para não entrarmos em um estado ressentido, estado de passividade em que o sujeito não se responsabiliza por aquilo que lhe ocorre, culpando o outro – ou a si mesmo, transformando-se em sua própria vítima – pelo que o faz sofrer. Ao não se colocar à altura de agir perante as ofensas e sofrimentos, o ressentido fica preso ao passado, (re)sentindo (ROLNIK, 2019).

Esse ressentir não pode ser confundido com o sentimento de mágoa e a necessidade de recolhimento em um período de sofrimento ou luto. Pelo contrário, o não recolhimento, não respeitar seus *endings*, é o que pode fazer o ressentido. O escravo do ressentimento não consegue viver seus *endings*, por isso vive em um passado que deixou de existir na tentativa de resgatar uma forma que está rachada. Ele não sabe reconhecer as frestas provocadas pelas linhas moleculares e atravessá-las. É aquele que, como diz a canção “Como nossos pais”: “ama o passado e que não vê que o novo sempre vem” (1976). Ele obedece às mesmas normas de outrora, sem conseguir criar autonomia diante às mudanças.

*Middle ground* é um vazio que geralmente sucede os *endings*, no qual o tempo não é ordenado, mas a não forma e a falta de contornos. Lugar do “fogo da excitação ainda informe e do tumulto criativo” (KELEMAN, 1994, p. 64). É uma pausa inventiva, momento de dar atenção ao que emerge dela, um espaço que se abre para que o

virtual se atualize, uma espera ativa pela criação de uma nova ordem. “O *middle ground* costuma ser difícil para as pessoas que não conseguem suportar intervalos. Elas querem agir. E se não conseguem, imediatamente ficam ansiosas, zangadas ou tristes. Sentem que podem ficar loucas” (KELEMAN, 1994, p. 65).

Nas etapas formativas, porém, depois de um tempo de deriva do *middle ground*, as linhas começam a agir na criação de novas formas, novos territórios existenciais. “A forma também representa o presente imediato, como vemos o mundo e tentamos interagir com ele para obter contato, intimidade e realização” (KELEMAN, 1992, p. 163). A forma é o presente que dá sustentação à vida. Nesta etapa, ensaiamos uma nova maneira de nos colocar na vida. Como uma criança que aprende a caminhar, precisamos lidar com quedas e tropeços, ou seja, com os erros e frustrações, até construir territórios firmes, a forma corporal e social que nos sustenta nesse momento.

Keleman (1994) faz a divisão didática das três fases descritas anteriormente, tal como Deleuze e Guattari (1996) fazem com as três linhas. Contudo, nossa compreensão é de que o que o autor chama de etapa formativa não corresponde necessariamente a uma última etapa, na qual há a consolidação de novas formas, pois os *endings* e *middles grounds*, com suas fissuras e rupturas, também compõem o processo formativo, ou seja, são também a construção de formas. A ação das linhas flexíveis e de fuga já consiste em uma nova formação. Com isso, podemos entender que a criação de formas e territórios não se dá apenas pelas linhas duras – que possuem grande importância em sua sustentação –, sendo a flexibilidade de um plano de consistência efeito da relação entre os conjuntos das três linhas.

Em todos esses processos podemos notar uma repetição cíclica de formação e deformação, uma dança que se faz na composição da vida. Como dissemos, a todo o tempo uma multiplicidade de linhas dos diferentes tipos está interagindo, o que nos permite entender que os movimentos de desfazer e construir territórios estão sempre

ocorrendo em diferentes aspectos da vida e formas do corpo. Vivenciamos ininterruptos movimentos de enrijecimentos, cortes e fissuras.

A diferença é o que gere a vida em sua sede por criação. O movimento de reinvenção requer atenção às fissuras na forma, ao que está sendo produzido de diferente. Quando algo nos incomoda, dói, estagna ou adoce, ou ainda, quando uma realização alegre, paixão ou forte intensidade nos toma, é preciso que outro corpo seja produzido para suportar lidar com tais experiências de modo potente e inventivo. A fissura é a pista para o que há de novo em formação. A superfície dura vai sofrer fissuras onde há intensidades pedindo passagem.

Nesses ciclos que se repetem, notamos que o caos provocado pelas desterritorializações gera mudança e movimentação a vida, sendo a diferença aquilo que decorre da repetição (DELEUZE, 1998). O incômodo e o caos promovidos nas rachaduras dos *endings* mostram como vínhamos funcionando, o que existia em repetição. “Descobrir como impedimos *endings* nos ensina muito sobre como vivemos nossas vidas” (KELEMAN, 1994, p. 58). Deste modo, nossos ciclos são sempre repetições de diferenças, pois cada vez que eles se repetem, já há algo novo sendo produzido, uma linha já se moveu. Por meio desta diferença produzida, a repetição se faz presente e aparente, em outras palavras, é naquilo que difere em tempo presente que o passado se faz.

A relação que estabelecemos com o tempo afeta o modo de percebermos o corpo e entendermos o mundo. Percebemos o tempo de modo utilitarista e estabelecemos relações de consumo. Tendemos a ver o presente como representação do passado que anseia pelo futuro, tornamo-nos reféns de expectativas e frustrações, por isso, prendemo-nos em um funcionamento ansioso e ressentido. Perceber o tempo enquanto duração (BERGSON, 2006) é vivenciar o corpo de modo intuitivo e conhecer o mundo pela via dos afetos, dando forma e passagem a eles e tornando possível o novo. Presente que se inventa.

Assim, podemos compreender que passado, presente e futuro não são tempos lineares, que se sucedem. São todos tempos coexistentes,

emaranhados em uma trama de linhas na qual um tempo só se faz em composição com o outro, influenciando-se mutuamente a cada instante, (trans)formando, compondo destinos, regidos pela diferença.

Ainda sobre as temporalidades do corpo, Keleman (1994) fala do corpo duradouro, aquele que comporta a história atual de todos os corpos que já vivemos e que se prolonga no desenrolar da vida. Para cartografar este corpo em que passado, presente e futuro coexistem, é preciso acompanhar os movimentos das linhas em sua lentidão, exercitar a presença em sua extensão duradoura, não apressada.

O presente é uma percepção lenta, uma lentidão fissurante, que transforma, que marca presença. Lentidão não como o contrário de rapidez, mas de precipitação, contrário de uma pressa na qual reside o medo de não chegar (GROS, 2010). É neste tempo que damos consistência aos processos vividos, construindo a cada passo dado, o passo seguinte, pois “na caminhada, o sinal autêntico da autoconfiança é uma boa lentidão” (GROS, 2010, p. 48).

Ao seguir a temporalidade das linhas, embarcamos em um tempo próprio, o tempo da criação da singularidade, que faz resistência aos modelos dominantes (GUATTARI; ROLNIK, 2005). O tempo de caminhar com as próprias pernas e criar seu próprio espaço no corpo que dura, tornando possível presentear-se com o presente. “Os dias que passamos caminhando com calma são longuíssimos: fazem com que se viva mais tempo, porque se deixou cada hora, cada minuto, cada segundo respirar, aprofundar-se em vez de abarrotá-los forçando-lhes as partes” (GROS, 2010, p. 43). Caminhando com calma pelas linhas da vida, temos uma experiência de tempo dilatado.

Portanto, o trabalho na clínica é aprender o novo ritmo que se cria ao abrir uma fissura e fazer dele uma dança. Uma diferença está sempre mostrando e fazendo uma repetição, e uma repetição só se faz com aquilo que difere (DELEUZE, 1988). Adoecemos quando não conseguimos seguir as pistas dos fios que rompem ou fissuram, percebendo como toda a trama se balança com elas. Uma sensibilidade à diferença que faz a vida e nos coloca em constante movimento.

Os processos formativos têm no corpo seu campo de passagem e expressão, e “não há experiência sem corporificação, não há corporificação sem experiência, existência sem corpo, existo porque sou corporificado” (KELEMAN, 1995, p. 97). Vamos construindo, assim, essa clínica que se faz com o corpo, tornando mais palpável a experiência do clinicar. Mas do que se trata essa clínica e esse corpo?

## CLINICAR: UM PROCESSO DE APRENDIZAGEM INVENTIVA

Clinicar, para nós, é uma ação de desvio do seu sentido etimológico proveniente do grego *klinike*, que significa “recostar-se sobre o leito”. A palavra, em seu uso tradicional, remete à pessoa doente, ao lugar onde ficam essas pessoas ou ao especialista que as estuda ou atende. A clínica da qual falamos é muito mais um exercício de clinicar, ação que produz vida e saúde, e não um substantivo estático que se debruça sobre a morte ou a doença. “Então não é a clínica que se torna verbo, são os verbos que produzem clínica. Instalar-se num verbo não é procurar definições, mas ações: eis a ética, a política e a estética de uma prática clínica” (FARINA; FONSECA, 2012, p. 49).

Clinicar é desenvolver uma atenção às sutilezas e aos detalhes que o cotidiano nos oferece em seu caráter inventivo. Atentos aos processos de produção dos corpos que somos, não nos cabe captar as informações provenientes de um passo a passo já dado, como se o trabalho fosse absorver informações prontas e interpretá-las. Acompanhar de maneira atenta os processos vividos já consiste na própria intervenção e criação de tais processos. Os passos dessa caminhada são construídos no caminhar. Tornamo-nos atualização da nossa própria história/jornada, sendo, ao mesmo tempo, produtos e produtores dela.

Desenvolvemos uma atenção que não busca, mas acolhe. Acolhemos assim o acontecimento e o que dele irrompe e, nesse movimento, abrimos caminho para a invenção. Essa atenção não se direciona a

um objeto específico ou a procura de respostas para alguma questão pronta. É uma atenção flutuante, que não se deixa dispersar na mudança de um foco para outro, mas se mantém desfocada explorando o que lhe afeta nos encontros, sem que se façam necessárias explicações, é um deixar vir. “A atenção a si é, nesse sentido, concentração sem focalização, abertura, configurando uma atitude que prepara para o acolhimento do inesperado” (PASSOS; KASTRUP; ESCOSSIA, 2015, p. 35). No clínico, a atenção se expande para além do habitual e ganha forma na duração e no movente.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24).

Vida é processualidade, e o clínico se faz no acompanhamento de seus processos e dos incômodos e perturbações que se fazem presentes. Não buscamos acabar com os problemas, buscamos, através deles, criar novas formas de estar no mundo, criar diferença. São os problemas, críticas e questões que nos movem e possibilitam diferenciação do que se é.

Como todo movimento de criação, estes passos não são dados sem esforço. Exigem abrir-se à experiência, incomodar-se, fugir do automático e do prescrito. O trabalho de produção de um corpo sensível por si só não sustenta uma longa jornada. É preciso dar

consistência ao que se vive, ir tecendo novas formas, para então criar novos territórios existenciais.

Fazer clínica nesta perspectiva é um ato ético-estético-político, pois agir sobre si é agir sobre as relações e intervir no mundo de modo inventivo. Agimos, portanto, na produção e afirmação da diferença. A ação sobre si que essa clínica propõe vem no sentido de não se conformar ou adaptar, de não viver na angústia da busca por um estado apaziguado ou amortecido e não silenciar os incômodos, dores ou até mesmo nossas forças e potências que muitas vezes também apaziguamos por não sabermos lidar com essas intensidades.

Clinicar é colocar-se eticamente na produção do mundo e da vida como obra de arte e em uma dimensão eminentemente social. A clínica é, portanto, destrutiva das representações pretensamente universais que aprisionam a subjetividade numa história individual e pessoal, deslocada das produções político-sociais (FARINA; FONSECA, 2012, p. 50).

Sendo assim, o desenvolvimento da sensibilidade clínica e do exercício de clinicar é um processo de aprendizagem inventiva. Para Kastrup (2005), invenção é a capacidade de criar problemas, de problematizar, questionar, distinguindo-se da criatividade, que seria a capacidade de solucionar problemas, apresentar respostas a questões já dadas. Desta forma, “[...] a invenção é a potência que a cognição tem de diferir de si mesma” (KASTRUP, 2005, p. 1.274), é a potência temporal, de variação e diferenciação que perpassa os processos psicológicos.

Reinventar-se é um constante movimento de transformação de si, ao mesmo tempo que transforma e produz mundos. O processo inventivo se dá pelo estranhamento ao que está posto, é não reconhecer o presente em uma representação do passado, dando espaço ao novo. Uma problematização, um processo de perturbações, de desconforto, de transformação.

O mundo perturba, mas não informa. O conceito de “perturbação” ou de “*breakdown*” responde pelo momento da invenção de problemas, que é uma rachadura, um abalo, uma bifurcação no fluxo recognitivo habitual. O conceito de “*breakdown*” é essencial na argumentação de que não existe mundo prévio, nem sujeito preexistente. O si e o mundo são coengendrados pela ação, de modo recíproco e indissociável. Encontram-se, por sua vez, mergulhados num processo de transformação permanente. Pois ainda que sejam configurados como formas, estas restam sujeitas a novas perturbações, que forcem sua reinvenção (KASTRUP, 2005, p. 1.276).

A construção de uma sensibilidade clínica é um trabalho permanente sobre si, que não ocorre por pura absorção e entendimento de técnicas, mas pelo treino, um exercício de atenção que produz sensibilização aos afetos e aos seus efeitos no corpo. O clinicar parte da perturbação que provém das sutilezas do cotidiano e se consolida por meio de treino e experimentação que promovem familiarização com a experiência de perturbação, oferecendo mais possibilidade de movimentos.

O aprendizado é um processo incessante, nunca está acabado. Precisa sempre se atualizar. É um cultivo, no qual não se inventa do nada, mas se cria a partir do que já existe. Uma composição de restos dando formas atuais a uma virtualidade. Dessa forma, o exercício de clinicar se faz num processo permanente de aprendizagem inventiva. Aprendemos a criar novas formas com as marcas que o vivido nos deixa.

O sentido do treino é criar um campo estável de sedimentação e acolhimento de experiências afectivas inesperadas, que fogem ao controle do eu. A regularidade das sessões tem como efeito a criação de uma familiaridade com as experiências de *breakdown* e, enfim, o desenvolvimento de uma atitude cognitiva e



atencional ao plano das forças. O processo começa com esforço, por intermédio de uma atitude consciente e intencional, mas que se torna, com a prática, espontânea e inintencional (KAS-TRUP, 2005, p. 1.278).

Construímos em nossa clínica uma percepção de si em estado presente, desafio necessário para o acompanhamento da vida enquanto criação. Gros (2010) nos faz pensar sobre a presença como saída de um estado de distanciamento, anseio e contemplação, para chegar a um estado de pausa e pertencimento. O autor faz referência ao exercício de peregrinação, em que os peregrinos caminham por longos períodos até a chegada a um local e, ao chegarem, vivem a experiência da presença, na qual todo o percurso se presentifica no corpo.

Quando finalmente o peregrino larga a mochila e pode parar porque ele conseguiu, chegou, ele quase não precisa concretizar por meio dos olhos da carne essa visão conquistada: seu corpo já está preenchido com ela, até a ponta dos dedos dos pés. (GROS, 2010, p. 129).

Caminhar e cartografar são exercícios de presença. Estar presente é um esforço indispensável para que essa clínica de passeios e cartografias aconteça. Deste modo, não há espaço para ansiedades, arrependimentos, expectativas, culpa ou ressentimentos (NIETZSCHE, 2009). Construímos uma clínica disposta a reinvenções, que se coloca em estado presente e ativo, portanto, não nos aliamos a estados de reatividade, que dificultam criação de formas atuais.

Passado e futuro não podem mais existir fora do presente, do tempo de duração da chegada e do impulso de cada passo. “E o que foi efetuado com fadiga e por vezes tédio, perante esta presença absolutamente sólida que justifica tudo, passa a constituir uma série de momentos necessários e alegres. Caminhar torna o tempo reversível”

(GROS, 2010, p. 129). Transforma o passado. A presença é ocupar o tempo enquanto duração, ou seja, dar consistência ao que se vive.

## EXPRESSÃO E EXPERIMENTAÇÃO: O CORPO NA CLÍNICA

A forma como nosso corpo nos é apresentado é bem distanciada das nossas sensações. Na escola, aprendemos anatomia e fisiologia humana pelos livros e seus desenhos que, por vezes, até dificultam o entendimento de como aquilo se passa em nós. Aprendemos muito a dar nome, identificar imagens e decorar funções, mas sempre como algo que está além de nós, na folha do papel, na foto de uma apresentação de slides ou, até mesmo, nos níveis superiores de ensino, em uma peça morta nos laboratórios de anatomia. Nunca em nós. Vivemos pouco o corpo; vivemos pouco.

Anatomia é destino enquanto processo somático. Precisamos aprender a repensar a anatomia como mais do que um simples materialismo estático, ilustrações de mortos, abstrações sob a forma de formas fisiológicas, ideias a respeito da natureza, em vez da natureza em si mesma. Anatomia na verdade, diz respeito a um processo vivo e dinâmico, um mistério, uma iniciação, a forma da experiência que dá origem ao sentimento, ao pensamento e à ação. (KELEMAN, 1992, p. 126).

Fomos educados a nos reconhecer como imagem ou papel estático, sem dar espaço aos mistérios e incertezas que a vida nos coloca. Acontece que somos corpos de superfície sensível. Somos gostos, imagens, toques, cheiros, sons, memória, superfícies suscetíveis a encontros e perturbações. Somos nossas experiências corporificadas.

A formação subjetiva é entendida por nós como um processo corporal. A reinvenção de si e do mundo ocorre somaticamente, na medida em que o que vivenciamos intervêm em nossa forma, postura, respiração, músculos, gestos, olhares. Assim como absorções e

trocas de gases, líquidos, nutrientes ou qualquer outra substância com o meio afetam e transformam nosso organismo e o ambiente que o cerca, as experiências vividas também são trocas e criam novos corpos no mesmo movimento que intervém no mundo.

Deleuze (1988) nos traz a noção de dobra subjetiva, na qual a subjetividade e seu processo de produção se dão em uma dobra que ilustra o caráter coextensivo do dentro e do fora, o território existencial e o campo de forças múltiplas e impessoais que o compõem. Deste modo, há a produção de um meio externo e interno, mas que não são fechados em si. A dobra não expressa uma separação ou diferença entre dentro e fora, ela é uma coextensão, assim como uma dobra em um tecido continua sendo o tecido, é parte dele e não outra coisa.

Keleman (1992) discorre acerca da organização celular de um modo que nos possibilita entender somaticamente como o processo de subjetivação se dá na relação com o fora. As células do corpo humano estão todas conectadas umas às outras. Nosso corpo faz conexão com o meio externo por meio de dobras nos nossos tecidos, que se comunicam entre si por camadas celulares que ligam o meio interno à superfície. Assim, ambos os autores nos permitem entender o meio interno como invaginação do meio externo, ou o meio externo como um prolongamento do interno, o que nos conduz a uma concepção de corpo como processo subjetivo, constituindo-se em comunicação e composição com o meio.

Com isso, entendemos que nossos afetos, desejos, percepções, gostos, preferências, estilo e linguagem não são aspectos isoladamente individuais, mas produções de agenciamentos de enunciação coletiva. Somos compostos por diversos componentes de subjetividade presentes nos contextos e grupos que ocupamos, do mesmo modo que compomos a subjetividade desses grupos.

A máquina de produção capitalística é uma máquina de produção subjetiva dominante, que faz com que essa produção ocorra em escala global. Ela é serializada, como uma indústria, e por meio de

equipamentos de controle sociais, econômicos e midiáticos, tem efeitos de massificação e homogeneização (GUATTARI; ROLNIK, 2005).

Os modos únicos e originais que se produzem em meio aos processos de subjetivação, que chamamos de singularização, são marcas de resistência à subjetividade capitalística nos quais a afirmação do desejo e da vida ganham forma. Tais modos precisam sempre se reinventar, pois há frequentemente a captura dos traços de singularidade, tornando-os hegemônicos e, assim, minando sua capacidade de resistência.

[...] a subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização [...] (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 42).

O clínico vem como aposta na relação de expressão e criação com a subjetividade, criando linhas de fuga às formas de opressão e alienação. Se o sujeito está em constante processo de produção, os modos de se reinventar são a todo tempo delineados. A clínica age na abertura de possibilidades para criação de modos singulares de ser e estar no mundo. Um trabalho de composição, produção de autonomia e potencialização da vida. Esta criação de singularidade se dá por meio de encontros, invenção de si a partir da relação, e tem o corpo como campo de passagem e expressão.

A clínica de que falamos, portanto, propõe experimentação. Experimentar a si mesmo, o que se produz nas relações, os possíveis que nos habitam. Experimentar é pôr-se em risco, lançar-se às

infinidades do que pode vir a ser. Para isso, é preciso descolar-se do tempo cronológico, mercadológico, produtivista, e entregar-se ao tempo da experiência, seguir as pistas dos movimentos que nos convocam, estar atento às intensidades que nos atravessam e às forças que se fazem presentes em nós.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (BONDÍA, 2002, p. 21).

A temporalidade da experiência não ocorre só no espaço, ela é mergulho e imersão. Ao embarcar nesse tempo, é necessário manter-se nele, criando condições de acompanhar os processos presentes no corpo e na experimentação que conduzirão ao ato de corpar, à criação de novas formas de existir. “Portanto, para experimentar, não basta entregar-se à experiência, é preciso construir um modo de permanecer no processo em curso que solicita invenção” (LAZZAROTTO; CARVALHO, 2012, p. 101).

Outra proposta de nossa clínica é a expressão. A atenção ao corpo e às sensações que por ele passam aumenta sua capacidade de expressão. As experiências sensoriais produzem e dão passagem aos afetos, abrindo canais para que eles se expressem.

As expressões se fazem na emergência de marcas deixadas pelo vivido. Marcas são estranhezas que se criam nas experiências e abrem espaço para a criação. Aquilo que nos marca, nos modifica, nos torna estranhos ao que éramos, como as marcas do tempo que viram rugas na pele. Por meio dessas fissuras, novas formas de expressão ganham espaço.

Há um movimento próprio e autônomo na expressividade. Ela não está no controle do sujeito, é uma exploração das possibilidades presentes na comunicação entre meios, construindo assim

repertórios que ainda não são familiares. As qualidades expressivas não pertencem aos sujeitos, mas “desenham um território que pertencerá” (DELEUZE; GUATTARI, 2008, p. 123).

As expressões são territorializantes, por meio delas é possível nova configuração diante do desassossego promovido pelas marcas. Nós nos expressamos para tomar posse daquilo que emerge como diferença e assim territorializar, criar ritornelos que aterram novas formas de existir. “Ritornelo é o ritmo e a melodia territorializados porque tornados expressivos, e tornados expressivos porque territorializados” (DELEUZE; GUATTARI, 2008, p. 124).

O “como?” (KELEMAN, 1995) é a pergunta que nos orienta neste clínico. Não nos atemos aos “o quês?” nem aos “por quês?”, ou a questões que nos levam a busca por um sentido anterior, localizado ou escondido em algum lugar do passado. O “como” é a experimentação de um tempo intensivo, que nos permite fazer contato com a experiência e, por meio dela, acessar o passado atual, que está contido no presente. Como em nossas formas atuais se faz presente o passado e como a partir destas formas podemos construir outras?

Aprender como nos organizamos diante das diversas situações e relações nos auxilia a criar modos de lidar com conflitos e dificuldades. Ao atuarmos no desenvolvimento de maior proximidade com o corpo e com a percepção de como ele vem operando em nossas relações, produzimos modos mais atuais e autônomos de existir. Por meio do trabalho corporal, é possível desenvolver uma sensibilidade que acesse o processo subjetivo. Cria-se um canal de comunicação com a experiência, pois o corpo passa a ser percebido como território da experiência.

Um corpo passa a investigar as experiências em suas maquinações, mas ele também sofre a transmutação de valores e ideias. Sentidos se misturam, com o intuito de acompanhar velocidades e lentidões, ou ainda, fragmentos de partículas transformam o vivido e o lançam às potências do agir (MOEHLECKE, 2012, p. 169).

Dentre os modos de trabalhar esse estado presente, Keleman (1995) propõe um exercício de experimentação de como nos portamos em determinada situação ou para realizar determinada tarefa. O autor propõe uma metodologia em cinco perguntas: “O que estou fazendo?” – que consiste na percepção da sua imagem na situação –, “como estou fazendo?” – perceber a postura corporal e padrão muscular para organizar essa imagem –, “como paro de fazê-lo?” – entender como desfazer a postura. Para responder a essas perguntas, Keleman indica o exercício da sanfona, ou seja, intensificar ao máximo as tensões musculares presentes na imagem em questão e depois ir desfazendo-as aos poucos, experimentando esse *continuum* de contração e relaxamento repetidamente.

A quarta pergunta, “o que acontece quando paro de fazê-lo?”, consiste em uma pausa, o silêncio necessário para que uma nova experiência ganhe contorno. Nesta pausa, sensações, memórias ou emoções podem vir à tona, é um despertar somático. Por fim: “como uso o que aprendi a respeito?”. Após esta experimentação, pode-se endurecer em uma forma conhecida, deixando de lado o que foi experimentado, ou praticar novos modos de se usar convertendo os *insights* proporcionados pelos exercícios em ação, reorganizando uma nova forma.

A pausa é um momento importante para que o que está presente enquanto virtualidade se atualize. Deste modo, o “como” é um exercício de autonomia, de invenção de um modo singular de operar diante daquilo que afeta. Saída do automatismo para a tomada de posse dos usos que são feitos de si, para tornar-se presente.

Clinicar é abrir espaços de produção de um corpo atual que reinventa o que foi e brinca com as marcas do vivido criando novas montagens, acoplamentos, sobreposições, reconstruindo-se constantemente. Corpamos formas singulares, que não respeitam padronizações. Compomos com fragmentos e destroços que habitam o campo virtual, forças que ainda não são, mas estão em vias de ser. Formas

atuais que a todo o tempo precisam ser forjadas, sem que haja um ideal a ser alcançado.

## UMA PAUSA PARA O PORVIR

Andar não é óbvio. Demoramos anos para conseguir dar os primeiros passos. Muitos tropeços, quedas e joelhos ralados foram necessários. Ainda estamos aprendendo.

Aprendemos a criar ritmos próprios. Contudo, esses ritmos não são a afirmação de individualismos ou negação da vida enquanto produção coletiva, nem uma essencialização e naturalização de formas inertes e estáveis. “Porque seguir seu próprio ritmo não é andar de maneira absolutamente uniforme: o corpo não é uma máquina” (GROS, 2010, p. 61).

A produção de saúde que apostamos trata-se de um exercício de autonomia e presença, de uma experiência de duração, de tempo dilatado e de cuidado, opondo-se à lógica capitalística da vida e do tempo como uma linearidade cumulativa, em que se constrói uma percepção de mundo pelo viés do consumo, das metas e da representação. Dito isto, a lentidão é uma prática exercida neste clinicar, não se tratando necessariamente do tempo cronológico, mas da ação de se fazer presente. Essa presença nos possibilita o aprendizado do forjar a nós mesmos e a realidade que habitamos, dando expressão à singularidade das marcas que o viver nos traça.

Até aqui construímos o percurso de uma prática clínica que se faz inventiva. Nosso caminhar não se encerra neste momento, mas faremos uma pausa. Um espaço em que se permite o por vir. Nesta pausa, percebemos nossos pés sujos de chão. Caminhar, do modo que nos propomos, implica necessariamente nos sujarmos. É se dispor às irrupções dos afetos que nos tomam ao longo da jornada.



## REFERÊNCIAS

BERGSON, H. **O pensamento e o movente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BONDÍA, L. J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], n. 19, p. 20-28, 2002.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

**COMO nossos pais**. Intérprete: Belchior. Compositor: Belchior. *In*: ALUCINAÇÃO. Intérprete: Belchior. [s. l.]: PolyGram, 1976. 1 disco vinil, lado A, faixa 3.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

FARINA, J. T.; FONSECA, T. M. Clinicar. *In*: FONSECA, T. M.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. **Pesquisar na Diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 47-51.

FAVRE, R. Corp-Ante-Corpo. **Laboratório do processo formativo**, [s. l.], 2013. Disponível em: <https://laboratoriodoprocessofor-mativo.com/2013/05/corpo-ante-corpo/> Acesso em: 28 out. 2019.

GROS, F. **Caminhar: uma filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2010.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografia do desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

KASTRUP, V. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1.273-1.288, 2005.

KELEMAN, S. **Anatomia emocional**. São Paulo: Summus, 1992.

KELEMAN, S. **Corporificando a experiência**: construindo uma vida pessoal. São Paulo: Summus, 1995.

KELEMAN, S. **Realidade somática**: experiência corporal e verdade emocional. São Paulo: Summus, 1994.

LAZZAROTTO, G. D.; CARVALHO, J. D. Afetar. *In*: FONSECA, T. M.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. **Pesquisar na Diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 23-27.

MATURANA, R. H.; VARELA, G. F. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Campinas: Psy II, 1995.

MOEHLECKE, V. Oficinar. *In*: FONSECA, T. M.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. **Pesquisar na Diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 165-169.

NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ROLNIK, S. O inconsciente colonial-capitalístico. *In*: ROLNIK, S. **Esferas da Insurreição**: notas para uma vida não cefetinada. São Paulo: N-1 Edições, 2019. p. 28-97.

# *Pequenos destinos: caminhos para uma clínica no presente a partir de um sonho pandêmico*

*Talita Tibola<sup>45</sup>*

---

45 Talita Tibola é psicóloga (UFSM) e escritora, mestre em Educação pela Linha de pesquisa Filosofia da Diferença e Educação (UFRGS) e doutora em Psicologia pela Linha de pesquisa Subjetividade, Política e Exclusão Social (UFF). Atualmente, atua na clínica e é pesquisadora PNPD/CAPES no Laboratório de Design e Antropologia na Escola Superior de Desenho Industrial (UERJ), onde investiga metodologias colaborativas de pesquisa e intervenção que permitem a construção de diálogo, a visualização de consensos e dissensos e o acompanhamento de tomadas de decisões coletivas em ambientes clínicos e sociais.

Se eu queria enlouquecer  
essa é a minha chance [...]  
esse é o Romance Ideal  
(Os Paralamas do Sucesso)

## DO ROMANCE AOS PEQUENOS DESTINOS

Essa noite sonhei com Guilherme, meu amigo de Santa Maria -RS. Sonhei que escrevia uma carta para ele, avisando que ligaria para conversarmos.

Estamos num sonho, o que não nos demanda uma lógica. Ali, a carta, mais lenta na escrita, no caminho, na chegada, avisaria que eu ligaria para ele. O tempo para que a ligação aconteça ainda não está previsto. Não se sabe se é o tempo da chegada de uma carta ou o tempo do próprio sonho. O que faz uma ligação, um vínculo, um laço, uma amizade com alguém? Roland Barthes (2005a), em seu livro *A preparação do romance*, ressalta a importância de agir *Como se...* A intenção de agir como se fosse escrever um romance é que dá direção à sua escrita, à escritura-ação. O *Como se...* é explicado também como um método, a “exploração metódica de uma hipótese; aqui, fique claro: uma hipótese, não de *explicação* (de interpretação) (metaromance), mas de *produção*” (BARTHES, 2005a, p. 42, grifos do autor).

Barthes estava interessado na produção impulsionada por uma curiosidade, na ação de escrever e de mover-se em direção ao Romance, que ele escreve em letra maiúscula, quase como uma reverência, mas evocando também sua irrealidade: o Romance ideal não existe. Ele explicita que o *Como se...* é um deboche de um modo popular de dizer que, se queremos realizar algo, é melhor não contar isso para ninguém, pois caso contrário não se realizará. Contar para o outro de nossos quereres dá azar. O que ele alega, referindo-se principalmente à cultura francesa, é que esse ditado está ligado a uma cultura da vergonha – e aqui eu acrescentaria: a uma cultura da

individualidade e do julgamento –, pois se não tivermos contado, não passaremos vergonha diante dos outros por termos falhado. Contra isso, ele afirma que “estar apaixonado é perder a pose e aceitá-lo” (BARTHES, 2005a, p. 42), é não preocupar-se de pagar os erros que nem se sabe que se cometeu. O que ele faz é um duplo convite: ao mesmo tempo perder a pose e apaixonar-se, fazer as coisas a partir da paixão.

Aqui surge outra temática explorada por Roland Barthes (2005b, 2005c), aquela do *amador*. Amador é aquele que ama o que faz, sem necessariamente “dominar”. Ele define o amador como aquele que *produz* algo a partir de seu desejo, ao contrário daquele que tem domínio profissional e oferece um *produto*. Sem o intuito de ser um mestre em algo, a noção de amador contrapõe não só o desejo à especialização, mas também uma filosofia da ação e criação em contraposição a uma sociedade de consumo. Nesse caso, a realização do romance dá a direção, mas não define a importância do caminho que, seja como apaixonado ou amador, é o que importará. No sonho, e na sensação que permanece em meu corpo ao acordar, a ação de escrever a carta talvez fosse aquela de manter, insistir na ligação, no laço. Dar insistência<sup>46</sup> ao acontecer.

Em minha dissertação, “Redonda(me)nte amarela” (2009), escrita em forma experimental-poética<sup>47</sup>, a noção de Barthes inspira aquela de *pequenos destinos*. Da mesma forma que o Romance

---

46 “Clareza breve, insistência breve: uma qualidade da emoção. Emoção (ou melhor: perturbação): mais na motilidade das expressões do que no peso imóvel do patético” (BARTHES, 2005a, p. 169-170).

47 Em minha dissertação, “Redonda me(nte) amarela” (2009), defendida na Linha de pesquisa Filosofia da Diferença e Educação no Departamento de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, trabalho a escuta das palavras e das coisas explorando as noções de estilo de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1975) e a de *prazer do texto e de “Como se...”* de Roland Barthes (2005). A dissertação propõe, a partir do próprio modo como é escrita, um debate sobre o deslocamento do sujeito centrado e concebido mediante os parâmetros

de Barthes, “todo destino parece grande e oprime, parece distante e pesa, mas um pequeno destino não, é logo ali e existe não para ser alcançado, nasce para morrer amanhã, e talvez, justamente por isso, persista” (TIBOLA, 2009, p. 27). O *pequeno destino* está ao alcance do corpo como algo que nos afeta, que nos impulsiona pelo caminho, nos co-move.

Na clínica, muitas vezes nos deparamos com um corpo que se sente “perdendo tempo”. A ideia de perder tempo muitas vezes está colocada em comparação com um futuro muito distante. “Me sinto mal por não fazer nada”, esta era uma queixa comum de Amèlie<sup>48</sup>. Quando perguntei: “o que você faz quando não faz nada?”, seguiu-se uma lista de ações que, ao longo das sessões, foi se reconhecendo como um “fazer”, mas que ela chamava de ações “menos ativas” e que “não tem a ver com o que farei no futuro”, como: ver um filme, assistir a alguma série, falar com os amigos, ler um livro literário, ficar no quarto pensando. Já o que ela considerava fazer alguma coisa era: estudar algo que tenha a ver com a faculdade, aprender uma língua, fazer um exercício; coisas que fariam diferença em seu futuro, pois, mesmo o exercício físico estava ligado a um resultado e não à sensação.

Quando perguntei o que ela via de diferente entre essas ações, ela me disse que, no primeiro caso, ela estava parada, recebendo algo, e no segundo, ela tomava a frente, precisava mover-se. Recoloquei então a questão a partir de um olhar da Psicologia Formativa<sup>49</sup>:

---

modernos, para evocar processos de subjetivação e estilísticos constituídos por pequenos destinos.

48 Nome fictício.

49 Psicologia Formativa é uma abordagem clínica cuja metodologia, proposta por Stanley Keleman (2007), considera que a vida cria e transforma formas desde o nascimento, maturidade e envelhecimento. Meu contato com essa psicologia é localizado a partir da Psicologia Formativa, que se constitui no Brasil a partir da leitura de Regina Favre. Favre, segundo minha visão, compõe com Keleman a partir de uma noção pragmatista ligada à William James, afirmando que

“como você se usa quando está parada?”. Sugeri que ela pegasse um livro. Como estávamos em quarentena e o atendimento estava sendo realizado *online*, ela pôde pegar um livro seu, com o qual tinha uma relação afetiva. Sentando-se como costuma sentar para ler o livro, percebendo o modo como ela se senta, segura o livro e suas pulsações no encontro com a história, Amélie foi percebendo todos os pequenos movimentos necessários para que ela ficasse parada e as pulsações que esse contato causava em seu corpo, ao mesmo tempo que lhe permitia diminuir a angústia sobre o futuro incerto em tempos pandêmicos. Aqui, “não fazer nada” era um *pequeno destino* que lhe permitia estar presente e, ao mesmo tempo, acalmar-se para seguir. Valorizando esses momentos, ela pôde, aos poucos, sentir-se mais segura para realizar as ações que definia como “mover-se” e que eram importantes para ela.

Não se trata de generalizar esse caso, demarcando os pequenos destinos como determinadas ações e não outras, mas, em cada história singular, valorizar o caminho e “o que se passa entre”<sup>50</sup>, reforçar um exercício de presença. Movimentos de parada e de prazer, “coisas que não tem a ver com o que vou ser no futuro”. Ao pararmos para pensar na noção de corpo como bomba pulsátil (KELEMAN, 1992), concordamos com Keleman e com Regina Favre (2016, p. 77), pois, “assim como as medusas, o corpo bombeia a si mesmo nos ambientes, bombeando-os”. Percebemos também com Favre “que somos parte

---

as ações criam mundo, diferenciando-se da visão funcionalista que impulsiona os corpos a adaptarem-se a formas pré-moldadas.

50 Desde 2010, entre idas e vinda, tenho realizado uma intervenção, que se trata de pendurar um varal de filó com escrito em linha “O que se passa entre?”. Essa intervenção tem sido usada em festivais de música e arte, em intervenções político-artísticas, em ocupações de praças e, mais recentemente, no curso Contingente Necessário: criação e cuidado, realizado por mim e Gabriel Alvarenga no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica. No curso, o filó registra os sentimentos, as percepções sobre o que acontecia ao grupo e a cada um ao longo do processo em forma de frases, fios, costuras, constituindo um corpo coletivo.



dos ambientes e não apenas vivemos dentro de ambientes” (FAVRE, 2016, p. 76). Desse modo, a própria noção de futuro fica borrada, já que ela será produzida por um corpo que pulsa, que se move e compõe seu mundo-corpo-futuro.

Quando me lembro do sonho, escrever uma carta não tem o foco de informar, passar uma importante mensagem, mesmo que informe, mas mais do que isso, tem a intenção de entrar em contato (contatar alguém), compartilhar. E ao fazer um laço, ela carrega um encontro em si, um caminho, não um futuro, mas uma pulsação, um entre.

## PEQUENOS DESTINOS COMO EXERCÍCIO DE PRESENÇA E PRODUÇÃO DE NOVAS MAQUINAÇÕES

Mas, ao chegar a Santa Maria, depois da carta ter sido entregue, encontrei-o numa festa em sua casa e ele já estava morto. Ele estava lá, numa festa de despedida que duraria uma semana com todos os seus amigos, muitos deles compartilhados comigo.

Um sonho com a morte, presente em muitos relatos na pandemia, o medo da morte própria e dos próximos, a perda real de pessoas, o distanciamento, a mudança de vida, a morte de alguém, a iminência de que ela aconteça, o abandono de certas práticas e a criação de outras. Não há um sentido na pandemia. Seja culpa do homem e seus costumes, seja complô da natureza ou do capitalismo, a pandemia simplesmente existe e precisamos lidar com ela no presente, a partir de onde estamos. É nisso que um pequeno destino é diferente da busca de sentido. De forma totalizante, “a busca de sentido é amiga do grande destino e tem mania de esquecer o caminho”, ela nos dá a ideia “da busca de algo já pronto, algo já existente” (TIBOLA, 2009, p. 27), já o pequeno destino está mais próximo do sentido, como pensado por Gilles Deleuze (2006) em seu livro *A lógica do sentido*, como algo não a “ser descoberto, restaurado ou reempregado, mas algo a produzir por meio de novas maquinações” (DELEUZE, 2006, p. 75).

Quando falamos em busca de sentido, muitas vezes nos esquecemos desse “meio” que nos remete tanto a um processo/caminho quanto ao entorno que nos constitui e com o qual pulsamos. Deleuze e Guattari (2008) afirmam que os meios se constituem a partir da repetição de um ritmo, uma repetição que cria uma pequena organização em meio ao caos. O que há em comum entre o caos e o ritmo são os entre-meios, isto é, o lugar onde se constituem os territórios singulares. O território diferencia-se do meio por ser expressivo e não funcional (DELEUZE; GUATTARI, 2008). Podemos, por exemplo, pensar que um chão sujo de urina é um “meio”, mas ele já é outra coisa quando sujo de urina como expressão do território de um gato.

Segundo Deleuze e Guattari (2008), as marcas expressivas que constituem um território entram em relação entre si – o que eles chamam de motivos territoriais – e com o meio exterior das circunstâncias – contrapontos territoriais<sup>51</sup>. É dessa forma que se constituem as diferenças e os diferentes modos de vida.

Podemos pensar os pequenos destinos como esses motivos – motes, inícios, impulsionamentos – que se relacionam com o ambiente em contrapontos e que constituem as músicas. São esses entre-meios que estão em jogo quando falo em pequenos destinos, que estão mais próximos de um “jogo de passar o anel” do que da busca de um sentido: “a proposta é passar o anel, mas a finalidade é tocarem-se as mãos” (BARTHES, 2005c p. 419).

Sonho que Guilherme está morto e não está. Guilherme<sup>52</sup> é dessas pessoas “iluminadas”, palavra que com certeza ele não aceitaria

---

51 As noções de motivo e contraponto, assim como de ritornelo, são da teoria da música ocidental. Um motivo é uma pequena sucessão musical que, ao se desenvolver, constitui uma composição, é um fragmento mínimo de onde se parte. O contraponto é como uma segunda linha que se sobrepõe, que não segue a mesma lógica do motivo, mas constitui a composição. Já o ritornelo é a parte da música que é sempre repetida, sempre retorna.

52 Guilherme Carlos Correa é professor associado da Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Departamento de Metodologia do Ensino.

como elogio. Talvez melhor dizer que ele é uma pessoa dos lugares não iluminados, das esquinas, que acolhe e indica a beleza lá onde ela não é óbvia. Ele acolhe todos os desviados, aqueles que muitas vezes até procuram sem ou com sucesso um sentido, ou melhor, um modo de sobreviver e adaptar-se a esse mundo de produtividade. Mas o que se encontra com ele, e talvez isso expresse o seu caráter de educador, são outros ritmos, a possibilidade de constituição de novas músicas e territórios. Para todos esses, ele abre a sua casa, oferece algo de beber, prepara ele mesmo algo para comer, conversa, escuta, compartilha e, assim, a partir desse encontro, os ajuda a pensar o seu trabalho, sua arte, sua vida. Ajuda-os a perceber quais são os seus *pequenos destinos*.

Não lembro exatamente como conheci Guilherme, mas sei que foi ao longo de minha formação em Psicologia na Universidade Federal de Santa Maria/RS. Minha irmã Desirée havia pesquisado com ele. E, meu supervisor de estágio, Alexandre Henz, era seu amigo, participei do *Grupo de estudos sobre educação e fascismos hoje* (em 2004) coordenado por ele. Só sei que foram vários caminhos e que Guilherme se tornou um amigo ao longo dos tempos. Eu também era uma das acolhidas. Elementos de lembranças se misturam no aqui e no sonho, os lugares distantes no momento inalcançáveis, as amizades e as reuniões, a família, o estar juntos. Nesse sonho, estávamos

---

Trabalha com educação de educadores, na interface educação-política, a partir de temas contemporâneos, entre os quais se destacam drogas, sexualidade e arte, como concorrentes indissociáveis e suas implicações na formação de educadores, em ações de ensino, pesquisa e extensão. Desde 2009 coordena o “Projeto Ítaca: redução de danos como ferramenta para práticas intersetoriais em saúde”, que formaliza e reforça uma rede de atores da cidade de Santa Maria voltados à redução de danos, como os Centros de Atenção Psicossocial, estudantes e pesquisadores de diferentes áreas, moradores em situação de rua, trabalhadoras do sexo e travestis. Sua tese, “Educação Contemporânea no Brasil: Escolarização, comunicação e anarquia”, defendida na PUC-SP e orientada por Edson Passetti, foi publicada pela Cortez Editora sob o título *Educação, comunicação, anarquia: procedências da sociedade de controle no Brasil*.

todos nós, os acolhidos, celebrando a ele, à rede ao seu redor e à sua revolução, muitas vezes, mas nem sempre, silenciosa. Uma revolução baseada em afirmar a vida como ela se mostra, sem prescrições, e em defendê-la, sem moralismos ou cinismo.

Guilherme fez parte do processo de construção do conceito de *pequenos destinos*. Ele me mostrou que a formação acadêmica se dá muito além da sala de aula, sendo necessário expandi-la sempre que possível, e muito além dos pontos CAPES de pesquisa. Assim como Barthes (2005a) fala sobre seu Romance, Guilherme também diz que uma pesquisa só vale se for algo que nos impulse e apaixone. Se nos “formarmos” apenas pelo aprendizado acadêmico, vamos constituir corpos rígidos, tanto presos por certos formatos de práticas quanto pela necessidade de fixidez e fidelidade a alguma teoria. O que encontrávamos e encontramos com ele é a possibilidade de constituir outras formas.

Em sua pesquisa de pós-doutorado, Guilherme (2014) fala de uma presença que não seja oposta à ausência, mas uma presença que convoca o corpo a afetar e ser afetado<sup>53</sup>. “Do ponto de vista formativo, algo está sempre terminando, começando, florescendo e desaparecendo em nós” (KELEMAN, 2007, p. 36). Não somos algo fixo. A ideia do “formativo”, de um formar-se, inclui um processo também de presença e transformação, e não de uma forma estática. Para Keleman (2007), assim como para Guilherme, a aprendizagem se dá pelo corpo, para isso, aquele usa o verbo *to body*, que Regina Favre (2014) traduz como “corpar”, para ressaltar a ação expressa no verbo, destacando, além disso, que todo corpar é um co-corpar. Para todos eles, e com Deleuze e Guattari (2008, p. 42-46) a partir de Espinosa: todo corpar é um afetar e ser afetado.

---

53 Guilherme Correa desenvolve essa noção de maneira mais direta no artigo “A presença nas situações educacionais”, que está ainda no prelo.

## O QUE PASSA E O QUE FICA<sup>54</sup>: CORPOS EM COM-FORMAÇÃO

Encontrei-o na festa, e enquanto tomávamos uma cerveja e fumávamos um cigarro na sacada, eu perguntei: “Então quando você recebeu a carta já estava morto?” e ele “Pois é” e deu uma risadinha inconfundível, debochada. Debochava de mim, da vida e da morte, de si.

Aqui, talvez, poderíamos ser levados a pensar na urgência da vida como uma pressa: faça antes que acabe. Mas me lembrei da palavra urgência de outro modo: “urgência. é palavra bonita, né? urge, parece que arde. Um amigo falou urgência e isso é diferente de emergência, é urgência, arde, tu não sentes?” (TIBOLA, 2009, p. 118). A urgência que ardia naquela festa, naquele encontro, era alegre.

Ele estava morto, mas estava vivo. Ele ali, na festa, nós ali, na festa. Eu ali, também na festa, lamentava, pois não poderia mais ter aquela conversa que teria com ele ao telefone. Triste também por não conseguir me despedir, mas eu podia, ele estava ali, eu podia abraçá-lo ainda.

Uma ideia fixa, um plano quebrado, ele estava em minha frente e o plano era a ligação, conectar-se, e nós estávamos conectados, mas o plano “em si” fora quebrado. Isso me deixava cega a ponto de não vê-lo, ele estava ali comigo, mais próximo do que por telefone, sorrindo alcoólico, “diante do coruscante ouro da bebida” (HILST, 2004, p. 99). Mas o Romance, com letra maiúscula, o Fim, o Propósito, se sobrepunha aos passos. Eu podia abraçá-lo ainda.

---

54 A frase “O que passa e o que fica” é uma variação da frase “O que se passa é o que fica”, uma das respostas à minha intervenção “O que se passa entre?” e que tem acompanhado meu trabalho clínico e de pesquisa.

O sonho quebra nosso modo ocidental de pensar, *ou... ou*, ali tudo é possível. Esse sonho específico talvez questione o que é estar vivo. Em minha dissertação, meu *pequeno destino* é o amarelo. O texto é construído a partir da abertura de possibilidades dessa palavra pela escrita. O amarelo é o que me faz fazer, pesquisar e falar, não só do amarelo, mas do amar-elo. Desse elo que é caminho, ligação telefônica, afetiva, telemática. O termo “amarelo”, em sua etimologia, está ligado à palavra latina *amarellus*, do latim, sendo o diminutivo da palavra *amarus*. A relação entre a cor e o sabor está ligada ao fato de que “amarelo é a cor da bile antes de se oxidar e ficar esverdeada, e é muito amarga” (AMARELO, 2009, s/p). A palavra era também aplicada à palidez dos que padeciam de icterícia (AMARELO, [2001?]). “Os estudos (modernos) da significação das cores detêm-se entre sua energia ligada à morte, à doença, ou sua energia vital, ligada ao sol, à juventude” (TIBOLA, 2009, p. 128).

Se pensarmos o amarelo nas culturas e religiões afro-brasileiras<sup>55</sup>, a cor é relacionada a Iabá Oxum<sup>56</sup>, rainha dos rios, simbolizada pelo amarelo, amarelo do ouro com que se veste, da luz do sol que reflete em seu espelho, espelho não da vaidade, mas do olhar para si

---

55 Importante destacar que as religiões de matriz africana são bastante heterogêneas entre si, não só diferenciando-se entre aquelas que realizam um sincretismo com o catolicismo e aquelas que não, mas também entre as nações a que estão ligadas e entre as culturas de diferentes regiões da África. Além disso, há a influência de como cada uma dessas culturas e religiões se constituiu e cultivou nas diferentes regiões do Brasil. No entanto, alguns elementos entre essas religiões são compartilhados. Enquanto mulher branca e não praticante de nenhuma religião, o que conheço sobre a cultura, religiosidade e danças afro-brasileiras devo a Eliete Miranda, atriz, dançarina, educadora e coreógrafa baiana que atua no Rio de Janeiro e coordena o projeto A arte de dançar afro.

56 Nas religiões afro-brasileiras são referenciados Orixás, que são forças da natureza. Orixás femininos chamam-se Iabás, Oborós, os masculinos e Metá-Metá são Orixás que, a depender do momento, apresentam-se como femininos ou masculinos.

mesma. Reconhecer-se, mas, além disso, amarelo do passar do tempo, dos panos que brancos se tornam amarelos com o passar do tempo (PRANDI, 2001)<sup>57</sup>. “A vida corrompe a paz, pois amarela os panos” (TIBOLA, 2009, p. 128).

Estamos em quarentena. Mesmo quem não pode ficar em casa, mesmo quem trabalha, trabalha de máscara, não vai ao bar com seus amigos, tem medo de voltar para casa e contaminar os seus. Estamos próximos da morte, escancarados pela sua realidade e pela paz inexistente. Esse sonho que compartilho é um sonho de pandemia. Um sonho de morte, mas que nos mantém juntos, na festa e na certeza da morte. Na morte que ali trazia a festa, um momento em que estamos próximos, amarelo de morte, do passar do tempo lento e do sol.

Também nas religiões de matriz africana, Nanã é orixá que expressa a proximidade da vida e da morte, ela dá vida e pede a vida de volta, cuida da morte. Nanã é simbolizada pela lama. No catolicismo, “pois tu és pó e ao pó voltarás” (BÍBLIA, Gênesis, 3, 19), há uma descorporificação da morte, a morte é apresentada como um desaparecimento, o pó que é ligado à terra, mas ao mesmo tempo se esvai, etéreo, como uma “desaparecença”, perder-se no ar.

Já a lama contorna o corpo, ela é terra (o firme) e água (o móvel, o adaptável), ao mesmo tempo, ela é moldável e molda. A morte e a vida têm corpo, têm formas. É uma mulher que pare um corpo com vida, é uma mãe que cuida, desenvolve e alimenta, assim como vela um corpo no leito de morte. Ao mesmo tempo que dá forma, torna esse corpo adaptável. Importante sublinhar aqui que não estamos defendendo uma adaptação ao pré-formatado, a um modo que nos é forçado, mas ao que toca. Esse toque muitas vezes pode ser violento, mas se conforma, não como coerção e silenciamento, mas com-forma,

---

57 Refiro-me ao livro *Mitologia dos Orixás* (PRANDI, 2001), especificamente para essa referência dos panos que se tornam amarelos com o passar do tempo, quanto ao restante, continuo afirmando o que comentei na nota de rodapé número 12.

forma com o outro? O que vive, o que com-formamos e o que morre em nós nesses tempos?

## A CLÍNICA COMO CORRESPONDÊNCIA

Aquela era uma festa típica de sua casa, cheia de pessoas, comendo, bebendo, conversando, dançando, ouvindo música, vendo os muitos quadros dos muitos artistas amigos seus. E que ele gosta de pegar, mostrar os detalhes, remarcando: “olha que coisa linda! Não é impressionante?”. Ao longo da festa (da semana), Guilherme vai esvaecendo, mas estamos todos juntos. Algo que ele sempre consegue fazer tão bem. Era muito triste e ao mesmo tempo alegre.

Essa imagem, num primeiro momento, me pareceu um tanto cristã, como o corpo de cristo que “está em nós”<sup>58</sup>, e até violenta, como se o que importasse não fosse ele, Guilherme, mas o que ele faz em nós. Sobre essa segunda impressão, pergunto-me se não é realmente assim – não somente para Guilherme, mas para todos nós –, se não estamos nos constituindo o tempo todo nesse entre-meios, nesse agenciamento coletivo. A noção de agenciamento proposta por Deleuze e Guattari (1997, p. 16) como “agenciamento maquínico de corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros”

---

58 As referências ao catolicismo, religião que não pratico, são de conversas com meus pais, Francesca e Artemio, católicos, hoje não praticantes. Vindos ambos de famílias católicas, mas bastante diferentes, meu avô materno mais ortodoxo, já minha avó paterna de catolicismo de cultura popular brasileira, realizava inclusive benzeduras que incluíam ervas, crenças e rezas. Quando perguntei sobre a imagem de cristo em nós que me evoca algumas lembranças infantis, minha mãe comentou sobre o corpo de cristo que é dividido na eucaristia, já meu pai, que também frequentou o seminário, lembrou de Mateus: “Jovens, não tenham medo: eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (BÍBLIA, Mt. 28, 20).



e ao mesmo tempo “agenciamento coletivo de enunciação, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas sendo atribuídas aos corpos” não implica um “nós” humano, consciente, individual, como o cristianismo e o capitalismo propõem, mas uma relação heterogênea, interespécies, localizada e marcada por como nos constituímos nesse entre. Uma mistura de festa e medo, de vida e perda. Como ser sem ser “com”? O que de nós afeta o outro e o que do outro nos afeta?

O trabalho clínico, mesmo quando num atendimento individual, é um trabalho que não se faz sozinho. Estamos com nossas bagagens de vida, de teorias, conceitos e “ferramentas” e encontramos outro corpo, com outras bagagens. Os movimentos acontecem no presente. Como uma bailarina que se prepara anos para dançar, mas não dança uma coreografia prévia, improvisa a partir do movimento do outro.

Amèlie<sup>59</sup>, além de demorar para perceber pequenos movimentos que realiza e, aos poucos, começar a valorizá-los, angustia-se com um momento de responsabilidades que está por chegar, ter responsabilidades, ser independente. Há um discurso da individualidade e do “dar conta sozinho” que pesa em nossos modos capitalistas, um medo de “perder a pose” que nos torna medrosos e arredios a apaixonamentos. Esse discurso aplaca formas de correspondência possíveis.

A palavra “correspondência” é proveniente da palavra “corresponder”, formada pelo prefixo “co-” e pela palavra “responder”. O prefixo “co-” vem do latim *cum* e significa “com”, “junto”, já “responder” tem como radical antigo a palavra *spend*, de origem indo-europeia, e *spondeo*, de origem latina. Ambas têm significados próximos: *spend* significa “brindar”, “estar em concordância sobre algo”, e *spondeo* significa “esposar”, “responder por alguém”. Aqui podemos perceber o casamento, por exemplo, tendo sua origem num brinde/concordância em que uma pessoa se responsabiliza pela outra. A origem e o brinde ligados ao casamento remetem a um acordo de negócios. No

---

59 Amèlie aqui não é só um nome ficcional, mas também se refere a diferentes pessoas.

entanto, se pensarmos nesse “brinde” e em “responder por alguém”, a palavra co-responder ganha um significado de juntos responsabilizar-se um pelo outro, cuidar-se mutuamente. Juntos brindar, brindar a esse cuidado.

Vivemos num mundo em que os responsáveis – pessoas que profissional, judicial ou informalmente são responsáveis por outras pessoas – não são vistos como pessoas a serem cuidadas, mas como pessoas que “respondem por”, que não precisam ser “correspondidas”. No sentido mais antigo de responder, aquele de brindar, selar algo, a coletividade já está implicada. Imaginar que podemos ser responsáveis (brindar sozinhos) é mais uma ilusão provocadora de sofrimentos. Todos cuidamos e somos cuidados. Sejam essas formas de cuidado visíveis ou não, nos co-formamos o tempo todo.

Essa coletividade, imanente à subjetividade e à nossa constituição, encontra acolhimento em culturas em que o indivíduo é pensado em conexão. Penso na cultura afro-brasileira e seus Orixás, tanto ligados à natureza quanto passíveis de erros, nas organizações de bairros, nas vaquinhas de apoio coletivo que têm sido realizadas ao longo da quarentena<sup>60</sup>. Penso em Diego Costa (2020), em sua pesquisa no Arranjo Local Penha<sup>61</sup>, dizendo é impossível andar no bairro da Penha com mudas de plantas sem parar para conversar com as pessoas, pois cada um tem uma história para contar sobre elas, suas propriedades e sobre histórias que essas plantas remetem, lembranças familiares,

---

60 Mapeamento de Redes de Colaborativas realizado por urbanistas periféricos para o enfrentamento da COVID-19 nas favelas e periferias do Rio de Janeiro a fim de facilitar a comunicação entre os territórios e também a possibilidade de doações. Para mais informações, ver: [https://abre.ai/covid19\\_mapaderedescolaborativas\\_rj](https://abre.ai/covid19_mapaderedescolaborativas_rj)

61 *Live* “Fazer com: encontros entre design, autonomia e soberania alimentar” promovida pelo Laboratório de Design e Antropologia apresentando ações realizadas no Arranjo Local Penha, movimento que articula redes dentro e fora da favela em fortalecimento a soberania alimentar e agricultura urbana no Complexo da Penha, na Serra da Misericórdia, última área verde da Leopoldina.

de infância e do próprio bairro. Penso também nas culturas indígenas, aqui especificamente lembrando-me de Sandra Benites Guarani Nhandewa (2020)<sup>62</sup>, quando ela fala tanto do seu corpo coletivo entre academia e sua comunidade indígena – seu corpo que carrega seu povo e ancestrais – quanto de como, para sua cultura, tudo tem espírito e precisa ser respeitado. É preciso respeitar a natureza para que ela não se desencante.

Diferentemente dessas culturas que se reconhecem como coletivas e criam formas de ação comuns, a vida nos centros e bairros de classe média (de baixa a alta) e o discurso maior das mídias e redes se sustentam a partir da noção de individualidade e independência. No entanto, em momentos extremos, como o da pandemia provocada pelo coronavírus, torna-se explícita nossa co-dependência e constituição em co-respondência. O sofrimento gerado pelo distanciamento social, econômica e subjetivamente, explícita como a independência é uma ilusão que sustentava muitos corpos. Reconstituir e afirmar a coletividade em nós talvez seja um caminho para acompanhar corpos que chegam desfeitos na clínica por terem perdido ou não visualizarem, corporificarem com suas redes.

## COMPANHEIROS DE BAGUNÇA E PEQUENOS DESTINOS CLÍNICOS

### **Acordo**

O sonho em mim, o dia longo de atendimentos e reuniões. Guilherme em mim, vou ligar para ele quando “o dia acabar”. Meu pensamento próximo daquele de Amèlie, como se o dia acabasse quando acabam as tarefas. “O dia acaba”, ligo então para ele, digo que sonhei com ele, mas não conto o conteúdo ainda, tateio se seria oportuno.

---

62 *Live* “Saberes em movimento: mulheres indígenas na academia” promovida pelo Laboratório de Design e Antropologia no dia 6 de agosto de 2020.

E o que acontece quando não pensamos no futuro... Guilherme fala: “sabe, Talita, eu tenho gostado de pensar nos sonhos, me perguntando sobre o que eles nos fazem fazer”. Guilherme me conta então que dias atrás sonhou que morria, e sonhar que tinha morrido havia mudado tudo, pois o fez tomar atitudes mais vivas. Sinto que preciso contar a ele o meu sonho com sua morte também. Conto. E conversamos sobre tudo, falamos, “perdemos tempo” falando sobre a vida. Agradeço por aquele encontro, desligo o telefone e penso que o que o sonho me fizera fazer era ligar para ele e me sentir viva. Para ele, alguém que fica, que insiste em mim. Ele me fizera lembrar do que é importante nessa quarentena. Quais as pessoas e coisas que queremos guardar e que nos guardarão.

Haraway, em seu livro *When species meet* (2008), fala de espécies companheiras (*companion species*). Ali, ela destaca a importância dessa expressão, definindo as duas palavras que a compõem a partir de seus significados etimológicos. Ela justifica essa escolha afirmando que toda palavra velha carrega um caráter contraditório. Desse modo, explica que a palavra “companheiro(a)” é originária do latim *cumpanis* e carrega o significado de “compartilhar o pão”, “comensais”. Em inglês, língua em que o livro de Haraway foi escrito, a palavra “comensais” fala-se “messmates”, no entanto, separando a palavra, que é composta por “mess” (bagunça) e “mates” (companheiro(a)), ela remete a “companheiros de bagunça”.

Já a palavra “espécie” vem do latim *specere*, “olhar”, “guardar”. As palavras “olhar” e “guardar” não parecem tão próximas se pensadas a partir do português, porém, em italiano, “olhar” é “guardare”, mostrando sua mesma origem. Esse olhar, portanto, é um olhar com olhar atento, tanto de cuidado quanto de vigia. Tanto o guarda-noturno que vigia quanto alguém que faz vigília pelo sono de outrem.

Haraway convoca então a palavra *re-gard* do inglês, que tem como significados “consideração”, “estima”, “preocupar-se”, “olhar com cuidado”, mas, quando desmembrada, fala mais diretamente

de um “olhar de volta”, “retribuir um olhar”. A palavra, portanto, já implica uma coletividade, olhar e ser olhado de volta.

Retomando então a noção de *companion species*, temos os companheiros de bagunça olhando uns pelos outros. Cuidando uns dos outros. São essas questões que estão implicadas quando coloco a pergunta: “Quais as pessoas e coisas que queremos guardar e que nos guardarão?”. A pandemia nos coloca diante da pergunta sobre quem são nossas espécies companheiras, nossos companheiros de bagunça, sejam eles humanos ou não humanos, plantas, animais, vírus, bactérias ou mesmo objetos. Com quem nos sentamos à mesa e nos constituímos e transformamos?

Ao acordar, o sonho me faz fazer um movimento, uma ligação – *ligare*: unir, brindar, corresponder, olhar, guardar. Nos tempos de hoje, falamos que “a conexão cai”. Esta expressão não se usa muito nas relações com Guilherme, já que ele nunca teve nem mesmo um celular. A conexão com ele é sempre mais lenta. Não é imediata, pede um tempo, o tempo de estar em casa, de estar disponível, de atender a um telefone. E mesmo de longe, a conexão não cai.

“Estamos num sonho”, mas não é como quando falamos isso para dizer que algo é muito bom. Estamos num sonho, pois não há realidade a ser contraposta e nem mesmo a “realidade” está dada. Não há o Romance nem um romance ideal, apenas um presente, a perspectiva de um porvir, e como nos movemos em direção a ele. Como podemos nos conectar para não cair no pesadelo?

Dias depois, lembro-me de uma fala de Guilherme, enquanto banca na defesa de minha dissertação: “eu quero ouvir mais sobre isso que você está falando aqui, sobre os *pequenos destinos*, fala mais”. Demorei mais de dez anos para falar, mas falo, agora, em co-respondência a Guilherme Corrêa e à Raphaella Daros, que também teve um olhar generoso sobre minha dissertação e que nos convida a oscilarmos juntos e a experimentarmos a construção de formas de expandir e contrair junto ao outro. Falo agora em correspondência

entre escrita e clínica. Falo agora para vocês. Afinal, é isso que meu sonho de pandemia me fez fazer, este texto, como um *pequeno destino*.

## REFERÊNCIAS

AMARELO. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**, [s. l.], [2001?]. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-1/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1) Acesso em: 20 ago. 2020.

AMARELO. **Origem da palavra**, [s. l.], 2009. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/amarelo/> Acesso em: 20 ago. 2020.

BARTHES, R. **A preparação do romance**: da vida à obra. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. v. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.

BARTHES, R. **A preparação do romance**: a obra como vontade. v. II. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005c.

BÍBLIA online. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/> Acesso em: 19 ago. 2020.

CORRÊA, G. **A presença nas situações educacionais**. (No prelo).

CORRÊA, G. **Educação, comunicação, anarquia**: procedências da sociedade de controle no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006.

DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. v. 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2008.

FAVRE, R. Corpar: nosso verbo principal. **Laboratório do Processo Formativo**, [s. l.], 2014. Disponível em: <https://laboratorio-doprocessoformativo.com/2014/02/corpar-nosso-verbo-principal/> Acesso em: 15 jun. 2020.

FAVRE, R. Corpos na multidão, medusas nos mares, bombas pulsáteis: uma incursão no campo corporalista. **Ide**, São Paulo, v. 38, n. 61, p. 63-78, 2016.

HARAWAY, D. **When species meet**. Minnesota/London: University of Minnesota Press, 2008.

HILST, H. **Do desejo**. Rio de Janeiro: Globo, 2004.

KELEMAN, S. **Anatomia emocional**. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

KELEMAN, S. **Editorial The Body Psychotherapy Journal**, [s. l.], v. 6, n. 1, 2007.

LaDA Live 3. “Fazer com: encontros entre design, autonomia e soberania alimentar”. [s. l.; s. n.], 2020. 1 vídeo (1h48min35s). Publicado pelo canal **LaDA ESDI**. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/zrT-Ou58bIo?feature=share> Acesso em: 25 jun. 2020.

LaDA Live 9. Saberes em movimento: mulheres indígenas na academia. [s. l.; s. n.], 2020. 1 vídeo (2h04min07s). Publicado pelo canal **LaDA ESDI**. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/98WPY4Tfpa4?feature=share> Acesso em: 6 ago. 2020.

PRANDI, R. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRIBERAM. **Dicionário da língua portuguesa**. Verbete co-. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org> Acesso em: 6 set. 2020.

**ROMANCE ideal**. Intérprete: Os Paralamas do Sucesso. Compositores: Herbet Vianna e Martin Cardoso. *In*: O PASSO do Lui. Intérprete: Os Paralamas do Sucesso. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1984.

TIBOLA, T. **redonda(me)nte amarela**. 2009. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.



# *Reverberações pandêmicas: o corpo na clínica virtual e outras notas da quarentena*

*Liliane Oraggio*<sup>63</sup>

O prolongado isolamento social instalado no Brasil no ano de 2020 tornou-se a oportunidade de experimentar uma grande diversidade de interações clínicas virtuais, incluindo práticas corporais do processo formativo, metodologia sistematizada pelo estadunidense Stanley Keleman, autor de *Anatomia emocional* (1996), norteadora da clínica de que vamos tratar neste capítulo. Porém, independentemente da área ou da formação, do enfermeiro da linha de frente até dos psicanalistas

---

63 Liliane Oraggio é terapeuta corporalista, acompanhante terapêutica, jornalista (PUC-SP) especializada em temas do comportamento, pesquisadora independente e mestranda em Ciências da Saúde (UNIFESP). Coordena as Oficinas Corpo, Escuta e Escrita para Profissionais de Saúde.

encastelados em seus consultórios, durante o confinamento adotado como única medida capaz de conter a superlotação nos hospitais, cada profissional da saúde foi convocado a exercitar suas habilidades de comunicador e a superar bloqueios com a tecnologia.

Com ouvidos atentos e olhos grudados na tela, durante muitas horas por dia, como prática profissional viável durante o isolamento social, iniciou-se essa modalidade de atendimento – muito distinta das consultas *online*, que há mais de uma década são exercitadas por psicoterapeutas.

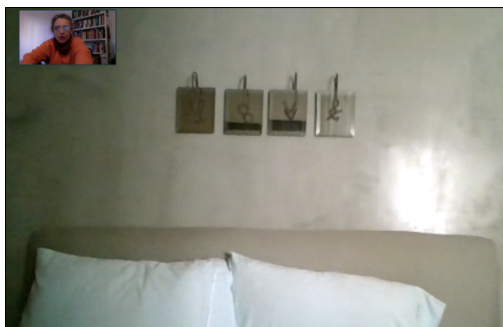
A gravidade do momento, com milhares de mortos a cada dia (até meados de agosto de 2020, 110.019 óbitos), a ameaça constante de contágio, o distanciamento dos entes queridos, o risco de desemprego e os muitos níveis de desamparo individuais e coletivos tornaram o consultório, além de lugar de cuidado, um observatório social, capaz de dar acesso a emoções, conflitos, ambientes, novos ângulos dos mesmos casos, novas necessidades diante dos desafios do distópico cotidiano que se instalou em São Paulo, no Brasil, em fevereiro de 2020, e no planeta, desde que o primeiro caso de contágio pelo mutante vírus da COVID-19 foi registrado na China, em novembro de 2019.

A partir das notas de uma clínica particular, que acolhe pessoas prioritariamente de classe média, que vivem em três capitais fortemente impactadas pela pandemia (São Paulo, Roma e Nova York), foi possível abrir um leque de ricas experiências, com o objetivo de registrar as descobertas nessa era instável e também de revelar novas habilidades a serem desenvolvidas pelos profissionais de saúde no enfrentamento desta imprevisível era pós-coronavírus.

O domínio de alguns equipamentos dispensáveis e até indesejáveis nas sessões presenciais tornou-se essencial nas sessões *online*. Por exemplo, lidar com o enquadramento e com a luz, manter a qualidade de som e de conexão, conhecer a casa do paciente e seus *pets*, muitas vezes presenciar a interação com outros membros da família, lidar com a falta de privacidade e assim por diante.

Fora do ambiente controlado do consultório terapêutico, foi preciso encarar todos esses deslocamentos e reconhecer na prática clínica uma nova e abrangente reorganização: desde o modo de fazer a agenda, incluindo intervalos maiores (levando em conta que as interações virtuais tendem a ser mais cansativas), até o modo como nos preparamos para tornar a casa também um ambiente possível para o trabalho terapêutico, mantendo o caráter vincular e sigiloso.

Com essa nova disposição, foi possível, por exemplo, criar o hábito de anotar as sessões em tempo real, confortável por questões ergonômicas. Explica-se: se na sessão presencial mantemos uma distância aproximada de um metro e ambos os corpos, o da terapeuta e o do paciente, estão bem acomodados em uma cadeira acolchoada de design retilíneo, na sessão *online*, o computador está apoiado em uma mesa. Na sala da terapeuta, o enquadramento é em plano americano, que mostra a parte superior do tronco, com ênfase no rosto, incluindo um fundo com estantes de livros. Na atitude de escuta, as mãos ficaram apoiadas na mesa e não demorou para serem tomadas por uma inquietude e por uma sensação de “estar perdendo alguma coisa” diante da imagem de cada um dos 20 pacientes com sessões semanais regulares – que não são mesmo apenas uma imagem! A maioria deles apenas migrou para o *online*, apenas uma pessoa chegou durante o isolamento social.



Entrar, literalmente, na casa dos pacientes, na intimidade dos ambientes que emolduram os relatos clínicos.

Ao vivo, em ato natural, teve início a mais intensa temporada de anotações: caneta esferográfica e cadernos pautados passaram a ser instrumentos indispensáveis da escuta clínica da autora, imersa nessa experiência por cinco longos e tenebrosos meses desse inverno planetário. Anotar à mão, em caligrafia apressada, captar as sequências de diálogos, descrever algumas cenas e desenhar o corpo do outro durante as intervenções foram jeitos de represar e conferir consistência àquele material líquido, emitido pela tela plana de cristal líquido, formada por milhares de pixels, oposta à tridimensionalidade e aos volumes dos corpos em presença, com suas texturas, odores, nuances.

Os cadernos foram o receptáculo da memória e da materialidade das conversas, armazenadas na velha e boa prática de “pôr no papel” o que é importante. Em pleno século 21, o terapeuta corporalista se percebe anotando tudo do mesmo modo como faziam os primeiros médicos no Egito Antigo, cerca de 1.300 anos antes de Cristo, transpondo à mão os sintomas e os diagnósticos de seus pacientes, desenvolvendo a habilidade de escribas como pré-requisito para o bom exercício da medicina<sup>64</sup>.

O sinal para emergir dessa intensidade da escuta e das notas foi justamente o fim da tinta da mesma caneta esferográfica usada por quatro meses consecutivos. Era possível fazer um recuo e contemplar o cilindro transparente e vazio, as páginas repletas de desenhos e garatujas e muitas fotos capturadas das telas do computador e das chamadas de celular com câmera. Esta é a matéria-prima deste artigo,

---

64 Essa informação, aliás, vem de conversas cuja participação seria impossível presencialmente: trata-se do ciclo sobre “Doenças, práticas de cura e saúde e suas histórias”, realizado em junho/julho de 2020, organizado pelo Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade (NEREIDA) e pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) do Instituto de História da Universidade Federal Fluminense (IHT/UFF), com o apoio do TAPHOS – Grupo de Pesquisa em Práticas Mortuárias do Mediterrâneo Antigo, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

feito no calor dos acontecimentos, tentando produzir e compartilhar a história daquele que foi um momento inédito de pandemia, enquanto ela ainda acontece, sem previsão de término.

Mais do que um texto pronto e acabado, o importante é levantar questões sobre o vivido na clínica corporalista virtual. A proposta é criar uma espécie de caleidoscópio, em fragmentos coloridos por muitas intensidades que podem ser articulados e movimentados de múltiplas maneiras. Seria essa uma forma válida de produzir conhecimento enquanto a experiência acontece ou apenas precipitação? Seria possível, assim, tecer as pequenas histórias que se desenrolaram na vida de cada um durante a quarentena com a Grande História Social de que somos, ao mesmo tempo, protagonistas e testemunhas de um novo marco civilizatório?

O momento dispara muitas outras questões, que passam a ser recorrentes em conversas com colegas e supervisores: seriam as sessões virtuais menos potentes que as presenciais? Como é possível fazer intervenções corporais sem estar diante da pessoa, de sua pulsação, seus volumes, texturas e temperaturas? É possível captar a expressão, a voz, as nuances do comportamento, os silêncios com a intermediação tecnológica? É possível acolher, afetar, amparar e cortar com a mesma precisão do contato humano, essencialmente presencial? Podemos prescindir do contato tátil da presença em detrimento da frieza dos meios eletrônicos de captação?

O lugar de suposto saber entra em xeque quando paciente e profissional passam juntos pelo mesmo episódio mundial que coloca em foco os valores de vida e morte, evocando de ambos os lados as experiências de luto, desamparo, pavor. Ambos em seus ambientes domésticos, ambos tratando das inevitáveis e semelhantes situações de lutos e perdas. Traria isso um novo desafio para lidar com as projeções, com a transferência e a contratransferência? Continuaríamos aptos à clínica asséptica?



Na tripla jornada de trabalho, a moça dobra as roupas e as emoções enquanto a sessão acontece.

Vários são os momentos de transição histórica que exigem uma reformulação dos modos de vida, das relações e valores. Uma das análises precisas de uma dessas fases de transformação histórica marcante é o ensaio *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*, do alemão Walter Benjamin (1955), filósofo e sociólogo, com primeira publicação em 1936 e versão posterior de 1955.

Aparentemente, esse texto não tem nenhum ponto relacionado à crise sanitária profunda que vivemos no ano de 2020, aparentemente as questões pré e pós-Segunda Guerra Mundial não têm conexão com as questões contemporâneas deste mundo imerso em caos e também turbinado pela tecnologia, pelo *streaming* e outros recursos que permitem a produção de uma comunicação prioritariamente imagética e em tempo real, seja para confirmação de vínculos afetivos, de busca sexual, de produção e veiculação de notícias e de *fake news*, seja para imersão em todas as redes sociais.

Porém, nesse famoso ensaio, W. Benjamin (1955) questiona o impacto do surgimento da fotografia sobre as artes plásticas e do cinema sobre o teatro, o impacto das histórias contadas com imagens sobre as histórias contadas presencialmente, com atores em carne e osso, vivos vivendo dramas ao vivo para outros vivos acomodados em vastas plateias.

A experiência de se estar diante de uma obra de arte exposta nas condições ideais de um museu concentraria em si uma aura intransponível, despertando sensações impossíveis de serem produzidas quando estamos diante de uma fotografia daquela mesma obra de arte, que pode estar na capa de um caderno, decorando uma casa, um local público ou ambiente sem qualquer relação estética com a obra original. Heresia ou não, o aprimoramento da tecnologia gráfica, no início do século 1920, permitiu essa difusão da arte, que confere certa experiência e que até fomentou o interesse da massa pelos temas antes reservados a um restrito círculo erudito. E, mais recentemente, acrescenta-se a isso a possibilidade de se fazer visitas virtuais aos mais importantes museus do mundo, bastando ter interesse e uma boa conexão de internet.

Pode resumir-se essa falta no conceito de aura e dizer: o que murcha na era da reprodutibilidade da obra de arte é a sua aura. O processo é sintomático, o seu significado ultrapassa o domínio da arte. *Poderia caracterizar-se a técnica de reprodução dizendo que liberta o objecto reproduzido do domínio da tradição. Ao multiplicar o reproduzido, coloca no lugar de ocorrência única a ocorrência em massa. Na medida em que permite à reprodução ir ao encontro de quem apreende, actualiza o reproduzido em cada uma das suas situações.* Ambos os processos provocam um profundo abalo do reproduzido, um abalo da tradição que é o reverso da crise actual e a renovação da humanidade. Estão na mais estreita relação com os movimentos de massas dos nossos dias. O seu agente mais poderoso é o filme. O seu significado social também é imaginável, na sua forma mais positiva, e justamente nela, mas não sem o seu aspecto destrutivo e catártico: a liquidação do valor da tradição na herança cultural. Este fenómeno é mais evidente nos grandes filmes históricos. Cada vez engloba mais posições no seu domínio (BENJAMIN, 1955, s/p, grifos do autor).

Esse diálogo entre épocas tão distintas pode ajudar a compreender o fazer clínico contemporâneo, que deixa de ser condicionado a um *setting* – o ambiente controlado pelo terapeuta –, à presença física e ao deslocamento semanal dos pacientes até o mesmo local para que o encontro presencial se realize plenamente. Assim, apesar de *online*, as sessões realizadas mantiveram sua aura especial de rito, seguindo o modo médico ditado pela psicanálise, a qual foi fundada pelo médico neurologista e psiquiatra austríaco S. Freud. Esse modelo, que perdura desde meados do século 1919 até os dias de hoje, exigiu dos psicanalistas uma rápida adaptação para os atendimentos da quarentada, tanto no que diz respeito à demanda dos pacientes quanto no que se refere à própria sobrevivência desses profissionais das notícias que chegam, os atendimentos seguiram via plataformas de teleconferência ou simplesmente por chamadas de celular sem câmera. Seriam essas interlocuções menos autênticas e menos efetivas no acolhimento à depressão, à ansiedade, a fobias e compulsões?

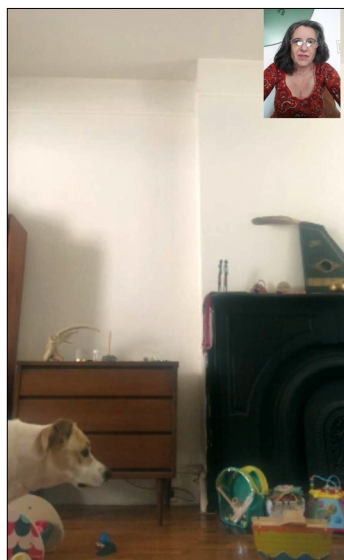
E como nós, terapeutas corporalistas, que incorporamos outras práticas de cuidados, além das práticas convencionais de fala e da escuta, podemos manter a aura, isto é, a autenticidade das interações e intervenções corporais? Será que esse trabalho é restrito à presença física do paciente frente ao terapeuta ou também pode ganhar novas dimensões, inclusive táteis, também nas sessões virtuais?

Considerando que também a atividade clínica tem sua dramaturgia inerente, cabe a citação de W. Benjamin:

Não há dúvida de que no teatro o desempenho artístico do ator é apresentado ao público pela sua própria pessoa; pelo contrário, o desempenho artístico do ator de cinema é apresentado ao público por um equipamento, o que tem dois tipos de consequências. Não se espera do equipamento que transmite ao público a atuação do ator de cinema, que respeite essa ação na sua totalidade. Sob a direção do operador de câmara, esse equipamento toma constantemente posição perante essa mesma atuação. A



sequência de cenas que o montador compõe, a partir do material que lhe é fornecido, é que constitui o filme acabado. Este engloba um determinado número de momentos de ação, reconhecidos como tal pela câmara, para não falar de planos especiais, de primeiros planos. Assim, a representação do ator é submetida a uma série de testes ópticos. Esta é a primeira consequência do facto de a representação do ator de cinema ser apresentada pelo equipamento. A segunda assenta no facto de que uma vez que o ator de cinema não representa perante o público, não pode adaptar, durante a atuação, o seu desempenho à reação do mesmo, possibilidade reservada apenas ao ator de teatro. Por essa razão, o público assume a atitude de um apreciador que não é perturbado pelo autor, uma vez que não tem qualquer contato pessoal com ele. A identificação do público com o autor só sucede na medida em que aquele se identifica com o equipamento. (BENJAMIN, 1955, s/p)

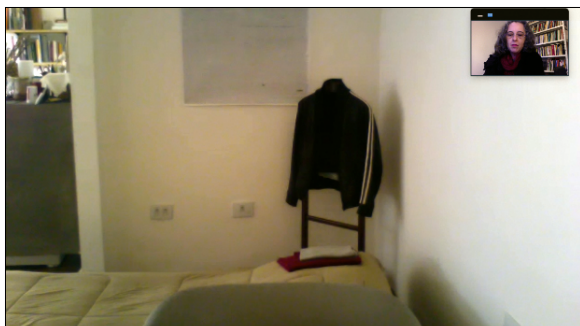


Às vezes, a sessão é interrompida para que o paciente possa atender a demandas da casa e dos familiares.

Diferentemente do cinema, durante as sessões terapêuticas estamos em interações em tempo real, que não são passíveis de edição e de “colagem de cenas”, porém estamos emoldurados por certo enquadramento, os olhos e os sentidos são conduzidos à imagem recortada na tela. Enquanto no teatro, no contato presencial, cada espectador pode dirigir a atenção para pontos diferentes da cena, ao sabor de suas sensações. No cinema e na fotografia, a cena é dirigida e emoldurada, excluindo os outros elementos fora do quadro. Continuando a traçar o paralelo, o terapeuta, que via o paciente de corpo inteiro, com relevos e com uma paleta de sinais concretos sobre seu estado físico e emocional, agora tem de ler a partir apenas do rosto, do tronco, dos braços e do ambiente revelado em quadro.

A maioria das formações e práticas do campo corporalista é vivida em grupos numerosos, em aglomerados, para justamente refinar a captação do outro, para aprimorar a atenção flutuante e identificar a necessidade de uma intervenção corporal, seja por uma interação que use o toque, seja pela respiração, seja por massagem, seja experimentando microgestos. Como fazer isso efetivamente e com a mesma qualidade tendo a mediação da câmera, os *delays* de imagem e som, a impossibilidade do toque? Como manter a qualidade tátil? E, novamente, W. Benjamin lança sua luz:

A recepção tátil sucede não tanto através da atenção, como através do hábito. [...] Porque: *as tarefas que são apresentadas ao aparelho de percepção humana em épocas de mudança histórica, não podem ser resolvidas por meios apenas visuais, ou seja, da contemplação. Elas só são dominadas gradualmente, pelo hábito, após a aproximação da recepção tátil.* (BENJAMIN, 1955, s/p, grifo do autor)



O quarto de dormir é também escritório, sala de aula, lugar da terapia e de conversar com os amigos.

Até criar-se o hábito do trabalho clínico *online*, boa parte dos atendimentos do primeiro mês de quarentena foram apenas conversas na plataforma Zoom e via chamada de celular com câmera. Em ambos os casos, não apenas era preciso criar o hábito de olhar o paciente enquadrado, como também lidar com a própria imagem na tela, em expressão simultânea, encarar a presença diante do outro e de si mesmo. Num primeiro momento, esse foi um fator de muito estranhamento, pois era impossível esquecer a própria imagem – mesmo que em tamanho reduzido num canto da tela – no ato de escutar o outro, do tronco para cima.



À medida que o isolamento social perdura, faltam retoques na aparência, sobram reflexões sobre o sentido da vida.

Nesse contexto, era preciso buscar uma dose coragem para tomar o lugar do diretor de cena e propor ao paciente outras possibilidades, que reproduzisse as práticas clínicas comumente feitas no consultório. Estariam as sessões ganhando também a qualidade de experiência estética? Estaria a terapeuta sendo deslocada de seu papel de profissional da saúde para aprofundar conhecimento e exercer habilidades de comunicação? (Diga-se de passagem, os quase 30 anos no exercício do jornalismo e o conhecimento de publicações em mídias impressas, televisivas e digitais foram fundamentais para a autora encarar esse momento com um pouco menos de estranhamento. Inclusive, contando com o corpo acostumado a longas jornadas de trabalho no computador.) Como não errar ao tentar usar o meio digital como uma simples prótese da prática virtual?

Mas, cultivando o hábito dos encontros e diante da necessidade de aliviar os sintomas de uma crise de pânico, essa passagem para a prática corporal ao vivo na tela se fez com sucesso. Foi possível pedir à paciente que se posicionasse deitada de bruços, com o peito sobre travesseiros grandes e afastada da câmera, de modo que o corpo todo pudesse ser visto. Assim, começamos uma série de respirações para conter o peito tomado pela ansiedade. Dessa forma, a terapeuta, com a máxima atenção para captar as nuances da entrada e da saída de ar, também encontrou uma forma de respirar diante da angústia de estar restrita a uma clínica “sem corpo”. Grande alívio para o pânico de lá e o pânico de cá.

Voltando a Benjamin, pontuando o cinema, isto é, as cenas intermediadas por câmeras como fundantes de novas percepções, novas possibilidades:

De facto, o cinema enriqueceu o nosso horizonte de percepção com métodos que podem ser ilustrados pela teoria freudiana. Há cinquenta anos um lapso numa conversa passava, mais ou menos, despercebido. Podia considerar-se uma exceção que tal

lapso abra-se perspectivas profundas, numa conversa que parecia decorrer superficialmente. (BENJAMIN 1955, s/p)

Em 1901, S. Freud publica seu primeiro e mais lido livro, que torna os conceitos e práticas básicos da psicanálise acessíveis ao público leigo. Sobre isso, pontua Benjamin:

Desde “Psicopatologia da Vida Quotidiana”, esse facto alterou-se. Esta obra isolou e, simultaneamente, tornou analisáveis coisas que, anteriormente, fluíam na ampla corrente do percebido. O cinema, em toda amplitude da percepção óptica, e agora também acústica, teve como consequência um aprofundamento semelhante da percepção (BENJAMIN 1955, s/p).

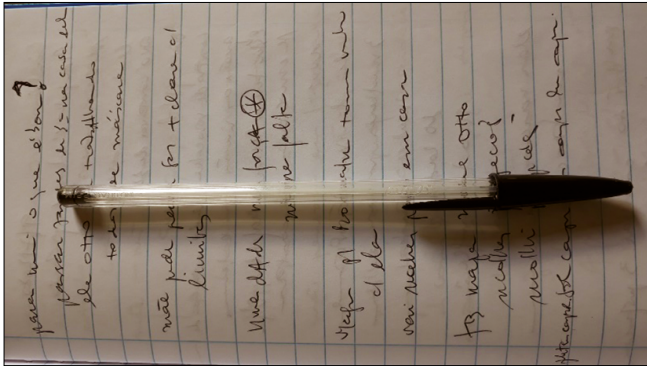
Estariam os nossos olhos aquém de poder perceber tudo o que essa mudança provocada pelo isolamento social pode revelar? Assim como demoramos vários séculos para desvendar símbolos antigos, vamos ainda descobrir muita riqueza nesse tipo de interação clínica virtual, não menos viva e efetiva em produzir processos psíquicos de integração?

No desenrolar do isolamento social, foi ficando claro que era preciso lidar com o peso do “não saber”: nem quando vai terminar essa ameaça, nem como olhar o futuro, nem como lidar com as transformações sociais, econômicas e políticas. Muitos dos nossos limites de solidão e de convivência ficaram fraturados e expostos. Nós, como profissionais do cuidado, também fomos introduzidos nos contextos familiares dos pacientes e, muitas vezes, para além dos relatos que envolviam as pessoas próximas, foi preciso ampliar a escuta de modo a abarcar aquele coletivo de pessoas.

O paciente deixa de ser aquele um que nos procura individualmente para ser a voz do que se passa naquele agrupamento de convivência intensiva e isolada. Para ilustrar essa constatação, tomemos o filme *Ex-pajé*, dirigido por Luiz Bolognesi e lançado em 2018. O

documentário mostra a chegada de pastores evangélicos à tribo dos Paiter Suruí, de Rondônia, que até 1969 não havia feito contato com brancos. Com a escalada predatória e voraz das madeiras e do agronegócio na região, chegam também equipes evangelizadoras que impõem a cultura cristã e os remédios dos brancos ao povo indígena. Perpera é o pajé, que, destituído de sua função de cura e sabedoria, passa a ser o porteiro da igreja durante os cultos. Até que uma mulher da tribo adoeece, é levada para o hospital dos brancos e desenganada. O pajé Perpera é chamado para atender a doente e ele recomenda que a mulher e todos os familiares dela tomem a mesma poção, os mesmos banhos, na mesma atitude ritual. Para curar durante o isolamento, é preciso cuidar do corpo coletivo da família para que o afetado pela doença possa se fortalecer.

Ao mesmo tempo que eram feitas as adaptações à virtualidade imagética, era preciso compreender, durante as sessões da quarentena, qual era o jogo de forças de cada casa e, muitas vezes, propor diálogos com parceiros, filhos e pais como saídas para crises emocionais intensas, bem mais práticas do que existenciais, de cunho bem mais coletivo do que individualista. Tal qual Perpera, era preciso acionar o senso de comunidade que muitas vezes nos falta – a nós, terapeutas – no contexto capitalista, urbano, dos atendimentos individuais em clínica particular. As redes virtuais deram conta de um sem-número de conexões com familiares, amigos, professores e ídolos, mas ainda era preciso olhar para dentro de casa, para aquelas pessoas convivendo em suas células, em suas necessidades e seus limites de organização, de disciplina, de angústia, de comorbidades, de traumas. Era preciso até mesmo relativizar o isolamento e buscar caminhadas ao ar livre, com uso de máscara, para aplacar os efeitos do confinamento, afastar a escalada da ansiedade, da depressão, do pânico e, por fim, fortalecer a imunidade contra o próprio coronavírus.



Computador, celular, caderno e caneta. Mix digital e analógico indispensável para a prática terapêutica na pandemia.

A seguir, uma série de relatos de atendimentos com foco nos temas que mais desafiam a clínica neste momento de profunda transição e incorporação de novos métodos de trabalho. Que no dever eles possam manter pulsante a capacidade humana de vincular e prosseguir vivendo.

## PRIVACIDADE

No primeiro momento da clínica virtual da pandemia, revelou-se algo que não havia aparecido tão claramente ao vivo no consultório: há pessoas que são privadas da privacidade em suas próprias casas.

É o caso de C. S., 38 anos, casada há 20 anos, três filhos. Ela mora em uma casa espaçosa e confortável, em um bairro da Zona Sul da capital paulista. Com o isolamento social, toda a família ficou restrita a fazer todas as atividades em casa. Ela tem um escritório, o marido tem outro, cada filho tem seu quarto de dormir, onde também assistem às aulas *online* do ensino fundamental.

Na nossa primeira sessão virtual, C. S. está visivelmente tensa. Responde às minhas perguntas com respostas mecânicas:

— Como está?  
— Tudo bem aqui.  
— E então, onde vamos hoje?  
— Está tudo bem aqui. Os meninos estão bem, o J. está bem e eu estou bem.  
Silêncio.  
— E como está sentindo esse momento na sua casa?  
— Aqui está tudo bem. Eu estou bem, J. está bem, os meninos estão bem.  
Silêncio...

Sinto-me uma entrevistadora tentando “arrancar” algo da entrevistada, que sempre foi falante nos nossos encontros convencionais. Aos 20 minutos, sem conseguir que a conversa flua, encerro a sessão e vou pensar no que fazer com esse limite.

Na sessão seguinte, de novo em seu escritório – que é decorado com um espelho que reflete a minha imagem na tela na altura do ombro da paciente. A conversa começa bem travada, como da primeira vez:

— Como está J.?

Ela começa a gesticular indicando que eles não estão bem, mas que não pode falar do assunto, pois ele está no quarto ao lado.

De novo, a sessão prometia ser um fracasso. Porém, dessa vez, C. S. estava usando um fone de ouvido. Então, propus:

— Você poderia escrever o que está acontecendo no chat — a plataforma Zoom oferece esse dispositivo — e eu respondo só pra você ouvir no seu fone?

Ela topou e assim iniciamos um canal de comunicação para dar fluxo às questões do casamento, as quais a atormentavam muito antes



da pandemia e se agravaram com a permanência de todos os membros da família em casa, 24 horas por dia. C. S. escrevia o que estava sentindo, eu lia e respondia. Ela captava as mensagens pelo fone, e assim fomos tecendo um diálogo clínico e burlando a falta de privacidade. Inclusive, pude perceber ainda mais nitidamente o quanto ela não estava à vontade em sua própria vida, e isso deu muita abertura para que ela agisse no sentido de ganhar autonomia. Fizemos umas cinco sessões nesse modo escrita-voz. Algumas sessões foram feitas em sua clínica veterinária, onde ela podia falar sem restrições. Além disso, esse trânsito para fora de casa a estimulou a retomar sua atividade profissional e, conseqüentemente, dar mais um passo para sua autonomia, um desejo acalentado há anos, mas adiado por conta das obrigações com o marido e os filhos. Houve um período em que C. S. adoeceu e mantivemos as consultas em seu quarto, mais precisamente no *closet*, onde as roupas abafavam o som e garantiam a privacidade.

O carro também se revelou um lugar ideal para sessões durante a pandemia. As portas vedadas com borrachas fazem o isolamento acústico perfeito para que as conversas possam se dar sigilosamente, mesmo que em público. F. L. é gerente de uma empresa de serviços essenciais e voltou ao trabalho logo no início de maio de 2020, com mais 120 pessoas, dispostas com a devida distância em um andar inteiro. A carga horária ultrapassava 12 horas, o medo de contágio era extremo, o trabalho havia aumentado e o clima era de tensão. Além disso, ele deixou de ver o filho, que mora com a ex-esposa, deixou de praticar esporte e de encontrar os amigos.

Muitas sessões foram desmarcadas, até que encontramos um horário possível: logo na primeira hora do dia, antes de começar o expediente na empresa. A primeira sessão se deu com o carro em movimento, uma verdadeira peripécia, pois parecia que eu estava a bordo de um barco e, no meio do caminho, transbordando de tensão, F. L. começou a chorar copiosamente: o pai e a mãe haviam sido diagnosticados com COVID. Pedi para que parasse o carro, pois continuar dirigindo nessas condições representava enorme risco de

acidente. As próximas sessões também foram no carro, porém, iniciávamos quando ele estacionava no pátio da empresa. Os pais sobreviveram, ele encontrou um modo de estar com o filho e saía para pedalar de máscara. Descobrir esse modo de prosseguir nessa prática de cuidado foi extremamente importante para que F. L. conseguisse lidar com a situação profissional estressante, com as restrições afetivas e com o isolamento social.



As intervenções corporais em ambiente virtual incluem o co-corporar, a imitação do gesto, que torna o excessivo assimilável.

## VÍNCULOS E PAISAGENS

Nesse período de intensa atividade clínica não apenas virtual como também doméstica, surgiu a necessidade de criar um *setting* neutro, para que as referências da minha casa não fossem reveladas nem interferissem na imagem que a terapeuta produziria para compartilhar com os pacientes. Em um primeiro momento, um canto da mesa de jantar com fundo branco foi transformado em consultório. Ali eu teria a vista da varanda e do jardim e nenhum excesso na imagem. O sinal de internet era bom e eu estaria perto da tomada para carregar a bateria do celular e do laptop, dupla inseparável durante a quarentena. Porém, ali a cadeira não era apropriada para *home office* e o

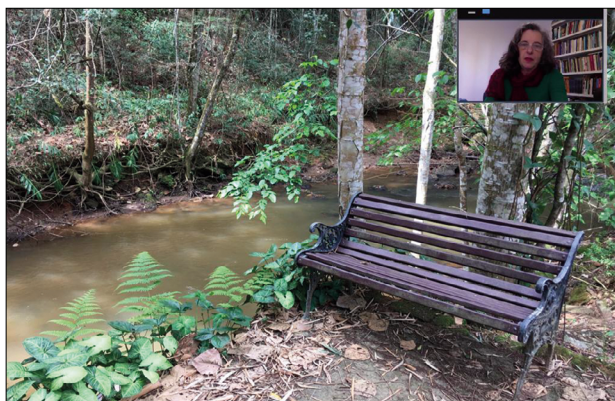
ambiente de trabalho ficava totalmente misturado com os afazeres na cozinha e o lazer na sala.

Foram necessárias algumas semanas para que a adaptação fosse feita e o consultório fosse definitivamente transferido para o escritório. Lá, a grande mesa e a cadeira confortável permitiram atender os pacientes com mais conforto, durante muitas horas seguidas. Era preciso apenas melhorar a iluminação, o que foi resolvido com um abajur regulável. A estante de livros tornou-se o fundo da imagem, por um feliz acaso. Nesse ponto da descoberta, ficou claro que em tempos de isolamento social cada ambiente da casa é um bairro. E foi muito prazeroso perceber que ao final do dia era possível sair daquela sala, fechar a porta e, assim, encerrar o dia de atendimentos, sempre muito intensos.

Em atividade nesse escritório, foi possível perceber uma memória corporal muito forte: trabalhar sentada, diante do computador, por horas e horas, vinda do tempo em que a profissão era o jornalismo e o ambiente profissional era a redação. Quando esse ponto foi fixado, a sensação foi de ter encontrado um novo *setting*, seguro, firme, “controlado”. Como um barco bem ancorado no trapiche, dali o olhar terapêutico poderia se estender para as casas e locais de trabalho dos pacientes, com todas as suas instabilidades. O vínculo com esse lugar da casa proporcionou que o vínculo de cuidado ficasse livre de estranhamentos e imprevistos. Novamente, havia um consultório, e muito bem montado!

Muitos foram os lugares possíveis para as interações terapêuticas, incluindo as intervenções corporais. Para alguns pacientes, o lugar escolhido era o quarto, para outros, a cozinha, onde o sinal de internet era melhor. Outros escolhiam a sala, de onde podiam, ao mesmo tempo, olhar as crianças brincando. Outros iam para o jardim. Outros, ainda, estavam em paisagens incríveis, como o Lago Maggiore, na Itália, onde teve lugar uma conversa sobre alternar rotinas de trabalho; a vista do Pico das Agulhas Negras, em Itatiaia, emoldurando o diálogo sobre abrir mão de um casamento pouco

nutritivo; a praia de pescadores no litoral capixaba, lugar ao qual o paciente vai desde a infância e onde ele agora redefine um novo projeto de vida que inclui o cuidado com os pais velhos; o rio caudaloso no meio da Serra da Mantiqueira, em que o paciente se dá conta do quanto faz bem acolher o irmão mais novo, que é do grupo de risco, por ser portador de uma doença autoimune; o pôr do sol na praia do litoral Norte de São Paulo, que emoldura a interlocução sobre rever rupturas e viver fora da metrópole. Dali daquela cadeira, a terapeuta ganhava horizonte e mundo em pleno isolamento social, nunca antes nem imaginado...



Conversa virtual perto do rio: a sessão acontece na natureza.

Mesmo com toda a gravidade da situação, alguns momentos dessas interações clínicas tornaram-se cenas dignas de nota pelo inusitado da nossa condição clínica. O atendimento de G. R., 32 anos, vivendo o isolamento social com a companheira, sempre acontece em seu quarto pequeno, com janelas pequenas. Enquanto falávamos sobre sua demissão, a possibilidade de voltar aos estudos e os desafios da organização doméstica, a terapeuta não pôde conter-se e espirrou! Ato contínuo, G. R. abriu a janela, sem perceber o gesto de autoproteção.

Pontuei:

— Eu espirrei aqui e você abriu a janela daí!

Ele se deu conta e caímos na gargalhada, mais do que necessária em tempos de tanta tensão.

Enquanto atendia C. A., 44 anos, divorciada, passando a quarentena com os dois filhos, jovens adultos, houve uma queda de energia elétrica na minha casa. A paciente se apressou em acender a luz do quarto e assim não ficamos no escuro. Com esse ato, pudemos continuar um intenso processo de reconstrução de identidade depois de longo período de abuso moral no ambiente de trabalho.

Quando a quarentena começou, a musicista G. S., 32 anos, perdeu todos os trabalhos fixos. Inventiva e competente, rapidamente organizou-se e montou um curso *online* e *pocket shows* virtuais. Para fazer as gravações, ela teve necessidade de fazer um cenário. Para isso, pintou uma parede do quarto de uma cor viva, e os instrumentos, câmera e outros materiais de trabalho ficavam espalhados pela casa toda. Com o desenrolar da quarentena, resolveu transformar o quarto em estúdio, em uma central de trabalho, com tudo o que era necessário para aulas e produção dos vídeos, que passaram a garantir seu sustento.

O nosso assunto principal nesse período foi essa reinvenção para seguir sendo profissional da cultura, mantendo as contas em dia. Diante do retrocesso político e da crise generalizada, como manter o direito de sonhar? Muitas práticas de respiração foram necessárias para amenizar a ansiedade diante de desafios concretos e imaginados. As sessões deixaram de ser na cozinha e passaram a ser nesse quarto-estúdio, com janela para a vista arborizada do quinto andar. Ao abrir a câmera, pude ver a paciente e, ao fundo, relâmpagos anunciavam chuva.

- Vai chover.
- Sim, vai chover já, já.

Apenas depois de alguns instantes, veio a percepção de que ia chover lá na casa dela, não na minha. Os relâmpagos estavam na janela dela e não na janela do consultório.

Um fenômeno muito curioso diz respeito aos animais de estimação. Em todos os atendimentos, esteja o paciente onde estiver, passados dez minutos do início da sessão, tanto cães quanto gatos arranham a porta pedindo passagem. Depois de algumas semanas, já fico à espera desse momento de dar boas-vindas ao terapeuta auxiliar de que tanto falou a Dr<sup>a</sup>. Nise da Silveira, psiquiatra alagoana que revolucionou o tratamento psiquiátrico. Cacau, uma vira-lata muito charmosa, foi fundamental nos atendimentos de L. D., 49 anos, artista plástico, que perdeu a mãe um mês antes do início da pandemia e o pai há alguns meses. Durante março, abril e maio, ele fez todas as sessões deitado em sua cama, era difícil até estabelecer uma relação com a gravidade. L. D. estava digerindo o caldo grosso do luto e tentando se entender com o pavor do contágio pela COVID-19. Cacau pedia passagem, entrava, cheirava a câmera do celular, enrolava-se com a cabeça na barriga do dono e assim seguíamos com as sessões repletas de memórias de infância, de lágrimas e silêncios. Nós três ali, pulando um novo tempo, uma nova fase do processo.

## DO SUFOCO AO AUTOAMPARO

D. G., 64 anos, vive sozinha há 5 anos, desde que a mãe faleceu. Trabalha com atividade intelectual, em *home office*, há muitos anos. Mesmo com essa condição já bem estruturada, o isolamento social, o fato de fazer parte do grupo de risco, de não ter plano de saúde e a falta de familiares e amigos próximos de outras faixas etárias foram os elementos de uma grande ansiedade. O pavor de contrair o vírus letal e de estar completamente sozinha na situação trouxe dores de

cabeça e nas articulações, sono interrompido e lentidão nas tarefas habituais. Os sintomas são tão maciços e a situação tão provável que é preciso tomar um tempo para escolher uma abordagem tão delicada. Depois de alguns minutos, pensei em traçar um mapa das saídas de emergência, uma rota de fuga para D. G., uma das centenas de milhares de reféns da pandemia, espalhadas pelo mundo afora.

- Você tem alguma vizinha que possa chamar caso se sinta mal?
- Sim.
- Ela poderia te acompanhar até o pronto-socorro?
- Acredito que sim.
- A qual hospital você iria?
- O hospital X, onde já fui bem atendida.
- Quem a levaria até o hospital?
- Tem uma taxista que costumo chamar e que é bem legal.
- Quem você avisaria se apresentasse mal-estar ou os sintomas da COVID?
- Minha sobrinha, que mora em outro país, e minha irmã, que mora em outro estado.
- E quem mais?
- Minha amiga X, que está em isolamento também.
- E ocorre avisar também a mim?
- Não tinha pensado...
- Pode chamar.

Na sequência, contemplamos todas essas possibilidades e constatamos que havia uma rede que poderia dar suporte a D. G. em caso de emergência. Sim, ela estava sozinha, em isolamento social, mas havia a vizinha, a taxista, o hospital com atendimento em que ela confiava, a sobrinha, a irmã, a terapeuta. Essa compreensão trouxe um grande alívio. Ela fechou os olhos e pôde respirar melhor. A sessão havia produzido um mapa de uma série de ações possíveis a partir do próprio território de D. G.

Já há cinco meses em isolamento social, D. G. tem tido vários trabalhos e segue sua vida navegando em oscilações de humor e nostalgia. Ela conta que está com fortes dores de cabeça e muito preocupada com a sobrinha, de 40 anos, sozinha, atravessando uma situação difícil de trabalho e no estudo, morando do outro lado do mundo. D. G. se sentia impotente e percebia que a moça estava muito sobrecarregada.

— Coitadinha.

Argumento que é difícil mesmo, mas quais desses receios imaginados em relação à sobrinha são também os dela? Afinal, como era a vida dela aos 40 anos, era tranquila?

— Não, não lembro bem... só lembro do sufoco que eu sentia quando tinha que comer em público. Só de falar sinto aquele nó na garganta, a sensação de afogar.

Então, iniciamos uma intervenção muito representativa do Processo Formativo, trabalhando os efeitos das ações musculares voluntárias (KELEMAN, 1996).

— Então, coloque as mãos na frente da garganta e enquanto sente esse aperto, aperte também as mãos. Intensifique o aperto e vá soltando aos poucos em graus. Repita mais uma vez.

— Eu tenho sentido muita dor de cabeça e um nó na garganta todos esses dias. Dá muito medo de tudo o que está acontecendo...

— Chegamos no seu medo e vamos cuidar dele. Como é fazer esse gesto voluntariamente e percebendo que você é capaz de soltar esse sufoco?

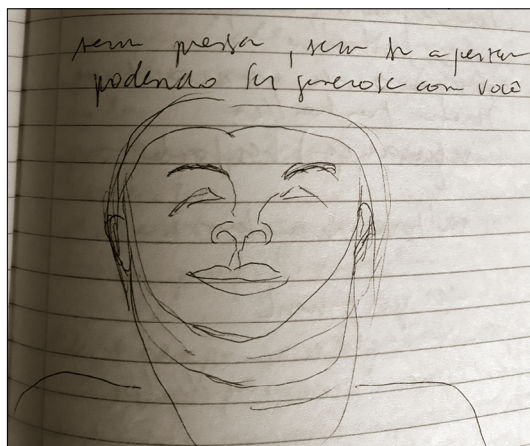
— Nossa, dá um alívio.

Nesse momento, ela coloca as mãos, que estavam próximas à garganta, pousadas no alto do peito. Fecha os olhos.

— O que você sente?



- Alívio.
- Perceba como você é capaz de amparar o seu sufoco deslocando as mãos da garganta para o alto do peito. Qual é a sensação?
- Aconchego.
- Então, perceba que você pode despertar essa sensação de amparo cultivando esse gesto de levar as mãos ao alto do peito e respirar. Por favor, diga: “Eu sou capaz de me acalmar”.
- Eu sou capaz de me acalmar.
- É verdade isso?
- É verdade.



As intervenções corporais exigem lentificar  
e inspiram notas desenhadas.

## CRIATIVIDADE

Conforme o isolamento social se prolongava e as curvas demonstravam alta incidência de óbitos e novos casos de coronavírus no Brasil, da câmara do meu consultório e observatório social presenciei casos de explosão de criatividade, muitas vezes palpáveis, pois influíram diretamente na reorganização dos ambientes de trabalho.

A. N., 47 anos, é jornalista especializada em tecnologia, veio ao consultório indicada por sua psiquiatra, que prescreveu medicamentos fortes e terapia para tratar de um severo déficit de atenção. A melhora vem ocorrendo nos últimos dois anos (recentemente ela deixou de tomar a medicação alopática), com muito empenho para alternar as atividades tecnológicas com atividades manuais e lúdicas, como costurar e fazer cartonagem. Ela já fazia *home office* e havia recentemente começado aulas presenciais de corte e costura quando estourou a pandemia.

Então, ela instalou a máquina de costura ao lado do computador de alta *performance*. Naquele território mínimo foram criados projetos profissionais que afastaram completamente o pavor do desemprego, e, ao mesmo tempo, começaram a surgir vestidos, almofadas e até máscaras diferentes cortadas e costuradas por A. N. Alfinetes, régua, linhas, tecidos coloridos entraram em cena para manter a ansiedade sob controle durante a pandemia, que afetou familiares e amigos muito próximos. Depois do quarto mês em isolamento, caminhadas no bairro tomando todos os cuidados também passaram a compor a rotina, criando um antídoto para muitas horas na posição sentada.



Atividade lúdica alternada com a over exposição digital:  
uma estratégia de sobrevivência para a saúde mental

Para P. E., 48 anos, professor de cartanagem, a pandemia trouxe o desafio de superar dois lutos e de não perder o fio de uma transição profissional importante e necessária para manter a sobrevivência. As primeiras sessões da quarentena foram feitas em seu quarto, e a tristeza por perdas importantes imperaram. Aos poucos, ele foi se recuperando e, num dos quartos da casa onde mora, colocou sua mesa e suas ferramentas de trabalho, que antes ficavam num ateliê próximo.

Inventivo, P. E. percebeu que os compromissos e cursos agendados para o ano teriam que tomar um formato virtual. Fez isso rapidamente, não apenas criando um conteúdo *online*, mas também aprendendo a produzir e gravar as aulas via celular e sem equipe. Então, as sessões deixaram de ser na cama. Fomos para o ateliê-cenário. Nele, P. E. revestiu uma das paredes com tiras de papel colorido, o que deu um efeito visual interessante e trouxe alegria para o enquadramento daquela pessoa em luto. Além dos cursos, ele começou a fazer *lives* sobre vários aspectos de seu trabalho de artista do papel.



Em múltiplos cenários, as sessões terapêuticas permitem digerir o vivido e inaugurar novos percursos.

Em pouco tempo sua rede cresceu e ele se nutriu muito dos comentários positivos e da apreciação de um público numeroso. Então, resolveu fazer uma maratona de transmissões ao vivo diárias e, ao final, divulgou que era possível comprar um curso completo *online*. Em dois dias, foram vendidos quase 400 cursos. Esse sucesso afastou o fantasma da escassez e recolocou P. E. num outro patamar de reconhecimento profissional, abrindo novas conexões com alunos e com outros professores. As sessões continuaram no sentido de equilibrar essa hiperatividade e de absorver o que foi vivido de modo tão intenso: muita exposição, muito talento revelado para a comunicação, muitos elogios, muito agito e até dinheiro sobrando. A nutrição, para P. E., veio da maneira mais improvável, e foi muito inusitado também que o nosso diálogo terapêutico acontecesse no cenário das transmissões ao vivo e, mais ainda, quando o cenário foi trocado e surgiu atrás de P. E. uma cozinha completa (com direito a forno, fogão, micro-ondas, talheres, armários), toda colorida. Com todos esses desdobramentos e descobertas, P. E. pôde retomar o grande sonho da juventude: ser ator.

## CAPITALISMO SELVAGEM X NOVOS RUMOS

À frente do departamento de estratégias de uma multinacional que produz cigarros, V. P. torna-se responsável por arquitetar um plano de contingências para lidar com a pandemia. Em foco, manter a indústria funcionando e proteger mais de mil funcionários do contágio, garantindo que a maioria fique em casa, mantendo o ritmo de reuniões e a comunicação em rede. Isso é tudo? Não! É preciso ainda fazer uma verdadeira operação de guerra para garantir a venda e a distribuição dos cigarros, porque a crise desencadeada pela COVID-19 deve deixar as pessoas que fumam ainda mais ansiosas e precisando consumir mais tabaco. Literalmente, a pessoa em questão é o centro de uma operação esgotante para garantir que a crise se encarne em oportunidade, com superação das metas e multiplicação dos lucros.

Para a sessão virtual, V. P. aloja-se em seu quarto de dormir, cabelo desalinhado, abatido. O mesmo computador usado para quase uma dezena de reuniões com executivos é, agora, o ambiente da nossa conversa. Olheiras profundas denunciam o cansaço extremo. O paciente vai voltando a um ritmo mais orgânico conforme narra como têm sido seus dias nessa estranha rotina do isolamento social. Acorda cedo, veste o moletom, toma café, faz meia hora de alongamento e começa um ciclo de reuniões até as 13h. Faz o próprio almoço, come, deita um pouquinho no sofá e uma hora depois já está a postos para mais um ciclo de discussões com pessoas que estão trabalhando as mesmas estratégias em várias partes do mundo. Mas aqui é Brasil...



A caneta esferográfica vazia, depois de desenhar muitas notas das práticas clínicas da pandemia.

Estamos na segunda quinzena de março e o número de casos da doença ainda não disparou. V. P. preocupa-se com os pais velhos, que moram a 700 quilômetros de distância. Ele mesmo tem medo de morrer de repente, e tudo isso o pressiona a pensar na finitude. Logo ele, tão energético e vitorioso, acostumado a estar no topo do mundo, agora tem que pensar na brevidade da vida, no que quer fazer... no que falta fazer. V. P. mostra-se cansado da vida corporativa e começa a pensar em não adiar, tanto quanto previsto, colocar em prática o plano B, de fazer algo fora da lógica do lucro, fora da colaboração com os interesses do capitalismo selvagem.

V. P., 47 anos, é formado em Administração de Empresas, e apesar de ter ocupado vários cargos de liderança, nunca havia ficado

tantos dias em casa ocupando-se de si mesmo. Ele vive com a companheira, que também trabalha no regime *home office*, ainda não tem filhos, sempre quis escrever, já gostou muito de esculpir, de esportes náuticos e tem as melhores lembranças no modo simples de viver da família, em uma praia distante do centro urbano. É com a memória do prazer de catar caranguejos no mangue que a cor volta ao seu rosto e como nos despedimos da sessão.

Ao longo das semanas, cresce a preocupação com os pais idosos. Diante de toda essa situação causada pela pandemia, V. P. se lança a uma aventura: manter o mesmo ritmo de trabalho corporativo na casa de praia, a muitos quilômetros de distância da metrópole. A viagem é programada e a conexão de internet no litoral reforçada, então o casal parte em direção à convivência familiar. Um mês e meio nesse isolamento cercado pela natureza e em companhia dos pais, num ritmo mais orgânico de sono e alimentação, trouxe novos contornos para a experiência profissional. V. P. faz as reuniões ao ar livre e em menos tempo dá conta das tarefas do trabalho, que se mesclam com os cuidados com a casa e com o jardim. O ar puro e o vento constante deixam claro o que realmente importa. V. P. percebe que morar em um lugar quente e com temperatura constante influi diretamente na sua vitalidade: “Demorei pra entender que odeio o frio”, diz ele. Nesse estilo de vida, os problemas gástricos diminuíram e ele não está nem um pouco preocupado em parecer mais jovem do que é, pois assumiu os cabelos e a barba grisalhos sem os habituais retoques, que também preocupam os homens inseridos nesse contexto.

Com essa despressurização, ele começou a buscar um lugar na empresa que cuidasse menos da estratégia comercial e mais dos relacionamentos interprofissionais, mais como consultor do que como funcionário, assumindo a própria idade e a maturidade de sua experiência, com menos medo de ser ejetado do modelo capitalista. Nesse isolamento, V. P. voltou a se exercitar e a respirar melhor, ficou claro para ele como era importante para o estado geral acompanhar a vida

familiar e de amigos, mesmo mantendo o distanciamento social. Esses hábitos não resistiram à volta para casa.

A sessão aconteceu quatro dias depois da chegada, já no inverno paulistano. V. P. estava novamente abatido, exausto e no firme propósito de recriar sua vida em outro lugar, considerando inclusive ganhar menos para viver mais. Pediu férias e rumou de novo para a praia, já com a intenção de levantar âncora. Com todos esses deslocamentos existenciais e geográficos, o que era sonho para o futuro tornou-se inadiável.

Como acompanhante desse processo clínico, arrisco dizer que a pandemia, ao contrário de todas as expectativas, teve um efeito positivo sobre V. P., até mesmo preventivo, pois nas condições de isolamento e estresse impostas por sua atividade profissional de alta *performance*, sua saúde sempre foi colocada à prova. Portanto, a pandemia, que foi o evento inédito capaz de refrear o sistema capitalista, ajudou V. P. a perceber no corpo, em ato, como manter a própria vitalidade. Talvez no processo terapêutico em situação normal demorássemos muito mais tempo para abrir esse campo para novas conexões.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica**. 1955 [s. l.; s. n.], [1955]. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179833/mod\\_resource/content/1/A%20OBRA%20DE%20ARTE%20NA%20ERA%20DE%20SUA%20REPRODUTIBILIDADE%20T%3%89CNICA.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179833/mod_resource/content/1/A%20OBRA%20DE%20ARTE%20NA%20ERA%20DE%20SUA%20REPRODUTIBILIDADE%20T%3%89CNICA.pdf) Acesso em: 27 ago. 2020.

EX-PAJÉ. Direção e roteiro: Luiz Bolognesi. [s. l.]: **Buriti Filmes e Gullane**, 2008. 1 vídeo (81 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pjHAsIDbBEQ> Acesso em: 11 fev. 2023.

KELEMAN, S. **Anatomia emocional**. São Paulo: Summus, 1996.

**O pulso ainda  
pulsa, o corpo  
ainda é pouco?**



# *Movimentos clínicos na pandemia e a disposição para a vertigem*

*Adriana Penatti Malu<sup>65</sup>*

## MOVIMENTO 1 – A AMBIÊNCIA PANDÊMICA: QUEDA

Após um fim de semana com o aumento das notícias sobre um vírus que se espalhou pela China, chegou na Itália e na Espanha produzindo caos e mortes e seguia se alastrando por outros lugares muito

---

65 Graduada em Psicologia (UFRJ), mestre em Psicologia Social (UFF), especialista em Terapia através do Movimento e Processos de Subjetivação (Faculdade Angel Vianna – FAV), especialista em Clínica Psicanalítica (IPUB-UFRJ) e em Psicologia Biodinâmica (IBPB). Psicóloga branca com experiência de trabalho no sistema público e privado de saúde mental.

rapidamente, sigo no planejamento de trabalho como psicóloga clínica da próxima semana. No Brasil, os primeiros registros de casos começam a gerar alertas e discussões de protocolos. Vimos também o menosprezo junto à diminuição da gravidade do porvir. No Rio de Janeiro, na segunda quinzena de março de 2020, é decretado o estado de emergência. A orientação é de isolamento social.

O que se sabe sobre o vírus? Qual o tipo de cuidado necessário? Como é o contágio? O que é possível fazer? Como se movimentar?

Ao mesmo tempo que chega até nós uma enxurrada de orientações, notícias, protocolos, boletins, decretos e informações a respeito do número de mortes e de casos de COVID-19, vemo-nos inundados num ambiente outro, numa outra ambiência.

Já decidida a instaurar o trabalho clínico de forma remota, virtual, a partir do privilégio de poder contar com as ferramentas e os recursos para tal mudança brusca para os atendimentos *online*, fecho o consultório físico. Será que o privilégio de minhas condições e ferramentas será o mesmo que o de meus clientes?

Na escuta clínica, os efeitos logo aparecem. Eu e os clientes partilhávamos de uma posição comum: a dúvida, a incerteza, o medo, o espanto. Não se sabe ao certo o que ocorrerá, como ocorrerá, por quanto tempo, o que nos exigirá. Qual o movimento possível?

Mortes, isolamento social, quarentena, álcool em gel, água e sabão, máscara, roupas, higienização. Mortes, aumento de casos, síndrome respiratória grave, leitos nos hospitais, respiradores, UTIs, trabalhos e trabalhadores essenciais, fechamentos e crise. Mortes, fome, desemprego, mal-estar, saúde mental. Mortes. É a pandemia, o estado de emergência da pandemia. A indicação é de recolhermos. A orientação é a de restrição de movimentos.

Há quem dissesse que estaríamos diante da oportunidade de uma pausa, mas logo percebemos que não estamos em pausa. Pelbart (2020) aponta para o fato de que a paralisação física traz consigo uma compensação dada pela hiperatividade digital, uma forte

aceleração mental. Nada novo, mas tudo novo de novo. “Tudo parou e nada parou. Tudo se acelerou” (PELBART, 2020, s/p).

De fato, a sensação de não paragem é constante, real. Nada parou dentro de nossas casas nem no exterior. André Lepeck (2020) escreve sobre a atual gestão da pandemia da COVID-19 no Brasil e nos Estados Unidos pelo viés do movimento, e o que se revela de pronto é uma não gestão. Existem diversas concepções sobre o que é o movimento, como ele se dá e a quem pertence, sempre em luta. Temos aí nesses modos as condições de imaginação e de ação diante da pandemia.

Para o autor, a gestão da pandemia no Brasil revela claramente um aprimoramento do estabelecimento de regras e normas sobre a mobilidade da população. O que nos chegam são decisões políticas sobre restrições de movimento. Coloca-se em jogo o poder de mover e a força política de não mover.

Lepeck (2020) nos introduz a noção de “inconsciente político cinético” (do movimento), que vem nos oferecendo uma “coreografia social”, modos de agir e mover. Estamos diante da determinação, à população, de algumas muitas coreografias. O mover/não mover de uns afeta o mover/não mover de outrem. O poder genocida da gestão de movimento se escancara na pandemia.

Consolidando-se a partir do governo comandado pelo então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, o fascismo que nos circunda e nos encharca amplia a perversa máquina de morte. Governo de ação necropolítica<sup>66</sup> (MBEMBE, 2018), genocida e explícita. Estado suíci-

---

66 Mbembe (2018), partindo da noção de biopolítica de Michel Foucault e também das formulações de estado de exceção de Giorgio Agamben, aborda as políticas da morte como uma estrutura de poder operante em países colonizados, funcionando através da gerência da soberania, que elege bem seus inimigos a combater e eliminar. Para o autor camaronês, o estado de exceção e a relação de inimizade são a base normativa do direito de matar e da escolha de quem vive da soberania. Para ele, a escravidão é uma das primeiras manifestações dessa experiência biopolítica. O autor destaca que todos os registros do surgimento

dário, como nos diz Vladimir Safatle (2020), lembrando Paul Virilio, Estado gestor de morte e ator de sua própria catástrofe.

Nada como uma crise disparada por um vírus que se contagia de corpos, que implica necessariamente que nos articulemos em outros modos, a partir de outras fronteiras, outros modos de afetar e ser afetado, de ser, infectar e ser infectado, nada como uma crise sanitária de saúde para acelerar o processo de manutenção de poder que escolhe a quem amparar, qual chão construir, que superfície pavimentar, que suporte ampliar, que estruturas fortalecer.

Voltemos a uma suposta pausa: o *lockdown*. Para quem?

A ideia do *lockdown* pressupõe uma ação de retirada, uma “desaceleração” ética que vem como uma estratégia. “É antes, uma retirada movida pelo desejo de agir em apoio mútuo e uma desaceleração do ritmo público da vida cotidiana de modo a expressar o respeito fundamental e absoluto pela vida do outro. O respeito absoluto pela morte do outro” (LEPECK, 2020, p. 5).

No Brasil, desde sempre, já se tinha a dimensão de que as desigualdades se acirriariam cada vez mais com o avançar da pandemia no país. A primeira morte registrada no estado do Rio de Janeiro<sup>67</sup> foi de uma empregada doméstica, contaminada depois de ter ido ao trabalho na casa de sua empregadora, que tinha voltado de viagem internacional e estava contaminada.

Idosos devem ser poupados<sup>68</sup>. Vidas que, supostamente, não servem ao capital, ao mover da economia que não pode parar, precisam ser cuidadas. Para os trabalhadores essenciais, há um risco constante

---

do terror moderno precisam abordar a escravidão e o racismo. Boas direções para analisarmos o Brasil de Jair Bolsonaro.

67 Mais informações em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/19/rj-confirma-a-primeira-morte-por-coronavirus.ghtml>

68 Opto, neste texto, por utilizar a linguagem neutra de gênero gramatical com o objetivo de ultrapassar o binarismo homem/mulher como padrão hegemônico de gênero, afirmando uma posição de igualdade de gênero.

e iminente na circulação, pôr-se em trabalho essencial. Suas vidas, porém, tornam-se dispensáveis ao Estado, sua força é aquela que serve para não manter a máquina parada.

Quem se afeta, se infecta? Como vive? Quem morre? Os números indicam o óbvio, pretes e pobres. Os movimentos da pandemia são reais, o ataque à vida é universal, atinge a todes, mesmo aqueles que insistem em negar a existência ou a gravidade do que está acontecendo, mas os modos de afecção se diferem. Não há como escapar, as respostas são múltiplas e atravessam-se. Não há parada, não há pausa, há um desafio para a produção desta, de um respiro a partir de outra cadência.

O fascismo brasileiro e seu nome próprio, Bolsonaro, encontraram enfim uma catástrofe para chamar de sua. Ela veio sob a forma de uma pandemia que exigiria da vontade soberana e sua paranoia social compulsivamente repetida que ela fosse submetida à ação coletiva e à solidariedade genérica. (SAFATLE, 2020, p. 4).

Tudo o que o fascismo não suporta é a pausa, mas ele não vai cessar de fazer produzir as interrupções, os extermínios em quem lhe convém. Outra coisa que o fascismo neoliberal não suporta, nos diz Lepeck (2020), é o contato cuidadoso. Desde o início da pandemia no Brasil, acompanhamos o surgimento e fortalecimento de ações de base comunitária – sempre elas –, práticas de território seguidas de experiências que ampliam o acesso ao cuidado pela rede virtual, implicando práticas de cuidado construídas sob o chão de escuta àqueles que perdemos (LEPECK, 2020) e sobre aqueles que podemos perder. Tudo é urgente, mas tudo tem seu tempo de ocorrer.

Como pensar numa saúde? O que dizer da saúde mental? Há quem possa já antecipar uma outra onda pandêmica que vem com a crise sanitária e econômica: a epidemia da saúde mental. Que corpos estamos produzindo? Quais os efeitos disso tudo sobre nossas afeti-vidades e nossas políticas de coletivização?

Lepeck (2020) propõe um corpo consensual neoliberal, o qual parece não ser mais agente do próprio movimento, sendo adequado a movimentar-se pelo que o poder determina. Porém, o movimento resiste, foge, trazendo sempre um resto que não pode ser capturado. Está aí uma estratégia subjetiva importantíssima. Quando fugimos destes circuitos de movimento que nos são dados e impostos, abrimos-nos a uma nova “sociabilidade contatual” (LEPECK, 2020), ou seja, a mobilidade social se dá por outros parâmetros de contato. Como estabelecer contato? Que corpos se produzem? E se nos pormos em contato, como lidar?

A sensação é de queda. A sustentação que vínhamos produzindo e as defesas que vamos construindo parecem estremecer. Uma queda que pede por outras formas de mantermo-nos em pé. Essa experiência de ir ao chão traz consigo toda sorte de sentimentos, emoções, sensações. O corpo em queda se arrisca a se reinventar. Quais os suportes? Quais os apoios? Que ossaturas e musculaturas podemos acionar a fim de mantermo-nos em pé, a partir do chão? Como respirar quando justamente a respiração é também vetor de contágio?

## MOVIMENTO 2 – A CLÍNICA COMO MOVIMENTO PÚBLICO, A ESCUTA POLÍTICA

Nesse contexto, nesse chão pandêmico, vemos surgir uma série de coletivos, grupos, instituições, profissionais autônomos a se agregarem e que passam a oferecer escuta e suporte psicológico para aqueles que estão em sofrimento e padecendo dos inúmeros e socialmente determinados efeitos da pandemia e da suicidária gestão dela no Brasil. Vimos também linhas de suporte emocional sendo oferecidas pelo Ministério da Saúde, por iniciativa de alguns governos de estado e prefeituras.

Aqui, trago os dispositivos de escuta *online* gratuita, ou a valores mais baixos, por telefone, chamada de vídeo, escrita, aplicativos de conversa, da forma que for possível, no intuito de criar um ambiente

de acesso público ao cuidado da escuta, ao acolhimento e suporte psicossocial analítico nesse momento.

Faz-se de suma importância apontar para o fato de que o cuidado, neste momento – e em nenhum outro, na verdade –, não é prerrogativa somente de profissionais especializados. Há toda uma política de movimentos de cuidado em saúde e saúde mental – ambos que não se diferem – advindos de cada território, de cada espaço, de cada grupo, de cada rede articulada ou não, mesmo que institucionalmente. Outros parâmetros de solidariedade. O movimento potente de cuidado.

Ao mesmo tempo que os serviços de saúde públicos estatais, já bastante e desde há muito precarizados, lutam na tentativa de manter seus vínculos, o cuidado, eles também se veem com muita dificuldade em adaptar-se às medidas sanitárias específicas que a pandemia exige. A saúde nunca para.

As demandas de cuidado em saúde mental são muitas e variadas. Fica claro nessa pandemia que o enfrentamento dela requer leitos, respiradores, médicos, todo um aparato científico tecnológico a nosso favor, porém, há uma necessidade que vem junto: o cuidado íntimo. A morte, o luto, o desafio diário em lidar com a doença, a atenção o tempo todo ao contágio, o isolamento, a convivência, a solidão, o desamparo institucional, os familiares, o uso de drogas, os sofrimentos psíquicos crônicos, tudo isso chega aos mais variados profissionais da linha de frente. Estes, por sua vez, convivem com a desproteção e o desamparo de seu próprio corpo, inventando meios de exercer o cuidado, o próprio e o do outro.

Borges (DOBRA, 2020) fala de um dilema que se coloca com a pandemia: ao mesmo tempo que necessitamos de programas de saúde assegurados pelas políticas públicas estatais, o Estado insiste em manter precarizados esses programas. Por onde se movimentar? Como nos protegemos daquele que deveria nos proteger, a saber, o Estado?

No momento de escrita deste texto, não me encontro trabalhando em nenhum dispositivo do Sistema Único de Saúde. Meu

trabalho atual vem sendo construído na clínica de consultório privado. Passei a integrar o grupo de escuta *online* organizado pela Conatus<sup>69</sup>, constituído por profissionais que integram o Curso de Formação em Massagem e Psicologia Biodinâmica do Instituto Brasileiro de Psicologia Biodinâmica (IBPB)<sup>70</sup>, sob supervisão coletiva de três psicólogas, professoras do curso<sup>71</sup>.

A proposta tem sido o oferecimento de uma escuta pública gratuita, um acolhimento inicial com fins de oferecer um suporte temporário diante do momento pelo qual vivemos. Oferecemos quatro encontros. No final deste período, após um tempo de escuta e manejo, vamos coletivamente construindo encaminhamentos possíveis a partir das redes pública e privada de cuidado.

Como psicóloga clínica que inclui abordagens corporais em sua prática, vi-me confrontada com uma outra superfície por onde atravessar e criar chão para nos apoiar. Apesar de a ferramenta dos atendimentos clínicos pela via virtual já ser muito utilizada, mesmo após já ter tido alguma experiência com ela, ver-me subitamente tendo que me mover nessa construção causou-me inquietações.

---

69 Para mais informações, acesse: [www.conatuspsi.com.br](http://www.conatuspsi.com.br)

70 Para mais informações, acesse: [www.ibpb.br](http://www.ibpb.br)

71 Ana Cristina Teixeira, Leda Rebello e Regina Tavares são psicólogas, psicoterapeutas corporais e analistas reichianas associadas à Conatus. Elas propõem na clínica de psicoterapia corporal, com base na teoria de Wilhelm Reich, um caminho de acesso à psiquê em sua unidade funcional. Ainda, trabalham com atendimentos clínicos individuais, supervisão clínica e formação de terapeutas corporais e atuam como coordenadoras, no Rio de Janeiro, da especialização em Psicologia Biodinâmica, abordagem neorreichiana criada por Gerda Boyesen em parceria com o Instituto de Psicologia Biodinâmica de São Paulo e o Projeto Escuta Online de atendimento voluntário e clínica social no período de pandemia e isolamento social.



Uma quantidade enorme de *lives*<sup>72</sup> e conteúdos passam a ocupar nosso espaço e a criar a possibilidade coletiva de partilha, produção de experiências, divisão de angústias e, também, de produzir, no campo virtual, uma infestação de conteúdos. A característica viva das *lives* trouxe a possibilidade de contato e contágio na direção de dar suporte ao presente, à construção do fazer clínico. Por isso elas entram também como importantes referências neste texto, nesta cartografia de acompanhar o processo presente e escrever sobre ele também no presente. O corpo se vê mexido e remexido, outra realidade somática que nos afeta.

Com o agravamento de toda situação política de gestão pública da pandemia, afirmo a necessidade de amparar-me de informações e de saberes a fim de poder dar também esse suporte de educação em saúde<sup>73</sup>.

Alguns espaços de encontro para trocas sobre o exercício clínico rapidamente migraram e passaram a ocorrer em plataformas de comunicação virtual. Cursos, supervisões, grupos, dentre outros que eu integrava. Fui percebendo cada vez mais a necessidade de me fazer próxima de espaços coletivos de troca virtuais. Vi-me diante da percepção que sempre me ronda, do quanto a clínica de consultório privado pode ser solitária. A análise pessoal e o ato de colocar o corpo em movimento em grupos de práticas corporais vêm sendo experiências intensas e fundamentais. A psicoterapia corporal afirma esse corpo vivo, uma subjetividade corporificada em constante transformação.

---

72 Expressão da língua inglesa utilizada para designar transmissões ao vivo através da internet. Diversos conteúdos, seminários, encontros, comunicações públicas, debates e exposições passaram ainda mais a acontecer a partir do dispositivo de transmissão e gravação digitais ao longo da pandemia. Novos ambientes, outras trocas e sensibilidades produzindo também seus efeitos.

73 As produções realizadas pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), pela Organização Mundial de Saúde (OMS), pela Organização Panamericana de Saúde (OPAS) e pela Organização Médicos sem Fronteiras (MSF) foram de suma importância e seguem disponíveis nas plataformas digitais dessas instituições.

Vi-me, então, perante a necessidade de suporte e apoio coletivos diante da queda, diante do abismo.

No Brasil, o abismo parece bastante alto. "Quem disse que a gente não pode cair? Quem disse que a gente já não caiu?", questiona Ailton Krenak (2019, s/p), um dos mais importantes pensadores brasileiros de nossa época, indígena do povo Krekak assentado e resistindo no Vale do Rio Doce, na tentativa de produzir *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. Sim, o fim é inevitável, estamos nele, produzindo-o. Caímos e seguimos. O Antropoceno mostra seu fracasso, e Krenak só nos evidencia o que já experimentamos.

O desafio é encontrar políticas, modos de fazer com o chão, políticas de chão a partir da queda. Krenak desafia-nos a criar paraquedas (KRENAK, 2019). Co-criar, com-por. No coletivo. É coletivo também o exercício clínico. Ali, no *setting*, há pelo menos dois. Mas como contornar e criar suportes para esse corpo cuidador?

Sustento que é no coletivo e em coletivo que encontrei consistentes suportes para seguir no desafio de sustentar algum equilíbrio – oscilante e dinâmico – nesses tempos pandêmicos. Na troca, no fazer, no falar, no ouvir e, sim, no cansar, entristecer, alegrar, no mover os corpos, juntos, pela tela.

Por iniciativa espontânea de seus membros, eu e alguns colegas psicólogos passamos a nos reunir semanalmente numa plataforma digital para tratar de temas da clínica na pandemia, para falar de nossas experiências, angústias e cotidiano de forma despreziosa e em molde bem horizontal. Um encontro de amigues. A potência política da amizade.

Esse espaço passou a integrar uma nova ambiência de forma contundente. Um cuidado de quem cuida. Experimentarmos numa rede rizomática. Tudo que o fascismo não suporta é o cuidado íntimo, e oferecer-me a esse lugar de escuta, que se amplia com a escuta voluntária junto ao trabalho no consultório privado, convoca uma política clínica que se produz no encontro de uma escuta pública a criar mais uma ponte de acesso ao movimento de cuidado, tomado

como força política de resistência ao infundável movimento de captura a que estamos assujeitados.

A luta segue sendo pelo fortalecimento e investimento das redes públicas estatais. O SUS de fato é nosso, a escuta é pública, se constrói por fora do Estado, mas não se faz sem ele também. Ali onde percebemos com absoluta certeza que ele continua e continuará fracassando, seguem os desvios de redes de cuidado íntimo em suas múltiplas expressões.

### MOVIMENTO 3 – FAZER DA QUEDA UM PASSO DE DANÇA

A pandemia evidencia de forma bastante contundente a necessidade que Felix Guattari (1990), no final dos anos 1980, já nos apontava para a preservação das três ecologias: o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana.

Uma proposição de modo de existência que com certeza não se inaugura com o pensador francês. Em *A Queda do Céu* (2015), Davi Koppenawa, xamã Yanomami, conta que, para seu povo, os xapiris são espíritos da floresta que a defendem de predação e destruição por aqueles “apaixonados por mercadorias”. Sendo assim, os xapiris são responsáveis por sustentar o Céu. A morte do povo yanomami, dos seres da floresta, irá gerar a queda do céu. A floresta responde ao desequilíbrio predatório, e nem os xamãs conseguem contê-lo.

A esse respeito, Souza (2020) aponta uma perspectiva africana da pandemia. Segundo a cosmologia *yorubá*, as epidemias expressam desequilíbrios na relação com a natureza, que, por sua vez, compreende tudo. Nessa relação de imanência, a cura vem por uma mudança coletiva. A pandemia denuncia o fracasso da cosmologia da branquitude. O outro, a vida e a multiplicidade são negades.

A função da lógica colonial capitalista é a de justamente bloquear a imaginação e o devir revolucionário. As subjetividades padecem da necropolítica, do racismo, da homofobia, do machismo, da captura

dos corpos, da alienação neoliberal, do entristecimento das relações, da anestesia em produção, do trabalho incessante.

Neste texto, trago algumas formulações de saberes indígenas a fim de transversalizar esses conhecimentos na dimensão do fazer clínico, na potência estésica que eles contêm. As cosmologias ameríndias e afrodiáspóricas são potentes estratégias para criarmos um ambiente de liberação da imaginação política, vislumbres de um mundo prestes a seu fim, revertendo o pulso de negação da vida. Partindo dessa convocação ética e estética, afirmo que clínica e política podem e devem operar nesse caminho “entre” o subjetivo, o social e o ambiental. Sendo assim, apresento tentativas de criar ações clínicas, em passagens da escuta e em vivências coletivas outras, a partir de alguma experimentação integrada ao território, ao corpo, ao outro, ao ambiente, ao *socius*. Tento trazer as três ecologias, fazendo-as operar no campo do encontro clínico em tempos de quarentena.

Como operar o cuidado a partir dessa necessidade de preservação?

Krenak (2020) aponta que de uma hora para a outra, a experiência de isolamento social que há tanto tempo vem sendo estratégia de sobrevivência de povos indígenas, a fim de evitar sua ruptura e extinção de suas vidas, hoje se universaliza, na medida em que “[...] hoje estamos todos diante de a Terra não suportar a nossa demanda” (KRENAK, 2020, p. 4). Este é o momento de nos percebermos enquanto humanidade e de abrir a pergunta se somos mesmo uma humanidade. Segundo esse mesmo autor, para combater esse vírus, temos de ter cuidado. E coragem.

Em tempos de pandemia, experimento uma vivência de súbitas e múltiplas quedas. Ir ao chão. O chão existencial passa a se abrir, criar fissuras, rachaduras, modificando toda a superfície sobre a qual o viver se desloca, se equilibra e desequilibra. O equilíbrio é sempre dinâmico. Mesmo quando estamos aparentemente parados, há forças a garantir algum equilíbrio possível.

Afirmo-me na construção de uma clínica transdisciplinar, e a partir da eterna tarefa de conferir movimento ao fazer clínico, trago

essa experiência de queda a partir do atravessamento entre a clínica e a dança, em um processo de conferir corpo-pensamento ao ato de mover a vida. Nas diversas expressões que a dança nos proporciona, vemos que todas possuem formas de se relacionar com o solo e com a força da gravidade circundante. Às vezes mais, às vezes menos. As danças ritualísticas e populares, bem como a dança contemporânea, abarcam esse mover enraizados no chão, cada uma a seu modo.

Hélia Borges, em uma *live* intitulada “A Experiência da Queda”, realizada em agosto de 2020 (DOBRA..., 2020), traz reflexões a partir da fala de alguns artistas sobre esse movimento de queda. Na dança contemporânea, vemos que a aquisição da possibilidade de ir ao chão e ali mover-se e deslocar-se possibilita uma experiência de corpo que pode encontrar outros caminhos para além do medo e do terror de perder sabe-se lá o que com o quê. Adquirem-se modos de cair, modos de relacionarmos-nos com o chão e construir apoios para o levante e a verticalidade. Em uma vivência corporal ocorrida em um grupo de movimento que integra a formação em Psicologia Biodinâmica do IBPB durante a pandemia, tive a oportunidade de, por duas vezes, experimentar apropriações de movimento desde a horizontalidade à verticalidade, tal como vemos acontecer com os bebês. Experiência bastante similar que experimentei nas aulas de Metodologia de Angel Vianna<sup>74</sup> no passado.

Borges (DOBRA..., 2020) relembra que as crianças se apropriam do solo desde sempre. Essa apropriação cria todo um campo de experimentação sensível que vai sendo vivido por cada um a seu modo.

---

74 Angel Vianna propõe uma prática fundamentalmente experiencial do corpo através da escuta e pesquisa do movimento. O alcance terapêutico da Conscientização do Movimento já vem sendo reconhecido na área da Saúde e tem sido aplicado nos campos da promoção da saúde, da reeducação do movimento, da reabilitação (neuromotora, doenças crônicas como hipertensão e diabetes, saúde mental, entre outros), reorientando, identificando e redefinindo os princípios filosóficos e práticos que orientam o processo saúde-doença (RESENDE, 2008).

À medida que vamos nos subjetivando, perdemos essa percepção do solo, perdemos a dimensão de nos arrastar, de nos apoiar, de rolar, de sustentar, de apoiar membros, apoiar joelhos, engatinhar, criar possibilidades de levantar, curvaturas e contrapesos. Nosso aparelho cognitivo pode ir se enrijecendo, a percepção do mundo perde a amplitude ao não se deixar cair. Para o adulto, a queda vem como uma desestabilização narcísica.

Com a pandemia, o corpo clínico se vê convocado a deslizar por superfícies outras, outras “ambiências imersivas”, nos diz essa psicanalista. Sabemos que a clínica constrói a sua teoria, os saberes e as técnicas, que estão sempre em movimento de se refazer. Borges (A ELASTICIDADE..., 2020), a partir das contribuições do psicanalista húngaro Sandor Ferenczi, aponta para a elasticidade da técnica, para aquilo que ela tem de possibilidade de vibrar com as pulsações, expansões e contrações que se colocam em cada e todo encontro clínico. A clínica se coloca como uma experiência estética, em que ciência e arte se atravessam. Nesse sentido, traz para o campo clínico a experiência de “sentir com” e afirma o afeto como um tato, um tatear com corpo, com os sentidos. Borges segue afirmando a possibilidade que temos agora de sermos convocados a ampliar as possibilidades de “sentir com”, modo pelo qual Ferenczi aborda a transferência, a relação entre terapeuta e cliente a partir de um contágio rítmico, um tato psicológico (FERENCZI, 1928 *apud* A ELASTICIDADE..., 2020).

Com a pandemia, somos confrontados por uma nova horizontalidade a partir da presentificação de um outro ambiente, outro *setting* clínico, trazendo outros elementos para compor conosco esse encontro de espaços privados conectados por telas e sinais de conexão, implicando outras experiências sensoriais em seus ritmos, modulações e gradientes. Cabe a nós a disponibilização de produzir no corpo outras ligaduras de sentido, movendo-nos entre o dentro e o fora, na intensidade. A escuta estética no fazer clínico é o desafio que a pandemia nos convoca a produzir através dos dispositivos tecnológicos (A ELASTICIDADE..., 2020). Sustentá-la pode ser um

excelente meio de fazer resistência à captura capitalística e produzir subjetividades outras.

Seguimos na tentativa de perceber que formas são essas de presentificação produzidas pelos encontros clínicos diante de uma outra ambiência imersiva. E aí rapidamente somos levades a perceber a mudança no modo como ouvir. Dispersar o foco (A ELASTICIDADE..., 2020), ampliar a visão, deixar a percepção se inundar pela ambiência.

Juntamo-nos aqui aos pressupostos winnicottianos para afirmar a importância de nos atentarmos para o ambiente favorável a produzir subjetividade. O ambiente de cuidado. Borges afirma que essa experiência de a(o) clínica(o) estar sendo possuída(o) pelo ambiente traz em si a potência de uma relação de produção de subjetivação. A escuta ativa um tateio, um tateio de uma posição. Abrir o foco possibilita outras presentificações. Borges (DOBRA..., 2020) fala da ativação bastante consistente através dos atendimentos virtuais de uma conexão rizomática, conexão em rede. Criar uma rede de conexões e gestos, uma dança que se constrói a partir da queda. Essa é a clínica pandêmica.

#### MOVIMENTO 4 – O CORPO AINDA É POUCO? A EXPERIÊNCIA CORPORIFICADA DA ESCUTA SENSÍVEL EM TEMPOS DE PANDEMIA

No trabalho clínico, no trabalho doméstico, nas surpresas e tropeços, nos lutos sem tempo de se fazerem, nessa ambiência pandêmica, advém um cansaço, um cansaço que me atravessa e exaure. E em meio a esse contexto, no exercício clínico, o manejo da relação transferencial opera com outros silêncios, outras disponibilidades e interrupções, que às vezes nos pegam de surpresa. As faltas, as ausências, as adaptações a cada atendimento vão aparecendo de outras formas. Aos poucos surgem adaptações, mas há esforço.

Justamente na medida em que, como clínicas(os), somos convocadas a essa nova ambiência imersiva virtual de forma massiva, vemos o quão difícil é habitar outros lugares de escuta, abrir mão de ferramentas que convocam os músculos, pelos, ossos a fazer mais esforços. Sair do habitual e fazer uso de outras alavancas. O corpo convocado. Outras corporeidades a se construir. Há um cansaço que advém do esforço, um dos produtos da ação de esforçar-se.

Nos encontros de amigos psicólogos anteriormente citados, partilhamos de um período de muito cansaço. Para uns mais, para outros menos. Pico de mortes e casos no país, a curva só aumenta. Essa sensação partilhada de baixa de energia me abriu a atenção para que pudéssemos viver algo juntas, corporalmente.

Proponho então o próximo encontro inteiramente vivencial, na possibilidade de sentirmos o corpo. Começamos com o respirar e fechar os olhos. Trazer a atenção para esse constante expandir e contrair da caixa torácica. Sentados, pés no chão, ísquios apoiados. Vou nomeando e passeando por algumas partes e regiões do corpo. Trazer a atenção para cada um desses territórios a se presentificar. A respiração agora é conduzida. Longos e profundos movimentos de inspiração pelo nariz e expiração pela boca. Abrimos os olhos, o olho pelas telas vai enrijecendo a musculatura ocular. Conduzo então os colegas a fazer movimento circulares com olhos. Lentos, passando por todas as partes do caminho. Sem mover a cabeça.

Trabalhar nesse segmento – apoiando-me nos segmentos de couraças reichianos (REICH, 1998) – traz a possibilidade de trabalhar a percepção com o mundo, a percepção de si e do mundo, circular. Fechamos bem os olhos e os abrimos também por algumas vezes, afrouxando musculaturas tão convocadas *online*.

Passamos então a nos automassagear. Qualidades de toques diferentes. Primeiro percutimos o rosto com a ponta dos dedos. Percutir os ossos. As partes duras. Acordá-los. Rosto e cabeça. Percebemos. Respiro. Seguimos agora com o toque de maior pressão, com movimentos circulares nessas áreas ósseas. Mobilizamos também o couro



cabeludo com nossas próprias mãos. Descolar a pele do osso. Produzir espaços. Movimentos circulares de pressão. Os dedos, que começaram no rosto e na cabeça, agora seguem pela cervical, garganta. Músculos de sustentação da cabeça. Depois, passamos para ombros, região peitoral, braços, mãos e dedos.

Passamos para uma outra qualidade de toque. Percutimos, apalpamos e agora a orientação é a de bater. Com as mãos em concha, vamos achando esses espaços de pele onde produzimos o toque mais firme e repetido. Um acordar para distribuir a energia. O som das mãos da superfície do corpo faz barulho. Ao chegar na região das costelas, sentimos a respiração ser atingida também. Soltamos um som e, ao bater, vocalizamos o ar que sai.

As práticas corporais de automassagem trazem-nos para uma dimensão possível de contato consigo. O toque, a percepção, a sensação e a atenção vão se integrando. Cada um vai sentindo as reverberações em si. Onde dói, onde não dói. Podem vir memórias, pode vir calor, podem vir lágrimas, bocejos, o que for. Tateio. O corpo não é pouco.

Com essas práticas, ativamos o corpo vibrátil (ROLNIK, 2003), composto por saberes implícitos (STERN, 2007) que advêm na experiência do momento presente, consistindo em uma fronteira que nos permite encontros. Dos encontros produzem-se efeitos, efeitos de saber-do-corpo, que podem engendrar processos subjetivos potentes, colocando-nos em movimento de criação e recriação.

Rolnik (2006) sustenta a potência das experiências extrapessoais e extracognitivas, que se dão nos processos de subjetivação, indicando uma direção de manutenção de uma abertura à escuta dos afetos desestabilizadores que geram uma perturbação de si na experiência. O corpo é transmissor de pulsação e adquire poder de contágio. Uma micropolítica ativa, na qual a ação desejante é um processo de criação de modos orientado pelos saberes do corpo.

As formas de abarcar a dimensão micropolítica de resistência advêm da escuta do saber do corpo. Entretanto, toda prática de

resistência, se reduzida ao plano macropolítico, deixa-se predominar, se capturar, e passa a reforçar uma micropolítica reativa bastante própria ao sistema capitalista vigente.

Apostamos que na clínica o *setting* é o corpo, o meu e o do outro. O corpo é um espaço de entrecruzamentos e atravessamentos que nos obriga, nos movimenta, nos permite experimentar outros modos de relação com o espaço com o tempo.

A prática que experimentamos em coletivo pôde ser também vivenciada com alguns clientes. Sobretudo no momento inicial da pandemia, as práticas de automassagem e de centramento pareciam ter efeitos de contorno. Nem sempre é fácil. Foi assim que pude ir experimentando propostas corporais pela via virtual. É muito diferente e cheio de sutilezas de percurso propor um trabalho corporal a distância. Há efeitos e descargas que podem vir a ocorrer e pelas quais temos que ter responsabilidade, apesar de não termos previsão do que pode ocorrer.

No grupo com os colegas, os relatos apontam o relaxamento. Os corpos parecem ter se amolecido. Uma percepção de dor em algum lugar não percebido, a tensão nos dentes pressionados constantemente, a dor de cabeça que expande e pode amansar. Vejo sorrisos. Vejo alguns a se acarinhar enquanto vamos trocando palavras. Trocamos alguns cuidados a partir da escuta uns dos outros. Respiramos juntas. A duração da reunião se prolonga um pouco. Sentimos falta de nos encontrar ao vivo. Porém, ali, nos acolhemos.

A capacidade de autoacolhimento é um recurso interno importante para o momento da pandemia, e tem função também de suporte integrador através da produção de algum contorno diante de sessões em que ocorre uma mobilização emocional mais intensa. A proposição de contorno pelo toque pode ser um bom exercício. Quando a palavra se esvazia, a intensidade encharca.

As práticas de respiração foram outro recurso bastante importante. Para cada situação, uma possibilidade de respirar. Respirações que trazem mais contato, respirações que acordam o corpo como um

todo, respirações que podem vir a mobilizar regiões encouraçadas, respirar como ato básico, como pulso vital. Os efeitos que fui recolhendo são variados, por vezes emergindo no momento presente, às vezes conduzindo a mobilização de conteúdos ao longo das sessões seguintes.

Essas outras formas de sintonia afetiva que se inauguram nessa ambiência imersiva virtual fizeram com que eu entrasse em contato com meus clientes a partir de outros parâmetros e da necessidade de estar mais atenta ainda ao que eu sentia, intuía, recebia nesse encontro clínico, como vinha o tom de voz, como vibrava aquele segmento de corpo visível na tela. Por onde encontrar sintonia ocular? Escutar com o corpo (RESENDE, 2013). Atenção sensível. Ampliação de foco. O corpo não é pouco.

## MOVIMENTO 5 – MANEJO NA QUEDA: CONTRA-TRANSFERENCIAR, RESISTIR, RE-EXISTIR

Com o texto disparador desta publicação, Raphaella Daros traz como uma de suas inúmeras questões a dúvida de um como fazer a atenção sensível não virar tensão protocolar.

Não saber sobre como tudo iria transcorrer nesse período. Não saber não se equivale a não sentir. A tensão já nos habita, justamente nas exigências de encontrar modos de clinicar, de nos sustentar, sustentar o trabalho clínico e, por que não, sustentar a vida. Tudo pode chegar ao espaço da psicoterapia.

Borges (A ELASTICIDADE..., 2020) aponta para a necessidade de mantermos a capacidade de nos abismar. Abismarmo-nos diante do que nos rodeia. A pandemia pode nos fazer, como clínicos, essa convocação. Uma abertura para a vertigem. Ao cair, expandimos. Então, caímos.

Como afirmado anteriormente, é coletivo o exercício da clínica, na relação terapeuta e cliente, nesse encontro. Fui percebendo que, de início, havia uma demanda central, que é a de suporte, de

contorno, de acolhimento do que nos assombra e que vem em emergência, em crise, em sofrimento, mais ou menos audíveis, mas sempre intensos. Perceber esse momento de virada histórica que estamos vivendo como um esgotamento, esgotamento de um sistema, de um modo de viver e poder acolher seus efeitos. Ao clínico, cabe receber, acolher, escutar.

Mesmo com os clientes que já venho acompanhando há bastante tempo, anos, foi momento de dar espaço ao corpo para respirar, lubrificar as articulações, corporificar. Aprofundar não estava sempre ao alcance. Tudo foi se movendo com o passar do tempo. Abrem-se brechas. As demandas que chegavam a nós através do dispositivo de escuta *online* iniciaram-se com um estado de angústia presente, intenso, a partir do não saber. A crise e seus efeitos primeiros.

Eram pessoas em busca de algum contorno para o que lhes atravessava. Fiz o atendimento de uma profissional de saúde que estava sendo obrigada a se deslocar pela cidade. Tanto no território onde ela trabalhava como no território onde ela residia, o descaso no cumprimento das determinações de isolamento pela população fazia gerar nela um sentimento de profunda raiva. No meio de tudo o que ela ia me contando em ritmo acelerado, falava em experimentar uma confusão, sentia-se com dificuldades de respirar e precisa me perguntar: “É frescura? É normal?”. Disse a ela que não se trata de frescura, pois, como profissional de saúde, ela tinha em muito esclarecido que o cumprimento do isolamento e das demais condutas eram fundamentais.

Parece que essa simples confirmação, dando lugar a esse estado confusional, foi suficiente naquele momento. Falamos sobre outros assuntos. Respiramos juntas no final do encontro. Ela chora. Em um encontro por ligação de vídeo, promove-se um contorno. Ela me agradece muito, pois se surpreende com o alívio. Ela não me liga mais como combinado, não retorna. Algo se deu ali. Produziu efeitos em meu corpo e no dela. Escolho não buscá-la. O espaço segue ali e dali.

Em outras situações, a demanda certamente não se esgota em uma ligação, não se esgota nos quatro encontros de acolhimento iniciais de nosso formato de escuta *online*. Questões nas relações familiares e amorosas, as solidões dos vínculos frágeis, a falta de recursos financeiros, as dificuldades em lidar com o emocional, os efeitos do tempo de isolamento transcorrendo.

No caminhar desse processo, era possível chegar em alguma resistência, mas mesmo assim, ali, naquele momento, o acolhimento vinha como uma atenção psicossocial, base para a construção do cuidado em saúde mental no Sistema Único de Saúde. Clínica ampliada. Um modo de atenção que vai podendo matriciar e construir possibilidades de relação e inserção em seus territórios de circulação. Não é porque há restrições de nossos trânsitos pela vida e pela cidade que não estamos em relação com o território. A casa é território, a rua é território, o corpo é território, as relações sociais também.

Percebi, inicialmente, que era preciso ajuda para organizar e ampliar a visão e a escuta dessas pessoas sobre quais são as possibilidades de amenizar a angústia nesse momento. Ir mapeando outros lugares de saúde e profissionais que poderiam ser acionados também se fazia importante. Uma clínica sempre ativa e a ativar.

Logo começam a chegar as perdas, os lutos, as mortes. De familiares, amigos próximos, conhecidos. Essa é uma das maiores dificuldades no sentir com. A carga afetiva mobilizada por essas falas, partilhadas nessa experiência de cuidado. Um sentimento de impotência muitas vezes. Todo luto mobiliza outros lutos, que se abrem para outras questões da vida daquela pessoa. O contorno do luto faz emergir outros afetos, outras marcas.

Idosos, desde o princípio no grupo de risco, desorientam-se. Ao mesmo tempo, mostram-se também nas suas possibilidades de resiliência criativa. Da convivência contínua com familiares ao isolamento mais profundo, passando pelas mudanças súbitas de rendimentos e carências básicas, os idosos trazem consigo a necessidade de partilha de um lugar de angústia. O medo pelo contágio, o temor da

solidão, a interrupção do ritmo, as famílias, o agravamento das condições financeiras, enfim, a fragilidade da vida mobiliza todo tipo de afetos, alegres e tristes. Há muita importância na pergunta: e como você está se sentindo?

Algumas situações vão se constituindo em demandas mais específicas de um trabalho psicoterapêutico mais prolongado. As camadas amolecem. Encaminhamentos são feitos para alguns (dispositivos públicos e privados), outros revelam a necessidade de continuarmos a escutar, engajar-se na possibilidade de investir num processo terapêutico. Para outros, os quatro encontros se fazem suficientes nesse momento. Cabe ao terapeuta ir avaliando e flutuando em suas disponibilidades e nas possibilidades do grupo. Afinal, a vinculação é indispensável e inevitável, e seu manejo é sempre delicado. Efeitos de transferência e contratransferência<sup>75</sup>.

A restrição financeira e o agravamento da sobrevivência com queda ou falta de renda trazem importantes marcadores do acesso possível através desse dispositivo de escuta e acolhimento. Vemos que dispositivos como este trazem a ampliação de acesso a uma escuta terapêutica a quem não possui meios de acesso ao sistema público de saúde por variadas razões e a quem também não consegue meios de sustentar uma escuta a preços que sejam supostamente mais acessíveis.

Há uma responsabilidade nessa oferta, que é não abrir tanto espaço para que esses sujeitos se desamparem novamente e, por isso, encaminhar é sempre complexo e delicado. Disponibilizar-se para

---

75 Conceitos centrais à psicanálise, formulados inicialmente por Freud, que tratam da transferência de investimentos libidinais recalçados do cliente ao terapeuta. O manejo dos efeitos dessa transferência, que afeta também aquele que ouve a partir de seus próprios conteúdos psíquicos, e a contratransferência, se coloca como fundamental para o tratamento e para a escuta clínica, sendo seu motor.

esse exercício clínico público traz a necessidade de encaminhar e/ou seguir no acolhimento, na escuta, no cuidado.

O fato é que estamos trabalhando mais do que nunca. Ninguém ganhou tempo na pandemia. A clínica sob os efeitos dessa queda, desse ir ao chão, convoca-nos a poder suportar o peso do outro, entregar-se a ele e com ele mover-se, como numa pequena dança. Fazer da queda um passo de dança<sup>76</sup>.

Na clínica com os que já eram acompanhados por mim anteriormente, o isolamento, total ou parcial, implicara o contato inevitável com questões que, apesar de não serem exatamente novas, se ampliavam em ritmo acelerado. Ao mesmo tempo que alguns mantinham o espaço terapêutico como modo de narrar os acontecimentos semanais, mantendo-se fixos na rotina de criar alguma rotina, outros se abriram para aquilo que não podia escapar pelos meios e defesas habituais.

O ritmo de cada encontro clínico tem o corpo como dispositivo de apreensão. Escutar com o corpo num encontro mediado por uma tela, uma camada porosa. Experimento atendimentos de pessoas em seus quartos, salas, cozinhas, dentro do banheiro, na dispensa, dentro do carro, nos espaços onde se poderia garantir algum tipo de privacidade, a qual nem sempre era possível.

Faço sempre a indicação de que possamos arranjar uma forma de cobrir nossos rostos projetados na tela do computador, do celular, não fazemos terapia olhando-nos no espelho. Convocamos a um olhar interno, mas por outras percepções e imagens. Nem sempre era possível. Para mim também. Um cliente nota que o fato de eu ter desligado o microfone por conta de barulhos externos a minha casa o fez sentir uma desconexão, sentiu como uma falta de presença, mesmo com minha imagem visível. São sutilezas a notar.

Interrupções dos modos mais variados também ocorreram, seja pelo sinal de internet instável, por algum problema técnico ou pela

---

76 Referência ao escritor Fernando Sabino na obra “O encontro marcado” (1981).

entrada de um filho, um familiar, o carro de som na rua, os animais de estimação, o colega que adentra a sala. Somos convocados a estar juntos nesse outro aspecto privado de cada um de nossos clientes. Eles, por sua vez, também adentram minha casa. Meu espaço. Toda essa nova ambiência sobre a qual estamos aprendendo a nos locomover requer respirar. Estar diante da tela restringe o que percebemos à primeira vista. Até mesmo o olhar nos olhos, via dispositivo eletrônico, já não é tão possível. Se olho para a câmera, não vejo o cliente, mas posso ver vultos de movimento, ouvir sua voz. Se olho para a imagem, o cliente pode me perceber olhando pra baixo. São sutilezas.

Com o avançar dessa realidade de atendimentos, percebo um cansaço de olhar para a tela. É notável como, para alguns, esse desvio do olhar já traz efeitos. “Você está fazendo outras coisas enquanto fala comigo?”. Preciso dizer que às vezes meu olhar se direciona para outros lugares. A atenção é sempre flutuante. Em uma relação terapêutica, o modo como se direciona a atenção chega de variadas maneiras para cada cliente. Daí temos um manejo. Às vezes, ele é difícil. As dimensões de contra-transferência precisam ser percebidas, não há neutralidade.

Mas aos poucos, vamos nos adaptando. Adaptar não significa ceder nem caber. Há impactos diretos sobre a nossa realidade somática e vivenciamos ritmos de mudança que convocam a percepção, a cognição e a afecção por outros lugares. Cansaço e pequenas euforias nesse acompanhar. Assim, a experiência no corpo vem como possibilitadora da experiência de estar contaminado pelos ritmos do outro e também como lugar onde se articulam as falas, os signos possíveis para o trabalho clínico no encontro com as pequenas grandes percepções.

Para andarmos, precisamos desequilibrar e sofrer pequenas quedas. No encontro clínico, poder cair, ter o contato com o chão e se experimentar nele é o possível. As marcas, as defesas, as dores, os suspiros vão aparecendo. Há um corpo a se construir. O exercício clínico



estabelece contato com a experiência da queda, e nesse movimento entre céu e chão, nos relacionamos, produzimos corpos.

É preciso suportar com paciência as diversas atuações e intensidades que são dirigidas ao terapeuta e dar mais elasticidade à técnica, cabendo ao terapeuta tais movimentos. Com isso, são criadas condições de construção de um ambiente receptivo (*setting*) para que a vida possa passar, tendo em vista o papel traumatogênico que o ambiente pode comportar (DOBRA..., 2020) e a relação com o terapeuta também, oferecendo segurança ao sujeito para continuar numa experiência de existir, sendo receptivo ao que vier a se apresentar no encontro. O ambiente funciona como constituidor de desenvolvimento individual e coletivo.

Talita começou seu processo de terapia comigo no início do ano de 2020. Logo veio a pandemia. Nos encontros presenciais, sentia a fragilidade de seu corpo. A confusão em sua fala, ligeira, emendando palavras umas nas outras, trazia dificuldade às vezes na compreensão. A pandemia veio colocar em xeque aquilo que ela trazia como questão. Sem emprego, após passar por uma longa crise depressiva, vivendo com pai e mãe e seu filho, foi se vendo submersa pela experiência de estar o tempo todo em contato com aqueles que, ao longo dos encontros comigo, foram sendo localizados como os que não a dão suporte emocional. Ao mesmo tempo, são seu único suporte. Culpa e muita dificuldade em se perceber nessa relação também. Medo por não conseguir receber afeto.

Na terapia, em quarentena, fui propondo junto a ela práticas de contato com seu corpo, pelas automassagens e exercícios de respiração. As sessões seguintes ao trabalho corporal vinham sempre com muitos sonhos e percepções. Muita intensidade mobilizada para ela. Os conteúdos de sua fala me deixavam empolgada, sentia que podia seguir avançando. Trouxe também para esse ambiente a possibilidade de escrita, listas, memórias, linhas do tempo, relatos de sonhos. Fazer da percepção de si um ato também de brincadeira, de criação. O movimento de ir se percebendo cria alegria, mas a impossibilidade de

se mover nesse ambiente familiar que a sufoca e que não traz suporte. Nessa pulsação, nessa expansão e contração, vamos ditando o risco. Hoje, com quase seis meses de atendimentos *online*, vou percebendo que Talita consegue me fazer alguns pedidos a partir do que consegue identificar ser excessivo ou não para ela. “Precisamos ir com mais calma. Fico pensando muito o tempo todo no que conversamos, não aguento mais chorar.”

Antes, ela se entregava ao meu suporte confiando piamente que eu saberia o que fazer. Hoje percebo um sutil movimento de Talita poder dizer do que precisa, e eu procuro acolher e aceitar. Sem atender de pronto nem integralmente. Sem antecipação. Mas passo a poder entrar nessa relação e a trazer também um pouco de silêncio para nossas sessões. No silêncio há também contato. Entrando na relação com ela, percebo junto dela o que se pode ou não suportar.

Antônio está em atendimento comigo há mais de quatro anos. Para ele, o espaço da terapia se potencializa bastante através da possibilidade que tem de pôr seu corpo em movimento. Pôr-se em movimento autêntico, poder fazer o que seu corpo pede e ter o meu testemunho são fundamentais para ele. Antônio vive em sua casa com sua mãe, mulher que sofre de acometimentos psíquicos graves, com um delírio persecutório bastante estruturado e que tem por base a escuta e a invasão de sua vida através da televisão e da internet. Na pandemia, muito dessa condição se agravou. As demandas a Antônio são constantes. Muitos modos de lhe invadir, fomos o que conseguimos formular em terapia. Ele nunca foi visto. Antônio, nesses anos de trabalho comigo, foi podendo perceber-se em sua história. “Pela primeira vez eu consigo me perceber e me reconhecer.” O mover-se pelo espaço de forma espontânea foi sendo adquirido aos poucos. As palavras sempre pareciam lhe fugir à mente, mas o corpo sempre re-agiu. Choros e risos. Uma mistura de prazer e desprazer juntos, confusos.

Com a interrupção dos atendimentos presenciais, tentamos migrar para esse novo ambiente. E para Antônio, foi tudo muito

difícil. A presença da mãe, a ausência de privacidade, a preocupação com o que poderia dizer caso ela estivesse o escutando, tudo isso foi tornando nosso encontro impossível. Ele não sustentou. Pediu para parar. Foi difícil para mim aceitar esse limite. Mas assim o fiz. Ofereci outras possibilidades, talvez uma análise escrita, mas Antônio não quis. Alguns meses depois, sinto que estava na hora de saber como estava Antônio e lhe escrevo. Ele diz que não está nada bem, relata-me coisas que me deixam bastante apreensiva, pensando mesmo na urgência de uma avaliação psiquiátrica nesse momento. Ofereço novamente a opção da escrita e divido com ele minha preocupação. Eu o vejo. Ele aceita. Antônio se surpreende com o quanto conseguiu se expressar pela escrita. E vieram muitos conteúdos. Antônio tem muito medo de não dar conta. Hoje ele tem seu primeiro emprego na área que se formou. Nunca havia se percebido profissional, adulto, com responsabilidades. Demorou um tempo para se formar, inclusive. Ao mesmo tempo, tem uma relação bastante complicada com a mãe, que não o percebe.

Passamos a fazer as sessões por escrita, via aplicativo de conversa. Era possível sentir reverberar as palavras dele enquanto lia. Não cabia a mim escrever muito. E quando escrevia, percebi que era preciso reconhecer os esforços. Reconhecer seus gestos. Reconhecer o caminho que estava. Dar contorno para aquilo que era de sua mãe e poder afirmar que talvez fosse possível seguir na sustentação de sua vida da forma como lhe é possível, ao invés de ficar preso ao como ele imaginava que tinha que ser. Testemunhar seus gestos na vida pela escrita. Garantir a minha presença de testemunha. Algumas semanas depois, Antônio pede novamente para suspendermos os encontros. Ele quer muito voltar ao presencial. Digo a ele que precisamos aguardar mais um pouco. Falo de minha disposição em seguir com os atendimentos. Percebo mecanismos ali de resistências, que, em outro momento, já começaram a ser trabalhadas, mas, aqui, preciso fazer amizade com elas. As minhas e as deles. Percebo-me irritada quando ele pede para parar de novo. A fragilidade de Antônio

me convoca a estar presente em outro modo. Sem grandes intervenções que podem leva-lo à abertura e ao aprofundamento. Precisei sentir esse limite de sua fragilidade. Fiquei triste em não poder seguir nesse momento.

Um dos conceitos que mais me atravessam, formulados por Gerda Boyesen da Psicologia Biodinâmica, é o de amizade com a resistência (BOYESEN *et al.*, 1983). Sabemos, desde Freud, que a resistência vem como fenômeno intrínseco ao processo analítico. Barreiras que emergem diante de toda essa mobilização de energia vital e de libido, associada ou não a conteúdos verbais, que a psicoterapia mobiliza e que a relação entre cliente e terapeuta repete. Barreiras que impedem que os conteúdos inconscientes emergjam para a consciência. Os mecanismos de defesa, as couraças de Reich, não surgiram à toa. As resistências à psicoterapia e à análise fazem parte desse processo e precisam ser manejadas com cada paciente e em nossa relação com cada um deles. Poder perceber esses ritmos, quando flui e quando não flui, é fundamental. E nós, escutadores clínicos, resistimos também.

A amizade com a resistência fala de um contornar resistências contratransferenciais e reatividades corporais, não acirrando a sua força. A ideia não é quebrar com a defesa, mas, sim, ir fazendo com que ela possa derreter. Foi preciso me sintonizar com o que esses dois sujeitos me traziam. Fazer laço com o que poderia ser encarado como uma maneira de fugir da terapia, atravancá-la, mas

[...] não fazemos amizade com a resistência porque somos 'bonzinhos', ou suaves, ou gentis. Fazemos amizade com a resistência porque sem isso correremos um risco de atrapalhar mais do que ajudar, de piorar e criar mais barreiras onde deveríamos dissolvê-las e suavizá-las" (REGO, 2014, p. 33).

Em tempos de pandemia, sinto que a amizade com a resistência possibilita um tempo possível de respiro diante de tantas urgências e

emergências que nos acometeram no primeiro ano de pandemia, em tão curto espaço de tempo. Os afetos já estão convocados, as angústias aparecem para cada um segundo suas formas de viver, defender e resistir, já inscritas e consolidadas. É preciso dar tempo para o corpo se armar, dar tempo para o corpo reagir por seus próprios modos, e ao terapeuta cabe esperar. Posso perceber a resistência, em mim e no outro. Nem sempre é minha tarefa comunicá-la, porém, é preciso manejá-la em mim. Boyesen *et al.* (1983) relembram que a direção do trabalho clínico quem dá é o cliente. É preciso respeitar as “manifestações contra a entrega” (BOYESEN *et al.*, 1983, p. 115). Nós, clínicos, olhamos, escutamos, sentimos, respiramos e pensamos, deixando falar nossas mãos. E nos conectamos. Um tateio da escuta.

Senti, ao longo do tempo de atendimentos virtuais, que a maioria de meus clientes pôde mergulhar em um aprofundamento de questões, às vezes muito mais rapidamente que no trabalho presencial. A ausência de contato com outras pessoas e lugares, o brusco corte nos trânsitos pela cidade e o desafio de não poder experimentar o lazer e as formas de fruir da vida trouxeram a quase impossibilidade de escapar de suas próprias questões, seus próprios sintomas, de suas angústias.

O momento atual nos trouxe novas expressões observáveis, sentidas, experimentadas através do corpo. Muitas vezes, sentimos tensões acumuladas que nos levam ao desconforto e à dor. Nós criamos muitas dessas contenções apenas para (sobre)viver. São parte de nós que muitas vezes desconhecemos, mas que podem, sim, ser reconhecidas. Criar novas possibilidades e outros caminhos, por consequência, pode nos levar ao alívio de tensões. São efeitos subjetivos importantíssimos.

O espaço da escuta clínica, sensível, de duração mais breve ou mais prolongada, mantida em sua frequência temporal, forçamos a entrar em contato com tudo isso que carrega o corpo e suas expressões em um espaço seguro. Cair e levantar. Cair e arrastar. Cair e engatinhar. Nesse movimento oscilatório de ir e vir, sinto-me

acompanhando esses processos num fluxo que também depende de minha própria experiência corporal. A escuta estésica. O cuidado de quem cuida se torna ainda mais indispensável. A experiência de partilha, de fazer, refazer, trilhar redes de cuidado meu e de outres, em supervisão, em coletivo, em aglomerações virtuais, constroem os corpos da pandemia que estamos a produzir. Ruptura.

Há um espaço muito potente em direção à construção de corpo e vida na escuta clínica psicológica. Afirmo que a psicoterapia é uma ferramenta de cuidado e promoção da saúde e de autonomia, mas é importante não alimentar a ilusão de um alcance infinito de nossa atuação, endossando que a solução de nossas questões coletivo-sociais pode ser resolvida somente no plano individual e subjetivo. O trabalho de escuta psicoterapêutica e analítica são uma potência micropolítica. Nossa escuta e nossas intervenções podem e devem estar implicadas na estrutura social vigente e seus impactos subjetivos. Como trabalhadores sociais que somos, na rede pública ou privada, nossa clínica não precisa ser instrumento de promoção de sofrimento, de preconceito, da intolerância e da exclusão. Somos convocadas a um trabalho a partir da corporeidade e de afetos, apontando para a abertura aos encontros como linha de composição direta subjetiva. Além disso, acredito que nossa luta segue sendo pelo acesso universal ao cuidado em saúde mental. Fortalecer o SUS e apostar na saúde como direito faz todo sentido.

Trouxe, neste texto, minhas primeiras possibilidades de escrita sensível diante do que seguimos vivendo com a pandemia do popularmente conhecido coronavírus. A escuta clínica sensível, implicada, pública e corporificada em seus manejos e sintonias, encontros e desencontros, quedas e levantes, afirma-se como um potente modo de irmos construindo nossos desvios. O desvio do cuidado. A amizade com as resistências. O corpo a respirar.

Reafirmo, enfim, a importância cada vez maior de os sujeitos que constroem as práticas de escuta psicológica perceberem suas implicações na manutenção de estruturas de poder e soberania brancas, na

construção de uma sociedade antirracista e decolonial, na perpetuação de modos necropolíticos de nos governarmos – e nos cuidarmos –, fazendo-se presentes na clínica e nos espaços públicos de construção e partilha de práticas de forma crítica, experimentando também uma escuta política engajada. A escuta sensível, de si, do outro, do social, comporta essa implicação.

Assim como Souza (2020) nos desafia: cabe-nos acumular potência e liberar novas imaginações, somar esforços aos xapiris e juntos sustentar o céu de sua queda. De nossa queda. Ativar a queda, sustentar o céu. O exercício clínico não se separa de um exercício político e implica os corpos políticos sensíveis em movimento do cuidado, em cuidado, cuidando.

## REFERÊNCIAS

A ELASTICIDADE da técnica em tempos de COVID-19 com Jô Gondar, Helia Borges e Bartholomeu Vieira. [s. l.; s. n.], 2020. 1 vídeo (55 min). Publicado pelo canal Grupo Brasileiro Sandor Ferenczi. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jlV60RAwjzs> Acesso em: 27 ago. 2020.

ALBERT, B; KOPENAWA, D. **A queda do céu**: palavras de um xamã Yanomami. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BOYESEN, G. *et al.* Conceitos e definições biodinâmicas da L.F.B.P. In: REICH, E. *et al.* **Cadernos de Psicologia Biodinâmica** 1, p. 114-117. São Paulo: Summus Editorial, 1983.

DOBRA do pensamento: a experiência da queda | 9º Raias Poéticas. [s. l.; s. n.], 2020. 1 vídeo (134 min). Publicado pelo canal revista mallarmagens. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=6BY\\_LLZQmM4&t=4557s](https://www.youtube.com/watch?v=6BY_LLZQmM4&t=4557s) Acesso em: 27 ago. 2020.

FERENCZI, S. A elasticidade da técnica psicanalítica. *In*: FERENCZI, S. **Obras Completas**, v. 4. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 1990.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **O Amanhã não está a venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEPECKI, A. **Movimento na pausa**. São Paulo: N-1 Edições, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/147> Acesso em: 27 ago. 2020.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

PELBART, P. P. **Espectros da catástrofe**. São Paulo: N-1 Edições, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/129> Acesso em: 28 ago. 2020.

REGO, R. A. **Deixa vir...: elementos de psicologia biodinâmica**. São Paulo: Axis Mundi Editora, 2014.

REICH, W. **Análise do caráter**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RESENDE, C. **Escutar com o corpo: a experiência sensível entre dança, poesia e clínica**. 2013. 2018 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2013.



RESENDE, C. O que pode um corpo? O método Angel Vianna de conscientização do movimento como um instrumento terapêutico. **Physis**, v. 18, n. 3, p. 563-574. Rio de Janeiro: 2008.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

ROLNIK, S. “Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. *In*: Simpósio corpo, arte e clínica (2003). **Conferências** [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/falecomele.pdf> Acesso em: 7 ago. 2020.

SAFATLE, V. Bem-vindo ao Estado suicidário. São Paulo: **N-1 Edições**, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/23> Acesso em: 27 ago. 2020.

SOUZA, T. **Exus e Xapiris**: perspectiva améfricana e pandemia. São Paulo: N-1 Edições, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/119> Acesso em: 27 ago. 2020.

STERN, D. **O momento presente na psicoterapia e na vida cotidiana**. LIMA, C. O. (trad.) Rio de Janeiro: Record, 2007.

**Uma  
clínica-vida  
necessariamente  
política**

*Pesquisar com as  
tecnologias virtuais:  
novas modalidades  
de “estar-junto” na  
pesquisa-intervenção  
com o público jovem*

*Rayanne Suim Francisco<sup>77</sup>*

*Gilead Marchezi Tavares<sup>78</sup>*

---

77 Mestre em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, 2015). Doutoranda em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

78 Doutora em Psicologia pela UFES (2006). Professora associada do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da UFES.

## PESQUISARCOM AS TECNOLOGIAS VIRTUAIS

Há algum tempo temos nos empenhado em construir modalidades de pesquisa em Psicologia que empreendam uma política de fazer-saber em conjunto com todos que povoam o campo de intervenção-investigação; uma modalidade de pesquisa em que pesquisadores e participantes articulem-se em uma rede de experiências que produza o campo problemático investigativo.

Indicamos um *PesquisarCOM* (MORAES, 2010) como uma política de pesquisa que equivoca o modelo de ciência hegemônico, quando, ao nos articularmos com nossos “objetos de pesquisa” de um modo afetivo, intensivo, inventivo e imprevisível, deslocamos os lugares sustentados pela academia tradicional, a saber: a) o lugar de *expertise* ocupado pelo pesquisador; b) o lugar de distanciamento e neutralidade diante do “objeto” pesquisado; e c) o próprio lugar de “objeto” como ente passivo e sobre o qual deve-se descobrir uma verdade.

Ao favorecermos arranjos que possibilitam uma produção de pesquisa inventiva, comprometemo-nos não somente a acolher as novas modalidades que se performam nesse processo, mas também a pensar sobre elas e sobre os seus impactos na produção de conhecimento, de subjetividade, de vida. O ato de investigar se desincorpora de um racionalismo positivista para se conectar ao desafio da análise constante das nossas implicações num intervir-investigar.

Quando nos disponibilizamos a refletir sobre o lugar que o pesquisador ocupa em relação àquilo que produz com a sua prática, estender a análise para o nosso cotidiano, as relações que produzimos no tecido social, analisar “os lugares que ocupamos no mundo, que uso fazemos desses lugares, como nos posicionamos nos jogos de poder, que alianças fazemos e em nome de que” (BOCCO, 2006, p. 42-43), deparamo-nos com a proliferação de territórios múltiplos e inéditos que fazem da pesquisa um *continuum* transitório, ou, em outras palavras, uma máquina de fazer movimentar.

A ciência, ao fazer-se longe do viés mecanicista e asséptico, começa a ganhar coloração diferenciada, cheiros singulares, sabores desconhecidos. Uma ciência que não só autoriza, mas que também afirma o seu caráter processual inconcluso.

Propomos um modo de pesquisa que interroga o *modus operandi* sustentado pela ciência positivista, a qual, apesar de erigida no século XVIII, ainda orienta o modo de funcionamento do pensamento contemporâneo. Seguimos os passos da pesquisa-intervenção elaborada em meio ao movimento institucionalista. Aquela aponta as interferências no campo como elementos constitutivos na produção de conhecimento do pesquisador, provocando uma importante ruptura nos modelos de pesquisa tradicionais ao propor que é preciso transformar para conhecer, e não conhecer para transformar (ROCHA; AGUIAR, 2003).

Rocha e Aguiar (2003) elencam alguns aspectos importantes que norteiam a produção de pesquisa-intervenção, como a

[...] mudança de parâmetros de investigação no que tange à neutralidade e à objetividade do pesquisador, acentuando-se o vínculo entre gênese teórica e social, assim como a produção concomitante do sujeito e do objeto, questionamento dos especialismos instituídos, ampliando as análises do nível psicológico ao microsocial - deslocamento estratégico do lugar que historicamente foi destinado ao psicólogo, ênfase na análise da implicação, acentuando-se que, para além dos vínculos afetivos, profissionais ou políticos, a análise se realiza com as instituições que atravessam o processo de formação. (ROCHA; AGUIAR, 2003, p. 71).

A pesquisa-intervenção comparece como um exercício de constituição cooperativa e compartilhada entre o pesquisador e os seus parceiros, exercício que empreende a pesquisa a partir de metodologias coletivas capazes de fragilizar hierarquias, burocracias e especialismos

e fortalecer os embates e conflitos tão necessários para o alcance de transformações sociopolíticas.

Desse modo, entendemos a pesquisa como um ato de intervir-investigar onde o campo interventivo é conhecido por meio de sua organicidade, quer dizer, da sua capacidade de se (re)inventar, se (re)construir, se desmanchar e reavivar, levando em consideração os desvios e deslizamentos enfrentados como parte constitutiva de um processo nomeado “acontecimento”.

“Acontecimentalizar” o campo problemático de uma pesquisa é criar versões inéditas a partir de fatos que nos deslocam e produzem desvios (DELEUZE, 1974); é produzir um corpo sensível aos gestos, às bocas, aos gritos e silêncios, às pulsações que fazem o campo vibrar e que nos colocam numa deriva, numa atenção aberta (TAVARES; ARAÚJO, 2011) ao acontecimento, e nos fazem, então, pousar sobre algo percebido, captar as perturbações, os estranhos, e com eles nos vincularmos, pois fazemos parte de sua feitura.

Quando algo ou alguém nos tira de um lugar comum ou de um estado de torpor, algo “acontece”. Acontece também quando um pensamento nos invade repleto de estranhamentos que nos fazem permanecer sem uma resposta pronta. Assim, um dos desafios que convocamos neste capítulo se inscreve no pensar certos acontecimentos responsáveis por reformular nossas interrogações em uma pesquisa-intervenção realizada no Mestrado em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (Brasil), desenvolvida com o público jovem participante de uma Organização da Sociedade Civil (OSCIP)<sup>79</sup> que existe em um bairro periférico de um município pertencente ao estado do Espírito Santo.

---

79 OSCIP é o termo designado às Organizações da sociedade civil de interesse público, estabelecimentos do terceiro setor que comumente contam com parcerias público-privadas para a prestação dos seus serviços. A OSCIP mencionada neste trabalho era responsável por executar um serviço de convivência e

Diante de uma ampla diversidade de acontecimentos registrados em diários de campo e analisados em nosso intervir-investigar com os jovens, optamos pela abordagem, aqui, de uma linha específica que desdobrará interrogações que não foram possíveis dentro da proposta de escrita do mestrado. Chamaremos esta linha de “pesquisarCOM as tecnologias virtuais”, implicando-nos em um processo de análise de novas modalidades de “estar-junto” produzidas a partir do trabalho com a juventude.

Para facilitar a compreensão dos nossos procedimentos analíticos, é importante dizer que manusear a linha “pesquisarCOM as tecnologias virtuais” só foi possível por emprendermos o método cartográfico como aliado à produção de pesquisa-intervenção.

A cartografia equivoca o modelo hegemônico de coleta e análise de dados, pois afirma que não existem dados prontos em uma realidade que espera para ser descoberta, mas um processo participativo de produção de realidades (BARROS; BARROS, 2013), que implica agenciamentos entre o campo e seus diversos atores, incluindo o pesquisador.

Para manusear a linha “pesquisarCOM as tecnologias virtuais” foi preciso, também, invocar uma compreensão crítica sobre o conceito de “virtualização”, proposto por Lévy (1996), compreensão essa que entende que: 1) o virtual não se opõe ao real (mundo real x mundo virtual), mas responde ao *atual*; 2) a virtualização transforma o ato em problema, pois ela é máquina de devir, dinâmica criadora de campos problemáticos; 3) assim sendo, o atual é a invenção de uma solução para as problemáticas suscitadas pelo virtual, é a invenção de uma forma; 4) o real, em contrapartida, nada mais é do que a seleção molar entre possíveis, que, por sua vez, possuem a tarefa de ordenar, constituir uma estrutura, preencher com matéria uma forma; 5) o possível é o que vai existir sem que nada mude sua natureza, ele se

---

fortalecimento de vínculos (proteção básica) direcionado pela Política Nacional de Assistência Social.

assemelha ao real, à realização, pois ambos operam uma temporalidade linear, mecanicista e determinista; 6) todos esses planos, virtual, atual, real e possível, operam em conjunto e misturados.

## ACONTECIMENTO WHATSAPP: PENSANDO NOVAS MODALIDADES DE ESTAR-JUNTO

Para dar continuidade aos nossos diálogos, optamos por narrar dois acontecimentos vivenciados pelos pesquisadores e que fizeram parte do que chamamos de pesquisARCOM.

O primeiro acontecimento conta com a produção de conversações possibilitadas pelo dispositivo WhatsApp, conhecido por viabilizar o envio de mensagens de texto, vídeo, áudio e imagens através de telefone celular.

Após participarmos de um evento presencial em Brasília, formado por lideranças jovens de vários estados do país, incluindo representantes de comunidades ciganas, indígenas, movimento sem terra etc., nos conectamos com alguns dos jovens por meio do WhatsApp, tornando-nos parceiras de suas conversações *online* após eles se despedirem do encontro.

É interessante participar do grupo do whatsapp, como uma mulher adulta, e perceber como os jovens se movimentam por causas variadas, articulando-se à distância e propondo discussões sobre questões sociais, políticas, econômicas. Permanecem engajadas e engajados, ainda que distantes fisicamente, em prol de transformar o mundo em que vivem coletivamente, trazendo questões regionais à tona, interrogando o governo, propondo soluções.

(Diário de campo, setembro de 2015)

As conversas no WhatsApp prosseguem com muitas interferências e algumas sobreposições temáticas, e fazem parte de um grupo



de trabalho formado para dar força e convocar a contribuição dos jovens para a tomada de decisões nas políticas voltadas à juventude em âmbito nacional.

Após participarmos desse evento presencial, no ano de 2014, como acompanhantes de um jovem que frequentava a OSCIP onde desenvolvíamos nossa pesquisa de mestrado, fomos incluídas em um grupo de WhatsApp, criado pelos próprios jovens, e começamos a participar dos atravessamentos e de suas composições *online*.

Um “estranho” começava a se criar em nós, pesquisadoras, que víamos o grupo se articular com uma vivacidade que muitas vezes não contempla grupos mediados “tradicionalmente”. Mantivemos uma “atenção-aberta” ao movimento híbrido do grupo, movimento disforme, em que diálogos atravessados e conversas embaralhadas seguiam coexistindo e produzindo uma juventude diferente das classificações acadêmicas convencionais.

Energia ali uma juventude que não era ausente, desinteressada ou desconcentrada, como afirmam muitas teorias, inclusive psicológicas, ao condicionarem os déficits no desenvolvimento infanto-juvenil à inserção no “mundo” virtual, tampouco uma juventude estática ou apática que ainda precisa desenvolver-se para galgar os avanços da cognição adulta. Havia ali, articulada à criação incessante de vida, uma experiência coletiva de partilha e confiança.

Participo das conversas do whatsapp um pouco tímida, porque gosto de seguir escutando o movimento dos jovens, apostando na força que possuem e intrigada com a potência do dispositivo, que permite que os jovens se comuniquem de tantas formas diferentes, desde o desenvolvimento de comentários sobre os discursos do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, até questionamentos sobre o controle midiático dos jornalistas sobre a opinião pública. Às vezes discordam entre si, noutras vezes concordam, até que em determinado momento alguma narrativa completamente diversa se interpõe, como algo sobre uma festa

ou o clima da cidade onde moram. Fico fascinada com as possibilidades de irem tecendo essa rede juntas e juntos, construindo, ainda quentes. Mesmo que ausentes de presença física, permanece a vontade de mudança e discussão conjunta de ideias, planos, propostas, sonhos.

(Diário de campo, novembro de 2015)

Conforme notamos, os diálogos forjados em aplicativos virtuais sofrem uma ampla diversidade de atravessamentos, desvios e modulações. Cria-se, portanto, um discurso sempre em formação, sempre a se fazer, se inventar, discurso inacabado e passível a novas interpretações, produções e sentidos.

De acordo com Lévy (1996, p. 18), “a virtualização fluidifica as distinções instituídas, aumenta os graus de liberdade, cria um vazio motor”. O sujeito, ao enredar-se nessa trama engendrada em multiplicidades, torna-se autor coletivo, esvaziado de um “si-mesmo-individualizado”, cujo nomadismo evoca a perda de territórios identitários e de posições individualistas. Um autor que reivindica seu protagonismo e que exercita sua liberdade, pois não é mais um nem solitário: passa-se por ele e entre ele toda uma multidão que o invade, desmorona, desconstrói, reabilita.

Para Lévy (1996, p. 33), na contemporaneidade, a criação do corpo pessoal “é a atualização temporária de um enorme hipercorpo híbrido, social, tecnobiológico”, corpo que ora transforma-se em uma esfera quase privada, ora mistura-se a uma rede de interesses e comunicações não localizáveis.

A virtualização, compreendida por Lévy (1996) como a passagem de uma solução empreendida para uma problemática incessante, subverte as características orgânicas do corpo físico, material, transformando-o em um corpo movente, provisório, desterritorializado. Corpo que “sai de si mesmo, adquire novas velocidades, conquista novos espaços. Verte-se no exterior e reverte a exterioridade

técnica ou a aleatoriedade biológica em subjetividade concreta. Ao se virtualizar, o corpo se multiplica” (LÉVY, 1996, p. 33).

Esse corpo ilimitado, que desafia as noções de espaço-tempo, pertencente a todos sem pertencer a ninguém, é perpetrado no universo virtual recebendo infinitas interferências e modificações, tornando-se um corpo exterior, vazio, passível a intervenções de múltiplos territórios, saberes, sujeitos, elementos, etc.

Desse modo, ao constituir um *hipercorpo*, a virtualização produzida pelo dispositivo WhatsApp permite, por meio de uma rede de experiências dessincronizadas, que jovens que talvez nunca pudessem se conhecer (ciganos, indígenas, quilombolas, sem-terra, negros etc.) se encontrem, se vinculem e se tornem, ao mesmo tempo, estranhos uns aos outros e estranhos a si mesmos quando se confrontam com as diferenças que produzem entre si.

Ao exporem suas experiências, expectativas, seus desejos, sonhos, suas paixões, notamos que esses jovens se misturam. Há um contágio, há formação de laços de amizade rizomáticos, pois, como rizomas, eles estão sempre se entrecruzando, se aliançando sem que saibamos qual linha dita o início ou o final (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Um laço que se faz no “entre”, naquele momento em que vidas se encontram, se enroscam, se embaraçam, se atravessam e, com todas as suas diferenças, se confrontam, se descontroem e reconstroem em um movimento *ad infinitum*.

Tomando Foucault (2004) para discussão da temática, consideramos a experiência da amizade como a potência de novas formas de amor, laços e intensidades que implicam em um trabalho de constante mudança de si, pois nos atravessa o caminho um outro diferente de nós, mas cuja diferença é compreendida como uma multiplicidade imprescindível à produção do exercício da vida como obra de arte.

Confrontar-se com esse *outro-multiplicidade-virtualizado*, por meio de dispositivos virtuais, pressupõe um relacionamento desnivelado, cujos caminhos desterritorializados evocam novas composições espaciais e temporais, pois o encontro com o amigo se faz sem

fronteiras, sem contornos, através do embate, do desassossego que nos faz abandonar velhas identidades, territórios desgastados, provocando a dissolução do que somos para a construção de outro “nós”.

Pensamos, então, que a produção de um *hiper corpo* desterritorializado e híbrido, corpo que não é orgânico nem físico, menos ainda individualizado, mas plural, múltiplo, rizomático, atravessado por uma diversidade infinda de pessoas, desejos, experiências, discursos, territórios, seja uma pista para a criação de novas modalidades de “estar-junto”. Um “estar-junto” que não é unívoco ou homogêneo, mas que faz fugir os ordenamentos de um arranjo binarizado (eu-você) para evocar uma composição povoada de multidões, onde “cada um passa por tantos corpos em cada um” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 63).

Caberia então um olhar atento às manifestações virtuais que nos interpelam na contemporaneidade? Caberia a nós aliarmo-nos aos seus mecanismos e às suas tecnologias para uma maior articulação com a juventude (que parece mais propensa a fazer operar a virtualização)?

Mais do que apenas observar, talvez seja preciso mergulhar-intervir junto às invenções e resistências produzidas pelos dispositivos tecnológicos virtuais, ou seja, estar-junto com nossos parceiros do cotidiano a navegar pelo virtual e em seu potencial para transgredir e (re)inventar territorialidades. Fazer do desconhecido um aliado para a constituição de práticas alegres, potentes e transformadoras.

## ACONTECIMENTO-FACEBOOK: POR UMA PESQUISA QUE PRODUZA RESISTÊNCIA

Nara é uma jovem que está sempre conectada com seu aparelho celular. Mesmo em nossas reuniões para a confecção de um jornal impresso, jornal que acordamos fazer em conjunto (nós, pesquisadoras, e os jovens participantes da OSCIP), Nara parece absorvida pelos movimentos rápidos dos seus dedos, seus olhos centrados na tela do

telefone e os ouvidos à espera da sonoridade específica das mensagens recebidas. A nós, parece evidente o desinteresse de Nara em relação às atividades propostas em nossas reuniões.

O objetivo do jornal era funcionar como um dispositivo de intervenção que pudesse “fazer ver e fazer falar”, incluindo a expressão, pelos jovens, de suas angústias, expectativas, perspectivas e indiferenças em relação às suas vivências na OSCIP e na comunidade, evidenciando questões que os atravessavam.

Encontrávamo-nos com os jovens semanalmente, durante aproximadamente uma hora e meia, para que pudéssemos pensar, coletivamente, sobre os elementos constituintes do jornal: suas matérias, seu *layout*, temáticas, possíveis entrevistados etc. A intenção era de que o próprio grupo pudesse tornar-se dispositivo de invenção de si e de mundo, sem os “intermediários”, especialistas que viessem a ditar seus ensejos e possibilidades, pois nossa aposta era em um trabalho de autoanálise e autogestão (LOURAU, 2004).

A equipe pesquisadora, dessa maneira, afirmou junto ao grupo o desejo de que ele pudesse gerir a si mesmo, analisar suas demandas e criar dispositivos que pudessem melhorar suas condições de funcionamento. Por isso, colocamo-nos nas adjacências, buscando acompanhar os processos em curso e nos dissipar de nossos lugares de *expertises* até o momento em que nossa presença não fosse mais notada (GUATTARI, 1981), ou melhor, que fôssemos considerados companheiros.

A possibilidade de exercitar a construção de uma pesquisa compartilhada, em que pesquisador e participante coexistem em múltiplas atmosferas, distantes de lugares previsíveis, delimitados e hierárquicos, amplia a organização de uma gestão conjunta, um pesquisarCOM intensivo, cujo efeito é a ampliação de embates que produzem problemáticas atravessadas por novas contingências, disjunções, heterogêneses imbricadas em trocas contínuas, reflexões diferenciadas.

Vemos a textura do corpo de análise se modulando, textura disforme presidida por eixos em constante deslocamento, textura forjada entre afetos e experimentações que destituem as fronteiras do visível, onde se faz possível apostar nas imprevisibilidades, quando o choque com o inédito faz nascer o acontecimento: Nara não se permite capturar pela nossa impressão sobre o seu desinteresse, ao contrário, Nara nos afronta, equivoca nossas expectativas, expande nosso campo perceptivo e nos convida a repensar, rearranjar, desconstruir.

Acontece. Nara nos diz das interferências e ressonâncias provocadas por um grupo virtual, criado em mídia social, o Facebook, pelos pesquisadores para facilitar a comunicação entre os participantes do jornal. Nara, que parecia por tantas vezes desinteressada, narra com entusiasmo o seu debate com outro componente do grupo, em uma festa noturna, sobre uma temática disparada em rede e, assim, nos faz pensar que as conexões possibilitadas pelo virtual fogem das redomas do pesquisador.

Nara nos coloca um problema difícil de ser resolvido, por isso tão rico em nossas experiências de trabalho, um tropeço para uma cartografia que se desenha com os desvios do caminho: Nara estava presente, mesmo que a sua presença não atendesse às nossas expectativas, mesmo que a sua presença exigisse processos de desterritorialização a fugirem de nossas capturas.

Nos momentos em que Nara parece “solitária” ao mexer nos botões do seu celular, ela desliga-se de nós, ou apenas desbrava outros pedaços de outros mundos em endereços não localizáveis? As conexões produzidas pelo grupo restringem-se à sala em que nos encontramos, ao dia das reuniões, aos assuntos elegidos, à própria OSCIP? Como o virtual pode nos auxiliar a pensar novas articulações com esse “estar-junto” sem fronteiras? Como podemos estar-junto com os jovens, com a própria juventude, acompanhando sua dinâmica virtual metamórfica?

Nara nos faz tropeçar, retira de nós a estabilidade de um corpo que ainda organiza e instaura uma dinâmica, um acontecimento, que não pode ser tomado como regra, repetido, reproduzido.

Com Nara, e com tantos outros jovens que a todo o tempo nos convidaram a compor campos problemáticos incessantes, compreendemos a importância de se forjar uma prática dinâmica, que acompanha e produz fluxos de ruptura e linhas de fuga, fluxos imprevisíveis que produzem pequenos lampejos-de-vida, mas que logo se dissolvem, se apagam antes que possamos capturá-los, e reaparecem, em um outro lugar, desviando a rota e inviabilizando a sua reprodução.

Despret (2004) diz que o êxito de uma pesquisa não está na comprovação das suas teorias, mas na possibilidade do seu “objeto” resistir às definições e aos parâmetros desenvolvidos sobre ele, auxiliando o pesquisador na reformulação das suas perguntas analítico-interventivas.

Pensamos: como temos lidado com as resistências produzidas em nossos campos de trabalho? Como lidamos com as resistências produzidas pelos jovens em nossas salas de aula, em nossos espaços de pesquisa, em nossas clínicas psicológicas ou pedagógicas?

Nara, no exercício de nos equivocar e de resistir, muda o nosso trajeto, reformula nossas perguntas e nos dá pistas para investigações que concernem um pesquisarCOM as tecnologias virtuais, considerando o estar-junto como prática desterritorializada e que depende muito menos da proximidade física entre-corpos, do que da sua capacidade de se afetar e modificar.

## PODE O VIRTUAL SER UM ALIADO?

No decorrer deste capítulo, desenhamos duas cenas onde jovens compõem mapas importantes para as análises dos nossos trajetos como pesquisadores: a) a importância de se produzir uma prática, seja em pesquisa ou em qualquer outro âmbito, que dê vazão às resistências,

às linhas de fuga, à diluição de territórios fixos e apriorísticos, aos movimentos de fissura de certa ordem, hierarquia, hegemonia, lógica representacional etc.; b) e a constituição do campo virtual tecnológico como potencial aliado nas articulações com o público jovem.

Suspeitamos do uso de mídias sociais virtuais e dos seus efeitos no nosso cotidiano. Debateremos acerca dos riscos contemporâneos do uso das tecnologias virtuais e sobre os modos de ser-estar-no-mundo que essas interações têm produzido. Mas o que nos dizem as tecnologias virtuais em nosso dia a dia de trabalho? O que nos dizem quando persistem e afrontam nossos modelos tradicionais de educação, de psicologia e de pesquisa?

Acreditamos que enveredar pelos caminhos do virtual nos dá pistas para pensarmos novas possibilidades de articulação com o mundo, pois a virtualização pode ser pensada como produção de campos problemáticos contínuos. Assim sendo, precisamos nos atentar para o movimento criado pela rede virtual e a sua capacidade de dilatar o espaço-tempo cerceado das nossas atividades, e também coletivizar a produção de conhecimento, que se faz em um ritmo próprio do grupo, interconectada, com múltiplos atores e sem lugares delimitados, passível a cortes, silêncios, vazios, poesias, assuntos inacabados e em expansão.

O virtual transforma a experiência em um processo aberto, em trânsito, e o “estar-junto” revela conexões que não possuem raízes, mas vão se engendrando, produzindo intensidades, afetos, movimentos entre corpos contrários a práticas de controle e vigilância. A própria escrita, interpelada pelo virtual, evoca a diluição das fronteiras, quando narrativas coletivas são construídas e constantemente reescritas, performadas, transformadas, sofrendo cortes, rupturas.

Os dispositivos que operam pelo virtual – como o Facebook e o WhatsApp – colocam a nós, professores, psicólogos, especialistas, em lugares desconfortáveis e, por isso, lugares importantes para o



exercício de uma ascese, isto é, um diferente modo de exercitar o cuidado, tanto de si mesmo como do outro e do mundo.

Essa prática de cuidado ética e estética, que se faz assim por produzir a diferença ao invés de combatê-la, entende o “estar-junto” entrelaçado à constituição de um *hipercorpo* (hiperconectado e hiperarticulado), estar-junto sem redomas, dado a uma constituição partilhada e coletiva que rompe as barreiras de um corpo organizado a partir de um saber biológico, para a infinita invenção de um corpo-devir. Corpo-passageiro: incoerente, contraditório, provisório, povoado, por isso rico em suas possibilidades de ser sempre outro, novo, metamórfico, inventivo.

Desse modo, as experiências narradas com os jovens nos mostram que os dispositivos virtuais podem ser aliados na construção de um coletivo que não é coeso, mas é consistente. Não é coeso porque não busca alicerçar-se na unidade e na identidade, mas ao contrário, ganha consistência quando afirma que as singularidades são constituídas a partir de confrontos e problemáticas – exercícios tão importantes para alcançar transformações e experimentações variadas – e que a virtualização não se trata da desmaterialização ou da composição de um mundo falso, mas da dinâmica de um mundo comum onde partilhamos uma realidade (LÉVY, 1996).

Compreender que o virtual não se contrapõe ao real, mas faz parte de sua constituição e desestabilização. É um importante passo para transpor certo ressentimento que ainda nos acomete quando vivemos os processos de virtualização como inimigos inumanos e imaginários.

O virtual faz parte de nossa constituição humana, social e coletiva, havendo, portanto, a necessidade de analisarmos ativamente sua dinâmica. Faz-se imprescindível a criação de campos de discussão que endossem a construção de dispositivos interventivos que virtualizem nossas práticas engessadas e determinísticas. Pois, como nos alerta Lévy (1996, p. 149), “quando o possível esmaga o virtual, quando a

substância sufoca o acontecimento, o papel da arte viva (ou arte da vida) é reestabelecer o equilíbrio”.

Falamos sobre esse restabelecimento como uma arte transversal que nos permite transitar pelo virtual e atual, bem como pelo possível e pelo real, pelo espaço e pelo acontecimento (tempo), sem ajuizá-los ou polarizá-los, sem qualificá-los ou esmagá-los para, no final das contas, habitá-los como processos imbricados e indissociáveis.

“É preciso uma sensibilidade de artista para perceber em estado nascente essas diferenças, essas defasagens, nas situações concretas” (LÉVY, 1996, p. 149), e reequilibrá-las quando há uma sobreposição excludente.

Nesse contexto, acreditamos que as tecnologias virtuais possam ser forjadas como dispositivos interventivos que não operam universalidades, mas processos singulares, o que torna imprescindível o nosso papel de inventores dessas ferramentas como máquinas de guerra (DELEUZE; GUATTARI, 1996), máquinas que pilotam movimentos de resistência ao controle do tempo e do espaço, à automatização da vida e à restrição do corpo e das suas inúmeras possibilidades de articulação/inter-relação.

Se com Nara aprendemos a habitar outros lugares, que não são os lugares verticalizados/hierárquicos socialmente construídos para os psicólogos-pesquisadores, e com os jovens coexistimos como atores-parceiros nas redes sociais virtuais através de um *pesquisarCOM*, conscientes estamos de que tudo isso só foi possível com exercícios de abandono. Logo, propomos a todos que exercitem o abandono dos conceitos preestabelecidos, das posições naturalizadas, das representações, dos binarismos e maniqueísmos. O abandono das imensas porções de terra firme, para a conquista de um pequeno pedaço virtualizado de uma nova terra – uma nova vida a ser criada.

## PARA CONCLUIR, DESPEDIR-SE É PÔR UMA INTERROGAÇÃO ONDE SE COSTUMA LER UM PONTO FINAL

Entendemos que o WhatsApp e o Facebook, como dispositivos tecnológicos que operam virtualidades no contemporâneo, serviram para provocar pensamentos sobre nossas práticas diante do cenário da pesquisa-intervenção e sua atuação com a juventude.

Afetados pelo movimento proporcionado pelo encontro com o WhatsApp e com o Facebook, compreendê-los como ferramentas de produção de realidades fez com que problematizássemos nossas concepções enraizadas sobre o “estar-junto” em pesquisa acadêmica, que nada tem a ver com a presença física entre corpos biológicos, mas com a possibilidade de se construir um hiper corpo flutuante, que exila “as pessoas de seus próprios saberes, expulsam-nas de sua identidade, de sua profissão, de seu país” (LÉVY, 1996, p. 149).

Reafirmamos que nossas problematizações só foram possíveis porque a pesquisa-intervenção e seu manejo cartográfico deslizam por um modo de se fazer pesquisa na contramão de práticas de dominação, para a condução de práticas de resistência.

No universo da pesquisa, os participantes e os elementos que constituem os diversos cenários (sempre em trânsito) de produção de realidade resistem e, com isso, incitam o pesquisador a reformular suas perguntas, desviar os seus caminhos e adentrar em um processo nômade de descobrimento.

*PesquisarCOM*, desse modo, é abrir passagem a esses movimentos de ruptura e desordem. Em nosso “PesquisarCOM as tecnologias virtuais”, perseguimos o caminho da virtualização das perguntas com respostas prontas, das soluções teorizadas pelos campos da educação e da psicologia para os “jovens-problema”. *PesquisarCOM* a juventude e seus devires incapturáveis, em consonância, talvez seja como aprender a se despedir sempre com uma interrogação, onde costumamos – pela necessidade de nos sentirmos seguros – colocar pontos-finais.

## UM PEQUENO POSFÁCIO POR OCASIÃO DE UMA PANDEMIA PANDEMONÍACA

Pela força da realidade imposta no cenário mundial neste momento movida por meio da pandemia da COVID-19, gostaríamos de salientar que este trabalho foi escrito em 2017 e que não enseja, de nenhuma forma, corroborar a ideia de que a presença ativa dos corpos e seus movimentos, nossos afetos pelos encontros com os cheiros, os sabores e o toque possam ser *substituídos* pelos encontros favorecidos pelos dispositivos tecnológicos virtuais.

Propomos inserir interrogações onde a ciência tenta colocar pontos-finais. Assim, as controvérsias, discussões, incertezas e inseguranças que movem o ano de 2020 no que diz respeito à saúde, às relações humanas, ao trabalho, à educação, ao lazer, enfim, em todos os aspectos da vida no Capitalismo Mundial Integrado – CMI (GUATTARI, 1981) nos apresentam exatamente por meio da ciência o quanto de risco faz parte da vida, ainda que tentemos a todo o custo controlá-la.

Com o campo problemático aberto, podemos recolocar a questão ético-estético-política proposta por Michel Foucault: o que estamos fazendo da vida? O que estamos fazendo com nossas vidas e com o mundo? O que queremos fazer com a vida e com este mundo? A aposta (e é somente isso que podemos fazer, tendo em vista que viver é um risco sempre) se dá na constituição de uma vida outra, uma vida potente em suas multiplicidade e diversidade. E sabemos que isso não se faz, ou melhor, nada se faz sem luta. Por enquanto, fica para nós a luta pela virtualização deste mundo ao olhar para aquilo que a juventude como devir já nos indicava. Nada estava “normal” ou “nos seus devidos lugares”... Não há possibilidade de um retorno ao normal, uma vez que nada era normal, a não ser que acreditássemos que viver é regulamentar e regular vidas, fazer defasar vidas umas sobre as outras, um mundo em que algumas vidas valem, ou valem

mais do que outras, um mundo em que algumas vidas não só não valem nada como não têm o direito de vir a ser.

A pandemia é também um pandemônio escancarado no contexto do CMI, em que, na lógica de que apenas algumas vidas importam, no momento lírico da humanidade de medo, angústia, isolamento social e solidão, o Estado, como mecanismo a serviço da Economia, sem qualquer pudor, permite e favorece que matas e ecossistemas inteiros sejam queimados, que vidas originárias, vidas pretas, vidas empobrecidas, vidas transgêneros, vidas monstruosas, vidas femininas sejam dizimadas de uma vez por todas. O pandemônio, este, sim, vinha sendo nosso “normal”. Queremos mesmo ficar nele? Voltar àquela suposta normalidade?

Compreendemos que as redes sociais surgidas no CMI pela via dos dispositivos tecnológicos virtuais operam forças heterogêneas e, ainda que possam ser usadas pelas estratégias do poder, também são astuciosamente utilizadas pela juventude. Desse modo, elas não substituem o encontro encarnado, mas podem ampliar e potencializar um corpo sem órgãos, um *hiper corpo*, tornar-se máquina de guerra que nos conecte e contagie pelos pontos de singularidade do lado de fora (LEVY, 2011), este estranho lar da nossa *comunalidade* (TAVARES, 2018).

## REFERÊNCIAS

BARROS, L. M.; BARROS, M. E. O problema da análise em pesquisa cartográfica. **Fractal, Revista Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 373-390. 2013.

BOCCO, F. **Cartografias da infração juvenil**. 2006. 174 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2006.

DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DESPRET, V. The body we care for: figures of anthropo-zoo-gene-sis. **Body & Society**, London, v. 10, p. 111-134. 2004.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política**. p. 288-293. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GUATTARI, F. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

LEVY, T. S. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LOURAU, R. Uma apresentação da análise institucional. In: ALTOÉ, S. (org.). **René Lourau: analista institucional em tempo integral**. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 128-139.

MORAES, M. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, M.; KASTRUP, V. **Exercícios de Ver e Não Ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro: NAU/Faperj, 2010. p. 26-51.

ROCHA, M. L.; AGUIAR, K. F. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia: ciência e profissão**, [s. l.], v. 23, n. 4, p. 64-73, 2003.

TAVARES, G. M. **Reencantar o corpo**: notas para a educação. 2018. 95 f. (Relatório de Pós-Doutorado) – Faculdade de Motricidade Humana, Centro de Estudos em Artes Performativas, Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018.

TAVARES, G. M.; ARAÚJO, V. B. A relação ator-palco-plateia: um estudo da aprendizagem do devir-consciente no teatro. **Psicologia Teoria e Prática**, [s. l.], v. 13, n. 3, p. 194-205, 2011.

# *Educação em tempos de pandemia. Vamos conversar?*

*Janaína Mariano César<sup>80</sup>*

*Marcia Roxana Cruces Cuevas<sup>81</sup>*

---

80 Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Como pesquisadora, desenvolve seu trabalho na vinculação com a Rede de Estudos de Práticas Conectivas em Políticas Públicas (Conectus). Dedicar-se à atuação e aos estudos relacionados aos processos de produção de subjetividade, processos formativos, ética, processos grupais e clínico-institucionais.

81 Professora do curso de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Desenvolve estudos e pesquisas voltadas à conexão entre políticas públicas e processos de formação. Tem realizado pesquisas no âmbito da educação e dos processos formativos junto à Educação de Jovens e Adultos e à Educação Especial na perspectiva da Educação Popular no Programa de Pós-Graduação de Psicologia Institucional/PPGPSI da UFES.



Achar a porta que esqueceram de fechar.

O beco com saída.

A porta sem chave. A vida.

(Leminski)

Este texto compartilha efeitos de uma experiência realizada durante e a partir da pandemia da COVID-19 no Espírito Santo, na qual docentes da educação básica da rede estadual e de municípios da Grande Vitória, docentes da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), estudantes da graduação em Psicologia da UFES, mestrandas(os) da pós-graduação em Psicologia Institucional (PPGPSI/UFES) e pesquisadoras(es) do campo educacional constituíram, de modo remoto, um dispositivo grupal e participativo de conversa e cuidado, promovendo espaço-tempo expressivo e solidário, no contexto pandêmico, para a lida com a dor, a desestabilização, as mudanças e enfrentamentos no âmbito da vida e no contexto da educação.

Em uma breve e cronológica linha do tempo, dimensionamos o quanto a COVID-19 nos alcançou intempestivamente, reposicionando a nós e a tudo ao nosso redor. Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o surto da doença causada pelo novo coronavírus – SARS-CoV-2 – constituía-se em uma emergência de saúde pública de importância internacional. No mês de março desse mesmo ano, a COVID-19 confirmava-se como uma pandemia. Tais notícias foram acompanhadas por uma onda de contágios com incidência em vários países, inclusive no Brasil. Na ausência de tratamentos e de vacinas, as políticas de confinamento social foram elencadas como alternativa para frear, ou mesmo impedir, a expansão da doença e a sobrecarga do sistema de saúde.

Na sequência, no Brasil, como modo de enfrentamento à expansão da COVID-19, acompanhamos em estados e municípios o fechamento e a suspensão de atividades presenciais em escolas de educação básica e universidades de ensino superior. A expansão pandêmica

trouxe uma série de desafios para a vida de modo geral, mas especialmente para a educação brasileira (COLEMARX, 2020).

No mês de agosto de 2020, no Brasil, acompanhamos o registro de mais de 100 mil óbitos. Além da dor de tantas pessoas, famílias e grupos atingidos direta e indiretamente pela doença e pela morte, vimos efeitos graves relacionados à pauperização das condições de vida, ao aprofundamento das desigualdades sociais, incertezas políticas, econômicas e sociais e ao aumento da transmissão, contágio e morte, especialmente na população negra, quem mais tem sofrido com a expansão da crise sanitária. A pandemia escancara não apenas a desigualdade socioeconômica, mas também o racismo como base fundante de nossa sociedade brasileira (FORDE; FORDE, 2020).

Nesse ponto, há uma interrogação, que nos parece precisa, feita por Renato Noguera (2020, p. 6): “O que fazer diante da mutação ecológica que instalou uma pandemia, de todas as formas de opressão, da necropolítica sistêmica, da depredação ambiental e todo leque de injustiças?”.

O que fazer diante de uma pandemia de todas as formas de opressão? A pandemia, com o decorrer dos meses, visibiliza um quadro muito mais complexo, em que, ao contrário do que o noticiário busca emplacar, o vírus em si não é o maior inimigo, mas todas as condições brutais da existência e das relações que sua passagem desvela. Assim também avalia Paul Preciado (2020, p. 4):

[...] ao contrário, o vírus atua à nossa imagem e semelhança, e não faz mais do que replicar, materializar, intensificar, e estender à toda a população as formas dominantes de gestão biopolítica e necropolítica que já estavam trabalhando sobre o território nacional e seus limites.

Então o que fazer? Pergunta que reverberou nesses primeiros meses de 2020 ante a suspensão das atividades instituídas e do isolamento social contraído (para aqueles que usufruíam dessa

possibilidade). O que fazer diante de um paradoxal e abrupto intervalo aberto e rapidamente preenchido por uma avalanche de informação, medo e distanciamento? De modo veloz, a vida evadiu-se de suas formas costumeiras, e a impermanência e a morte testaram nossas boas convicções, nossos estados de ânimo e nosso próprio existir.

É nesse contexto, de enfrentamento de uma crise generalizada política, econômica, social, de saúde e relacional, acirrada pela experiência pandêmica, que no mês de abril de 2020, após três semanas de suspensão das atividades presenciais na universidade e nas escolas no Espírito Santo, fizemos um convite a alguns docentes da rede estadual de ensino e a estudantes do curso de Psicologia para um encontro, ainda que virtual.

Observemos que esse convite se dá em meio a muitos movimentos e vozes, inclusive as nossas, que colocam em questão o modo de encontro de forma remota e certa relação com as tecnologias de comunicação e informação (TICs), que, se já estavam presentes em nosso mundo, assumiram uma posição quase que de artigo de primeira necessidade, acentuando processos de exclusão naturalizados. Acessibilidade à internet, inclusão digital, pacote de dados, *home office*, estabilidade da rede, plataforma digital e ensino remoto começaram a figurar como preocupações urgentes em muitas discussões, especialmente no campo educacional.

Nesse campo, no Espírito Santo, lembramos que, em março de 2020, o governo do estado, no Decreto n.º 4593-R (ESPÍRITO SANTO, 2020), instituiu o estado de emergência em saúde pública decorrente do surto de coronavírus (COVID-19). Na sequência, a Secretaria de Estado da Educação (SEDU), a União dos Dirigentes Municipais do Espírito Santo (UNDIME-ES) e o Sindicato das Empresas Particulares de Ensino do Espírito Santo (SINEPE-ES) publicam uma nota conjunta informando a suspensão das aulas a partir de 23 de março. Suspensão ainda vigente, sem previsão para retorno presencial.

Em abril de 2020, através da Portaria n.º 048-R (VITÓRIA, 2020), a SEDU instituiu o Programa EscoLAR no âmbito das escolas da Rede Pública Estadual de Ensino, que objetiva incentivar a oferta de Atividades Pedagógicas Não Presenciais (APNPs), ligadas à adoção de tecnologias de comunicação e informação (TICs) para aprendizagem dos(as) estudantes, com o objetivo de manutenção de vínculo. O principal recurso utilizado consiste na transmissão de videoaulas por meio de canais de televisão e/ou por meio de redes sociais como o Facebook, o Youtube, o WhatsApp e outros, no formato ao vivo ou gravado, para turmas específicas. Incentiva-se também, como descreve a portaria, o uso do Google Sala de Aula como forma de sistematizar as atividades e permitir a entrega destas por parte de estudantes, com a mediação das(os) docentes.

Observamos na célere ação do governo estadual, em menos de um mês, a presença de um discurso que, ao lado e apesar da experiência pandêmica, ecoa em muitos cantos do país: de que não se pode parar, o mundo não para, a vida não para. Isso enuncia a dificuldade em se viver os efeitos da desterritorialização instalada, e a rápida busca em construir outra normose ali onde a suposta normalidade anterior evadiu-se.

Assim, de modo veloz, docentes e discentes de várias instituições públicas e privadas se viram isolados socialmente, enfrentando a prevenção a uma situação de contágio nunca antes vivida. Passam a cuidar mais intensivamente de pais e mães idosas(os), filhas e filhos, que também estavam/estão em casa com atividades presenciais suspensas. Para estudantes e professoras(es), são mudanças intensas na lida com o corpo, a alimentação, a casa, a rua, o bairro, a cidade, sendo atravessadas(os) pelas novas exigências do ensino agora remoto, que modificou intensamente a relação com o trabalho, com a escola, com quem se trabalha e estuda.

A adoção abrupta e vertiginosa de atividades de ensino de modo remoto e os enfrentamentos a esta visibilizaram a situação de moradia e condições de estudo para discentes e docentes, o acesso à internet

desigual e excludente, a precarização do trabalho de profissionais da educação, a distorção dos sentidos do que seja a formação dos sujeitos nos processos educacionais, a fragilidade de nossa *pseudo*acessibilidade e a inobservância dos compromissos éticos diante da adoção, compras e parcerias de produtos e serviços fornecidos por empresas e grupos privados através de pacotes de ensino remoto e/ou plataformas digitais produzidos por entidades empresariais. Ou seja, a pandemia como experiência nova e urgente que nos toca o corpo, a vida e as relações anuncia também velhos problemas no campo educacional travestidos em novidades: a ameaça à educação pública, gratuita e de qualidade e a intensificação de processos de exclusão e precarização.

## VAMOS CONVERSAR?

Passadas as últimas semanas de março e advindo o mês de abril, em meio à pandemia e suas muitas repercussões no cotidiano, o estranhamento do isolamento social abrupto gerou um incômodo pelo distanciamento em consequência. Isolar-se seria o mesmo que distanciar-se? Cuidar da saúde se faria suspendendo os laços com tudo ao redor? Fazer/manter conexão não poderia ser algo mais vivo que navegar em uma rede fria?

A disposição por encontro e conversa, e por ultrapassar o susto paralisante em nossa potência de ação, contorna o convite a docentes e estudantes, com as(os) quais já tecíamos uma rede de parceria via estágios curriculares, pesquisa, extensão e movimentos sociais. Sem pretensão de continuidades ou sistematicidades, o convite chamava à conversa especialmente para partilharmos de nós, como estávamos, cada um(a) e cada escola, como sentíamos, como vivíamos o isolamento, o trabalho, os protocolos de segurança, os medos, a distância, a dor.

Vamos conversar? Foi esse o convite envidado na segunda quinzena do mês de abril de 2020, que alcançou inicialmente professoras(es) que trabalhavam na rede estadual e um professor da rede

municipal de Vitória, além de estudantes da UFES do curso de Psicologia. O primeiro encontro, que aconteceu no 22 de abril, se deu de modo absolutamente atabalhado pela inexperiência com o uso de plataforma digital e pelo incômodo em conversar a partir de instáveis redes de internet. Nele fomos ensaiando diálogos entre a abertura e o fechamento de nossos microfones e a imagem nem sempre nítida de nossos rostos, via as telas pequenas e possíveis de cada um(a).

Desde o convite inicial, orientadas pela educação popular, o “Vamos conversar?” funcionou como pergunta geradora dos movimentos e partilhas na constituição de nossas conversações. E nesse mês de abril é importante dizer que conversar não parecia coisa corriqueira ou já sabida. Por cerca de duas horas ficamos tentando entremear um fio de conversa entre a alegria de nos vermos, a vontade de saber o que cada um estava vivendo e as dificuldades de dizer sobre isso, já que tantas vezes juntos falamos do trabalho, das tarefas, dos vínculos institucionais e seus desafios, mas pouco dessa relação com a casa, o corpo, a morte e a vida. Quantas vezes entramos na sala de aula ou em uma sala de reunião e perguntamos a todas(os) como estão, o que estão vivendo, como estão se sentindo e damos tempo, e abrimos espaço para fazer disso nossa matéria de trabalho? Em que momentos a vida feita de cotidianos é nossa pauta, nosso estudo? Então ali, em novas urgências, esse exercício de composição nos pedia esforço.

Entre tateios e ensaios menos captáveis pela câmara ligada ou não, ficamos absorvidos pelo que emergia no campo educacional: as atividades pedagógicas não presenciais, a nebulosidade ainda do que se apresentava na rede estadual com o programa escoLAR, o não saber como estavam as(os) estudantes da universidade e da rede de educação básica, que nesse princípio dos dias não presenciais pareciam de fato inacessíveis ou, talvez, em desigualdade de acesso.

É em torno desse convite à conversa que desde então temos nos movimentado. Este que, em tempos pandêmicos, tornou-se para nós um laborioso exercício: a abertura ao diálogo como uma saída sensível

do autocentramento que o isolamento individualizante gera para habitar uma dimensão coletiva mais ampla: entre-dois, entre-muitos.

Este primeiro encontro aqueceu e disparou a possibilidade de uma pergunta ao final: “vamos continuar conversando?”. E assim, é interessante notar que um encontro então trouxe o outro, uma pessoa (professor[a], estudante) convidou outra, uma pergunta abriu várias e, desse modo, continuamos até este momento constituindo juntas(os) uma política de construção de saberes e fazeres coletivos em meio à pandemia. Do encontro, aportado em uma plataforma digital, participam regularmente cerca de 20 pessoas. Com periodicidade de encontros quinzenais, com cerca de três horas e meia de duração, criamos um espaço de encontro remoto, surpreendentemente vivo e solidário.

Esta escrita, portanto, é gerada a partir das conversações desses últimos meses, as quais possibilitaram um exercício do pensamento amparado coletivamente, em que cada participante trazia a cada semana as perguntas e problemas com os quais havia se deparado ao longo dos dias, emergidos com a escola, com a universidade, com as intempéries das políticas educacionais e do país. Questões disparadas pelo adoecimento, pelo cuidado com companheiras(os), filhas(os), pais e mães, o bairro, a comunidade, pela dor da perda de alguém que se foi, pelo encontro com outras(os) colegas, além das estratégias inventadas para cuidar de si e dos outros ao cuidar da terra, ao preparar o alimento, ao retornar ao movimento de plantar, tecer, costurar.

Assim, aqui partilharemos ao menos dois gestos, dois movimentos que têm nos auxiliado a manter atento o olhar para a vida e o fazer educacional, que é fruto do aprendizado cogestivo nessa experiência entre docentes e estudantes: o desafio de conversar e de ficar com um problema, naquilo que reverbera, desacomoda e desloca; e o labor de fazer do encontro uma prática de cuidado recíproco. Nos dois exercícios, um mesmo esforço: de abrir tempo, guardar tempo, suportar tempo, aliançar com o tempo *kairós*... Tempo do acontecimento que

explode a linearidade previsível dos dias, empenhando uma abertura intervalar. Daí nossos empenhos em: desapressar, desacelerar, desnomarizar. Estar presente. Desse modo, religarmo-nos, em meio à adversidade, com o que é vivo em nós, no aprendizado com a desestabilização e a morte.

## NÓS PRECISAMOS DA ARTE DE COMPARTILHAR PARA VIVER<sup>82</sup>

Paul Preciado, em seu escrito “Aprendendo do vírus” (2020), é muito contundente ao analisar que estamos fazendo uma passagem de uma sociedade escrita para uma sociedade ciberoral, de uma sociedade orgânica para uma sociedade digital, de modo que o controle disciplinar sobre o corpo e a subjetividade, conforme enunciou Michel Foucault (1995), modula para formas midiático-cibernéticas. Essa nova gestão semiótico-técnica-digital, como aponta Preciado, adentra nosso corpo, vasculha nossa pele e nos penetra em biovigilância. Nesse sentido, as epidemias, ao contrário do que possamos pensar, são aproveitadas como “grandes laboratórios de inovação social” (PRECIADO, 2020, p. 9), oportunidade de reconfiguração das tecnologias e estratégias do poder.

É dessa forma que Preciado, com gravidade, desenha a imagem de nosso tempo:

O sujeito do tecnopatriarcado neoliberal fabricado pela COVID-19 não tem pele – é intocável, não tem mãos. Não troca bens físicos, nem toca em moedas – paga com cartão de crédito. Não tem lábios nem língua. Não fala diretamente - deixa mensagem de voz. Não se reúne nem se coletiviza. É indivíduo radicalmente. Não tem rosto – tem máscara. (PRECIADO, 2020, p. 9-10).

---

82 NOGUERA, 2020, p. 4.



Intocável, indiviso. A imagem reconfigurada e fortalecida é a do modo indivíduo de ser (BARROS, 2007), em que o endereço próprio, como diz Preciado (2020), a casa, torna-se o próprio lugar da clausura e da normalização. Espaço do teleconsumo e da teleprodução, bem localizado na economia de cibervigilância.

Durante a pandemia, não foram poucas(os) as(os) estudiosas(os), pesquisadoras(es) e movimentos sociais que alertaram sobre os perigos de práticas e discursos que eram alçados como portadores da novidade, da estratégia que cada um encontrou para se ressignificar na pandemia e que ao final parece adensar ainda mais a individualização, a vigilância e a precarização da vida e do trabalho. Essas vozes companheiras, diante dos perigos e armadilhas, afirmam também saídas singulares, modos de cura ao adoecimento virulento da indiferença, da violência e opressão, diante do aniquilamento que o modo mercadológico coloca em evidência cada vez mais intensamente.

Noguera (2020), ao caracterizar a produção neoliberal atual como furiosa em seu ímpeto de transformar tudo em mercado e mercadoria, conclama-nos a defender a vida, insistindo na alternativa posta por Fanon de inventar e descobrir alternativas. E, junto a Krenak (2000), nos convida a fazer um pacto pela vida que reúna gente, levantando vozes, forças e corpos para colidir com as práticas racistas, excludentes e opressoras mediante a criação de uma política de aldeia. Nesse pacto, a vida deve ficar acima do mercado.

Quando voltamos à pergunta “o que fazer?”, trazida por Noguera (2020) diante de uma pandemia de todas as formas de opressão, este aponta que “uma das maneiras mais dignas de enfrentamento desse cenário está numa combinação entre malandragem e preguiça!” (p. 6). Chamadas de artes pelo autor, as práticas/tecnologias dos nossos povos originários afirmam a criação de uma vida que se permite brincar mesmo depois de crescida e que trabalha “o necessário para que o encanto da vida não se perca” (p. 7). Nesse eco, Abigail Campos Leal (2020, s/p) compartilha: “me curo y me armo, estudando”. Uma aliança com estudos quentes, em processo e movimento,

estudos através do corpo, “saberes pretos e trans” que “envivecem” e transformam.

Preciado (2020) diz que é preciso aprender do vírus sua capacidade de mutação: passar de uma mutação imposta, controlada, a uma mutação deliberada. Trata-se de reapropriação das estratégias, das técnicas e dispositivos. Trata-se de constituir outra relação dos nossos corpos com a parafernália de biocontrole e vigilância. Seu convite é o do “desalinhamento”, da desconexão com toda rede artificializante da vida, inclusive internet e celulares.

Em todas essas vozes, com seus tons e provocações diferentes, ouvimos um unísono e genuíno som, que afirma a política de aldeia, como diz Nogueira (2020, p. 6), “como um convite a viver como se todos os vivos fossem nossos parentes”, e, por que não, também todos os mortos.

É nessa disposição de produção de saúde diante da fragilização de nossa força vital coletiva que buscamos, na companhia de educadoras(es) e estudantes, fazer conversa e tecer tecnologias relacionais a partir do encontro, de forma a nos reapropriarmos “da força de criação e cooperação [...], [buscando] resistir no próprio campo da política de produção da subjetividade e do desejo dominante no regime em sua versão contemporânea – isto é, dominante em nós mesmos” (ROLNIK, 2018, p. 36).

Ou seja, nossa disposição neste contexto de isolamento orientase na afirmação e criação de um espaço-tempo de cuidado e exercício do pensamento, mediante a conversação ou ação de versar com o outro na criação de problemas diante do vivido. Daí, ao olharmos para essa experiência, reconhecemos que “precisamos da arte de compartilhar para viver” (p. 4).

## MAS, COMO É CONVERSAR?

Começamos nosso percurso recuperando a definição convencional deste verbete no dicionário da língua portuguesa, que nos destaca que

se trata de um verbo intransitivo, ou seja, possui sentido completo, indicando “falar com alguém, palestrar, cavaquear ou, na linguagem mais popular, namorar e, no sentido figurado, significa tomar conselho” (DICIONÁRIO PRIBERAM, 2020).

Em busca do sentido etimológico do termo, encontramos que essa palavra vem de uma extensiva família derivados do latim *vertere*, que indica virar, voltar-se para. *Conversari*, etimologicamente, significava, inicialmente, viver com, encontrar-se com frequência, passando, com os anos, a ser entendida como trocar palavras com (ORIGEM DA PALAVRA, 2020).

Nessas primeiras definições, alguns elementos nos ajudam a compor nosso pensar. Vamos lá!

Inicialmente, entendemos que a ação de falar com alguém implica voltar-se para o outro e, então, trocar palavras. Mas não palavras soltas, sem sentido ou que não falem da vida vivida. Lembremos que, segundo nossas fontes, essa palavra indicava paquerar, pedir conselho e até namorar, o que nos mostra que no conversar, no virar-se ao outro, nossa conversa se efetiva na produção de um laço, de uma conexão.

Deste modo, podemos considerar que o ato de conversar se constitui em uma potência, pois pode se mostrar como um modo, uma forma de cuidar a partir da disposição para virar-se para o outro. É a própria ação do humano que vinga, ou seja, no fazer o diálogo, afirmariamos nossa humanidade, porque somente existimos no linguagear (MATURANA, 2007). É o que Octávio Paz nos compartilha quando produz este poema-dispositivo do pensamento:

A palavra do homem  
É filha da morte.  
Falamos porque somos  
Mortais: as palavras  
Não são signos, são anos.  
Ao dizer o que dizem

Os nomes que dizemos  
Dizem tempo: nos dizem,  
Somos nomes do tempo.  
Conversar é humano.  
(PAZ, 2020, s/p).

E nessa afirmação de que “conversar é humano”, lembramo-nos de Freire (1987) e do princípio ético-dialógico, pois, em que toda a obra desse autor pode ser retomado: o diálogo, o conversar como fenômeno humano. Ou seja, encontramos também em Paulo Freire a afirmação de que existir humanamente é pronunciar o mundo para e, ao pronunciar-lo, problematizá-lo e modificá-lo. Assim, ele afirmava que não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho e na ação-reflexão. Ele nos diz que “o diálogo é o encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciar-lo, não se esgotando na relação eu-tu” (FREIRE, 1987, p. 78). Desse modo, dialogar implica conexão com a produção de mundo. Só há conversa quando efetuamos uma ação de criação de problematizações de nossa realidade atual, de nossas opressões.

Para Maturana (2004), o viver humano acontece no ato de conversar. Desde que irrompemos o ventre da nossa mãe e, mesmo antes de nascer, o desenvolvimento do ser humano é propiciado na interação afetiva com suas/seus primeiras(os) cuidadoras(es), no estabelecimento de uma dança comunicativa que depois se dará com a natureza, em um constante fluir criativo, porque, segundo Maturana (2006), somos seres que existem na relação com o outro.

[...] a confiança e a aceitação mútuas são parte integrante do encontro corporal íntimo que se dá entre a mãe e a criança no ato de amamentar; a ternura é parte da aceitação irrestrita da corporeidade das crianças que a mãe pratica ao acolhê-las no contato corporal; e a sensualidade é parte integrante da carícia, tanto no contato corporal da amamentação e do brincar quanto na

ampliação da sensorialidade, que traz consigo o comportamento materno de limpar e arrumar (MATURANA, 2006, p. 247-248).

Com Maturana, afirmamos que o nosso processo de humanização, potencializado e conquistado pelo modo como nós cuidamos, amamos e brincamos, constituiu-nos como seres de linguagem, seres humanos, onde nosso presente evolutivo humano é resultado de um processo que conserva esse modo de vida. Assim, “amor e brincadeira são modos de vida e relação” (MATURANA, 2006, p. 249) que nos humanizam por meio do fluxo de coordenações de fazeres e emoções (MATURANA, 2004), que se dão quando criamos conversações.

Nessa direção, vislumbramos os desafios de tecer redes de conversações, nesse momento, de modo remoto. Não à toa foi este certamente o exercício mais basal de nosso encontro entre docentes e estudantes, por sua complexidade. Afinal, conversar e ser, conversar e relacionar, conversar e sentir têm conexões inseparáveis. A conversa está na dependência de nossas ações e de nosso sentir (o modo como nos afetamos) e aponta para uma qualidade de presença, por exigir essa disponibilidade de virar-se/voltar-se para, na direção de outro ser.

Abrir presença nos encontros aparentemente presenciais, que já contam com alguma condição mais favorável a esse exercício, já é um desafio, porém este é ainda maior quando precisamos criar nos atravessamentos e solavancos da virtualidade do encontro uma articulação sensível, afetiva e presente. Será mesmo possível? Será possível o encontro com estudantes desse modo? Será possível fazer educação desse jeito? Mas o que é mesmo educar? Formar-se? Qual o lugar da escola, seus fazeres e saberes em tempos de pandemia? Do que não podemos abrir mão na vida, na educação, mesmo e, sobretudo, em tempos pandêmicos e remotos?

Segundo Maturana (1990), o conversar acontece quando há aceitação na diferença. Assim, ele vincula o conversar à produção de confiança, que é impulsionada pelas emoções.

O emocionar, o fluxo das emoções, vai definindo o lugar em que vão acontecer as coisas que fazem no conviver. Então, se uma pessoa se move, por exemplo, a partir da frustração, isso vai definir continuamente o espaço relacional na qual se encontra e o curso que vai ter seu viver. Se vive a partir da confiança, vai seguir um curso distinto [...] o que guia o fluxo do viver individual são as emoções na constituição evolutiva também. É o emocionar que se conserva de uma geração a outra na aprendizagem das crianças. (MATURANA, 2004, p. 2).

Para o autor, foi o conversar que constituiu a família matrística<sup>83</sup> como espaço fecundo de interação e apoio, na paixão de viver juntos, na proximidade física e emocional. Esse arranjo criado pelo homem, que gera toda uma cultura matrística, é antecessor da cultura patriarcal/matriarcal e está centrado na colaboração e confiança.

No conversar constituímos nossa realidade com o outro. Não é coisa abstrata. O conversar é um modo particular de viver juntos em coordenações do fazer e do emocionar. Por isso, conversar é construir realidades [...] neste espaço de relações [...] ou se vive no bem estar estético de uma convivência [...] ou no sofrimento da exigência negativa contínua. (MATURANA, 2004, s/p).

Trata-se de uma direção ética exercida no conversar, no versar com, que geraria outras subjetividades, outra relação que, diferente da realidade pautada por relações centradas na dominação e submissão, na desconfiança e no controle, pautar-se-ia pela produção imamente de um languagear ético.

---

83 Neologismo inventado por Maturana (2006) para denominar a relação dinâmica que se dá entre a experiência imediata e a coordenação de ações consensuais com os outros.

A contribuição de Maturana requalifica o movimento da conversa ultrapassando a imagem clássica da comunicação como transmissão de estímulos entre emissor e receptor, como dois polos distintos e separados na experiência. O conversar, aqui, não é o que é transmitido, mas é movimento em que os sujeitos, na convivência da conversa, vão se tecendo em um cosurgimento.

Quando Maturana traz a imagem da relação entre mãe e bebê em gestos de cuidado, vislumbramos que a conversa não se reduz à linguagem verbal. É, pois, pré-verbal, feita de tons, tato, toque, calor, sons, ondas afetivo-emocionais em que um mundo é compartilhado sem ainda recorrer a explicações. Uma comunicação ampla, de base sensível, mais próxima do gesto de sintonização em que vamos sutilmente buscando uma frequência comum (STERN, 1992).

Vejamos, então, a complexidade que envolve esse exercício de conversar. Em presença física, temos sinais sutis que um corpo disponível é capaz de abarcar, acolher, compor, relacionar. Aquém e além das palavras, comportando dimensões pré-verbais, o conversar aproxima-se mais da imagem de uma dança cujo movimento desmancha o que parece bem separado e individualizado (os sujeitos, por exemplo, em diálogo). Afeita ao improviso, essa dança-conversa se tece ao sabor dos ritmos do próprio encontro. Efetivamente, nós nos criamos nesses movimentos de conversações todo o tempo, mesmo que não nos damos conta e adoecemos no distanciamento dessa condição fundante.

Na experiência de encontro grupal, a que aqui nos reportamos, a primeira diferença sentida nesse modo remoto foi/é exatamente a de não estarmos fisicamente próximos para ensaiarmos essa dança-conversa. Quantos sabores, cheiros e movimentos não mais se faziam/fazem disponíveis para a sintonização? Quantos aspectos não verbais ficavam/ficam invisibilizados pela preponderância que na plataforma digital ganha a palavra ou o enquadre da imagem, o silêncio ou o fechamento da câmera?

E, ainda assim, incrivelmente, não temos dúvida que a despeito de todos os limites e reduções da experiência do conversar no modo remoto de encontro, algo entre nós, relacionado à geração de uma frequência comum, tornou-se possível. Mas o quê? Como? Recorrentemente nos enunciados sobre o encontro, ao dizermos e ouvirmos do grupo como este sendo “nosso”, ao ouvirmos e falarmos “não vejo a hora de chegar a semana de nosso encontro novamente”, ao agradecermos tantas vezes ao encontro pelo que ele ajudou pensar aquele dia, pela ampliação que possibilitou, pela força que gerou, colhemos o surgimento de uma dimensão de confiança e pertencimento, sentimentos fundamentais ao conversar.

Por ora, construímos uma compreensão de que esse efeito sutil pode ter relação com dois pontos que podem portar certa raridade diante do que vivemos habitualmente, especialmente na experiência educacional. Primeiramente, essa é uma experiência desdobrada por um convite. Não exige adesão ou filiação. Quem chega se liga voluntariamente a uma prática de partilha e afectabilidade à qual nos dispomos, cada um(a) a seu modo. Quem entra oferta um pouco de sua presença. E acolhe-se o que é ofertado ao encontro. Não é um encontro de trabalho ou de estudos, tradicionalmente, mas também se estuda e trabalha, de modo diferente da operação tradicional acadêmica. Porque o estudo e a partilha em jogo é do que nos ajuda a expandir um pouco mais, a respirar juntos um pouco mais. Funciona por sintonização. E com paciência e tato, vamos abrindo frequências comuns.

O segundo ponto, implicado em possibilitar esse conversar, pensamos estar na dimensão congestiva e participativa do encontro. Ainda que uma de nós abra a sala virtual e distribua a cada semana os convites remotos para entrada, e com isso sustentemos um tênue fio de coordenação, o encontro efetivamente é feito do que trazem e sentem todas(os) aquelas(es) que dele participam. A partir da sustentação desse gesto de conversar e circular a conversa, o que realmente



a produz são as sensações, indignações, lembranças e acontecimentos ali presentificados.

Houve um dia, por exemplo, nos idos de maio, que recebemos a presença de dois estudantes do ensino médio, uma jovem e um jovem, convidados por uma das professoras da rede estadual que compõe o encontro. Até aquele momento, muitas vezes havíamos nos perguntado como estariam efetivamente as(os) jovens das escolas de ensino médio. As(os) docentes tantas vezes diziam que o escoLAR não possibilitava fazer contato efetivo com as(os) estudantes, que poucas(os) entregavam as atividades prescritas, que muitas(os) não tinham acesso à rede de internet, computadores. Nesse dia, o que moveu o encontro foi a presença e escuta desses estudantes secundaristas.

A estudante e o estudante foram convidados por outro professor da rede municipal de Vitória a falarem um pouco sobre como estavam vivendo a experiência pandêmica, e como avaliavam e sentiam a suspensão das aulas presenciais. “Eu consigo me sentir produtivo na escola, em casa não é do mesmo jeito”, disseram esses jovens. Ao mesmo tempo, eles realizavam a crítica ao autoritarismo presente na experiência escolar, à escola como um ambiente que busca a produtividade. Curiosamente, um dos estudantes havia também guardado uma pergunta para fazer naquele encontro. Ele disse que gostaria de perguntar ao grupo: “Como encontrar prazer em estudar?”. E mais: “Como conseguir estudar em casa?”, “não fomos ensinados a aprender sozinhos”.

Mobilizados pela presença daqueles jovens, o encontro naquele maio circulou e ricocheteou nessas perguntas. Mas o que é a escola? Como estudar e aprender pode se distanciar da alegria? Como religar, reencontrar as conexões entre conhecimento e prazer? Quando foi que nos perdemos disso? Perguntava outra colega professora. Mas teria a escola e a educação apenas essa face autoritária, amarga, obediente? “Onde você encontra alegria?” e “Quando sente que aprende?” foram perguntas que também retornaram à/ao estudante, o que abriu novas pontas de conversa. Nesse momento, memórias tomaram a

estudante... das(os) amigos que explicam a matéria uns para as(os) outras(os) na escola, depois da aula, agora por telefone, e que parece que se aprende até mais e melhor o conteúdo. Tantas pistas importantes para dimensionar outros caminhos para a educação e que estão disponíveis nos corpos e saberes de estudantes e professoras(es).

Por isso a participação efetiva, cogestiva, é também geradora de saúde, pois ativa a capacidade de cada um(a) de enfrentamento, de pensar saídas, de problematizar o presente e se sentir vivo(a) em seus processos. Não há conversa sem a afirmação e o exercício participativo de cada um(a) como um legítimo sujeito.

Assim, os problemas com os quais nos detínhamos/detemos nesses encontros modulam sensivelmente a cada participação e a cada acontecimento. Se aquele primeiro encontro, em abril, convidava à conversa, as próprias questões compartilhadas mobilizaram outras perguntas disparadoras, que o grupo assumiu para si: “Como defendemos a vida em tempos de pandemia nas práticas escolares?”; “Como estamos enfrentando os autoritarismos nas práticas escolares?”; “O que escapa dos processos vividos?”; “O que tem nos fortalecido nestes movimentos feitos?”.

Quando olhamos para essa experiência em movimento, sentimos a força que se afirma na prática de criação de conversações como espaço-tempo conectivo, animado pela partilha das afetações sentidas no contexto vivido.

## FAZER DO CUIDADO UM ENCONTRO

Dissemos, nesta escrita, que aqui compartilhamos aprendizados gerados com esse encontro entre docentes e estudantes. Estes que vêm de territorialidades e vínculos institucionais diferentes, com idades e experimentações distintas, expressando uma multiplicidade contagiante. Do aprendizado de conversar a distância, mas não distantes, e sustentar a interpelação vinda de difíceis dias, foi sendo também possível sentir-nos recíproca e mutuamente cuidados.

Na pandemia da COVID-19, é interessante considerar que os modos de cuidado insistentemente recomendados por vezes resumiam-se/resumem-se ao uso da máscara e da munção de álcool em gel, além do isolamento por si só. Ações que se provaram importantes certamente, mas que tantas vezes acentuam a individualização e certa solidão no cuidado.

Nessa experiência, temos aprendido a ampliar a perspectiva do cuidado, descentrado apenas de um corpo biológico, deslocado da figura do especialista cuidador e do espaço do hospital. Aprendizado de um cuidado distribuído em práticas desenvolopantes e antiasépticas. Em tempos pandêmicos, onde os outros seres são alçados a potenciais ameaças de transmissão do vírus, poder gerar outro tipo de relação, sendo esta de solidariedade e cuidado, é vitalizante.

Foucault (2006), em seu trabalho de recuperar nos registros da sociedade grega indícios de outros modos de subjetividade, extrai uma perspectiva relacionada à ética, ao modo de gerar uma conduta ética, muito rara e perturbadora no que toca o ponto de vista ocidental, e talvez por isso por este desqualificada historicamente. Trata-se da noção de *epiméleia heautoû* – cuidado de si ou inquietude de si –, em que as práticas funcionam como superfície para elaboração desse cuidado. Práticas nas quais os sujeitos se dedicam a um laborioso trabalho de si, onde tomamos a nós mesmos como o trabalho a ser realizado.

Dentre muitos aspectos, o si constitui uma questão complexa e rara nessa perspectiva ética, pois que não se confunde com o sujeito que modernamente concebemos e não tem correspondência com um eu. Essas relações de si para consigo não se aproximam de um exercício egoísta ou de um estímulo ao individualismo. Foucault (2006) alerta que nossos olhos modernos, marcados por hegemônica individualização, muitas vezes, inclusive, só conseguiram ler dessa forma esse exercício ético nessas sociedades, o que seria um equívoco.

O si é provisoriamente e abertura, cuja matéria é relação (CÉSAR, 2008). A prática de cuidado construída “não constitui um exercício

da solidão, mas sim uma verdadeira prática social” (FOUCAULT, 1985, p. 57), uma vez que é através dos cuidados que se têm com os outros e consigo mesmo que há uma intensificação das relações sociais. Nessa direção, “formar-se e cuidar-se são atividades solidárias” (FOUCAULT, 1985, p. 60).

Tais práticas de cuidado não cuidam do sujeito em si, mas se voltam para as relações, estas que também vivemos: com o amor, com o corpo, com a casa, com a comunidade, com a política. Curiosamente, não buscam com isso cuidar de um si, mas produzir um si como efeito da prática, um si como modo de vida, que não recusa a adversidade e não se fecha ao intempestivo. Assim, as práticas e exercícios inauguraram o que Foucault (2006) chamou de uma estética da existência, disposta à invenção de novas possibilidades de vida.

Por isso a denominação de *práticas de cuidado*, pois, por meio delas, o homem experimentaria outra estética na existência, o que Foucault (2010) vai denominar de liberdade, que só se afirma como tal por meio das práticas de cuidado que implementamos.

Fazemos esse percurso de contornar um pouco mais essa ferramenta conceitual que nomeamos por cuidado e práticas de cuidado, porque, em tempos pandêmicos, essas noções são muito utilizadas e gastas. E isso traz a necessidade de requalificar para reafirmar a potência do cuidado, e como este constitui, além de uma prática social e coletiva, um modo de fazer contato com os acontecimentos e gerar modificações em nossos funcionamentos adoecedores. É, pois, muito mais uma prática de sustentação de uma inquietude de si do que uma busca por “bem-estar” e apaziguamento.

Parece-nos ser este o exercício que estamos a viver em alguns dispositivos de trabalho e vida, construídos em meio à pandemia, que nos permitem respirar, olhar, reconectar, desejar e recusar os jeitos como vínhamos fazendo tantas coisas. Esse encontro entre docentes e discentes que aqui partilhamos envivece o sentido de uma prática de cuidado social pelo movimento do acolhimento, da circulação da palavra, da legitimação do lugar daquele que fala e do que se sente,

pela multiplicação das questões e, especialmente, pela disposição recíproca de suportar ficar com um problema.

“Ficar com o problema” é uma proposta de Donna Haraway (2020), que, de outro modo, aproxima-se de Preciado (2020) na proposição de aprender do vírus. Nisto, o convite é de se colocar para exercício nesse acontecimento intempestivo aberto por uma pandemia.

Ficar com o problema é não ceder à indiferença, ao tamponamento da dor e do cansaço, ou ao distanciamento em relação aos muitos efeitos em nossos mundos. “Ficar” é não fazer passar rápido demais, mas trabalhar e fazer durar ao ponto de o problema mudar, de nós mudarmos ao aprendermos com a problematização. Nesse sentido, a prática do cuidado vivida no conversar é também a de ficar um pouco mais com o problema para acolher sua perturbação e sua possibilidade de transformação.

Assim, recordamos Maturana (1990), quando explica que no viver e no conversar opera-se um acoplamento estrutural, onde se funda uma transformação, e Freire (1987), quando nos convida a criar conversações que se centrem na diversidade de opressões vividas no presente. Nos termos foucaultianos, aconteceria uma outra estética da existência, na qual o conversar pode ser um meio de fomentar esta realidade pautada pela produção da vida como obra de arte.

Nessa direção de fazer do cuidado uma prática de encontro, um exercício relacional, fomos produzindo nosso caminhar, caminhar que se dá evitando a correria desenfreada da produtividade neoliberal e que decididamente demora-se na constituição das analíticas dialógicas do presente, mediante a permanentes e múltiplas colocações de perguntas, que são aproveitadas para expressar outras/novas questões que se conectam. Ou seja, ao conversar, vamos *complexificando* o problema inicial colocado, mediante a produção de estranhamentos e a construção de outros problemas. Assim, há uma permanente problematização que se coloca desde a diferença da experiência e da produção de sentidos do outro, outro.

## DIALOGAR COMO EXERCÍCIO DE SAÚDE E PRÁTICA COLETIVA

Desde que tivemos as atividades pedagógicas presenciais suspensas, estamos tecendo uma rede junto a diversas experiências que nos têm levado a ampliar nossa análise do atual momento pandêmico e seus efeitos em nossas relações. Nas dialogias criadas, demoramo-nos na pergunta colocada por Nogueira (2020, p. 6): “o que fazer diante da mutação ecológica que instalou uma pandemia, de todas as formas de opressão, da necropolítica sistêmica, da depredação ambiental e todo leque de injustiças?”.

Neste processo dialógico, temos entendido que a pandemia está longe de ser a luta contra um vírus inimigo, como ouvimos tantas vezes nesses meses. Nossos inimigos, se colocarmos dessa forma, estão naquilo que a pandemia rasgou, visibilizou: uma pandemia de todas as formas de opressão. Uma experiência que não tocou apenas a vida biológica e fisiológica, mas visibilizou nossas condições brutais de existência e de relação.

Nesse contexto, caminhamos movidos na produção de saúde neste presente peculiar de pandemia causada pela COVID-19. A partir das contribuições de Georges Canguilhem (2002), compreendemos a saúde como experiência ampla, que não se reduz ao aspecto biológico ou fisiológico, mas envolve todo nosso corpo e as relações que estabelecemos com o mundo e a multiplicidade dos seres. A produção de saúde, nesse ponto, não exclui a crise e o sofrimento, mas se faz como trabalho e ampliação da capacidade de agir diante das adversidades, de enfrentar e reposicionar.

Sabemos que esse modo de viver a saúde, como experiência ampla, não reduzida a um corpo biológico, apenas está na base da cosmologia dos povos originários, das populações indígenas, nos saberes quilombolas, na ancestralidade dos povos de matriz africana, no feminino, em todos os saberes que experimentam uma relação imanente, inseparável da Terra e dos outros seres humanos e mais que humanos.

Por isso, é importante dimensionar que cuidar da saúde hoje, durante a pandemia da COVID-19, não se resolve com a vacina somente, pois essa é uma visão limitada do problema. Mesmo reconhecendo que sua chegada seja importante, entendemos que não contamos com a vacina para todas as formas de opressão que a pandemia visibilizou.

Nesse contexto, como cuidar da saúde?

Nas práticas dialógicas inventadas, temos afirmado que a produção de saúde tem a ver com nossas relações, perspectiva afinada a um corpo que é coletivo. Nos quatro meses de conversações, temos constituído processos de enfrentamento, de acolhimento e de cuidado coletivo, compreendendo que saúde é uma tarefa coletiva!

Reafirmamos que, muito embora estejamos experimentando deste modo remoto a fabricação de conversações e relações, nossa defesa em torno da presença na constituição da vida tem se fortalecido na experimentação virtual. Em diversos momentos compartilhamos frases como “[...] quando a gente puder se ver”, “às vezes imagino a gente numa sala se encontrando...”, “que vontade de abraçar vocês!”. Frases que expressam o desejo de se encontrar de outro modo, em uma dança, uma dança dialógica, em que criamos movimentos com o corpo e vamos entremeando, na presença viva da criação de problemas, experiências, sentidos, intensidades, constituindo uma dinâmica ampla, sensível e conectiva.

Finalmente, na experiência vivida, também aprendemos que a ampliação da nossa saúde tem a ver com “ficar com o problema”, ou seja, com demorar-se no problema para conectá-lo com as diversas dimensões do vivo, afirmando nossa interdependência existencial.

O que estamos aprendendo nesse momento e com muitas(os) companheiras(os) que se dispuseram a passar algumas horas compartilhando o exercício de pensar nos problemas, aprender com eles, é que: a cura, a saúde e a educação não podem vir da distância, da separação, da assepsia, mas de um acordar para o sentido de

comunidade, que envolve a todos os seres humanos e não humanos; uma política de aldeia.

## REFERÊNCIAS

BARROS, R. B. **Grupo**: a afirmação de um simulacro. Porto Alegre: Sulina, 2007.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CÉSAR, J. M. **Processos grupais e o plano impessoal**: a grupalidade fora no grupo. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro: 2008.

COLETIVO DE ESTUDOS EM MARXISMO E EDUCAÇÃO - COLEMARX. **Em defesa da educação pública comprometida com a igualdade social**: porque os trabalhadores não devem aceitar aulas remotas. (Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://www.colemarx.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Colemarx-texto-cr%C3%ADtico-EaD-2.pdf> Acesso em: 15 jun. 2020.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/> Acesso em: 15 ago. 2020.

ESPÍRITO SANTO (Estado). **Decreto nº 4593-R de 13 de março de 2020**. Institui o estado de emergência em saúde pública no Estado do Espírito Santo e estabelece medidas sanitárias e administrativas para prevenção, controle e contenção de riscos, danos e agravos decorrentes do surto de coronavírus (COVID-19) e dá outras



providências. Governo do Estado do Espírito Santo, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.es.gov.br/Media/Coronavirus/Legislacao/DECRETO%20N%C2%BA%204593%20-%20R,%20DE%2013%20DE%20MAR%C3%87O%20DE%202020.pdf> Acesso em: 15 jun. 2020.

FORDE, G.; FORDE, H. Impactos da COVID-19 na população negra capixaba: breve análise comparada à luz da categoria raça/cor. 2020. Disponível em: [http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/11478/1/ARTIGO\\_covid19\\_e\\_populacao\\_negra\\_capixaba.pdf](http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/11478/1/ARTIGO_covid19_e_populacao_negra_capixaba.pdf) Acesso em: 20 ago. 2020.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. *In*: FOUCAULT, M. Ética, sexualidade, política. **Ditos & Escritos**, v. 5. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

HARAWAY, D. Ficar com o problema. **N-1 Edições**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/132> Acesso em: 20 ago. 2020.

KRENAK, A. **O Lugar onde a terra descansa**. Rio de Janeiro: ECO Rio/Núcleo de Cultura Indígena, 2000.

LEAL, A. C. Me curo y me armo, estudando: a dimensão terapêutica y bélica do saber prete e trans. **N-1 Edições**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/86> Acesso em: 1 jul. 2020.

LEMINSKI, P. **Toda poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MATURANA, H. Conversações matrísticas e patriarcais. In: MATURANA, H.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e Brincar**: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. São Paulo: Palas Athenas, 2006.

MATURANA, H. Entrevista com Humberto Maturana por Mercia Helena Sacramento e Adriano J. H. Vieira. **Revista Humanitates**, São Paulo, Centro de Ciências de Educação e Humanidades, Universidade Católica de Brasília, v. 1, n. 2, nov. 2004. Disponível em: <http://www.humanitates.ucb.br/2/entrevista.htm> Acesso em: 15 ago. 2020.

MATURANA, H. Entrevista com o cientista chileno Humberto Maturana. [Entrevista cedida a] Omar Sarrás Jadue. **Antroposmoderno**, [s. l.]. 5 ago. 2007. Disponível em: [http://antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id\\_articulo=845](http://antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=845) Acesso em: 15 ago. 2020.

MATURANA, H. **Emociones y lenguaje en educación y política**. Santiago: Ediciones Pedagógicas chilenas, 1990.

NOGUERA, R. Afro-anarquismo: malandragem e preguiça. **N-1 Edições**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/10> Acesso em: 1 jul. 2020.

ORIGEM DA PALAVRA: consultório etimológico. Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/> Acesso em: 13 ago. 2020.

PAZ, O. O poema. **Cultura Pará**, [s. l.], 2020. Disponível em: <http://www.culturapara.art.br/opoema/octaviopaz/octaviopaz.htm> Acesso em: 13 ago. 2020.

PRECIADO, P. Aprendendo do vírus. **N-1 Edições**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://n-https://www.n-1edicoes.org/textos/26> Acesso em: 21 abr. 2020.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafeatinada. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

STERN, D. **O Mundo interpessoal do bebê**: uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, 1992.

VITÓRIA (Município). **Portaria nº 048-R, de 01 de abril de 2020**. Institui o Programa EscolAR no âmbito das escolas da Rede Pública Estadual de Ensino do Estado do Espírito Santo e demais providências. Espírito Santo: Secretaria do Estado da Educação, 2020. Disponível em: <https://sedu.es.gov.br/Media/sedu/pdf%20e%20Arquivos/Portaria%20n%C2%BA%20048-R%20-%20Programa%20EscolAR%20revisada%20-%2001.04.2020-2.pdf> Acesso em: 15 jun. 2020.

# *Panoramas pandêmicos – exercícios de presença ou o que restou?*

*Gabriel de Castro Augusto Alvarenga<sup>84</sup>*

## ENTRE ESCOMBROS E DISTANCIAMENTOS

É uma metamorfose em que perco tudo o que eu tinha, e o que eu tinha era eu – só tenho o que sou. E agora o que sou? Sou: estar de pé diante de um susto. Sou: o que vi. Não entendo e tenho medo de entender, o material do mundo me assusta, com os seus planetas e baratas (LISPECTOR, 1998, p. 67).

---

84 Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), psicólogo clínico e escritor.

Esse texto surge de uma falência. Uma derrota, certo desespero. Dizer trágico seria fácil como esquiva ao nomear esses tempos. Mesmo nos apoiando na tragicidade já garantida por Nietzsche (2006), na qual o mundo está sempre desmoronando em acontecimentos e recombinações constantes, é só firmar um momento, olhar o entorno e dar um suspiro que percebemos que há, sim, algo que rui com mais intensidade na atualidade. Uma amplitude trágica, não uma única queda, mas vários movimentos. *O que tem se passado?* Questão-disparo.

Após anos de pesquisa e atuação no embate pela vida<sup>85</sup> – toda e qualquer vida – tanto na área acadêmica quanto na vivência profissional da psicologia (serviços de saúde mental, clínica, movimentos sociais) em batalhas diversas, fica contundente a impressão de tudo ruir, certa sensação que me acompanha há tempos. E aqui há um posicionamento necessário de afirmar a processualidade do real que sempre me conectou à pesquisa, ao pensar e cuidar da vida, ao desenrolar do tempo – uma atuação em Psicologia sintonizada à esquizoanálise (DELEUZE; GUATTARI, 2011) como perspectiva pragmática ético-estético-política. Percebemos o desmoronamento, tocamos o movimento, apostamos, a partir dessa perspectiva, que no mesmo ponto onde algo se desmonta, há a brecha de erguer algo novo, de fazer passar o singular ainda não computado. Dois modos de desestabilização às quais temos garantias nessa forma mais trágica de encarar o real: a das batalhas do dia a dia e a conceitual-prática, e seguimos ainda com um ímpeto, não de peito orgulhoso, e, sim, de mão firme

---

85 Neste ensaio-exercício, dou-me certo intervalo onde minhas experiências – expandidas para as atuações em clínica, em psicologia e outros campos – surgem no fluxo das vivências que se adensam nesse período da quarentena de 2020. Habitar os tempos atuais sempre é algo de intensificação, e propor-se a escrever é ainda mais enérgico. Aqui, escrevo como prática de liberdade (FOUCAULT, 2006), como modo de habitar, encorpar e criar nossos tempos. Escrever como um próprio exercício de presentificação.

e coletiva, no sentido de dar à existência a defesa mínima para seu florescimento, fluxo e continuidade.

*Tá difícil até perceber a respiração, porque tudo vem numa enxurrada, às vezes penso que preciso disso mesmo, exorcizar tudo de uma só vez*

Porém, a derrota trágica atual é de outra ordem e se mostra com uma dureza paradoxal, numa avalanche que desespera a todos. Não abre possibilidades, mas, sim, esfarela e implode muito do que temos como garantido em nosso mundo, e assim acaba precipitando e aprofundando buscas por mais controle, mais ordem, mais disputa, mais morte muitas vezes. Mais definitiva, mais intensa, mais desesperada se faz essa queda contemporânea.

2020, um acúmulo. A COVID-19, vírus que surge na virada do ano de 2019 na região da China, toma proporções de ameaça planetária e concreta que realoca desesperadamente todas as linhas de vida, ou pelo menos deveria... E junto a ela explode um ápice – não surpreendente, pois analisado, avisado, gritado e enfrentado diretamente por tantos movimentos de luta democráticos – dos discursos de ódio no Brasil. Aqui, um governo deliberadamente parcial, autoritário, que firma atitudes genocidas e se assemelha fortemente com forças fascistas presentes no contexto global, junta-se a uma pandemia, não experienciada pela humanidade há quase 100 anos, e marca um ódio crescente e intolerante nos modos de vida atuais<sup>86</sup>. Uma patologia velocíssima que reduz todos à beira das covas coletivas, e um modo

---

86 Aqui marcamos o entendimento dos processos de subjetivação em semelhança da noção de modo de vida, no que não buscamos pensar indivíduos que se relacionam em coletivo, mas, sim, que o modo de viver é um complexo contextualizado, histórico e produzido/reproduzido incessantemente. Tal noção nos aporta à Suely Rolnik (2002) ao falar das subjetividades de consumo atuais, mesclando perspectivas de autores como Guattari e Foucault.

de viver que perde a paciência e enraivece de vez – vomita-se, aqui, de medo e fúria, um afeto de destruição do outro que é assombroso.

*Os ralos entupiram, tudo parece estar na base da exploração destrutiva.  
E tentamos ficar somente cada vez mais no alto esperando o esgoto  
baixar (PARASITA, 2019)*

Parece não existir mais um processo de conhecer que, ainda envolvido numa criticidade, proteja os fatos verdadeiros, desde o discurso de desinformação das *fake news* à total negação e negacionismos ao se pensar como proceder na pandemia. Não há argumento que se sustente, não há vivente que não esteja um pouco mais em risco, é tudo reduzido ao ataque e só.

Intensificação generalizada, os afetos se adensam e são inegáveis, tudo vira um salva-vidas que pode ser âncora, precipitando muito do que se mantinha de forma tácita.

*Um suspiro, mais um instante, por favor.*

A morte, como linha que toca a todos os vivos, agora se expõe, acelera, viraliza concretamente e nos acua. Mais do que nos agrupar sob a aba dos “morrentes”, em uma singela comunidade em parceria e dependência, ela funciona agora como uma trágica linha transversal que desventra as relações que sustentamos em nosso modo de vida<sup>87</sup>. E num fatal acoplamento, a linha fascista que há muito sustenta os

---

87 A noção de transversalidade é crucial para nosso discurso e será desenvolvida no correr do texto. Para isso, estaremos apoiados nas definições de Guattari em *Revolução Molecular* (1987) e sua ampla utilização em outras teorias e sistemas em Psicologia e Ciência Humana como a Análise institucional. Aqui importa firmar, inicialmente, o funcionamento de corte transversal da COVID-19 em diversos campos e camadas, não como um aglutinador comum, mas como um modo de evidenciar diferentes localizações e funcionamentos.

modos de relação de nosso país desventra ativamente suas escolhas: não nos importamos com todos, aliás, queremos bem muito poucos, vidas valem diferente, a cegueira nos divide ainda mais, não tolerar *vira* palavra e ato já sem fantasia ou vergonha, medicamentos fantasiosos ganham ares messiânicos e agressões são toleradas e incentivadas. Na velocidade de um vírus, a boca espuma de ódio e pânico. Entre o alvoroço e a paralisia, sobrevivemos em desmoronamento.

O coronavírus, com a morte inegável, localiza-nos na rede, explicita onde estamos, triangulando o nível de exposição ao contato com a pandemia. Privilégios no mundo doméstico e do trabalho, a pandemia escancara as relações de vulnerabilidade na utilização do espaço público e privado. Concretizamo-nos em função social, relevância, dominação e produção de exclusão como nenhuma conjectura havia conseguido com tanta nitidez.

Em se tratando de um vírus semelhante a alguns já conhecidos pela ciência médica, pode até ser considerado como de baixa letalidade, mas algo nesse movimento é diferente. A aceleração que foi o corte rente, não a letalidade. Nessa corrida do contato-processamento-atitude de como parar a patologia, sua velocidade fez com que os movimentos de localização ficassem bem mais expostos. Aqui um fator biológico viral nos fez ver as tais forças de exclusão, de gestão da vida e os moldes afetivos nos quais nos relacionamos diariamente sem dar tempo para esquecer. Uma conjunção horrenda com as ondas fascistas, que atacam com mais ainda dispersão e depreciação tais localizações, seja na negação constante dos fatos concretos, ou pelo avesso absurdo, numa celebração dos privilégios e endurecimentos. Discursos sobre histeria viram milhares de cadáveres, relações escusas de trabalho e exploração ficam nítidas nas janelas reais e virtuais, a vida nuclear capitalista se mostra insuficiente em sua independência, o toque se torna ameaça e a noção de liberdade e responsabilidade coletiva se pulveriza na velocidade da luz. Da luz talvez não, mais se desfazendo na imaterialidade do ar a distância. A morte por COVID-19 expõe nossos universos de referência (GUATTARI,



2012) em sua produção contínua, denuncia por situação o que tem se produzido nessas esteiras repetitivas do viver em 2020, tampona e caduca fluxos de desejo e mistura os canais simbólicos todos a partir de uma cruel e definitiva situação: a morte que se processa em sociedade, seja ela pelo vírus, seja ela pela violência.

Nesse contexto carregado e esgotado, parece mesmo impensável ou pífio pensar na vida, na potência de criação: se ela é pensada como “perfumaria”, seja no modo de dizer supérfluo que a publicidade já engoliu como “novos normais”, seja no sentido duma vida superficial e agradável de *shopping centers* – abertos ao som de saxofones românticos e palmas forçadas –, é, sim, pífio. Isto, talvez, por mostrar a faceta tão intransigente da não discussão, talvez, por ter escancarado as raias afetivas que pulsam dentro de todas as análises as quais insistimos em deixar como manejo privado-individual, talvez, porque as ferramentas de pensar e intervir nos modos de vida que já vem gastas e cegas há algum tempo tenham se tornado praticamente obsoletas em tempos de instantânea cristalização.

*Quanto peso, quanta falta de chão, apertos no peito e olhos em chamas...  
Indelével... Dói, desorienta, mas aterriza e dá limite.*

Muitas são as camadas que nossos tempos têm “botado para fora”, desencantando os investimentos, esvaziando os desejos e sobrando o desespero, por vezes aderido à aceleração consumista ou à paralisia pelo pânico. Por isso, essa derrota. Afirmar essa queda não busca somente demarcar nossa distância da posição de ódio, ressentimento e destruição; tampouco assumir nossa expulsão e enfim erguer bandeira de rendição ou aceitar algo como um ostracismo compulsório.

*Nossa vida. Nosso rosto.*

É num movimento de assentar essa derrota, de dar-se conta de uma destruição, que começamos a fazer contato com nosso contemporâneo em curso e perguntar, sem perigo algum de soar niilista ou recolhido: *o que restou? O que temos ainda?*

– Então, ontem, um dia tão cheio de sol como estes dias de ápice do verão, com homens trabalhando e as cozinhas fumegando e a broca britando as pedras e as crianças rindo e um padre lutando por impedir, mas impedir o quê? – ontem, sem aviso, houve o fragor do sólido que subitamente se torna friável numa derrocada. No desmoronamento, toneladas caíram sobre toneladas. E quando eu, G.H. até nas valises, eu, uma das pessoas, abri os olhos, estava – não sobre escombros, pois até os escombros haviam sido deglutidos pelas areias – estava numa planície tranquila, quilômetros abaixo do que fora uma grande cidade. As coisas haviam voltado a ser o que eram.

[...] Escuta, diante da barata viva, a pior descoberta foi a de que o mundo não é humano, e de que não somos humanos (LISPECTOR, 1998, p. 69).

*Uma pausa... À guisa de G.H., faço um intervalo, uma fenda,  
mãos solitárias que se estendem.*

Acessar essas questões e esses afetos sem busca de resposta ou solução é algo que ainda podemos. E sim, encarnar. São questões de abertura, questões de ternura, de textura, onde há uma radicalização do contato com o real em suas diversas dimensões simultâneas e a proliferação de novos problemas, questões e análises. O que está ruindo ao nosso redor? O que faz escombros nessa implosão, e quais materiais nos envolvem? Pouco resta se entramos nas acelerações vertiginosas. Então, paremos um momento no que resta logo antes dessa linha de destruição e desaparecimento. Não há niilismo em encarnar o momento contemporâneo, há, sim, um *memento mori*,

uma precipitação de várias forças que pareciam tímidas em atuação – como acessamos reiteradamente a linha do racismo, do feminicídio, da LGBTQIA+fobia, dentre tantas outras. A miséria e o fascismo ganhando corpo real, a solidão nos ossos, medo e ansiedade invasiva, fendendo nossa vida, a se fazer frente a nossos rostos.

Esse que já é costume, agora vem à tona de outro modo. Mostra sua cara, põe a máscara, dá distância, vitoria todos os lados, se desloca, mas não encosta. Respirar é perigoso e vital. Pesado. Sem ar. Sem toque. Definitivo... Talvez não haja razão pra refazer esse desespero e essa raiva... Mas aqui montamos, por sobre esses escombros, o contato com isso que temos chamado de potência. Inspirados por G.H. – personagem de Clarice Lispector (1998) que dos escombros de tudo encontra certo pulso de vida –, vamos a fazer do encontro com esses restos alguns questionamentos: como proceder? Como cultivar a vida em meio a tanta destruição? Esse rosto que é junto da paisagem, dessa coletividade em conexão (DELEUZE; GUATTARI, 2007), preciso ruir junto. *A paixão segundo G.H.* (1998) me pediu um pouco de permanência, me veio como ponto de derrota e chão em meio a tal velocidade da COVID-19 e dos discursos de intolerância. Clarice indica os escombros como ponto germinal de G.H. com seu novo contato com o mundo e a vida, e por aqui ficamos um instante em ruínas.

## ADENSANDO UMA PRESENÇA

Este texto surge de uma vivência. De uma espécie de estar que surge tanto da ruína do *status quo* como não havíamos previsto quanto da potência que o presentificar ativa em nossos processos.

A solidão tem sido diferente. Um corpo como o meu, no costume das quarentenas e das habitações solitárias em longas horas de estudo, leitura e escrita, habituado até a companhias virtuais, conhece e habita certas camadas do estar só. Mas o não toque foi uma ruína desses manejos. A gente fica só porque não tem companheiro

afetivo-amoroso, a gente mora só para ter nosso espaço e nosso canto, a gente anda só pelos deslocamentos que fazemos, porque outros não possuem o mesmo itinerário, a gente se embrenha em jornadas solitárias de pesquisa e conjecturas talvez não ordinárias, a gente revisita os pontos solitários de nossa história, a gente canta de madrugada mais baixo para se fazer soar diferente, a gente muitas vezes percebe a quantidade de silêncio de si que faz companhia, sabe? Mas a maioria dessas camadas é de descoberta das quantidades de companhias que possuímos, da quantidade de “fazedouros” coletivos dos quais somos constituídos, da quantidade de parcerias ou obrigatoriedades ancestrais das quais somos constituímos nessa tal de solidão, e fazemos olhar brilhante no instante em que abraçamos os que, de carne e osso, são, sim, nossos companheiros de copo e de cruz. Nós também temos gente em volta a maioria do tempo, chegamos a nos irritar com o atrito, andamos nos transportes públicos e percebemos que a ideia de privado e público são conceitos que escolhemos usar em um recorte extremamente singular de “quem é você em meio à massa?”. Há quem tenha direito à privacidade, há quem seja devassado; há quem tenha espaço e ação como fundamento, há quem não possua um momento de paz e seja invadido e invalidado a todos os instantes. Companhia pode ser alento, pode ser violência, mas a nossa constituição é sempre feita a partir de contato. Com outros humanos, com outros vivos, com o mundo, com o redor. Contato esse jamais preestabelecido em garantia, contato esse que aqui busco em sua maciez de fenômeno no recurso do que vou chamar de PRESENÇA.

Nesse resguardo de estar consigo em meio à derrocada generalizada, entre a patologia e o absurdo, fixamos existires parciais de muitos modos, mas pouco estamos no presente. Presente seja do tempo cronológico, esse que fica entre o passado e o futuro. Presente também como dádiva sinestésica de grau de existência. Presença, esse truque de ocupar espaço no transcorrer do tempo, mas que se mede a partir de quê? O que temos, ou melhor, o que habitamos

quase que irremediavelmente? A vida, *uma vida* além de nós mesmos (DELEUZE, 1997).

Os pescoços pisados, a falta de respiração, sufocamentos contemporâneos (ALVARENGA, 2018), os corações acelerados de ataques de pânico, a pasmaceira dos recolhimentos. Esse contexto ajuda na localização, a encontrar brechas de acesso à presença. Nos *bunkers* da quarentena, no meio da pandemia, as presenças deslocaram. De minha solidão pude tocar outras tantas à minha volta, família, amigos, acompanhados na clínica, postagens sem identidade, muitos na agonística de estarem muito consigo e não estarem com os outros. Ou ainda estando demais com os outros e sem espaço para estarem consigo. O pensamento organizado vai caducando, o isolamento intensifica os afetos, é nosso rosto que apura e derrete ao mesmo tempo.

Eu, assim como outros profissionais de Psicologia, migrei para modalidade de atendimento *online* como medida sanitária para realizar essa atividade. O que inicialmente sempre me pareceu muito distante acabou por se mostrar um desafio de criar encontros e sustentar relações de outro modo, mas de grande potência. Mais uma forma de encontrar num presente virtualizado pelas câmeras e recursos audiovisuais, que deslocou nossos formatos de acompanhar, tarefa essa que remexeu o modo como acompanhamos, como ouvimos e intervimos. Alguns processos cessaram com a opção dos acompanhados de suspender até o retorno ao presencial, mas muitos processos se intensificaram e até se iniciaram de modo todo *online*. Nós e os acompanhados, sem as coordenadas de costume, fomos tragados para um momento presente a ser explorado.

Muitas foram as falas do medo, da raiva, muito do tempo que acelerou e mesmo assim congelou. Suspensos, perdemos algumas referências. As tais ruínas se efetivando, e fomos a criar pequenos ninhos, trajetos mais curtos, pensamentos que parecem não caber nas cabeças, ansiedades afogadas e tédios firmes. “Não aguento mais a mesma coisa”, relatos de ansiedade a partir da COVID-19, “tá tudo bem, mas tem hora que bate um desespero”, a invasão invisível e

irremediável da morte que vem sem trégua. “Tô bem, mas é estranho estar bem com tudo ruim lá fora”, os limites que desaparecem e ao mesmo tempo se reforçam. “Montanha-russa, sabe, o tempo tá passando muito rápido, mas também não passa”. O tédio em balanço com o pânico, numa gestão que se configurou a maior parte do tempo entre a raiva e o medo. Raiva essa que primeiro chega como uma irritação salutar que nos lembra de que existe uma pele, que ela fica irritada e nos dá-pede-clama por espaço, mas que, ígnea, é preciso destreza para que não se torne destruição em meio à cegueira anestesiada que ela faz subir. Medo que apequena e recolhe a gente, ativamente cabeça com olhos e orelhas aguçados, na energia de esperar e antecipar para onde seguir, mas que nos gela em certeza de colapso quando muito implosivo.

Como irritar a pele e pedir espaço sem explodir tudo *pelos ares*, como já cantou Calcanhotto (2002)? Como não deixar a morte invisível entrar pelo buraco da fechadura do jeito que estamos sempre pré-vedendo estar a acontecer? Como não ferver, seja de lágrimas ou aos gritos para janelas sem face, frente à ignorância inegociável do outro? Daí pensar a presença surgiu como modo de ativar essa vida que se fechou em nós, que abre uma repetição despedaçada e salutar, que restou em nós enquanto os escombros continuavam a rodopiar. Presentificar como exercício de reinvenção compulsória.

Questões que emergiram irritadas, ansiosas ou melancólicas, em alternância e concomitância. Para além dos tempos pandêmicos, a existência é um desafio constante que temos habitado no modo de vida contemporâneo, pensando na perspectiva biopolítica da produção de modos de vida e no consumo da potência da vida (PELBART, 2009). Entre a delícia de não existir em homogeneidades camufladas na exigência de confirmar ser gente ao consumir imagens-produtos-jeitos de ser, ou a negação da participação em sua face de restrição ameaçadora em ódio violento – parece que se coloca sempre como “ou assim, ou nada”. Mas de nada estamos recheados, e é por esse furo que vem se notando, cada vez mais persistente, que pode, sim, haver

outras negociações do como existir, do como fazer PRESENÇA. Da solidão para a presentificação: desafio antigo e inédito de 2020. A partir de onde? O rosto nas telas virtuais, as caras no espelho, as vias aéreas e a boca por trás das máscaras. Pareceu-me que a presença como experiência radical se adensou inicialmente por sobre o rosto.

O rosto novamente, um acesso com Deleuze e Guattari (2007). O conceito de *rostidade* é mais uma entrada para dar consistência ao paradigma da produção subjetiva. Não se é um corpo humano, um rosto humano com linhas duras e flexíveis *a priori*, tudo é questão de fabricação. A criação do rosto está detalhada por nossos autores no processo de produção de nossas “âncoras” subjetivas e de identificação chamadas de *buraco negro*, devido a seu poder de atrair e fixar nossas referências. Os olhos do rosto, ali onde tudo se referencia e de onde tudo se organiza, ao redor. Primeiras pedras angulares do que percebemos como fixo, mas que permanece perenemente em processo de reafirmação e manutenção.

Outra imagem utilizada pelos autores é a noção de *muro branco*, numa ideia da cadeia de símbolos que ricocheteiam sem aderência aos muros inócuos de simbolização, funcionando como universos de referência, algo como “valores” ou mesmo “morais” que nos preenchem sem muitas vezes nem mesmo percebermos, e que funcionam como uma placa de não aderência ou transformação. Trata-se de uma zona de negociação fechada esse rosto fabricado, onde novos símbolos, pensando aqui também em novas relações entre símbolos que mudem seu encaixe e emanação, têm de ter força de ruptura para transpassar a não negociação para efetivar criações novas. Daí desfazer o rosto, como incitam nossos autores, se torna uma tarefa de deslocalizar tais referências iniciais no sentido de criar outros possíveis.

Estamos olhando um pouco mais nossos rostos, talvez não conseguindo encarar direito, talvez viciados nessa imagem que persistiu mais na quarentena. Olhamos e ali se demarcam referências, por vezes insuspeitas, esse é já um primeiro passo. Não se trata de demonizar o rosto, de desfazer o rosto como se este fosse maldição ou porção

prisonal de nossa existência. Dar-se conta de sua produção prática com ares “artificiais” é uma dor de nascimento, é um choro imanente que nos racha a estabilidade, mas que também refresca o ambiente requentado do conforto do rosto. Abre o corpo, desfaz as referências, abole a não negociação, faz desse *rosto-bunker* (DELEUZE; GUATTARI, 2007) – que se protege a todo o tempo, racionaliza os viveres, evita ao máximo toda e qualquer ameaça externa muitas vezes num movimento de fixação e manutenção lenta e repetida da sobrevivência –, lance-se, então, num movimento de *rosto-clandestino*.

Desfazendo a fixação do “Q.G.”, vamos entrando em movimento de exploração, combinação, mimetismo, contato, estratégia desviante e imanente, numa combinatória não pessoal, e, sim, descobrindo a completa conexão de nós com a paisagem. Se nos movimentamos ao perder o rosto, a paisagem também fica amorfa sem ter a parede branca para rebater sua imagem. Um rosto-paisagem (DELEUZE; GUATTARI, 2007) é o que vai sendo secretado em movimento, uma intensificação de nossas coordenadas, nosso estranhamento e estranhamento do entorno.

Cada um de nós não consegue resumir-se a um modo, um hábito, um título, uma raça ou classe social. A opressão é que, sim, quer resumir; o desespero é que, sim, quer fechar tudo o mais firme possível. A busca desesperada que nos dê um lugar no mundo ou mesmo que nos brinde com a maldição de ser encarcerado em só um lugar do mundo nos faz, sim, criar ânsias de fixar e garantir que meu rosto é meu, do modo como eu conheço e preciso ser. Mas a presença não é um lugar, estar presente não se faz num jeito correto de manejar os afetos, e a vida que nos deixe “acordados”. A presença é uma paisagem, ou mais nessa ideia da relação entre o rosto e a paisagem em ampla a singular complexidade, a presença é um panorama.



*Mãos atadas, sem ar, sem visão, fervendo um passado na panela do estômago ou gelando os ossos com um futuro totalmente sem precedentes ou borda alguma...*

Estamos sempre numa barganha da existência. Mas aqui não se trata de existir ou não existir, e, sim, de *quantuns*<sup>88</sup> de presença, como habitar-fomentar-enjambrar diversos graus de existência em peculiaridade e singularidade.

A questão retorna, mais do que disparada, e se faz encorpada em: *como tem se passado? Como estamos passando, como se forma o presente?* Desse salto do rosto-paisagem como relação, vou buscar adensar alguns pontos que rodeiam a questão dos escombros de nosso tempo, pensando por onde ainda há potência.

Tomando essa ideia de presença, como modos de presentificação, vamos buscar desenvolver aproximações junto a proposições de alguns autores confabuladores: Foucault, Keleman e Guattari, nessa busca de como exercitar certa presença em meios às ruínas e adensar criações possíveis de existência.

Nós, sem rosto, ganhamos novas possibilidades de atualização e experimentação, e a paisagem transmuta-se em território vivo de estações, relações, trocas constantes, equilibrando-se na sazonalidade dos afetos e concretudes que sustentam a única linha não negociável, o movimento. Nós na vida, pela vida, na paisagem em movimento presente.

---

88 A ideia de *quantuns* aqui se referencia a Deleuze e Guattari (2008), no texto “1730 – devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível”, ao pensar no movimento de devir como *quantuns* de devir e não um processo que visa a um fim determinado, *quantuns* como porções, medidas, doses diferentes e singulares de cada processo de devir. Aqui buscamos então não afirmar a chegada a uma presença final e de completude, e, sim, experiências de graus de presença e como tais *quantuns* vão remodelar e recriar nossa subjetivação.

## FOUCAULT, A AMIZADE E A VERDADE

Reencontrei Foucault dentro dessa quarentena. A clínica psicológica se tornou um dos meus principais campos de atuação, acompanhando processos diversos e singulares que, como alguns de nós, pudemos efetivamente migrar para a privacidade de uma quarentena e manter os atendimentos pelo modo *online*. Aqui a presença já pareceu que ia se perder, ou empobrecer, por meu receio de não estar de corpo presente frente ao outro no hábito e contundência que o *tête-à-tête* supõe. Virtualizados, íamos buscando como estar presentes através das telas, mensagens de textos, áudios e outras mídias possíveis. A leitura de Foucault foi se apresentando como mais uma atividade de quarentena, e, surpreendentemente, fez das questões éticas de “como cuidar de si” uma atualização.

Em seu livro *Hermenêutica do Sujeito* (FOUCAULT, 2010), considerado uma “terceira fase” de um Foucault pensador (o arqueólogo do *saber*, o diagramista do *poder* e o prático do *cuidado de si*), o autor remonta o rastro histórico-prático e filosófico-político em que a noção de cuidado de si foi se transmutando, desde a Grécia pré-socrática e sua posterior associação ao pensamento cristão-filosófico até suas reverberações em sistemas de pensamento, noção de verdade, governabilidade, dentre muitos outros assuntos. Eu, acompanhando pessoas interessadas em cuidar de si mesmas, buscando pensar o que seria esse tal ato ou pose de cuidar de si mesmo, me vi numa infinidade de usos e aplicações possíveis dos debates foucaultianos. Desde a ampliação de cuidar de si como *conhecer-se a si mesmo* e *ocupar-se de si mesmo*, cuidar de si muitas vezes surge pela obra de Foucault (2010) tanto como técnicas precisas que os mestres filósofos empreendiam para fomentar o caminho filosófico de aprendizes quanto como atitude de análise, ética e transformação de como se tem vivido, a que se tem respondido e o que se tem produzido com certo modo de viver.

Longe de um manual de instruções, esse reencontro foi deslocando a forma como eu e os pacientes<sup>89</sup> nos fazíamos presentes.

A mim veio fortemente a reflexão de Epicuro sobre em que consiste uma relação que fomenta o cuidado de si, que, em minhas reflexões, adensa certa forma de presença que possibilite a intervenção nos modos de vida. O cuidado de si não se faz sozinho. Epicuro fala do filósofo como um guia para os homens, e a relação com, pelo menos, mais um é uma condição de se livrar de certa ilusão de elevação individual, afirmando também que é na relação, no contato com o outro-mundo, que podemos nos conhecer e nos ocupar de nós mesmo. E para além de uma reflexão racional, a história do cuidado de si enlaça não o conhecer de uma verdade concreta como algo a ser descoberto e alcançado, mas – numa via espiritual – imprime uma transformação do Eu nesse caminho de conhecer a verdade<sup>90</sup>.

---

89 Não me atendo muito à formalidade de nomear como acompanhados ou pacientes os que se apresentam à clínica em Psicologia. Por agora, acompanho muitos num exercício de paciência mesmo, e não será foco o debate médico-tradicional de como nomeá-los, mas, sim, o que se passa nesse encontro clínico com cada um de nós.

90 Os debates foucaultianos sobre a noção de Eu, de Verdade e toda a dinâmica filosófica que tais questões desdobram em cada pensador e escola são de extrema complexidade e precisão e, por agora, em nosso ensaio, não serão de todo evocados. Mesmo assim é crucial o entendimento de que não há uma unidade fechada em um Eu inabalável a ser desvelado por uma verdade universal pela perspectiva de Foucault e até de muitos filósofos trazidos por ele, e, sim, o processo de transformação desse eu a partir do conhecer-se e cuidar-se, e ir captando verdades que indicam sempre mais transformações no desenrolar da vida. Em especial, aponto que a noção de espiritual evocada por Foucault no pensamento grego do cuidado de si é bem mais ampla do que um código religioso ou dimensão de espírito x corpo em uma leitura mais positivista moderna, apontando muito mais para um processo onde há uma transformação do indivíduo em seu caminho na busca de uma verdade sobre si. Por agora, ficamos com essa discussão paralela aqui e seguimos aos saltos com Foucault em sua *Hermenêutica* (2010).

Ocupar-se de si mesmo, conhecer a si mesmo, transformar-se na companhia de outros... Daí chegou-me o ponto onde uma certa presença se adensou. Ao falar sobre as noções de cuidado de si em Filodemo (discípulo do epicurista Zenão de Sídon, 70 a.C.), Foucault ressalta duas condições para que o processo ocorra:

Ela não podia fazer-se sem que houvesse entre os pares, o diretor e o dirigido, uma intensa relação afetiva, uma relação de amizade. E essa direção requeria certa qualidade, na verdade, uma certa “maneira de dizer”, uma certa, digamos assim, “ética da palavra”, [...], justamente a *parrhesia*. *Parrhesia* é a abertura do coração, é a necessidade, entre os pares, de nada esconder um ao outro do que pensam e se falar francamente. (FOUCAULT, 2010, p. 123-124).

Intensa relação afetiva, abertura do coração. Amizade e sinceridade. Em meio às ruínas de 2020, com tudo que arrastamos em meio a impérios de *fake news* e discursos de ordem fascistas, Foucault sugere amizade e sinceridade. Nesse adensamento foucaultiano, percebi que estava a buscar modos de exercitar uma presença, um modo de estar com meus pacientes, com meus amigos, minha família, com outros e, radicalmente, comigo mesmo. Intensos afetos ditos sem nada a esconder, uma chave de estar, de certo modo, mais presentes nesse exercício de viver a todo instante novamente. Exercício de afeto, de sinceridade, exercício de presença.

## KELEMAN, O CORPO VIVO E A APRENDIZAGEM PELO PULSO

Como presentificar sem que isso se torne só mais um pensamento na cadeia a qual estamos acostumados? Pensar o corpo, em sua vitalidade e ponto sensível do viver, sempre me foi caro, desde o percurso acadêmico à prática do acompanhamento clínico. Muitas são as queixas em que o corpo aparece como “reclamão”, sintomático, lugar

estranho das intensidades assustadoras ou mero veículo de deslocamento e consumo do mundo. A presença corporal sempre me acompanhou nas elaborações um tanto quanto complexas dos conceitos de Deleuze e Guattari, e com Keleman, encontro mais um acesso a esse corpo que não necessariamente requeremos num salvo conduto estruturante de personalidade, mas, sim, dinâmico e plástico. Uso aqui talvez inusitada conexão de conceitos e caminhos teóricos, mas na confabulação com Regina Favre (2017), afirmo que há, sim, uma potente conexão entre a Esquizoanálise e a Psicologia Formativa. Apostas, aproximações práticas, afastamentos também e posicionamento ético-políticos nessa aposta de acessar o corpo com presença.

“Taquicardias”, respirações parciais e até interrompidas, choros derretidos, explosões coléricas, dores e fraquezas, muitas vezes é assim que se fala do corpo na clínica, naquele resto orgânico quase inexplicável da centralidade racional que buscamos sustentar. E na pandemia, eles, os corpos, padeceram na mensagem virulenta da COVID-19 e apareceram numa não possibilidade de distração deles mesmos. Estamos aqui, dessa vez ficou mais difícil de escapar.

Ao pensar nesses afetos, nessa carne que fica num segundo plano, com Keleman acesso peças cruciais dessa aprendizagem do corpo, pelo corpo, sendo corpo. Colocado como um neorreichiano nos sistemas de psicologia corporal, o americano Stanley Keleman traz uma aproximação aos corpos e os modos de funcionamento com grande carga de uma biologia evolucionista e propõe uma ampliação de seu entendimento. Não separando os processos afetivo-psicológicos dos corporais e considerando dimensões pré-pessoais e pós-sociais (KELEMAN, 1994), o autor se aproxima do corpo por seu modo de pulsar. O que vive tem como movimento constante a expansão e a contração, a dobra em tubos e bolsas, e responde, em seu formato mutável, a partir dos estímulos e reações que recebe em sua vivência – os padrões de distresse.

Há um funcionalismo possível ou mesmo um uso mais adaptativo e um uso “destinatório” da teoria de Keleman do qual me afasto.

O próprio autor não reconhece muito essa coalizão com a radicalidade imanente e pragmática da esquizoanálise, mas aqui se trata de alianças, roubos esquizoanalíticos e transversalizações, então vamos acessando e, junto a Regina Favre, nos afastamos do corpo e da técnica como regra moral, apostando na corporalidade como efeito e acesso de ação sobre um cuidado em coletividade (FAVRE, 2017).

Buscamos em Keleman não sua técnica ou estrutura topográfico-orgânica tão somente, mas, sim, a proposição que nos aproxime dessa presença que buscamos pensar aqui. Ao propor o método da *sanfonagem*, baseado na pergunta do *como*, Keleman abre para um contato com um corpo que pulsa, que cria formas e as mantém em certo padrão pulsátil, explorativo e vivencial, transversalizado a todo o tempo na manutenção desse pulso (KELEMAN, 1992). Perguntar *como* é aceder ao corpo, o humano em todas as suas dimensões, sem precipitar um objetivo final, e, sim, experienciando a pulsação vital, esse contrair e expandir de nossa forma em ato de produção e reprodução constante. Favre (2017) indica aproximação entre Keleman e conceitos da esquizoanálise, e a potência de tais aproximações aparecem ao considerar o *soma* como concreto e processual, além de não buscar uma padronização ou a formação de um *eu* pleno, e, sim, pensar o como estamos nos processando, como temos pulsado esse corpo, como estamos gerindo esses afetos e atravessamentos a todo instante. Ainda, afirma uma sina anatômica que pode parecer uma limitação estrutural da possibilidade e até a busca padronizada, mas que indica que o corpo é muito mais:

Um deles é que o corpo é mais plástico, móvel e reorganizável do que acreditamos e é capaz de se regenerar, se remodelar e crescer. Um segundo fato é que a pessoa é capaz de participar dessas mudanças, não apenas num nível bioquímico, mas também em termo da forma e da motilidade do corpo, isto é, num nível neuromuscular. O corpo fala a linguagem da mudança e pode aprender a se reorganizar para o prazer e para a sobrevivência. [...] A

pessoa que é capaz de compreender seu processo é capaz de se colocar de um modo apropriado ou flexível nas situações e não de um modo estereotipado. Isso dá oportunidade de experienciar a situação real em que se encontra, dar forma a si e à situação, formando assim seu território. Isso a liberta de estar imobilizada em comportamentos obsoletos para sua sobrevivência. Ela pode abrir mão deles, abandoná-los e reformular a natureza de suas ações e imagens, partindo da natureza de sua experiência concreta. (KELEMAN, 1994, p. 16, 25).

Experiência e experimentação corporal, pensadas *como* esse contato tem se feito. Como “me uso” é mais um dos exercícios de presença. Esse pulso corporal que nos mantém em certo formato, que sustenta os processos vitais e nos organiza afetos e pensamentos, e que surge como mais uma entrada potente para adensar essa presença. Exercício de pulso corporal, exercício de concretude e plasticidade, exercício de presença.

## GUATTARI, O TERRITÓRIO EXISTENCIAL E A TRANSVERSALIZAÇÃO

Marcações de como aproximar e se dispôr, ativações do corpo e sua plástica, e agora, como manejar a presença em ato? Guattari sempre me acompanha nesses movimentos. Em se tratando de uma perspectiva esquizoanalítica, iniciamos, então, sem qualquer manual de instrução, sendo ela uma proposição de filosofia prática de acompanhamento de processo, na qual a pluralidade e a criação indicam um encontro com a imanência do real, com uma presentificação refeita a todo instante. Aqui um grande desafio. Mais que isso, quase a sustentação de uma provocação pragmática aos modos usuais de clinicar.

Numa radical crítica a uma psicanálise tradicional centrada no *Eu* familiarista e que ainda trabalha em função da estruturação, Guattari empreende uma busca de caotizar, no sentido de ampliar e dinamizar

o pensamento, o *como* formamos os modos subjetivos. Nessa complexificação do processo de subjetivação – que considera a inexistência de um sujeito fixo como unidade e onde a consideração de linhas de produção macropolíticas, filosóficas, linguísticas, sociais, artísticas está sempre em jogo –, há um paradoxo ao se sustentar uma ativação em clínica psicológica de um humano em sofrimento a níveis, muitas vezes, vivenciados como exclusivamente pessoais. Como então se cuida de um processo complexo, heterogêneo e em sofrimento? Como atuar em clínica psicológica buscando a diferença no lugar da padronização?

O acesso constante ao que temos vivenciado com o contexto de pandemia-polarização tem criado tensões que me aproximam mais ainda das afirmações de Guattari (2012). Solidão em meio à multidão, empregos perdidos que aceleram o pensamento à exaustão, relações amorosas que se friccionam pela convivência forçada, ano de escola perdido que fratura a rotina encadeada, a morte mais voraz em populações econômica e racialmente mais vulneráveis – questões amplas que muitas vezes vivenciamos em crises estritamente pessoais, em que a culpa e a autossuficiência aparecem como únicas estratégias para cada um. Nossa raiva aos atos de morte, o inimigo visível e viral que nos busca dentro do peito, a grande massa de frustrados do contemporâneo, tudo rachando e fazendo água... Caducam os modelos que já estávamos acostumados, muitos hábitos perdem aderência, abrimos um vão entre o conhecido e as estratégias de sobrevivência. Nem o “novo normal” se sustenta mais do que dois dias sem acessar conservadorismos ou elitismo declarado. A pandemia em nós, na carona afirmativa de Foucault, que nos questiona, extremamente contemporâneo, onde está o “fascista em nós” (FOUCAULT, 1977).

Nesse contexto, as proposições esquizoanalíticas se fazem potentes a criar uma presença mais dinâmica e ativa. Em leituras mais superficiais, e diria até parciais e mesquinhas, há uma primeira impressão de que, na diluição do sujeito cartesiano-positivista, ficaríamos sem



substrato, falando de forças aleatórias e desarrazoadas. Uma parcialidade no entendimento de que, ao subtrair a unidade sujeito, estamos a fomentar somente a quebra, o fluxo e a mutação como desconstrução, destruição e dispersão. Talvez com Guattari, que tem um aprofundamento extremamente complexo ao pensar nos modos de funcionamento dos processos de subjetivação, tenha ganhado foco, sim, a faceta de desconstrução de tais conceitos, visto que sua atuação surge como uma reação ao endurecimento e à racionalização estrutural e estruturante de certos modos de pensamento e vida. Mas é extremamente parcial pensar que seu pensamento destrói.

Guattari pensa na forma desde o início de seus trabalhos, pensa nos processos de criação – em que a destruição, o rearranjo e o processo dinâmico de mudança são intrínsecos – em seus arranjos e peculiaridades, tendo como questão o arranjo das relações presentes, desde suas postulações sobre os funcionamentos dos grupos (GUATTARI, 1987) até suas proposições de uma *Caosmose* (GUATTARI, 2012). Guattari, em parceria com Deleuze e em seus escritos solo, se propõe a pensar *como* se cria o que se sustenta atualmente, em uma disposição vasta e ao mesmo tempo implicada com a prática das formas, das coisas, da vida. De casos clínicos a conceitos específicos de linguística, o que me atravessa de maneira muito potente, e que nos adensa ainda mais essa presença, seria suas proposições de transversalização e de território existencial.

Para além de complexificar forças diversas, dimensões do real e seus modos de relação-interconexão-influência, há de se pensar, em se tratando de uma esquizoanálise, de modo transversalizado. Atravessar os processos ligando pontos antes não cogitados, considerando-os em relação, nos afastando da manutenção de verticalidades hierárquicas, bem como não supor uma utópica horizontalidade das relações. Cortar as extratificações e nos aproximar dos acontecimentos para poder efetivar um pensamento transversal (GUATTARI, 1987). Mas como isso? Estar em uma posição ativa de contato e análise requer movimentos de transversalidade, sem buscar localizar

supostos pontos reais e verdadeiros de onde emergiriam as questões que devem ser colocadas em equilíbrio, mas, sim, ativamente afirmar a singularidade de cada situação e acessar a produção heterogênea dos processos. O modo de vida capitalista não se sustenta em dogmas flutuantes, pois é prática dispersa e atuante a cada movimento nosso. Se buscarmos aqui acessar exemplos práticos da transversalização, colocaríamos em relação contextos amplos junto a vivências particulares de nosso caminho, deflagrando uma inegável contun- dência: em que minha crise de ansiedade se relaciona a um modo de vida capitalista? Onde se ligam meu copo de cerveja e minha espe- cífica posição social? Onde vibram, juntos, meu tesão e a violência? Tocar tais processos é nos colocar em contato com a forma, com *como* se processa de modo singular tais linhas amplas em minha vivência. Todos estamos acessados transversalmente pelo novo coronavírus, mas isso não nos salva. Posicionar-se a partir das forças fascistas não nos isenta de ser atravessados por elas. Pensar o modo singular como nosso contexto de quarentena afeta minha existência é uma prá- tica de transversalização, pois assim percebo a quantidade de outras relações que constituem essa sustentação: minha classe social, quem mora comigo e como, se meu trabalho me permite proteção, se minha ansiedade sobe ao cogitar essa ameaça, e tantas outras. Revoltar-se ou sucumbir aos atos agressivos à vida nos concretamente envolve, seja num ódio, seja num medo, e nos transversaliza também. Tan- tas e tantas produções que se interconectam numa singularidade em ato a nos constituir.

O corpo biológico, nossos afetos sempre em relação, nossos laços sociais e amorosos, a cidade que moramos e o tempo que habitamos hoje se transversalizam ativamente em nossa vivência. Não acessa- mos um sujeito em suas questões particulares, acessamos aconteci- mentos. Intensos e frágeis, tal como tenho vivenciado esses tempos, tal como tem se apresentado ainda mais desafiador acompanhar processos em clínica nesses tempos. Busco, junto a Guattari, novamente um ponto de acesso, um modo de iniciar, alguma forma de entrar no

movimento já existente, como sugeriu Deleuze (2010). Se pensarmos pela via do território existencial, todos vivenciamos uma transversalização constante e extremamente singular, e há algo que persiste um pouco mais nessas conexões, algo que se faz presente, um território que habitamos com mais constância.

Ao se aproximar mais do modo de funcionamento da produção subjetiva, Guattari cartografa dimensões nomeadas de Fluxos, *Phyluns*, Universos de referência e Territórios existenciais (2012) como componentes do real e, em específico, a subjetivação humana. Conceitos que formam o que Guattari nomeia como *Caosmose*, em seu *Paradigma Estético* (GUATTARI, 2012), de extrema complexidade, mas que aqui vou acessar em usos mais intensos e pragmáticos. Deste caos grávido, vamos ativando o entendimento da estética como criação constante de formas, uma intensidade crucial nas proposições de Guattari. A dimensão do Território existencial me parece, então, mais aproximada de nossa intervenção direta quando pensamos no acompanhamento clínico individual e também se mostra como ponto estratégico de contato, de intervenção e de negociação-criação em meio ao processo de subjetivação.

Nessa cartografia do paradigma estético, consideramos os Fluxos e *Phyluns* como dimensões mais ligadas às forças e cadeias de significações transversalizadas para além do tempo presente, formando tendências mais ampliadas. E temos uma maior proximidade às noções de Universos de Referência como ideias, hábitos, repetições, dogmas, endurecimentos diversos que funcionam como referenciais desses fluxos na modelização do real; e de Território Existencial como porção mais pessoal do humano onde tais referências – aqui incluindo os Fluxos, *Phyluns* e Universos de Referência – se atualizam, “tomam corpo”, “assentam” ou, ainda mais, se presentificam em um certo arranjo-modo-formato de vida. Há uma dimensão onde habitamos um território transversalizado, mas que consiste como nosso contato e vivência se fazendo a todo instante, da nossa respiração a nossos pensamentos.

O que importa aqui não é unicamente o confronto com uma nova matéria de expressão, é a constituição de complexos de subjetivação: indivíduo-grupo-máquina-trocas múltiplas, que oferecem à pessoa possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e, de alguma forma, de se ressingularizar. (GUATTARI, 2012, p. 17).

Existir em um território dá uma presença, e saber-se transversalizado dá dinâmica vital. Guattari nos indica o Território Existencial não como local, mas como processo de criar consistências em movimento, ali onde podemos nos ver “presos” a modelos referenciados coletivamente, ali onde podemos, sim, sofrer por padrões e endurecimentos, mas também ali onde podemos radicalmente criar outros possíveis, diferenciar numa experimentação afetiva intensa de certa função poético-existencial (GUATTARI, 2012). Referências que se apresentam em emergência, da emersão à urgência. Conjuntos enérgico-espaço-temporais, nos quais a criação e a combinatória de modos pode exercitar bifurcações potentes e singulares. Certo conforto no caos, dinâmicas e inércias em combinação e influência, mas, sobretudo, um espaço efetivo de criar formas outras.

O Território Existencial de Guattari evoca a transversalização, monta na plasticidade do modo de viver a potência de entrecruzamos de infinitas linhas e combinações. Daí a singularidade radical de cada existência nessa existência *pática*<sup>91</sup> e *vivaz*, daí a estética (o “formato” como crucial movimento de criar incessante) de cada território. Meu ataque de pânico não me pertence, mas a singularidade dele em minha existência é digna no sentido de que existe em intensidade

---

91 A noção de *pathos* é utilizada por Guattari (2012) para pensar uma subjetivação que esteja em conexão aos fluxos desejantes e afetos para além das topografias conceituais e estruturais, e também arrasta Nietzsche novamente para nosso texto. Vital é o que se acessa em sensação, apaixonadamente intenso, em efeitos e ações, mas sobretudo em contato afetivo.

e plasticidade, e é, a partir daqui, nesse modo singular afetivo-vital -acontecimento de *panicar* (de isolar, de sobreviver, de enraivecer, de amar) que fazemos presença.

Do rosto-paisagem à proposta de um território existencial que transversalize as múltiplas dimensões do real em ato de existência. Exercício de territorialização, exercício de transversalização e conexão, exercício de presença.

## O QUE RESTOU – O PANORAMA EXISTENCIAL COMO EXERCÍCIO ESTÉTICO DE PRESENÇA

Provação. Agora entendo o que é provação. Provação: significa que a vida está me provando. Mas provação: significa que eu também estou provando. E provar pode se transformar numa sede cada vez mais insaciável (LISPECTOR, 1998, p. 130).

Este texto surge de uma presença. Uma insistência na permanência do dia de hoje, nas relações de agora, no corpo que adensamos, na ação transversalizada de conexão com o que se processa. Essa presença que é continuidade em criação, território que habitamos em forma de vida, em relação. *Continuum* sem repetição, algo para além do hábito, mais para um habitar, um atravessar.

No acompanhamento clínico durante a quarentena, em que tive o privilégio de poder seguir em minha própria casa e tendo a adaptação do *home office* – garantindo os atendimentos, inclusive o meu próprio –, percebo que há um resto que resiste nessa ruína. Ainda estamos por aqui. Há algo que ou se repete de modo mais intenso, ou se impossibilita de repetir pelas restrições de circulação, mas que permanece de alguma forma. Há algo que nos põe em contato direto com onde estamos e o que se passa, fazendo-se como diferente companhia solitária do dia de hoje. Algo que é levado a outros locais de relação, deslocando-se no mesmo lugar, algumas sucumbem sem o contato habitual, outras, surpreendentemente, se aproximam ainda

mais na virtualização e na vontade de estar junto. Há algo que cortou as correntes do circuito fechado e nos expôs em triangulações mais amplas e bordados mais íntimos, insistindo em não nos deixar somente seguir o fluxo. Uma presença que se intensifica, um experimento *in loco* de desterritorialização e territorializações outras, suspensão de formas e abertura para novas combinações. Nosso rosto se desfez, a paisagem mudou radicalmente na relação conosco, e, mais do que o horizonte que contemplamos longínquo com nossa máscara desfigurada na preocupação com esta única fonte de entendimento existencial, proponho aqui uma catalisação dos processos pela ideia de Panorama Existencial (ALVARENGA, 2018).

*“Nada será como antes” (1972), entoamos junto a Milton há décadas, mas, atualmente, numa estremecida que não estávamos esperando. Tudo vibrou, deslocou, se apruma diferente agora, e mantém algum “gosto de sol”. Restou não somente como escombros, e sim como um território rosto-paisagem em movimento, como um panorama em existência.*

Do Território Existencial proposto por Guattari em sua *caosmose* (2012), adicionando a reflexão dessa paisagem que evocamos (DELEUZE; GUATTARI, 2007), indico, então, habitar, encarnar, transversalizar com a ideia-prática do Panorama Existencial. Somos em relação, conexões de linhas de produção macropolíticas, marcas de caminho pessoal e familiar, um corpo concreto, o tempo que divide nosso estar, nosso alimento, os afetos que vivenciamos, o país que habitamos e em que ano, as tensões sociais, as horas de sono, os sons que nos envolvem em um passeio ou dentro de um ônibus lotado, uma doença que nos acomete, os remédios, as rezas, as brigas, os livros que lemos, a água que bebemos e o ilimitado que se desfralda na linha do horizonte (ALVARENGA, 2018). Espaço e tempo em simultâneo que, em distâncias múltiplas, são conosco. Onde começa a vivência, a existência? Ser em panorama não indica um começo,

mas uma consideração esférica de nossa existência que se espria a partir de nossa presentificação.

Em adição aos conceitos e práticas, o Panorama Existencial busca uma conexão mais sensível de acessar os acontecimentos de nossa existência em relação, partindo não de um mapa geral do panorama humano, mas se configurando a partir dos processos-formas-ritmos-afetos-entrecruzamentos singulares. Falar daqui, do território concreto, fazendo dele um vivo e fazendo de nós também um processo vívido de conexão. Ativar a entrada do social, do afetivo, de uma geografia, de uma política – de uma economia, de uma história, de uma psicologia, de uma arte etc. –, por outro caminho que não seja tão analítico, e, sim, vivencial (ALVARENGA, 2018).

O Panorama Existencial propõe-nos entrar no contato com o território singular de cada um num olhar dinâmico, em arranjos experimentais de exploração, ritmos, encaixes e afetos, a visão ampla de um mirante. As direções cardiais que nos circundam e demonstram a especificidade de nossa localização nas densidades-velocidades-gradientes-sínteses-sinestésias-mutações as quais estamos imersos. Esses horizontes extremamente concretos e vivos em nós.

Considerar nossa existência como uma dimensão panorâmica dinamizada que atravessa o entorno e nosso território pessoal se faz em diversos modos. Cada panorama tem suas coordenadas, seu clima, suas estações e funcionamentos. E a experimentação prática de acompanhar clinicamente alguém em sofrimento é acessada com ferramentas diversas, pois a pergunta não se faz no que *é* seu panorama existencial, mas, sim, *como* funciona seu panorama existencial. Isso requer uma entrada singular, a criação de ferramentas e a exploração que não se aferre a resultados, ativando um impulso e uma intenção metodológica de cartografar esse panorama. Um panorama não se contempla ao longe, a gente habita, é envolvido por ele, escuta e vai tateando as pistas de *como é* esse lugar. “O meu problema é o futuro. Preciso aguentar o dia de hoje para chegar onde pretendo estar daqui a alguns anos”, acelera uma voz quando falamos da rotina;

“Tudo vira tarefa, compromisso, aí a energia diminui, né, mas pelo menos consigo realizar tudo que preciso realizar”, suspira tedioso em uma câmera sobre a tela do computador; “Minha preocupação são meus pais, que não vou poder ajudar no isolamento. Mas agora estou assim, eu também precisando de ajuda”, agit-sea um corpo que descobre do próprio tamanho; “A impressão é que tenho que sair do armário todo dia”, fortalece, em meio à exaustão, uma mulher; “Extravasei minha irritação, mas logo depois senti muita culpa. Será que extrapolei?”, esquentando um rosto de fones de ouvido e sorriso aberto; “Minha cabeça acelera, e meu corpo fica lerdo”, refaz-se um discurso, e dessa vez com mais som e mais energia<sup>92</sup>. Cada frase dessa não possui, de forma oculta, um germe de significado incrustado e revelador, ou mesmo deve cair em grandes bacias de generalização. Cada uma delas é uma marcação, um encaixe de relevo que abre a entrada em um panorama vivo, uma história completamente diferente. E cada uma delas gera suas próprias perguntas e desenrola sua própria rede ecológica, diversos ecossistemas (GUATTARI, 1989).

Estar em cada contato desse com presença e interesse é crucial, numa lateralidade indicada por Guattari (1987), a qual se inicia sempre pelo *não atrapalhar* de seu ácido guia para uma esquizoanálise. Não se trata de nos deixar em tensão sobre a função do terapeuta, mas de nos fomentar uma presença junto aos processos que

---

92 As frases evocadas aqui são trechos de atendimentos clínicos realizados durante o período da pandemia, ditas durante esse período e muitas vezes evocadas por situações vivenciadas em consequência das mudanças realizadas na quarentena. Para além de casos clínicos ou emblemas específicos de cada pessoa, a ideia de trazer os trechos conjuntamente é a de apresentar como cada frase indica uma especificidade, aponta para um caminho diferente de cuidado e acolhimento. Escutá-las não é detectar algo o que as suplante ou determine, mas tocar o como elas se processam, o que dizem dessa história e seus modos. Cada frase é um novo panorama, irrepitível, falam de agora sem ficarem presas completamente a ele. Sua potência está nessa presença singular que vai criando formas, tanto neles quanto em mim, enquanto nos acompanhamos.



acompanhamos, incidindo em uma alteridade radical que não nos misture por completo, mas que nos sensibilize aos afetos, endurecimentos, fugas e modos de cada processo. Exercício incessante de fazer presença outra, de entrar em devir conjunto, em proliferação de combinatórias. “O que eu faço com minha ansiedade?” Antes de mais nada, *como* é sua ansiedade? Até onde podemos nos aproximar dela, qual seu ritmo, como ela se faz em você? O que ela evoca, é sempre da mesma forma? Como ela conecta outras linhas em você? Ir fazendo presença, junto, no que ela acontece. Todo contato com o panorama é uma gama de exercícios de presença. Sem desvelar passados ou superando-se por um futuro, vai-se criando contato e vivência no momento que estamos em vida.

Presentificar durante o macropanorama no qual estamos todos inseridos, a pandemia da COVID-19 e o emaranhado fascista que tentamos caracterizar anteriormente, tem sido tarefa das mais custosas. Nas ressonâncias que tenho vivenciado – desde a busca de acolhimento, no enfrentamento de questões fora de nosso controle e a vontade de companhia –, foram muitos os desafios que se apresentaram na clínica. A experimentação de criar acolhimento e acompanhamento quando o distanciamento e a destruição se deflagram parecia por vezes impensável. Não se tratou de fazer o mais próximo possível de uma normalidade anterior, como se estivéssemos só aguentando um período de privação e restrição com um horizonte de abertura. Não vamos retornar, não há para onde retornar. A presentificação me colocou em meio ao meu panorama, que aqui inclui o acompanhamento de outros humanos em clínica *online* durante a pandemia de 2020, reclusos em casa e no desafio de cuidar de si... Presentificar nos conectou, colocou-nos em vivências de sinceridade (consigo, com o outro, com os afetos que se apresentam, com o mundo “lá fora”). Presentificar nos fez acessar o corpo, fazendo dele mais do que um veículo de transmissão ou um meio de cultura de vírus e morte, criando experiências e adensamentos antes possivelmente adiáveis. Presentificar não deixou as válvulas de escape nos

tragarem por completo, colocando-nos nos acontecimentos, encarnados no dia de hoje com todos os seus desesperos e horrores cruéis. Presentificar fez suspirar, respirar, não transbordar pouco a pouco, no desafio de habitar esse período e se ter a disposição de requerer acompanhamento. Fazer-se presente não foi uma estratégia de “dar conta da pandemia”, mas, sim, como um paciente mesmo indicou, “dobrar a pandemia”, olhar ela em nós, ver seu avesso, criar intervalos e ritmos outros para habitar de modo ativo, interessado e plástico. Descobrir, nesse presente, entradas que não se fincam somente em raciocínios, mas que encorpam os modos como funciono nesse panorama, o que se produz nesse arranjo de relações, corpos, afetos e atualizações. Restamos, estamos e acolhemos, “e vou ter que ficar dentro do que é” (LISPECTOR, 1998, s/p). Não estamos dando conta. Ninguém precisa dar conta. Estamos a provar, dobrar, habitar e ativar nossos panoramas.

Exercícios de presença, de presentificação: a respiração, o corpo, a conversa *parrhesiástica*, a sinceridade, o afeto relacional, o contato de existência. Tudo conclamando certo intervalo, o presente como exercício de presentificar singular e panorâmico. Como a mão estendida que G.H. requer para poder seguir escrevendo, somos nós estendendo as mãos, colocando-nos na passagem desses tempos tão extremados. Na companhia sincera, com os corpos presentes, conseguimos habitar e, nesse panorama, insistir em restar, em viver.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, G. C. **Movimento orbital**: ativações do plano estético. Niterói: UFF, 2018.

DELEUZE, G. A imanência: uma vida... *In*: DELEUZE, G. **Imagens de um filósofo da imanência**. VASCONCELOS, J. (org./trad.) Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1997.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, Ano zero: Rostidade. GUERRA NETO, A.; OLIVEIRA, A. L.; LEÃO, L. C.; ROLNIK, S. (trad.). São Paulo: Ed. 34, 2007. (Coleção [TRANS], v. 3).

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1730: devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível. *In*: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. ROLNIK, S. (trad.) São Paulo: Ed. 34, 2008. (Coleção [TRANS], v. 4).

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. ORLANDI, L. B. (trad.) 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

FAVRE, R. Corpos na multidão, medusas nos mares, bombas pulsáteis: uma incursão no campo corporalista. **Laboratório do Processo Formativo**, [s. l.], 2017. Disponível em: <https://laboratoriodoprocessoformativo.com/2017/10/corpos-na-multidao-medusas-nos-mares-bombas-pulsateis-uma-incursao-no-campo-corporalista/> Acesso em: 23 ago. 2020.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. *In*: MOTTA, M. B. (org.). **Ditos e Escritos V**: ética, sexualidade, política. MONTEIRO, E.; BARBOSA, I. A. (trad.). 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. FONSECA, M. A.; MUCHAIL, S. A. (trad.). 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. Introdução à vida não-fascista. *In*: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Anti-Oedipus**: Capitalism and

Schizophrenia. NASCIMENTO, W. F. (trad.). New York: Viking Press, 1977. p. XI-XIV.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. BITTENCOURT, M. C. (trad.). São Paulo: Papirus Editora, 1989.

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. OLIVEIRA, A. L.; LEÃO, L. C. (trad.). 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2012. (Coleção [TRANS]).

GUATTARI, F. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. ROLNIK, S. (trad.). São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

KELEMAN, S. **Anatomia emocional**. FAVRE, R. T. (sup.). VIEIRA, M. S. (trad.). Ilustrações: Vincent Perez. São Paulo: Summus, 1992.

KELEMAN, S. **Realidade somática**: experiência corporal e verdade emocional. VIEIRA, M. S.; FAVRE, R.; SAWAYA, R. (trad.) São Paulo: Summus, 1994.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

**NADA será como antes**. Intérpretes: Milton Nascimento e Beto Guedes. Compositores: Milton Nascimento e Ronaldo Bastos. *In*: Clube da esquina. Intérpretes: Milton Nascimento. Lô Borges e Beto Guedes. [S. l.]: Emi-Odeon Brasil, 1972. 2 discos vinil, lado D, faixa 20.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

**PARASITA**. Direção: Bong Joon-ho. Produção: Bong Joon-ho, Jnf Young-kwan e Kwak Sin-ae. Distribuição: CJ Entertainment. Coreia do Sul, 2019.

PELBART, P. P. **Vida capital**: ensaios sobre biopolítica. Poder sobre a vida, potências da vida. São Paulo: Iluminuras, 2009.

**PELOS ares**. Intérprete: Adriana Calcanhotto. Compositor: Adriana Calcanhotto e Antonio Cicero. *In*: Cantada. Intérprete: Adriana Calcanhoto. [s. l.]: Ariola Records, 2002. 1 CD, faixa 3.

ROLNIK, S. A vida na berlinda. *In*: COCCO, G. (org.). **O Trabalho da Multidão**: Império e Resistência vida na Berlinda. Rio de Janeiro: Editora Griphus, 2002.

# *Posfácio*

*Raphaella Fagundes Daros*

*Janaína Mariano César*

*Gilead Marchezi Tavares*

Todos os textos desta coletânea foram escritos entre julho e setembro do ano de 2020, no calor dos acontecimentos pandêmicos da COVID-19, que, desde março, havia nos imposto uma pausa, uma suspensão, um reposicionamento nos modos de fazer andar a vida. Naquele momento, mobilizadas pela “urgência em compartilhar um acontecimento”, escrevíamos para expressar e compartilhar afetos pares e díspares, para produzir um mínimo de compreensão e eco, um mínimo de sentido e porvir, para diminuir a solidão e ampliar os possíveis.

Estávamos nos tempos mais duros de isolamento social como medida preventiva, sem vacina e com a rede de saúde colapsando, mas também estávamos nas práticas clínicas, formativas, educacionais, nas práticas de pesquisa, nas práticas de cuidado... É de um cotidiano transformado, apertado e absolutamente atípico que

esses escritos brotam, como registros de estranhamento, insistência e construção meio à desterritorialização.

Infelizmente, a pandemia durou mais que previam os mais otimistas. De lá para cá, muitos outros acontecimentos se agenciaram ao contexto pandêmico, tomando parte na tessitura da vida, e das muitas mortes. Nosso livro não saiu no tempo vivo da emergência, como desejava nossa urgência. Hoje, em março de 2023, passados exatamente três anos após o início da pandemia, nos perguntamos acerca da insistência, e mesmo dos sentidos, em publicar uma obra escrita em momento tão singular. Estariam estes textos datados ultrapassados? Teríamos perdido o bonde da história?

O vírus, em suas múltiplas variantes e subvariantes, ainda circula livremente em meio às ruas das cidades, já retomadas por suas gentes. O vírus segue se atualizando. As tecnologias de informação e comunicação experimentadas expandiram-se, explodiram, fazendo parecer inquestionável a criação e expansão do trabalho remoto, do teletrabalho, da formação à distância. Dizem que a pandemia não acabou, mas as vacinas chegaram modulando as nuances dos possíveis. Para alguns, a vida segue como se nada tivesse acontecido, para outros tantos, o acontecimento pandêmico veio alterar radicalmente o curso do caminho, seja pela morte, ou pela reinvenção. Para muitos, ainda, a pandemia segue seu curso, na medida em que só fez intensificar, de modo significativo, o abismo socioeconômico em que já viviam. Para todos, ousamos afirmar: as questões não desapareceram, elas seguem a se desdobrar em muitas outras.

Daí nossa decisão em publicar os textos escritos em 2020 em tempo verbal presente. Acreditamos que as escritas aqui reunidas constituem documentos históricos, arquivos, mapas que produzem memórias comuns e também singulares de um acontecimento de proporções mundiais.

Nesse contexto, as narrativas tecidas em torno da questão clínica, da política e dos processos de subjetivação atualizam

questões técnicas, tecnológicas, sociais, econômicas e relacionais que fornecem pistas relevantes para que sigamos acompanhando os efeitos, ainda em curso, do acontecimento pandêmico em nossos modos de trabalhar, de amar, de estar, de circular, enfim, de viver. Viver a vida que insiste.



# *Sobre os autores*

*Alexsandro Rodrigues*

Professor associado do Centro de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo.

Correio eletrônico: [xela\\_alex@bol.com.br](mailto:xela_alex@bol.com.br)

*Ana Paula Figueiredo Louzada*

Doutora em Educação e professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Correio eletrônico: [paulalouzada27@gmail.com](mailto:paulalouzada27@gmail.com)

*Adriana Penatti Maluf*

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF), especialista em Terapia através do Movimento e Processos de Subjetivação pela Faculdade Angel Vianna (FAV), especialista em Clínica Psicanalítica pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ

(IPUB-UFRJ), tem formação em andamento em Psicologia Biodinâmica (IBPB). Psicóloga branca com experiência de trabalho no sistema público e privado de saúde mental.

Correio eletrônico: [adripenatti@gmail.com](mailto:adripenatti@gmail.com)

*Carolina Rachel Mascarenhas Teixeira Barreiro*

Psicóloga e mestre em Psicologia Institucional pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo.

Correio eletrônico: [carolinarmtb@gmail.com](mailto:carolinarmtb@gmail.com)

*Janaína Mariano César*

Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da mesma instituição. Como pesquisadora, desenvolve seu trabalho na vinculação com a Rede de Estudos de Práticas Conectivas em Políticas Públicas (Conectus). Dedicar-se à atuação e aos estudos relacionados aos processos de produção de subjetividade, processos formativos, ética, processos grupais e clínico-institucionais.

Correio eletrônico: [janaina.cesar@ufes.br](mailto:janaina.cesar@ufes.br)

*Gabriel de Castro Augusto Alvarenga*

Doutor em Psicologia pela UFF, psicólogo clínico e escritor.

Correio eletrônico: [gabrielcastroaugusto@gmail.com](mailto:gabrielcastroaugusto@gmail.com)

*Gilead Marchezi Tavares*

Doutora em Psicologia pela UFES (2006). Professora associada do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da UFES.

Correio eletrônico: [gileadmt2014@gmail.com](mailto:gileadmt2014@gmail.com)

*Katia Aguiar*

Psicóloga, professora associada do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia na linha de pesquisa Subjetividade, Política e Exclusão Social.

Correio eletrônico: [katisfaguiarpsi@gmail.com](mailto:katisfaguiarpsi@gmail.com)

*Liliane Oraggio*

Terapeuta corporalista e acompanhante terapêutica. Jornalista pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), especializada em Temas do Comportamento, pesquisadora independente e mestranda em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Coordena as Oficinas Corpo, Escuta e Escrita para profissionais de saúde.

Correio eletrônico: [loraggio@gmail.com](mailto:loraggio@gmail.com)

*Marcia Roxana Cruces Cuevas*

Professora do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Desenvolve estudos e pesquisas voltados à conexão entre políticas públicas e processos de formação. Tem realizado pesquisas no âmbito da educação e dos processos formativos junto à Educação de Jovens e Adultos e da Educação Especial na perspectiva da

Educação Popular no Programa de Pós-Graduação de Psicologia Institucional (PPGPSI) da UFES.

Correio eletrônico: [marcia.roxana@hotmail.com](mailto:marcia.roxana@hotmail.com)

*Marcio Caetano*

Professor associado e docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Correio eletrônico: [mrvcaetano@ufpel.edu.br](mailto:mrvcaetano@ufpel.edu.br)

*Mariana Fiore*

Psicóloga clínica, professora de ensino fundamental I, mestra e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Correio eletrônico: [mfiorrepsi@gmail.com](mailto:mfiorrepsi@gmail.com)

*Matheus Magno dos Santos Fim*

Psicóloga e mestre em Psicologia Institucional pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo.

Correio eletrônico: [magno\\_fim@hotmail.com](mailto:magno_fim@hotmail.com)

*Raphaella Daros*

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Psicóloga de formação (UFES). Atualmente, realiza o pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação de Psicologia Institucional da UFES, onde atua como professora colaboradora e

pesquisadora PNPd/CAPES. Dedicar-se à atividade clínica no campo da esquizoanálise em diálogo com as psicoterapias corporais.

Correio eletrônico: [raphadaros@gmail.com](mailto:raphadaros@gmail.com)

*Rayanne Suim Francisco*

Mestre em Psicologia Institucional pela UFES (2015). Doutoranda em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Correio Eletrônico: [rayannesuim@gmail.com](mailto:rayannesuim@gmail.com)

*Regina Favre*

Primeira geração no campo das psicoterapias corporais no Brasil, filósofa (PUC-SP), psicoterapeuta, professora e pesquisadora do corpo por meios audiovisuais no Laboratório do Processo Formativo. Cuidou das traduções e apresentações dos livros de Stanley Keleman, cujo pensamento introduziu no Brasil, tendo criado uma interface do Processo Formativo com a Esquizoanálise. Produz continuamente vídeos e textos sobre o corpo como processo no viés da arte, clínica, política e filosofia.

Correio eletrônico: [regina.favre@gmail.com](mailto:regina.favre@gmail.com)

*Steferson Zanoni Roseiro*

Professor da Rede Municipal de Ensino de Cariacica/ES e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

Correio eletrônico: [dinno\\_sauro@hotmail.com](mailto:dinno_sauro@hotmail.com)

*Talita Tibola*

Talita Tibola é psicóloga pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e escritora, mestre em Educação pela Universidade Federal

do Rio Grande do Sul (UFRGS), na Linha de pesquisa Filosofia da Diferença e Educação, e doutora em Psicologia pela UFF, na Linha de pesquisa Subjetividade, Política e Exclusão Social. Atua na clínica e é pesquisadora PNPd/CAPES no Laboratório de Design e Antropologia na Escola Superior de Desenho Industrial (UERJ), onde investiga metodologias colaborativas de pesquisa-intervenção que permitem a construção de diálogo, visualização de consensos e dissensos e o acompanhamento de tomadas de decisões coletivas em ambientes clínicos e sociais.

Correio eletrônico: [talitatt@gmail.com](mailto:talitatt@gmail.com)

O vírus, em suas múltiplas variantes e subvariantes, ainda circula livremente em meio às ruas das cidades, já retomadas por sua gente. O vírus segue se atualizando. Dizem que a pandemia não acabou, mas as vacinas chegaram e modularam as nuances dos possíveis. Para alguns, a vida segue como se nada tivesse acontecido; para outros, o acontecimento pandêmico veio alterar radicalmente o curso do caminho, seja pela morte, seja pela reinvenção. Para muitos, no entanto, a pandemia segue seu curso, na medida em que só fez intensificar, de modo significativo, o abismo socioeconômico que já viviam. Para todos, ousamos afirmar: as questões não desapareceram; elas seguem a se desdobrar em muitas outras.

Raphaella Fagundes Daros  
Janáina Mariano César  
Gilead Marchezi Tavares